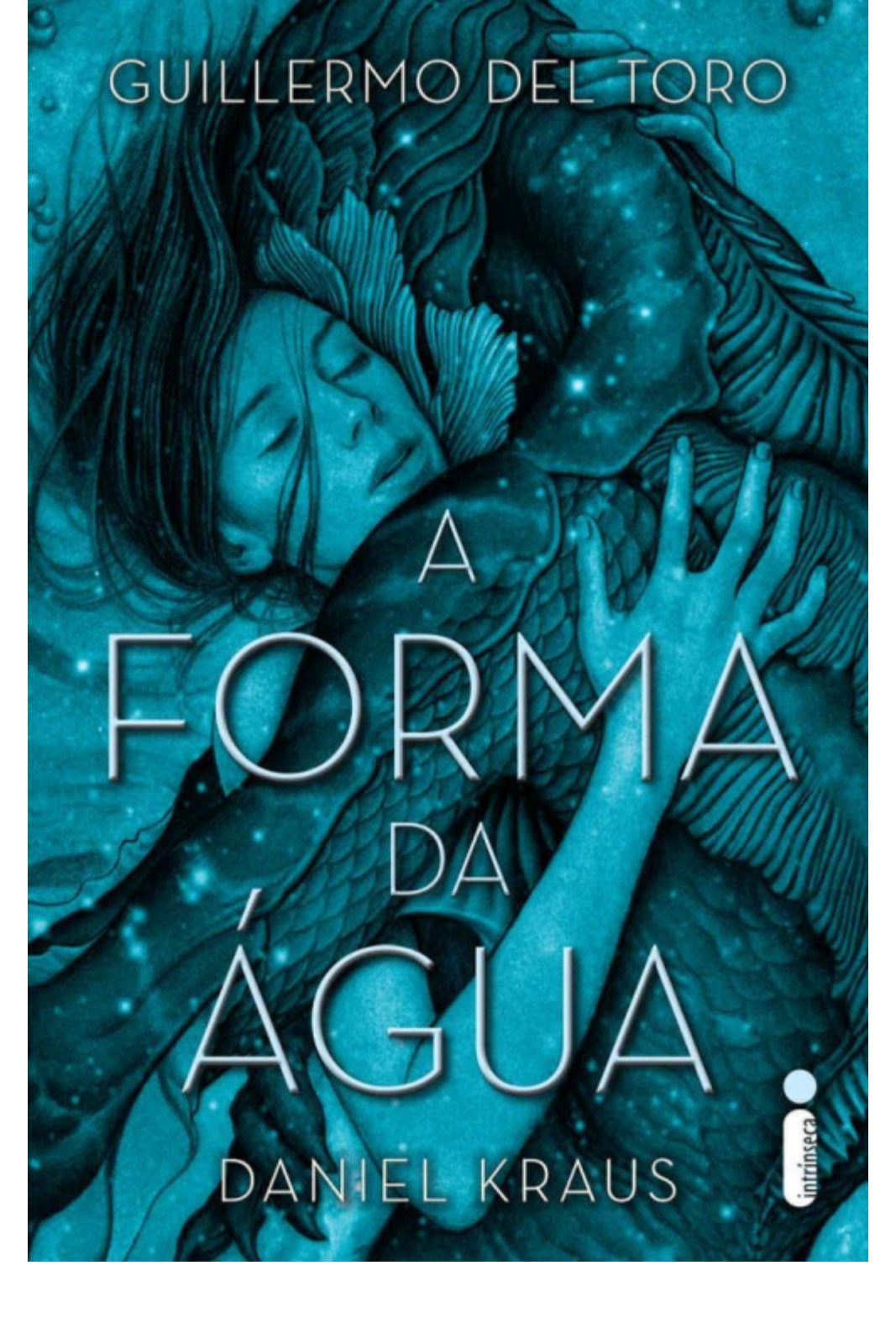


The background of the cover is a monochromatic teal illustration. It depicts a woman with long, dark hair lying down, her eyes closed in a peaceful expression. She is being embraced from behind by a large, mythical creature with scales and fins, resembling a merman or a large fish. The creature's hands are visible, gently holding the woman. The entire scene is set against a backdrop of soft, glowing light spots, giving it a dreamlike, ethereal quality.

GUILLERMO DEL TORO

A
FORMA
DA
ÁGUA

DANIEL KRAUS


intrínseca

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

GUILLERMO DEL TORO

A
FORMA
DA
ÁGUA

DANIEL KRAUS



Este livro foi disponibilizado pela equipe do [e-Livros](#),
com o objetivo de ser usado somente para fins não
comerciais.

[e-Livros.xyz](#)

A
FORMA
DA
ÁGUA

GUILLERMO DEL TORO
E
DANIEL KRAUS

TRADUÇÃO DE EDMUNDO BARREIROS



Copyright do texto © 2018 by Necropolis, Inc.

Copyright das ilustrações © 2018 by James Jean

Publicado mediante acordo com Feiwei & Friends, um selo da Macmillan Publishing Group, LLC.

Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

The Shape of Water

PREPARAÇÃO

Ulisses Teixeira

REVISÃO

Ilana Goldfeld

Juliana Werneck

ILUSTRAÇÕES DE CAPA E DE MIOLO

James Jean

ARTE DE CAPA

Patrick Collins

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Aline Ribeiro

REVISÃO DE E-BOOK

Mariana Calil

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0278-0

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Ao amor, em todas as suas formas.

SUMÁRIO

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

PRIMORDIUM

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

MULHERES IGNORANTES

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34

TAXIDERMIA CRIATIVA

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51

NÃO PREOCUPE MAIS SEU CORAÇÃO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22

23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34

Agradecimentos

Assista ao trailer do filme

Sobre os autores

Conheça outro título dos autores

Leia também

*Tão breve quanto a morte será a água
Breve como flor ou folha cadente
Tomar ou dar a vida tão momentaneamente
Tão natural e breve, meu amor, é a mágoa.*

— CONRAD AIKEN

*Não importa se a água está fria ou quente,
se você terá que passar por ela mesmo assim.*

— PIERRE TEILHARD DE CHARDIN

PRIMORDIUM

RICHARD STRICKLAND LÊ as ordens do general Hoyt. Está a três mil e quatrocentos metros de altitude. O bimotor é golpeado com força, como se diante dos punhos de um boxeador. A última perna da viagem de Orlando a Caracas a Bogotá a Pijuayal, o nó formado pela fronteira entre Peru, Colômbia e Brasil. As orientações são breves e pontuadas com trechos censurados. Explicam, em poesia militar entrecortada, a lenda de um deus da floresta. Os brasileiros o chamam de deus Brânquia. Hoyt quer que Strickland acompanhe os caçadores contratados, ajude-os a capturar a coisa, seja lá o que ela for, e a leve para os Estados Unidos.

Strickland não vê a hora de resolver esse assunto. Será sua última missão para Hoyt, disse ele tem certeza. As coisas que fez na Coreia a mando do general o acorrentaram ao homem por doze anos. O relacionamento deles é uma espécie de chantagem, e Strickland quer sair limpo da jogada. Se realizar essa tarefa, a maior até o momento, terá o que precisa para nunca mais trabalhar para Hoyt. Então poderá voltar para casa, em Orlando, para Lainie, para os filhos. Poderá enfim ser o marido e o pai que o trabalho sujo de Hoyt jamais permitiu que fosse. Poderá ser um homem completamente novo. Poderá ser livre.

Ele volta a atenção para as ordens, adotando a típica rigidez militar. Aqueles pobres coitados na América do Sul. Não são as práticas agrícolas obsoletas as culpadas pela pobreza na região. Não, claro que não. É um deus com guelras insatisfeito por causa do desleixo com a floresta. O papel está manchado porque não para de gotejar no avião. Strickland o dobra e o coloca no bolso da calça. As instruções dizem que os militares americanos acreditam que o deus Brânquia tem propriedades significativas para uso militar. Seu trabalho ali será cuidar dos “interesses americanos” e manter a tripulação, como diz Hoyt, “motivada”. Strickland conhece bem as teorias do general sobre motivação.

Pense em Lainie. Ou melhor, considerando o que ele talvez tivesse que fazer, não pense nela.

As profanidades em português que saem da boca do piloto são justificáveis. Aterrissar é apavorante. A pista é fincada bem no meio da floresta. Strickland sai cambaleante do avião e descobre que o calor é visível, o ar parece feri-lo. Um colombiano com uma camiseta dos Brooklyn Dodgers e short florido aponta para uma picape. Uma garotinha na caçamba joga uma banana na cabeça de Strickland, que está enjoado demais para reagir. O colombiano o leva até a cidade,

que se resume a três quarteirões com carrinhos de madeira barulhentos vendendo frutas e crianças descalças e barrigudas. O americano caminha entre as lojas e compra por instinto: um isqueiro, repelente, sacos plásticos com lacre, talco. O balcão sobre o qual ele empurra alguns pesos emana lágrimas de umidade.

Ele treinou algumas frases no avião.

— Você viu deus Brânquia? — pergunta, em português.

Os comerciantes riem e balançam a mão perto do pescoço. Ele não faz a menor ideia do que isso significa. Essas pessoas têm um cheiro forte e metálico, feito gado recém-abatido. Strickland sai andando por uma estrada asfaltada que derrete sob seus sapatos e vê um rato se debatendo na gosma negra. O animal está morrendo lentamente. Seus ossos vão embranquecer, afundar no chão. Aquela é a melhor estrada que Strickland verá por um ano e meio.

O DESPERTADOR SACODE a mesa de cabeceira. Sem abrir os olhos, Elisa leva a mão ao botão gélido para desligar o aparelho. Estava em um sono profundo, suave e cálido, e o quer de volta, mais um minuto irresistível. Porém, o sonho foge conforme ela acorda; isso sempre acontece. Havia água, água escura — disso se lembra. Toneladas do líquido pesando sobre Elisa, mas ela não se afogava. Na verdade, respirava melhor ali do que na vida desperta, em quartos frios, com comida barata e estalidos de eletricidade.

Tubas ressoam e uma mulher grita. Elisa suspira, o rosto ainda enfiado no travesseiro. É sexta-feira, e um filme novo estreou no EXTRAORDINÁRIO CINEMA ARCADE MARQUEE, o cinema vinte e quatro horas no andar de baixo, e isso significa diálogos, efeitos sonoros e músicas incidentais que ela precisará integrar a sua rotina se quiser evitar os inúmeros sustos que fazem seu coração ir parar na garganta. No momento, são trompetes; então, homens gritando. Elisa abre os olhos, primeiro para as 22h30 do relógio, depois para os feixes de luz que saem do projetor e passam pelas tábuas de madeira do chão, emprestando tonalidades em tecnicolor às partículas de poeira.

Ela se senta e arqueia os ombros no quarto frio. Por que o ar cheira a cacau? Ao aroma estranho junta-se um ruído desagradável: um caminhão dos bombeiros a nordeste de Patterson Park. Elisa encosta os pés no chão gelado e observa a luz do projetor se agitando e tremeluzindo. Esse filme novo, pelo menos, é mais claro que o último, um em preto e branco chamado *O Parque Macabro*, e as cores brilhantes que atravessam seus pés permitem que ela retorne a um faz de conta onírico: ela tem dinheiro, muito dinheiro, e vendedores submissos estão calçando seus pés com uma variedade de sapatos coloridos. A senhorita está deslumbrante. Com um par de sapatos desses, vai dominar o mundo.

Em vez disso, o mundo a dominou. Não importa quantas quinquilharias compre por centavos em vendas de garagem e pendure nas paredes, nada consegue esconder a madeira carcomida por cupins ou desviar sua atenção dos insetos que desaparecem no segundo em que Elisa acende a luz. Ela decide ignorar; é sua única esperança de sobreviver à noite, ao dia seguinte, à sua vida. Vai até a cozinha da quitinete, liga o cronômetro, joga três ovos em uma panela com água e segue para o banheiro.

Elisa só toma banho de banheira. Ela tira o pijama enquanto a água corre. As mulheres do trabalho deixam revistas femininas nas mesas

do refeitório, e inúmeros artigos disseram a Elisa quais eram os exatos centímetros de seu corpo em que ela deveria se concentrar, embora quadris e seios não sejam páreos aos queloides rosados dos dois lados de seu pescoço. Ela se debruça para a frente, os ombros nus apoiados na borda da banheira. Cada cicatriz tem sete centímetros de comprimento e vai da jugular à laringe. À distância, a sirene aumenta; Elisa passou a vida inteira em Baltimore, trinta e três anos, e consegue saber que o caminhão dos bombeiros está atravessando a Broadway. As cicatrizes do pescoço também são um mapa, não são? Lugares que seria melhor que não recordasse.

Mergulhar os ouvidos na água amplifica os sons do cinema. “Morrer por Quemós”, grita uma garota no filme, “é viver para sempre!”. Elisa não tem certeza se ouviu direito. Segura um sabonete fino entre as mãos e aproveita a sensação de estar mais molhada que a água, tão escorregadia que pode atravessá-la tal qual um peixe. Impressões de seu sonho agradável caem sobre ela, pesadas como o corpo de um homem. É abrupta e avassaladoramente erótico; ela patina os dedos ensaboados entre as coxas. Elisa já saiu com homens, fez sexo, tudo isso. Mas havia anos desde que fizera aquelas coisas. Homens conhecem uma mulher muda e se aproveitam dela. Não houve um encontro no qual um homem tenha tentado se comunicar, não de verdade. Eles simplesmente a tomavam, como se ela, sem voz feito um animal, fosse um animal. Assim é melhor. O homem no sonho, por mais indistinto que seja, é melhor.

Mas o cronômetro, esse desgraçado dos infernos, começa a apitar, pi-pi-pi-pi. Elisa se assusta e se engasga, e, ainda que esteja sozinha, fica envergonhada. Ela se levanta, braços e pernas reluzentes por causa da água que escorre, se envolve em um roupão e dá passos trêmulos até a cozinha, onde desliga o fogão e aceita a má notícia trazida pelo relógio: 23h07. Como perdeu tanto tempo? Veste um sutiã qualquer, abotoa uma blusa qualquer, alisa uma saia qualquer. Ela se sentiu alucinadamente viva no sonho, mas agora estava tão inerte quanto os ovos que esfriavam em um prato. Há um espelho ali no quarto, mas Elisa prefere não olhar para ele, só para o caso de sua suspeita ser verdadeira e ela ter se tornado invisível.

ASSIM QUE STRICKLAND encontra a barca de quinze metros de comprimento, ele usa o isqueiro novinho para queimar o papel com as ordens de Hoyt, o procedimento-padrão. Agora a coisa inteira está negra, pensa ele, uma grande mancha preta. Como tudo ali, o barco é uma ofensa a seus padrões militares. É lixo pregado com lixo. A chaminé está remendada com pedaços martelados de outros metais. Os pneus sobre as amuradas parecem vazios. Um lençol esticado sobre quatro estacas oferece a única sombra na embarcação. Vai ser quente. Isso é bom. Assim será mais fácil queimar os pensamentos angustiantes sobre Lainie, sobre sua casa bem arejada e limpa, sobre o sussurro das palmeiras da Flórida. O calor vai ferver seu cérebro até que só reste a fúria exigida por uma missão como aquela.

Água marrom suja esguicha entre as tábuas do cais. Alguns membros da tripulação são brancos; alguns, morenos; outros, marrom-avermelhados. Alguns têm tatuagens e piercings. Todos arrastam caixotes molhados por uma prancha que enverga dramaticamente com aquele peso. Strickland os segue e chega a um casco no qual pintaram, em estêncil, *Josefina*. As pequenas vigias sugerem o convés inferior mais *básico* de todos, grande o suficiente apenas para um capitão. A própria palavra “capitão” o incomoda. Hoyt é o único capitão ali, e Strickland é o representante de Hoyt. Ele não está com paciência para lidar com timoneiros estúpidos que pensam estar no comando.

Ele encontra o capitão, um mexicano de óculos e com barba branca, camisa branca, calça branca e chapéu de palha branco, assinando manifestos de carga com floreios excessivos.

— Sr. Strickland! — grita o homem.

E Strickland sente como se tivesse sido transportado para um dos desenhos animados a que seu filho assiste: *Senhoooooooo Estriquilendi!* Ele havia decorado o nome do capitão enquanto sobrevoava o Haiti: Raúl Romo Zavala Henríquez. Era um nome apropriado, que começava bem e depois se inflava com ostentação.

— Veja! Escocês e cubanos, meu amigo, todos para você.

Henríquez lhe entrega um charuto, acende um para si e serve dois copos.

O treinamento de Strickland o proibia de beber em serviço, mas ele deixa Henríquez fazer seu brinde.

— *A la aventura magnífica!*

Eles bebem, e Strickland admite para si mesmo que a sensação é boa. Qualquer coisa para ignorar, mesmo que por pouco tempo, a

sombra avultante do general Hoyt e o que poderia lhe acontecer se não conseguisse “motivar” Henriques de maneira adequada. Enquanto o úisque dura, o calor de suas entranhas se equipara ao da selva.

Henriques é um homem que passou tempo demais soprando anéis de fumaça: eles são perfeitos.

— Fume, beba, aproveite! É o máximo de luxo que vai ter, e vai demorar um bom tempo para isso acontecer outra vez. Que bom que o senhor veio logo. *Josefina* está louca para zarpar daqui. É igual à Amazônia, não espera por ninguém. — Strickland não gosta do recado implícito. Ele pousa o copo e encara o capitão, que ri e bate palmas. — Está certo. Homens como nós, pioneiros do sertão... nós não podemos ficar demonstrando emoção por tudo. Os *brasileños* nos honram com uma palavra: sertanista. Não soa bem? Não faz o sangue ferver?

Henriques narra com detalhes entediantes sua viagem a um posto avançado do Instituto de Biologia Marinha. Ele disse ter manuseado — *con las propias manos!* — fósseis em calcário semelhantes às descrições do deus Brânquia. Cientistas os datam como pertencentes ao período devoniano, que, sabia, *señor* Strickland, faz parte da Era Paleozoica? Isso, diz Henriques, é o que atrai homens como eles à Amazônia. Um lugar onde a vida primitiva ainda viceja, onde se pode ignorar o calendário e tocar o intocável.

Strickland segura sua pergunta por uma hora.

— Você recebeu as instruções?

Henriques apaga o charuto e olha de cenho franzido pela vigia. Então encontra algo que põe um sorriso em sua cara.

O capitão gesticula com vigor.

— Está vendo as tatuagens nos rostos? Os pedaços de madeira enfiados nos narizes? Esses índios não têm nada do Tonto de vocês. Esses aqui são bravos. Cada quilômetro do Amazonas, do Negro ao Xingu, eles conhecem no sangue. Eles vêm de quatro tribos diferentes. E eu os contratei como guias! É impossível que nossa expedição se perca.

— Você recebeu as instruções? — repete Strickland.

Henriques se abana com o chapéu.

— Vocês, americanos, me enviaram folhas mimeografadas. Muito bem, nossa expedição científica vai seguir suas linhas sinuosas o máximo possível. Depois, sr. Strickland, será tudo a pé! Vamos localizar os remanescentes, os índios que restaram das tribos originais. Essas pessoas sofreram mais com a atividade humana do que você possa imaginar. A selva engole seus gritos. Nós, entretanto, iremos em paz. Vamos oferecer presentes. Se o deus Brânquia existe, são eles que vão nos dizer onde encontrá-lo.

No linguajar do general Hoyt, o capitão está motivado. Strickland

reconhece isso. Mas também há sinais de alerta. Se ele sabe alguma coisa sobre território indomado, é que o lugar suja você, por dentro e por fora. Não se usa roupa branca ali, a menos que não se tenha a menor ideia do que está fazendo.

ELISA EVITA A parede oeste de seu quarto até o último momento, para que aquela visão final possa enchê-la de inspiração. Não é um quarto grande, por isso não é uma parede grande, dois e meio por dois e meio, cada centímetro coberto por sapatos comprados em brechós ao longo dos anos. Scarpins de couro em um tom cereja-escuro. Oxfords bicolores de bico reto. *Peep toes* de cetim champanhe, todos parecendo dignos de uma noiva. Sapatos de salto oito centímetros, todos de um vermelho bem vivo. Quando Elisa os usa, parece que seus pés estão cobertos por pétalas de rosas. Relegados às margens ficam os tamancos, as rasteirinhas e os mocassins baratos e sujos e alguns modelos em camurça, que, embora feios, tinham valor afetivo.

Cada sapato é pendurado em um preguinho que a mulher, como inquilina, não tinha o direito de pregar. O tempo está contra ela, mas Elisa se permite perder mais um pouco dele, pegando com todo o cuidado sua escolha do dia: scarpins de salto baixo decorados com margaridas e com uma flor de couro na frente. Ela trata essa decisão como se fosse de máxima importância. E é. As margaridas serão seu único ato de rebeldia daquela noite, e de todas as noites. Pés são o que conectam as pessoas ao chão e, quando se é pobre, nenhum pedaço desse chão lhe pertence.

Ela se senta na cama para calçá-los. É como um cavaleiro enfiando as mãos em um par de luvas de aço. Elisa agita o dedão para que o sapato se acomode enquanto seus olhos passeiam pela pilha desorganizada de LPs velhos. A maioria deles é usada e havia sido comprada anos antes. Quase todos carregam músicas e memórias felizes impressas no polímero plástico.

The Voice of Frank Sinatra: a manhã em que ajudou um guarda de trânsito a salvar filhotes de passarinho com penugem marrom que estavam presos embaixo da grade de um bueiro de esgoto. *One O'Clock Jump*, de Count Basie: o dia em que viu uma bola de beisebol, rara como um falcão de pés vermelhos, ser rebatida e lançada para fora do Memorial Stadium e ricochetear em um hidrante. *Stardust*, de Bing Crosby: a tarde em que ela e Giles viram Stanwyck e MacMurray em *Lembra-se Daquela Noite?* no cinema ali embaixo, e Elisa ficou deitada na cama o restante do dia ouvindo Bing no toca-discos e se perguntando se ela, tal como a ladra de bom coração de Stanwyck, estava cumprindo uma sentença nesta vida dura, e se alguém feito MacMurray estaria esperando por ela no dia em que fosse libertada.

Chega: é inútil. Ninguém está esperando por ela nem nunca

esperou, muito menos o relógio de ponto no trabalho. Elisa veste o casaco e pega o prato de ovos. O cheiro curioso de chocolate é inconfundível quando ela sai para um corredor repleto de latas empoeiradas de filmes contendo sabe-se lá quantos tesouros de celuloide. À direita, o único outro apartamento. Ela bate na porta duas vezes antes de entrar.

EM UMA HORA, eles partem. Maravilha, dizem os guias, é a estação seca, que eles dizem ser o verão. A tragédia é causada pela estação das chuvas. Ninguém nem conta a Strickland como ela se chama. O legado que ela deixa são os furos, atalhos inundados entre as curvas dos rios, e o *Josefina* passa por eles enquanto ainda é possível. Os meandros em zigue-zague transformam a Amazônia em um animal que corre, se esconde e ataca. Entusiasmado, Henríquez apita e acelera, a floresta verde e com cheiro de terra se enchendo de fumaça negra tóxica. Strickland segura a amurada e olha para a água. É marrom cor de chocolate com espuma de marshmallow. Um capinzal de cinco metros de altura se eriça ao longo das margens, como as costas de um urso colossal despertando.

Henríquez passa o comando para o imediato e vai fazer anotações em seu diário. Diz para quem quiser ouvir que escreve para ser publicado e ficar famoso. Todos conhecerão o nome do grande explorador Raúl Romo Zavala Henríquez. Ele acaricia o couro da capa, provavelmente sonhando com uma foto sua exalando a típica soberba dos autores na orelha do livro. Strickland sufoca o ódio, a aversão e o medo. Os três sentimentos atrapalham. Os três *entregam* você. Hoyt lhe ensinou isso na Coreia. Apenas faça seu trabalho. A sensação mais vantajosa é não sentir nada.

A monotonia, porém, pode ser o assassino mais furtivo da floresta. Dia após dia, o *Josefina* percorre uma faixa infinita de água sob crescentes espirais de névoa. Um dia Strickland olha para cima e vê uma ave preta e grande, uma mancha de graxa no céu azul. Um urubu. Agora que a notou, ele a encontra todos os dias, fazendo círculos preguiçosos, antecipando o seu fim. Strickland está bem armado, um fuzil de assalto Stoner M63 na mão e uma Beretta modelo 70 no coldre, que ele está se coçando para pegar e abater de vez aquela ave. O pássaro é Hoyt, vigiando. O pássaro é Lainie, se despedindo. Ele não sabe quando é um e quando é outro.

Navegar à noite é traiçoeiro, por isso o barco ancora. Em geral, Strickland gosta de ficar sozinho na proa. Que a tripulação cochiche. Que os índios bravos olhem fixamente para ele, como se fosse uma espécie de monstro americano. A lua nessa noite em especial é um buraco enorme escavado na carne da escuridão para revelar o osso pálido e luminescente, e ele não percebe Henríquez se aproximando.

— Está vendo? O rosa se mexendo?

Strickland fica furioso, não com o capitão, mas consigo mesmo. Que

tipo de soldado deixa as costas expostas? Para completar, foi pego observando a lua. É um ato feminino, algo que Lainie faria pedindo a ele que segurasse sua mão. Ele dá de ombros, na esperança de que Henríquez vá embora. Em vez disso, o capitão gesticula com seu diário. Strickland observa ao longe e vê um salto sinuoso e um borrifo prateado.

— Boto — diz Henríquez. — Golfinhos de rio. O que você acha? Dois metros? Dois e meio? Só os machos são desse tom de rosa. Tivemos sorte de ver um. O boto macho é muito solitário e discreto.

Strickland se pergunta se Henríquez está brincando, zombando de seu jeito reservado. O capitão tira o chapéu de palha, e o cabelo branco brilha ao luar.

— Conhece a lenda do boto? Imagino que não. Eles ensinam a vocês mais sobre armas e balas, hein? Muitos índios acreditam que o boto-cor-de-rosa é encantado, pode mudar de forma. Em noites como esta, ele se transforma em um homem bonito e irresistível e vai até a aldeia mais próxima. Dá para identificá-lo pelo chapéu que usa para ocultar seu respiradouro. Com esse disfarce, ele seduz as mulheres mais belas da aldeia e as leva para sua casa no fundo do rio. Quase não se vê mulheres perto do rio à noite, de tanto medo que elas têm de um rapto encantado. Mas, para mim, é uma história de esperança. Um paraíso submarino não é preferível a uma vida de pobreza, incesto e violência?

— Ele está se aproximando.

Strickland não queria ter dito isso em voz alta.

— Ah! Então sem dúvida devemos nos juntar aos outros. Dizem que quem olha nos olhos de um ser encantado é amaldiçoado com pesadelos até ficar doido de pedra.

Henríquez dá um tapinha no ombro de Strickland como o amigo que não é e vai embora, assoviando. O americano se ajoelha ao lado da amurada. O boto mergulha como uma agulha de tricô. Provavelmente sabe o que são barcos, provavelmente quer restos de peixes. Strickland saca a Beretta e a aponta para onde calcula que o boto vá emergir. Fábulas não merecem viver. A dura realidade: é isso que Hoyt busca, e é isso que Strickland deve encontrar se quiser sair dali vivo. A forma do boto se torna visível sob a água. Strickland espera. Ele quer olhá-lo nos olhos. É ele quem vai provocar pesadelos. É ele quem vai levar a selva à loucura.

NO INTERIOR DO segundo apartamento, ela é recebida por uma horda exultante: donas de casa alegres, maridos sorridentes, crianças deslumbradas, adolescentes confiantes. Mas eles são tão reais quanto os personagens no Cinema Arcade. São figuras em anúncios e, embora essas pinturas originais tenham sido executadas com uma habilidade incrível, nenhuma delas está emoldurada. “Máscara de Cílios à prova d’água de fácil remoção” está sendo usada para bloquear uma fresta de ar frio. “Pó compacto Soft-Glo” mantém aberta uma porta que forma uma corrente de ar. “A roupa íntima de nove em cada dez mulheres” foi transformada em mesa, e sobre ela ficam as latas de tinta usadas nos trabalhos em andamento. Essa falta de orgulho deprime Elisa, embora os cinco gatos discordem. As telas espalhadas formam platôs fabulosos nos quais eles podem pular e caçar camundongos.

Uma gata limpa os bigodes em uma peruca masculina, que gira em cima de um crânio humano chamado, por razões que Elisa não consegue lembrar, Andrzej. O artista, Giles Gunderson, chia, e a gata sai correndo dali e mia de um jeito que promete vingança — do tipo que declara que o animal fará naquele lugar o que normalmente faz na caixa de areia. Giles se aproxima do cavalete e aperta os olhos por trás dos óculos de casco de tartaruga manchados de tinta. Há um segundo par de óculos apoiado acima das sobancelhas muito grossas, e um terceiro empoleirado no topo calvo de sua cabeça.

Atrás dele, Elisa fica na ponta dos pés para observar a pintura: uma família de cabeças sem corpo pairando acima de uma cúpula de gelatina vermelha, as duas crianças de boca aberta feito macaquinhos famintos, o pai com a mão no queixo, admirado, e a mãe radiante contemplando sua cria. Giles está trabalhando nos lábios do pai; Elisa sabe que expressões masculinas são um inferno para ele. Ela se aproxima e o vê formar com os próprios lábios o sorriso que está tentando pintar, e é tão adorável que a mulher não consegue resistir: se abaixa e dá um beijo no rosto do velho.

Ele olha para cima, surpreso, e ri.

— Eu não a ouvi entrar! Que horas são? As sirenes acordaram você? Prepare-se, querida, para novos níveis de emoção. O rádio diz que a fábrica de chocolate está em chamas. Será que existe algo mais terrível? Crianças em toda parte devem estar se revirando na cama sem conseguir dormir.

Giles sorri sob um bigodinho fino e meticuloso e ergue, em cada

uma das mãos, um pincel, um vermelho e outro verde.

— Tragédia e prazer — diz ele. — De mãos dadas.

Atrás do artista, uma televisão em preto e branco do tamanho de uma caixa de sapatos pulsa estática no meio de um filme. É Bojangles, sapateando e subindo de costas uma escadaria. Elisa sabe que isso vai animar o amigo. Rápido, antes que Bojangles desacelere para acompanhar Shirley Temple, Elisa aponta para seus olhos e depois para a TV, fazendo com que o homem preste atenção ao aparelho.

Ele bate palmas, misturando tinta vermelha e verde. É inacreditável o que Bojangles faz, por isso Elisa se envergonha ao sentir o ego ferido: ela seria uma parceira melhor do que Shirley Temple, se tivesse nascido num mundo completamente diferente. Ela sempre quis dançar. Por isso todos os sapatos: eles são energia em potencial, só esperando para serem usados. Ela aperta os olhos, fita a televisão, conta as batidas, ignorando a intromissão da música do cinema abaixo, e começa a sapatear com Bojangles. A mulher não se sai mal, e sempre que ele chuta a frente de um degrau, Elisa chuta o objeto mais próximo, hoje, o banco de Giles, e o homem ri.

— Sabe quem mais conseguia sapatear e descer uma escadaria ao mesmo tempo? James Cagney! Nós vimos *A Canção da Vitória*? Ah, devíamos ver. Cagney também desce uma escadaria. Ele transborda entusiasmo, está incrível. Começa a jogar as pernas de um lado para o outro, como se estivesse com fogo no rabo. Improvisação completa, sem mencionar o perigo! Mas assim é a verdadeira arte, querida... perigosa.

Elisa estende o prato com ovos e sinaliza: “Coma, por favor.” Ele abre um sorriso triste e pega o prato.

— Acredito que sem você eu seria o artista mais atormentado do mundo. Atormentado pela fome. Me acorde quando chegar em casa, está bem? Eu faço as compras: café da manhã para mim, jantar para você.

Elisa faz que sim, mas assume uma expressão séria ao apontar para a cama presa dobrada junto à parede.

— Quando substâncias gelatinosas com sabor de fruta chamam Giles Gunderson, ele responde ao chamado! Depois, eu prometo: terra dos sonhos para mim.

Ele quebra uma casca de ovo em “A roupa íntima de nove entre dez mulheres” e puxa um dos três pares de óculos. Seu rosto volta a imitar o sorriso que está tentando pintar, um sorriso um pouco maior agora, e Elisa se alegra. Só a fanfarra barulhenta da cena final do filme abaixo faz com que ela entre em ação outra vez. Elisa sabe o que acontece em seguida: a palavra FIM se materializa na tela, sobem os créditos, as luzes da sala se acendem e não há mais como esconder quem você realmente é.

OS NATIVOS SÃO mutantes que não desaceleram com o calor intenso. Eles andam, sobem, abrem caminho. Strickland nunca viu tantos machetes, que eles chamam de *falcón*. Chamem do que quiserem; ele prefere o M63, obrigado. A trilha para o interior começa em uma estradinha que adentra a mata tropical aberta por algum herói esquecido. Às onze da manhã, eles veem o trajeto ser estrangulado por trepadeiras, com ramos estendidos de filodendros. É, sua arma não lhe seria útil ali, afinal de contas. Ele pega um facão.

Strickland se considera forte, mas, ao longo da tarde, seus músculos se liquefazem. A selva, como o urubu, detecta fraqueza. As trepadeiras tiram chapéus das cabeças. Bambus pontudos espetam braços e pernas. Vespas com ferrões do tamanho de um dedo se agitam sobre ninhinhos frágeis, à espera de uma razão para saírem voando em enxame, e todos se movendo na ponta dos pés estremecem de alívio. Um homem se encosta em uma árvore, e o tronco faz um ruído, algo como um esguicho. Aquilo não é uma casca de árvore, mas uma colônia de cupins, que agora está subindo pelas mangas de sua camisa à procura de um refúgio. Os guias não têm mapas, mas continuam apontando, apontando, apontando.

Semanas se passam. Talvez meses. As noites são piores que os dias. Os homens tiram as calças pesadas como pedra, repletas de lama seca, derramam litros de suor das botas e se deitam indefesos feito bebês em redes cobertas por mosquiteiros, ouvindo o coaxar dos sapos e o gemido de malária dos mosquitos. Como um lugar tão espaçoso pode parecer tão claustrofóbico? Strickland vê o rosto de Hoyt por toda parte, nas colônias de fungos nas árvores, nos padrões dos cascos das tartarugas tracajá, no voo em formação das araras-azuis. Não vê Lainie em parte alguma. Ele mal consegue senti-la, como os batimentos de um coração moribundo. Isso o alarma, mas há muitas coisas que o alarmam, a cada segundo.

Depois de dias de caminhada, eles chegam a uma pequena tribo indígena. Uma clareira. Malocas de palha. Couro de animais esticado entre as árvores. Henríquez corre de um lado para o outro, dizendo aos seus homens para guardar os facões. Strickland obedece, apenas para que possa segurar melhor seu fuzil quando chegar a hora. Estar armado, não é esse seu trabalho? Minutos depois, três rostos emergem do escuro da maloca. Strickland estremece, uma sensação desagradável naquele calor. Logo, mais corpos seguem os rostos e atravessam a clareira como aranhas.

A visão deixa Strickland enjoado. Seu fuzil parece vibrar. Acabe com eles. Ele fica chocado com o pensamento. É uma ideia que Hoyt teria. Mas é atraente, não? Completar essa missão, depressa. Ir para casa, ver se ele é o mesmo homem que deixou Orlando. Enquanto Henríquez desembrulha com cuidado seus presentes — algumas painéis — e um dos guias tenta estabelecer um dialeto comum, mais uma dúzia de nativos surge das sombras, encarando Strickland, suas armas, seu facão, sua pele fantasmagoricamente branca. É como se ele tivesse sido esfolado, e não vê prazer nas festividades que se seguem. Ovos azedos de aves silvestres cozidos sobre as chamas de uma fogueira. Algum ritual mambembe que envolve pintar o rosto e o pescoço da tripulação. Strickland espera até o final. Em algum momento, Henríquez vai ter que perguntar a eles sobre o deus Brânquia. E é melhor que faça isso rápido. Há um limite para a quantidade de mordidas de inseto que um homem pode aguentar antes de começar a fazer as coisas do seu jeito.

Quando Henríquez se afasta da fogueira e vai pendurar sua rede, Strickland entra em seu caminho.

— Você desistiu.

— Há outros nativos. Nós vamos encontrá-los.

— Meses no rio e você vai desistir.

— Eles acham que falar sobre o deus Brânquia o enfraquece.

— Talvez isso seja um sinal. Ele pode estar por perto, e os índios o estão protegendo.

— Ah, agora você acredita?

— Não importa se acredito ou não. Estou aqui para encontrá-lo e levá-lo comigo.

— Não é tão simples assim. Não é uma questão de um estar protegendo o outro. A selva é mais... como se diz? Interligada? Tem uma existência conjunta? Essas pessoas acreditam que todas as coisas naturais estão conectadas. Introduzir invasores como nós é atear fogo. Tudo queima. — O olhar de Henríquez pousa no M63. — Você está apertando essa sua arma com bastante força, sr. Strickland.

— Eu tenho família. Você quer passar um ano aqui? Dois? Acha que sua tripulação vai aguentar ficar tanto tempo?

O americano deixa que seu olhar comunique o resto. Henríquez não tem mais forças para resistir a um olhar como esse. Por baixo do terno branco imundo, ele é só esqueleto. As picadas de carrapato em seu pescoço estão supuradas e sangram de tanto coçar. Strickland o viu deixar a trilha para vomitar longe da vista de seus homens. Ele aperta o diário para impedir que as mãos tremam. Strickland quer jogar aquele pedaço inútil de papel no chão e enchê-lo de chumbo. Talvez isso mantenha o capitão motivado.

— Os membros jovens da tribo... — sugere Henríquez, com um

suspiro. — Reúna os mais jovens depois que os anciãos forem dormir. Temos machados e pedras de amolar para trocar. Eles devem estar dispostos a falar.

E eles falam. Os adolescentes ficam ávidos pelos objetos e descrevem o deus Brânquia com tantos detalhes que Strickland se vê convencido da existência do ser sobrenatural. Não é uma lenda como o golfinho rosa. É um organismo vivo, uma espécie de homem-peixe que nada, come e respira. Os garotos, encantados com o mapa de Henríquez, reconhecem e indicam a região do rio Tapajós. As migrações sazonais dos deuses Brânquias se estendem por gerações, traduz o guia. Strickland diz que isso não faz sentido. Há mais de um deles? O guia pergunta. Muito tempo atrás, dizem os garotos. Agora só há um. Alguns garotos começam a chorar. Para Strickland, os jovens estão com medo de que sua ganância tenha posto seu deus das guelras em perigo. E pôs.

HÁ DUAS LOJAS em frente ao ponto de ônibus. Foram muitas as vezes em que Elisa parou ali e as observou; foram inexistentes as vezes em que de fato entrou nelas, nem mesmo em horário comercial. Sentiu que fazer isso seria como destruir um sonho. A primeira é a Kosciuszko Eletronics. A promoção do dia são TELEVISÕES COLORIDAS DE TELA GRANDE COM ACABAMENTO EM NOGUEIRA, em vários modelos, cada um com pernas imitando as antenas do Sputnik, que exibem as imagens finais da noite. Uma bandeira americana dá lugar a uma tela com o “Selo de Boas Práticas”, um código de ética e bons costumes para a televisão, uma imagem que alerta Elisa de que já é tarde. Ela reza para o ônibus chegar logo. A quem a garota no filme tinha implorado mais cedo? Quemós? Talvez Quemós trabalhe mais rápido que Deus.

Elisa volta os olhos para a segunda loja, a Julia’s Fine Shoes. Ela não sabe quem é essa Julia, mas esta noite a inveja tanto que lágrimas alfinetam seus olhos, essa mulher ousada e independente que é dona do próprio negócio, inevitavelmente bela, com cabelo ondulado e andar sinuoso, tão consciente do valor de sua loja para a região de Fells Point que, em vez de apagar as luzes à noite, deixa um *spot* de luz em cima de um único par de sapatos sobre uma coluna de marfim.

O estratagema funciona. Nossa, como funciona. Nas noites em que não está atrasada, Elisa atravessa a rua e apoia a testa no vidro para ver melhor. Esses sapatos não pertencem a Baltimore. Ela não tem certeza se pertencem a algum lugar que não sejam as passarelas de Paris. Eles são de seu tamanho, de bico quadrado e com a parte de trás aberta. Escapariam do pé não fosse o salto confortável e grosso. Eles parecem cascos, e dos melhores que existem: de unicórnios, de ninfas, de sílfides. Cada centímetro de lamê é prateado e reluzente, com detalhes brilhantes que se assemelham a espelhos — ela consegue literalmente se ver neles. Os sapatos despertam sentimentos que Elisa achou que o orfanato tivesse eliminado de sua vida muitos anos antes, quando era mais nova. Se os calçasse, poderia ser bem-sucedida, poderia ser algo. Tudo estaria dentro do reino das possibilidades.

Quemós atende ao seu chamado: o ônibus sibila enquanto desce a colina. O motorista, como sempre, é velho demais, está cansado demais e desanimado demais para dirigir de maneira segura. O veículo faz uma curva brusca à direita na Eastern, depois outra vez na Broadway, e segue apressado pela pulsação de luzes dos carros de bombeiros e da luz vermelho-sangue da fábrica de chocolate derretida. A destruição saltitante e fustigante é, pelo menos, uma espécie de

vida, e Elisa se conforta ao observá-la, sentindo por um minuto que não está sendo mastigada pelo fato de trabalhar enquanto os outros descansam, mas, em vez disso, atravessando a toda velocidade uma floresta perversa e perigosa.

Essa sensação mingua quando Elisa passa pela longa entrada de carros banhada por lâmpadas de enxofre do centro de pesquisas da Occam Aerospace. Ela aperta o rosto gelado contra a janela ainda mais gelada e avista o letreiro reluzente acima que informa a hora: 23h55. Seus pés tocam um único degrau ao descer do ônibus. A troca do turno movimentado — das quatro da tarde à meia-noite — para o da madrugada é caótica e permite que Elisa se mova com rapidez, se afastando do ponto de ônibus saltitando feito uma gazela e correndo como um cervo pela calçada. Sob os holofotes impiedosos — toda luz na Occam é impiedosa —, seus sapatos parecem borões azuis.

O elevador desce apenas um andar, mas alguns laboratórios se parecem mais com hangares, e a viagem leva meio minuto. As portas se abrem para um depósito intermediário de dois andares, onde pequenos postes direcionam a equipe através de uma trilha que se estreita. Três metros acima do chão, em uma câmara de observação de acrílico, está David Fleming. Nascido com uma prancheta no lugar da mão esquerda, ele a abaixa para examinar seus subordinados. Foi Fleming quem a entrevistou para a vaga de emprego, havia mais de uma década, e ele ainda está ali, seu escrutínio malicioso de hiena o guiando cada vez mais alto na hierarquia ano após ano. Agora ele administra todo o prédio, mas ainda assim faz questão de humilhar os funcionários de baixo escalão. Durante todo aquele tempo trabalhando lá, Elisa chegou aonde chegam os serventes: a lugar nenhum.

Ela xinga seus sapatos. Eles chamam atenção, que é o objetivo, mas é uma faca de dois gumes. Seus colegas do turno da noite estão logo à frente: Antonio, Duane, Lucille, Yolanda e Zelda. Os três primeiros desaparecem pelo corredor, enquanto Zelda procura seu cartão de ponto como se estivesse escolhendo um prato de um cardápio. Os cartões se encaixam nas mesmas ranhuras todos os dias. Zelda está demorando de propósito, para ajudar Elisa, porque Yolanda está atrás de Zelda, e se a mulher tiver a chance, vai enrolar só para fazer com que Elisa se atrase um minuto crucial.

Não era para ser um ambiente com tanta rivalidade. Zelda é negra e gorda. Yolanda é mexicana e simplória. Antonio é um dominicano estrábico. Duane é mestiço e não tem dentes. Lucille é albina. Elisa é muda. Para Fleming, todos eles são iguais: incapazes para outro trabalho, portanto, fáceis de confiar. É humilhante para Elisa pensar que talvez ele tenha razão. Ela desejava ter voz para poder subir no banco do vestiário e fazer um discurso inflamado e inspirador sobre como deveriam cuidar uns dos outros. Mas a Occam não funciona

assim. Pelo que ela percebeu até agora, não é assim que os Estados Unidos funcionam também.

A única exceção é Zelda, que sempre a protegeu. Ela está remexendo na bolsa à procura de óculos que todos sabem que ela não usa, indiferente às reclamações de Yolanda sobre o relógio de ponto. Elisa decide que a ousadia de Zelda deve ser igualada pela própria. Ela pensa em Bojangles e dispara, dançando mambo entre pessoas bocejando, foxtrote por pessoas abotoando casacos. Fleming verá os ágeis sapatos azuis em movimento e não deixará aquilo passar em branco; na Occam, qualquer coisa além de uma postura curvada e cansada desperta suspeitas. Ainda assim, nos segundos que Elisa leva para alcançar Zelda, sua dança a liberta de tudo aquilo; ela se alça acima do subsolo e flutua como se nunca tivesse deixado aquele banho morno delicioso.

A COMIDA ACABA a sudoeste de Santarém. A tripulação está fraca, faminta, atordoada. Há macacos tagarelando sem parar por toda parte, zombando deles. Por isso Strickland abre fogo. Macacos caem das árvores como frutas, e os homens ficam horrorizados. Isso irrita o americano. Com o facão erguido, ele avança na direção de um macaco atingido na barriga. O animal de pelo macio se encolhe em uma bola triste, a mão pressionando a cara soluçante. Parece uma criança. Igual a Timmy ou Tammy. Isso é como matar crianças. Ele se lembra da Coreia. As crianças, as mulheres. Foi nisso que ele se transformou? Os macacos sobreviventes gritam de pesar, e o som se aferra a seu crânio. Ele se vira e ataca uma árvore com o facão até ela cuspir madeira branca de volta.

Alguns homens recolhem os corpos e os jogam em água fervente. Eles não escutam os gritos dos animais? Strickland pega um pouco de musgo e enfia na orelha. Não ajuda. Os gritos, os gritos. O jantar são bolas cinzentas e borrachudas de cartilagem de macaco. Ele não merece comer, mas come mesmo assim. Os gritos, os gritos.

A estação das chuvas, seja lá como eles a chamem, enfim chega. O aguaceiro é quente, feito vísceras molhadas. Henriques desiste de limpar o vapor dos óculos. Ele caminha às cegas. Ele é cego, pensa Strickland. Cego por acreditar que era capaz de liderar essa expedição. Henriques, que nunca lutou numa guerra. Henriques, que não consegue ouvir os gritos dos macacos. Os gritos, ele percebe, são iguais aos dos habitantes das aldeias da Coreia. Por mais terríveis que sejam esses sons, eles dizem a Strickland o que fazer.

Não há necessidade de incitar um golpe. Os desgastes fazem o serviço. Um peixe candiru com espinhos, agitado por causa da chuva forte, sobe pela uretra do imediato quando ele está urinando no rio. Três homens o levam até a cidade mais próxima e nunca mais são vistos. No dia seguinte, o engenheiro peruano acorda coberto de picadas roxas. Um morcego-vampiro. Ele e os amigos são supersticiosos. Então vão embora. Semanas depois, um mosquiteiro rasgado faz com que um dos índios bravos seja picado até a morte, coberto de formigas tracuá. Finalmente, o contramestre mexicano, grande parceiro de Henriques, é atacado no pescoço por uma cobra-papagaio verde-clara. Segundos depois, sangue brota de todos os poros de seu corpo. Não há esperança para ele. O general Hoyt ensinou Strickland onde posicionar a Beretta, bem na base do crânio do contramestre, para que a morte seja rápida.

Eles, então, se veem reduzidos a cinco. Com os guias, sete. O capitão se esconde no convés inferior e enche o diário com a transcrição de devaneios lúgubres. Seu chapéu de palha, antes tão firme, se desfez ao ocupar sua nova função de urinol. Strickland aparece por lá e ri dos murmúrios erráticos de Henríquez.

— Você está motivado? — pergunta Strickland. — Você está motivado?

Ninguém pergunta a Richard Strickland sobre *sua* motivação. Até agora, ele não tinha resposta. Nunca deu a mínima para o deus Brânquia, isso é certo. No momento, não há nada no mundo que ele queira mais do que encontrar a criatura. O deus Brânquia fez alguma coisa com ele, mudou-o de maneiras que, desconfia, não podem ser revertidas. O homem vai capturá-lo com o que resta da tripulação do *Josefina* — eles agora não viraram nativos remanescentes também? Depois, vai para casa, enfim para casa, o que quer que isso ainda signifique. Ele se masturba sob uma chuva tórrida, acima de um ninho de cobras, visualizando um sexo silencioso e limpo com Lainie. Dois corpos secos se movendo feito blocos de madeira em uma planície infinita de lençóis brancos. Ele vai conseguir voltar para lá. Ah, vai. Vai fazer o que os macacos mandaram, e então tudo estará terminado.

ELISA GERALMENTE TROCAVA seus sapatos elegantes por tênis no vestiário, mas parecia uma amputação; sua mão no lugar da machadinha. Não é permitido fazer a limpeza de salto — Fleming fez questão de frisar isso no dia em que ela foi contratada. Não queremos que ninguém escorregue e caia. Salto preto, então, nem se fala, porque há *marcações científicas* no chão de alguns laboratórios, e não podemos desfigurá-las. Fleming e seus milhares de observações insignificantes. Nos últimos dias, porém, a atenção dele está quase sempre direcionada a outro lugar, e o desconforto dos saltos de Elisa se transformou em conforto; eles a fazem se sentir desperta, viva, mesmo que por pouco tempo.

Um chuveiro há muito desativado serve de armário dos serventes. Zelda pega seu carrinho e Elisa, o dela, e as duas apanham os suprimentos necessários nas prateleiras, que são reabastecidas a cada três meses. Então seus carrinhos de oito rodas, além de outras oito para os baldes dos esfregões, reverberam pelos corredores compridos e brancos da Occam, como um trem se movendo devagar em direção ao nada.

Elas precisam ser profissionais o tempo inteiro; alguns homens em jalecos brancos permanecem nos laboratórios até duas ou três da manhã. Os cientistas da Occam são uma subespécie estranha de macho cujo emprego o leva à distração absoluta. Fleming ensina seus serventes a sair depressa de qualquer laboratório que encontrem ocupado, e isso acontece com frequência. Quando dois cientistas finalmente vão embora, eles olham sem acreditar para seus relógios, riem do escarcéu que as esposas vão fazer quando chegarem em casa e suspiram decepcionados, revelando como seria melhor se pudessem ir para o apartamento de suas namoradas.

Eles não censuram nenhum desses comentários quando passam por Elisa e Zelda. Da mesma maneira que os serventes são treinados para ver apenas a sujeira e o lixo da Occam, os cientistas são treinados para ver apenas as manifestações do próprio brilho. Muito tempo atrás, Elisa se permitira fantasiar sobre romances no ambiente de trabalho, sobre encontrar o homem que dançava pela escuridão de seus sonhos. Era o delírio de uma garotinha boba. É isto o que acontece quando se é uma servente, ou qualquer cargo do tipo: você passa despercebida, como um peixe embaixo d'água.

O URUBU NÃO está mais no céu. Strickland mandou que um dos índios bravos o apanhasse. Não tem ideia de como o homem fez aquilo, mas na verdade não se importa. Prende a ave a uma estaca, que crava na popa do *Josefina*, e janta sua piranha seca diante dela. A piranha tem muitas espinhas. Ele as cospe, nenhuma perto o suficiente para que o urubu a apanhe. A cara do animal é roxa; o bico, vermelho; o pescoço parece um fagote. Ele exhibe sua envergadura, mas não pode fazer nada além de bater as asas.

— Agora sou eu quem vai assistir a você passar fome — diz ele. — Vamos ver se gosta.

Eles voltam à selva sem Henríquez, que ficou encarregado de cuidar do barco. Agora tudo será feito nos termos de Strickland. Nada de presentes. Muitas armas. Ele persegue os nativos como se o próprio general Hoyt estivesse ali dando as ordens. Ensina aos homens sinais manuais militares. Eles aprendem rápido. Seu círculo se fecha em torno de uma aldeia, em bela sincronia. Strickland atira no primeiro morador que vê para marcar posição. Os nativos se jogam na lama, despejam segredos: a última vez que viram o deus Brânquia, sua trajetória exata.

O intérprete diz a Strickland que os habitantes da aldeia acreditam que ele seja a personificação de um mito gringo: um *corta cabeças*, um cortador de cabeças. Isso agrada a Strickland. Ele não é qualquer saqueador estrangeiro como Pizarro ou Soto, mas algo nascido da própria selva. Sua pele branca é piranha. O cabelo é paca gordurosa. Os dentes, presas de urutu. Os membros, sucuris. Ele é tanto um deus da selva quanto o deus Brânquia é um deus das guelras, e mal escuta a ordem final que sai da própria boca; não consegue ouvir nada em meio aos gritos dos macacos. Mas a tripulação escuta. Eles cortam todas as cabeças na aldeia.

Strickland sente o cheiro do deus Brânquia. Cheira a lama leitosa do fundo do rio. A maracujá. A crosta de salmoura. Se ele não tivesse que dormir... Por que os índios bravos nunca se cansam? Ele os observa escondido sob a luz do luar e testemunha um ritual, raspas de casca de árvores pulverizadas no interior de uma pasta pálida e gosmenta em cima de uma cobertura de folhas. Um deles se ajoelha e segura as pálpebras, mantendo os olhos bem abertos. O outro enrola a folha e a espreme, deixando cair uma única gota de líquido sobre cada globo ocular. O que está ajoelhado soca a lama com os punhos. Strickland é atraído pelo sofrimento. Ele sai em terreno aberto,

ajoelha-se diante do homem de pé e segura as próprias pálpebras abertas. O homem hesita. Ele chama aquilo de buchité, faz gestos de cautela. Strickland não se mexe. Finalmente o homem espreme a folha. Uma bolha de buchité branco enche o mundo.

A dor é indescritível. Strickland se debate, chuta, grita. Mas sobrevive. A ardência diminui. Ele se senta. Esfrega as lágrimas. Aperta os olhos ao mirar os rostos inexpressivos dos guias. Ele os vê. Mais que isso, ele vê *dentro* deles. Acompanha os canais retorcidos de suas rugas, o interior das florestas de seus cabelos. O sol nasce, e Strickland descobre uma Amazônia de profundidade e cor infinitas. Seu corpo canta de vitalidade. Suas pernas são árvores de paxiúba, sustentadas por raízes que parecem ter quinze metros a mais. Ele tira a roupa. Não precisa dela. Chuva bate contra sua pele nua como se estivesse golpeando uma rocha.

O deus das guelras sabe que não pode deter o deus da selva, não quando o último dispara com tanta força no *Josefina* que pedaços do casco caem no rio. O deus Brânquia recua para o interior de um igarapé. Então o barco quebra. A bomba de água está entupida, e a cabine do capitão está se enchendo de água, mas mesmo assim Henríquez se recusa a se mexer. O boliviano pega as ferramentas. O brasileiro leva para a frente o arpão, o tanque de mergulho e a rede. O equatoriano rola para fora um barril de rotenona, veneno para peixes extraído do cipó jicama e que ele diz que vai forçar o deus Brânquia a emergir. Certo, diz Strickland. Ele fica parado na proa, nu, com os braços estendidos, elétrico com a chuva, e grita. Não se sabe por quanto tempo. Dias, talvez. Talvez semanas.

O deus Brânquia enfim se ergue do baixio, com o sol vermelho como o do Serengueti, o olho antigo do eclipse, o oceano abrindo um mundo novo, a geleira insaciável, o jato de borrifos do mar, a mordida bacteriana, o fervilhar unicelular, a reprodução da espécie, os rios como vias para um coração, a ereção dura da montanha, os quadris móveis do girassol, a mortificação de pelos cinzentos, a pústula vermelho-rosado, o cipó umbilical conectando-os de volta à origem. É tudo isso e mais.

Os índios bravos caem de joelhos, imploram perdão, cortam as próprias gargantas com seus facões. A beleza da criatura é selvagem e descontrolada — Strickland também desmorona diante dela. Ele perde o controle da bexiga, das tripas e do estômago. Versos da Bíblia proferidos pelo pastor da igreja de Lainie ressoam de um purgatório esquecido e imaculado. Aquilo que foi é aquilo que vai ser. Não há nada de novo sob o sol. Este século é uma piscadela. Todo mundo está morto, só o deus Brânquia e o deus da selva vivem.

A explosão de Strickland é breve e ocorre apenas uma vez. Ele vai tentar esquecer que ela um dia aconteceu. Quando chega a Belém uma

semana depois em um *Josefina* adernando quarenta graus e seminaufragado, ele está usando as roupas do intérprete. Como sabia demais, o homem teve que ser morto. A essa altura, Henríquez está recuperado, agarrado à viga mestra e piscando diante da fonte vaporosa, o pomo de adão sempre em movimento enquanto o homem se esforça para engolir a fantasia com a qual Strickland o alimentou. Henríquez era um bom capitão. Pegou a criatura. Tudo correu como esperado. Henríquez procura a corroboração em seu diário de bordo, mas não consegue encontrá-la. Strickland havia alimentado o urubu com o caderno, observou-o engasgar, ter um acesso e morrer.



Ele confirma tudo isso em um telefonema para o general Hoyt. Strickland sobrevive à ligação apenas com a ajuda da distração proporcionada pelas balas verdes duras. Marca genérica, sabor sintético, mas o gosto é dolorosamente concentrado, quase voltaico, revigorante. Ele esvaziou todos os mercados em Belém, comprou cerca de cem pacotes antes de fazer a ligação. O barulho que a bala faz ao ser mordida é alto. Apesar dos milhares de quilômetros de cabos, a voz de Hoyt é ainda mais alta. Como se ele sempre tivesse estado ali, na floresta, observando Strickland atrás de folhagens grudentas ou nuvens de mosquitos.

Strickland não consegue pensar em nada que o preocupe mais que mentir para o general Hoyt, mas os detalhes reais da captura do deus Brânquia, quando tenta se lembrar deles, não fazem sentido. Ele acredita que a rotenona foi, em algum momento, derramada na água. Lembra-se da efervescência. Lembra-se do M63, a coronha da arma como uma pedra de gelo em seu ombro febril. Todo o resto é um sonho. O balé flutuante da criatura pelas profundezas. Sua caverna oculta. Como ela esperou ali por Strickland. Como não lutou. Como os gritos dos macacos ecoavam na pedra. Como, antes de Strickland apontar o arpão, a criatura estendeu a mão em sua direção. Deus das guelras, deus da selva. Eles podiam ser o mesmo. Eles podiam ser livres.

Strickland fecha e aperta os olhos, mata a memória. Hoyt ou acredita em sua versão da captura, ou não se importa. A esperança estremece suas mãos e sacode o fone. Mande-me para casa, ele reza. Embora sua casa não seja mais um lugar que ele consiga visualizar. Mas o general Hoyt não é um homem que atende a orações. Ele exige que Strickland acompanhe a missão até o fim. Terá que levar a presa até o centro de pesquisas da Occam Aerospace. Manter tudo em segurança e em segredo enquanto os cientistas fazem seu trabalho. Strickland engole lascas de bala, sente gosto de sangue, se ouve concordar. A última parte da jornada. Só isso. Ele terá que se mudar para Baltimore. Talvez não seja tão ruim. Mudar-se com a família para o norte, sentar atrás de uma mesa arrumada em um escritório limpo e tranquilo. É uma oportunidade, Strickland sabe, de recomeçar, desde que ele consiga encontrar o caminho de volta.

MULHERES
IGNORANTES

— EU VOU ESTRANGULAR aquele homem. Na semana passada ele me jurou que ia fazer o vaso sanitário parar de gorgolejar para que eu conseguisse ter um dia de sono decente, mas toda vez que vou dormir parece que alguém está mijando no banheiro durante oito horas. Ele diz que eu sou uma servente, então por que não conserto? Essa não é a questão. Essa não é a questão. Você acha que eu quero chegar em casa exausta, com os pés inchados, e só por diversão enfiar a mão na água congelante da caixa da descarga? Vou é enfiar a *cabeça* dele lá.

Zelda está reclamando de Brewster, seu marido. É um imprestável. Elisa perdeu a conta de quantos bicos ele já fez e das inúmeras e criativas formas como foi demitido, seguidas por mergulhos depressivos em sua poltrona reclinável, às vezes por semanas. Os detalhes não importam, mas Elisa fica feliz por Zelda compartilhá-los, seja lá quais forem, e sinaliza com expressões apropriadas. A amiga começou a aprender linguagem de sinais no dia em que Elisa chegou, um esforço que ela jamais conseguirá recompensar.

— E eu contei para você, né? A pia da cozinha também está vazando. Brewster diz que é a porca de encaixe. Se o Albert Einstein está dizendo, quem sou eu para contestar? Que tal deixar sua teoria da relatividade de lado e dar um pulo na loja de materiais de construção? E você sabe o que ele diz? Que eu devia pegar as peças no trabalho. Será que ele *tem noção* de onde eu trabalho? Todas as câmeras de segurança que têm aqui? Vou ser honesta com você, querida, sobre meus planos futuros. Eu vou estrangular aquele homem, cortá-lo em pedacinhos e jogar tudo na privada para que pelo menos quando eu estiver acordada por causa do vaso eu possa pensar em todos aqueles pedaços de Brewster correndo para o esgoto, que é o lugar deles.

Elisa sorri através de um bocejo, sinalizando que esta é uma das melhores tramas de assassinato de Zelda.

— Então esta noite eu acordo para trabalhar, porque alguém na família precisa comprar artigos de luxo como peças para a pia, e a cozinha está inundada, parece até a baía de Chesapeake. Eu volto para o quarto e, como ainda não comprei uma corda para estrangulá-lo, acordo Brewster e digo que estamos perto de uma situação estilo arca de Noé. Ele diz que é ótimo, pois não chove em Baltimore há séculos. O homem acha que eu estou falando de chuva.

Elisa estuda a cópia de sua Lista de Tarefas do Controle de Qualidade. Fleming não diz quando as altera; é assim que mantém seus funcionários atentos. O formulário em três vias com carbono

enumera os laboratórios, os saguões, os banheiros, os vestibulos, os corredores e as escadas designados para cada servente, cada local ligado a uma lista numerada de tarefas correlatas. Ornamentos, bebedouros, rodapés. Elisa torna a bocejar. Corredores, divisórias, corrimões. Seus olhos não param de pestanejar.

— Então eu o arrasto para a cozinha, as meias dele ficam completamente encharcadas, e você sabe o que ele diz? Ele começa a falar da Austrália. Como ele ouviu no noticiário que a Austrália está se movendo cinco centímetros por ano, e que talvez seja por isso que os encanamentos do mundo todo estão se afrouxando. Todos os continentes, ele me diz, costumavam ficar juntos. Ele diz que se o mundo inteiro está flutuando assim, então *todos* os canos vão estourar um dia e não faz sentido ficar nervoso por isso.

Elisa escuta o vacilar na voz de Zelda e sabe onde aquilo vai dar.

— Agora, veja você, querida. Eu podia ter pegado a cabeça daquele homem e a mergulhado em cinco centímetros de água, e ainda ter chegado aqui antes da meia-noite. Mas você já conheceu algum homem que conseguisse acordar de um sono profundo e falar desse jeito? Ele me confunde. Tem semanas em que não conseguimos nem botar comida na mesa. Então, esse meu homem diz “Austrália”, e de repente eu fico emotiva? Brewster Fuller ainda vai me matar, mas eu digo a você, o homem vê coisas. Aí, por um segundo, eu as vejo também. Além da Occam, isso é certo. Bem além de Old West Baltimore. A baía de Chesapeake na minha cozinha? Isso também vai passar.

Há um tumulto no laboratório à esquerda. Elas param seus carrinhos, as cerdas dos esfregões balançando nos cabos. Por semanas elas ouviram barulhos de construção por trás daquela porta, mas não deram importância. Se uma sala não está em sua lista, você simplesmente esquece que ela existe. Mas, nesta noite, a sala sem identificação ganhou uma placa: *F-1*. Elisa e Zelda nunca encontraram um *F*. Elas sempre trabalham juntas na primeira metade do expediente e, ao mesmo tempo, franzem as testas e consultam suas listas de tarefas. Ali está, a *F-1* plantada em suas listas como uma bomba.

As mulheres se viram, ouvidos perto da porta. Vozes, passos, um barulho crepitante. Zelda, aflita, olha para Elisa, que sofre ao ver o estado de espírito tão falante da amiga ser tão facilmente abafado. É a vez dela, diz Elisa a si mesma, de ser a corajosa. Ela finge um sorriso confiante e faz o sinal para “ir em frente”. Zelda dá um suspiro, pega a chave-cartão e a insere na tranca. As engrenagens entram em ação, e Zelda empurra e abre a porta. Na corrente de ar frio que sai, Elisa tem a breve intuição, do nada, de que acabou de cometer um erro desastroso.

LAINIE STRICKLAND SORRI para seu ferro de passar a vapor Westinghouse novinho em folha. A Westinghouse construiu o motor atômico que movimentou o primeiro submarino Polaris. Isso diz alguma coisa, não é? Não apenas sobre um produto, veja bem, mas sobre uma *empresa*. A mulher estava sentada nos fundos do Freddie's, com o penteado bolo de noiva enfiado no plástico rosa do secador de cabelo de coluna, quando fez uma pausa — bem no meio de uma história interessante e *importante* sobre um lugar chamado Delta do Mekong, onde um grupo de vietcongues derrubou cinco helicópteros, matando trinta soldados americanos, iguais ao seu Richard — para, em vez disso, poder se deter no anúncio. Ele mostrava um submarino abrindo o oceano como se fosse um zíper. Todos aqueles rapazes corajosos. O risco intrínseco da água. Eles morreriam também? Suas vidas dependiam da Westinghouse.

A imagem a impressionou o suficiente para que ela decidisse perguntar a Richard que tipo de marca de submarino era um “Polaris”. Membro do Exército desde os dezenove anos, a reação do marido a qualquer pergunta sobre seu trabalho é se fechar, então ela esperou até que ele estivesse bem alimentado e relaxado pelo pipocar dos tiros da série *O Homem do Rifle* antes de perguntar. Sem tirar os olhos da televisão, encantado com a habilidade ambidestra de Chuck Connors com uma arma, ele deu de ombros.

— Polaris não é uma marca. Não é que nem um cereal que você toma no café da manhã.

A palavra *cereal* despertou Timmy de seu estupor televisivo. Eletricidade crepitou entre o tapete felpudo e os joelhos cobertos pela roupa de veludo do menino quando ele se virou para retomar uma conversa de dois dias antes.

— Mãe, a gente pode comprar Sugar Pops?

— Froot Loops! — acrescentou Tammy. — Mãe, mãe, por favor?

Richard sempre fora irritadiço. Era o jeito dele. Antes da Amazônia, porém, o marido não a deixava afundar na própria ignorância, vendo-a se debatendo para chegar à superfície sem oferecer ajuda. Lainie ainda precisava descobrir a reação certa àquele tipo de comportamento, e escolheu rir de si mesma. Então Chuck Connors foi substituído por um aspirador Hoover Dial-a-Matic com controle variável de sucção, operado por uma atriz que se parecia um pouco com Lainie. Richard se calou e olhou para o colo, um gesto que poderia ser entendido como remorso.

— Polaris é um míssil — disse ele. — Um míssil balístico com arma nuclear.

— Nossa! — Ela queria tranquilizá-lo. — Isso parece perigoso.

— Acho que eles têm um alcance melhor. São mais precisos também. É o que dizem.

— Vi esse submarino numa revista e pensei: “Aposto que Richard sabe tudo sobre essas coisas”, e eu tinha razão.

— Na verdade, não. Essas merdas são da Marinha. E eu evito esses filhos da mãe o máximo possível.

— É verdade, evita mesmo. Já me disse várias vezes.

— Vou falar uma coisa pra você: eu não entraria de jeito nenhum num submarino desses, são armadilhas mortais.

Ele olhou para ela e sorriu e, naquele momento, aquele pobre homem tão poderoso não teve ideia da dor que transmitiu. Lainie tinha a sensação de que o marido vira coisas demais na Coreia, na Amazônia. Há coisas que ele nunca vai compartilhar. A mulher diz a si mesma que ele evita lhe contar sobre suas experiências para poupá-la, mesmo que isso faça com que ela se sinta completamente sozinha e flutuando para longe feito um balão de gás hélio.

Nenhum homem que passou dezessete meses na floresta tropical sul-americana conseguiria se readaptar à vida civil com facilidade. Lainie sabe disso, e tenta ser paciente. Mas é um desafio. Aquele período a mudara também. Da noite para o dia, Richard fora levado embora pelo general Hoyt, aquele sujeito assustador, e largado em um mundo sem telefones nem caixas de correio. Era preciso tomar decisões domésticas, o tempo inteiro, e elas a atingiram como um tiro de espingarda. Aonde levar o carro quando ele quebrava. O que fazer com aquela carcaça de gambá no quintal. Como lidar com encanadores, atendentes de bancos e outros homens que achavam que uma mulher sozinha estava pronta para ser enganada. E o tempo inteiro criando dois filhos confusos e magoados com um pai repentinamente ausente.

E ela se saiu bem. Sim, ela passou a maior parte dos primeiros dois meses enxergando a nova vida por trás do brilho das lágrimas: uma mãe viúva de duas crianças endiabradas que, crescidas, só queriam saber de rasgar cortinas e rabiscar paredes enquanto ela bebia taças e mais taças de vinho. Logo, porém, seu colapso noturno começou a se transformar numa exaustão satisfeita. Gradual e hesitantemente, nas profundezas de sua mente, Lainie começou a formular um plano para quando Richard fosse declarado desaparecido em ação e o Exército parasse de lhe enviar cheques. Rabiscava números em contas de luz, boletins escolares de Timmy, nas costas da mão, calculando estimativas de salários versus despesas reais. Sabia que conseguiria trabalhar fora. Aquela possibilidade era até empolgante, o que fez com

que ela se sentisse a pior esposa do mundo por encontrar qualquer centelha de entusiasmo no desaparecimento do marido. Mas haveria um tipo de paz sem Richard, não haveria? Ele não tinha sido sempre um pouco rígido? Um pouco frio?

Não adiantava mais pensar nisso agora. Afinal, Richard voltou para casa, não voltou? Faz uma semana que eles estão juntos outra vez, e ele merece a mesma mulher que deixou para trás, certo? Lainie manteve o sorriso até acreditar que era genuíno. Se aqueles submarinos confiavam nas coisas nucleares da Westinghouse, ora, ela devia sentir orgulho de estar em sua sala de estar e usar aquele ferro de passar a vapor, a primeira coisa que comprou em Baltimore. Richard precisa estar elegante no primeiro dia do emprego novo, num lugar chamado Occam, e isso faz com que passar a roupa seja uma prioridade. Com tantas peças ainda encaixotadas, as roupas das crianças também precisariam ser passadas. Timmy está com um ar selvagem, com a roupa esfarrapada, e o macacão de Tammy está todo puído. Uma dona de casa, insiste ela consigo mesma, tem muitas tarefas interessantes e importantes.

PERUCAS SÃO FEITAS de cabelo humano, mas a de Giles Gunderson não combina em nada com os tufo que se projetam acima das orelhas dele, e isso o irrita. Seu cabelo verdadeiro é castanho, mas, se você olhar bem de perto, verá fios louros e alaranjados. Não que alguém tenha chegado muito perto nos últimos tempos. Se soubesse que teria uma careca reluzente aos trinta anos, teria começado a estocar cabelo décadas atrás. Todo rapaz devia fazer isso; era algo que devia ser ensinado na escola. Ele imagina sacos de lixo lotados enchendo os armários de sua infância, arrastando-os da casa dos pais para seu primeiro apartamento e depois para os outros em que morou. Ele ri. Não, senhor, não há nada de estranho nisso.

Giles bota um par de óculos no bolso, abaixa outro que estava na testa, puxa e fecha o casaco de camurça e desce do furgão Bedford creme que o sr. Arzounian, o dono do Arcade, deixa que ele estacione nos fundos do cinema. Com sua porta de correr enferrujada e o estofado manchado de água, Elisa chama o veículo de Pug, por causa de seus faróis esbugalhados e a frente achatada. Baltimore não vislumbra uma gota de umidade há meses, mas o vento está forte. Giles sente a peruca começar a descolar do couro cabeludo. Ele aperta a cabeça com ambas as mãos, para que a fita dupla-face grude de novo, e faz a volta no Pug, com a cabeça abaixada para se proteger do vento.

É a postura de um brutamontes, mas ele se sente o contrário, fraco e presunçoso. Faz força para abrir a porta lateral do veículo e retira a pasta de couro vermelho com fivela de latão onde leva seus trabalhos. Carregá-la faz com que ele se sinta importante. Trabalhou por um ano inteiro quando tinha trinta e poucos para comprá-la, e ela permanece o único item profissional que estaria à altura de pertences de um figurão de Manhattan. Ele segue pela calçada, a ventania lhe dando um breve empurrão. Abrir uma porta carregando uma pasta de portfólio é um procedimento complicado; depois que ele passa, todo mundo lá dentro só pode estar falando sobre o cavalheiro encantador com a pasta de couro gigante.

Giles sente uma pontada familiar de dúvida. Sua avidez por aprovação é patética, em especial em uma espelunca como aquela. Ele olha ao redor. Nem uma alma sequer percebeu sua chegada. Ele se empertiga todo, uma postura defensiva. Será que aqueles fregueses podiam ser culpados por sua distração? O Dixie Doug's Pies é um parque de diversões de luzes coloridas e superfícies reflexivas, com

pedestais sobre os quais giram tortas de plástico e bancadas de vidro iluminadas com tubos cromados e adesivos no formato de máquinas de jukebox.

Giles caminha até o balcão. Está no meio da tarde de um dia de semana, horário peculiar para se comer uma torta, e ele é o segundo da fila. Ele gosta dali, diz a si mesmo. É aconchegante, quente e cheira a açúcar e canela. Giles não olha para o caixa, ainda não; está velho demais para se sentir nervoso assim. Em vez disso, estuda uma torre de vidro de um metro e meio, cada nível com uma gostosura diferente. Todas têm duas camadas, da altura de caixas de chapéu de lojas de departamento. Tortas achatadas como a parte superior do corpo de um violoncelo. Tortas redondas como um seio de mulher. Há espaço para todos os tipos, todos os tipos.

A SALA F-1 é seis vezes maior que o apartamento de Elisa, um tamanho modesto para um laboratório da Occam. As paredes são brancas e resplandecentes acima de pisos de concreto limpos. Fileiras de mesas prateadas estão encostadas às paredes enquanto cadeiras de rodinhas embaladas em plástico estão agrupadas como se fossem mendigos aquecendo-se em torno de uma fogueira em um latão. Cabos trançados pendem do céu, e luminárias hospitalares em braços articulados observam do alto o nada, uma espécie de provocação. No lado direito há uma parede com uma maquinaria bege, do tipo que Elisa ouviu chamarem de “computador”. Serventes são proibidos de tocar nesses aglomerados imponentes de chaves e botões, embora se espere que eles usem aspersores de ar comprimido para limpar a poeira na última sexta-feira do mês.

O que é único na F-1, e o que leva Elisa a passar por Zelda, ainda empacada, é a piscina. O crepitar que tinham ouvido era água expelida de uma mangueira industrial no que parece um tanque gigante de aço inoxidável construído no chão e cercado por uma borda na altura dos joelhos sobre a qual três funcionários plantaram suas botas. Os operários estão nitidamente desconfortáveis com a confidencialidade daquele trabalho; observam o chefe entregar uma caneta e uma prancheta a um homem de cabelo castanho com entradas pronunciadas e óculos — um cientista da Occam, sem dúvida, mas um que Elisa nunca tinha visto. Ele tem menos de cinquenta anos, mas está agachado sobre a mureta feito um menino hiperativo, ignorando o chefe dos operários enquanto compara suas anotações com três medidores que se projetam da piscina.

— Quente demais! — grita ele. — Está quente demais! Vocês querem cozinhá-lo?

O homem fala com sotaque. Elisa não o reconhece, e isso faz cair a ficha: ela não reconhece nenhuma daquelas pessoas. Seis operários, cinco cientistas; nunca vira tanta gente na Occam tão tarde. Zelda puxa Elisa pelo braço, e Elisa se permite ser puxada para trás antes que uma voz que as duas conhecem muito bem fale:

— Atenção, todo mundo, por favor! O recurso deixou a plataforma de carga. Repito: o recurso deixou a plataforma de carga e está a caminho. Com todo o respeito, preciso que a equipe de construção pare onde está e deixe o laboratório pela porta à direita...

A camisa branca e a calça neutra de David Fleming o haviam camuflado ao computador. Elisa agora o vê, seu braço dobrado em um

gesto na direção da mesma porta diante da qual ela e Zelda estavam paradas como colegiais. Todas as cabeças na sala se voltam na direção delas. Todos aqueles homens as encaram, mulheres infratoras. O rosto de Elisa fica em brasas, e ela sente cada centímetro feio de seu uniforme da Occam sujo de lixo.

— Peço desculpas a todos, nossas visitantes não deviam estar aqui. — Fleming abaixa a voz até o tom de repreensão de um marido. — Zelda, Elisa. Quantas vezes vou ter que dizer a vocês? Quando há homens trabalhando nos...

Zelda se encolhe como alguém que está acostumada a receber golpes, e Elisa entra na frente dela, uma proteção instintiva que a coloca, para sua surpresa, diretamente no caminho de um homem que avança com pressa na direção dela. Elisa respira fundo e se empertiga. Castigos corporais eram comuns em sua vida quando era mais nova, e embora isso tivesse sido quinze anos antes, haviam batido nela na Occam outras vezes. Fleming a empurrou com grosseria quando estava em cima de uma cadeira de escritório bamba limpando teias de aranha; um biólogo deu um tapa em sua mão quando ela foi pegar um copo de papel que não continha café, mas alguma espécie de substância; um guarda lhe deu uma palmada forte a caminho do elevador.

— Não saiam.

É o homem com sotaque. A barra de seu jaleco está encharcada e cinza, e seus sapatos mal amarrados estão com os cadarços frouxos e molhados. Sua mão gotejante está espalmada para cima em apelo, e ele se volta para Fleming.

— Essas garotas estão autorizadas a entrar, não estão?

— Elas são da limpeza. Estão autorizadas, sim, mas para serviços de limpeza.

— Se elas estão autorizadas, não deviam se inteirar do que estamos fazendo?

— Com todo o devido respeito, doutor, o senhor é novo. A Occam tem protocolos.

— Mas elas não vão limpar este laboratório de vez em quando?

— Sim, mas só quando houver minha solicitação direta.

Os olhos de Fleming vão do cientista para Elisa, e ela percebe quando ele se dá conta de que foi um erro ter acrescentado tão cedo a limpeza da F-1 à lista de tarefas. Elisa abaixa a cabeça, encarando o carrinho, todos aqueles frascos e vidros presos e sujos, mas é tarde demais para retrair o ferrão. A dignidade de Fleming foi picada, e trabalho extra para ela e Zelda será a punição. O cientista com sotaque não vê nada disso; ele ainda está sorrindo, convencido de sua benevolência. Como a maior parte dos privilegiados bem-intencionados que a servente conhecia, ele não tem noção das

prioridades dos subordinados, não sabe que tudo que eles querem é terminar seu turno sem problemas.

— Muito bem — disse o cientista. — Todos devem entender a importância do recurso, para que não haja erros.

Fleming contrai os lábios e espera pela saída da equipe de construção. Elisa e Zelda se encolhem diante dos olhares de apreciação dos homens corpulentos. O cientista, alheio ao desconforto de Elisa, estende a mão para um aperto. Ela fica boquiaberta e horrorizada diante das unhas bem cortadas, das mãos limpas e do punho engomado da camisa do homem. O que Fleming vai pensar *dessa* quebra de etiqueta? Pior que apertar a mão seria ignorá-la, por isso ela estende a sua com o maior desinteresse possível. A palma do homem está úmida, mas o aperto é autêntico.

— Dr. Bob Hoffstetler. — Ele sorri. — Como você consegue trabalhar com esses sapatos?

Elisa recua alguns centímetros, para que o carrinho tire seus sapatos da linha de visão de Fleming. O homem não pode notá-los pela segunda vez no dia. Ela não aguentaria se ele lhe roubasse esse ato de revolta. Hoffstetler não deixa passar nada; observa o pequeno recuo e inclina a cabeça de um jeito curioso. Parece estar à espera de uma resposta, por isso Elisa faz de tudo para estampar um sorriso no rosto corado e toca o crachá de identificação. As sobrancelhas de Hoffstetler se suavizam em simpatia ao compreender a situação.

— As criaturas mais inteligentes — diz ele com delicadeza — são as que geralmente fazem menos sons.

Ele torna a sorrir, chega para a direita e se apresenta a Zelda. Embora Elisa fique envergonhada com a atenção e curve os ombros para ficar menor, ela sente uma pontada sombria ao perceber que, em todos os seus anos na Occam, o sorriso do dr. Hoffstetler é o mais cálido que já recebeu.

É UM BELO ferro, disse não há dúvidas. Esqueça os kits de desmineralização trabalhosos; dá para enchê-lo de água direto na torneira, e é muito agradável ter todos os controles em um só botão. Vem também com um suporte de parede; isso será útil quando sua tábua de passar tiver um local permanente. Por enquanto, ela está plantada na sala de estar diante da TV. Era assim que, em Orlando, suas amigas esposas de militares faziam as tarefas domésticas. Lainie sempre resistiu. Uma vez, durante a missão de Richard na Amazônia, tentou ouvir *Young Doctor Malone* e *Perry Mason* no rádio enquanto passava a roupa, mas a distração foi grande demais. Ela passou todo um cesto sem lembrança de ter feito isso, o que a incomodou. Só comprovava como suas tarefas diárias eram monótonas e não representavam desafio algum. Como eram repetitivas.

Porém, na noite anterior, na cama, a insônia incubou um pensamento óbvio, mas revigorante. Ela pode mudar de canal. Não precisa assistir a *I Love Lucy*, novelas ou programas de auditório como as outras esposas; em vez disso, pode se dedicar aos noticiários, *Today*, *NBC News* e *ABC Early Afternoon Report*. É uma ideia nova, e isso a inspira. Até agora, tudo em Baltimore a inspira.

Até mesmo se vestir naquela manhã — nossa, parecia que estava indo para uma festa cheia de intelectuais! Ela arrumou o penteado bolo de noiva antes de abrir a tábua de passar e, pela pressão latejante nas têmporas, sabe que ele está no lugar. O que se esfacela, porém, é sua atenção, dez minutos após o início do noticiário. Khrushchev está visitando o Muro de Berlim. Só o nome *Khrushchev* faz com que ela enrubesça; Lainie o pronunciou errado três anos atrás em um evento cheio de figurões de Washington, e o queixo de Richard tremeu de constrangimento. E o Muro de Berlim. Por que ela sabe o nome de todos os personagens de *Captain Kangaroo*, mas nada sobre o Muro de Berlim?

Lainie segura o seletor do ferro de passar, sem saber ao certo que ajuste vai erradicar da melhor maneira os amarrotados. Será possível que a Westinghouse tenha dado a ela, e a todas as outras mulheres dos Estados Unidos, escolhas demais? Examinando a base do ferro, conta dezessete furos de ventilação, um para cada mês que Richard passou na Amazônia. Ela libera o vapor, enfia o rosto no jato e se imagina no calor da selva.

Assim devia parecer o mundo para Richard quando ele ligou para casa do Brasil. Foi como ouvir um fantasma. Em um segundo, Lainie

estava cortando cascas de sanduíches de manteiga de amendoim e atendendo ao telefone. No seguinte, largou a faca e soltou um grito. Chorou, falando sem parar que aquilo era um milagre. Mas teve que forçar as lágrimas, não teve? Bom, quem podia culpá-la? Ela estava em choque. Richard respondeu que ele também sentia saudade dela, mas a morte na voz do marido persistiu; ele parecia lento e sem energia, como se tivesse esquecido como falar inglês. Havia um som de algo sendo triturado, como se ele estivesse mastigando alguma coisa. Por que ele estaria comendo enquanto falava com a esposa pela primeira vez em dezessete meses?

Era compreensível. Talvez ele tivesse passado fome na floresta. Richard lhe disse que eles teriam que se mudar para Baltimore e, antes que ela pudesse fazer perguntas, ele lhe deu o número de seu voo para Orlando e desligou, ainda mastigando. Lainie se sentou e olhou para a casa que, por um ano e meio, parecera tão confortável e funcional e no momento era um completo desastre. Sem brilho, suja. Ela sequer substituíra o ferro de passar que quebrara havia oito meses. E então limpou e limpou pelos dois dias seguintes, luvas de limpeza rasgadas de tanto que ela esfregava, as mãos cheias de bolhas, os nós dos dedos escorrendo sangue. Um telefonema de Washington a salvou, e talvez tenha salvado seu casamento também. A viagem do marido seria alterada, e ele iria de navio até Baltimore e a encontraria em duas semanas em uma casa escolhida pelo governo.

Lainie reprisa, quase de hora em hora, a visão da primeira vez em que Richard passou pela porta da casa de Baltimore. A camisa social estava larga, parecia uma capa. Ele perdera peso, era puro músculo saliente, e sua postura tinha um ar cauteloso e sagaz. Havia feito a barba, e o rosto estava com um brilho emborrachado, as bochechas brancas como leite, muito tempo ocultas pela barba que crescera durante os meses passados na floresta, enquanto o restante do rosto estava bronzeado. Por um longo momento, eles se encararam. O homem apertou os olhos como se não a reconhecesse; os dedos dela voaram até o penteado bolo de noiva, o batom, as unhas. Tinha sido demais? Estava bonita demais para ele, que não viu nada além de homens grosseiros e imundos por tanto tempo?

Então Richard delicadamente colocou a bolsa no chão, e um único tremor atravessou seus ombros. Duas pequenas lágrimas, uma em cada olho, rolaram por seu rosto liso. Lainie nunca tinha visto o marido chorar, desconfiava até que ele não tivesse essa capacidade e, para sua surpresa, aquilo a assustou. Sabia, porém, que isso era prova de que ela significava alguma coisa, que *eles* significavam alguma coisa, e ela correu até ele, envolvendo-o em um abraço apertado e pressionando os olhos chorosos nas dobras rígidas da camisa dele. Vários segundos depois, ela sentiu as mãos do marido em suas costas, movimentos

cheios de cautela, como se seu instinto tivesse se tornado o de se livrar de criaturas que se grudassem a seu corpo.

— Me... desculpe — disse Richard.

Essa frase até hoje deixa Lainie intrigada. Ele se desculpava por viajar? Por chorar? Pela incapacidade de abraçá-la como um homem normal?

— Você não tem por que se desculpar — respondeu ela. — Você está aqui. Está aqui. Tudo vai ficar bem.

— Você parece... Está...

Isso a intrigou também. Será que ela parecia tão estranha a ele como a fauna sul-americana parecera dezessete meses antes? Será que sua maciez era a maciez da lama, das carcaças de porcos selvagens, de outros tipos de podridão da selva que ela não conseguia sequer imaginar? Por isso pediu ao marido que não falasse, que só a abraçasse. É algo de que ela se arrepende. Qualquer que fosse o poço perdido de emoções que as duas únicas lágrimas revelaram, no dia seguinte já havia se fechado por completo, impenetrável às sondagens delicadas de Lainie. Talvez fosse a forma que ele encontrou de se proteger dos ataques desorientadores da cidade.

Só quando Timmy e Tammy desceram correndo a escada para falar com o pai, Lainie se afastou do marido e esquadrinhou a casa vazia e sem móveis às suas costas. Seus joelhos tremeram com uma desconfiança terrível. E se ela não tivesse nada a ver com as lágrimas de Richard? E se ele tivesse se comovido com os ambientes perfeitamente limpos e silenciosos atrás dela?

No momento, ela envolve a extremidade da tábua de passar com a mesma camisa social que Richard usara ao chegar em casa. É melhor deixar esses pensamentos de lado. É melhor se concentrar no que pode fazer para ser uma esposa melhor. O novo trabalho de Richard na Occam pode não ser digno de aparecer no noticiário, mas é importante. Imagine o que aconteceria se ela deixasse queimar a camisa? Seria um indício de problemas em casa. E não há problema algum. Seu trabalho é ajudar Richard a remover o caos da guerra, seja lá o que for, e limpar a sujeira, a graxa, o óleo, a pólvora, o suor, o batom, se necessário, e passar tudo muito bem outra vez, para seu marido e sua família, é claro, mas também por seu país.

O NOME NO crachá diz Brad, mas Giles já o viu usar John em uma ocasião, e até mesmo Loretta em outra. Ele imagina que o segundo tenha sido um erro, e o terceiro, uma piada, mas a mudança de nomes deixou o pintor inseguro quanto a usar qualquer um deles. Ele sem dúvida tem cara de Brad: 1,85 m, 1,90 m se parasse de se curvar, um rosto com simetria evidente, dentes retos quase cavallares e uma cabeleira loura volumosa. Seus olhos, marrons como o chocolate derretido da fábrica incendiada, se iluminam quando o veem. Giles jura que isso acontece.

— E aí, parceiro? Por onde tem andado?

A voz de Brad é grave e vagamente sulista, e Giles se prende àquela cadência arrastada. Está envolto em preocupações capilares: a posição da peruca, o corte do bigode, os infortúnios de pelos desgarrados na sobrelanceira e nos ouvidos. Enche o peito e faz um aceno com a cabeça.

— Ora, boa tarde. — Professoral demais. Ele tenta algo mais descontraído. — E aí? — Quem ele acha que é, um colegial? — É um prazer vê-lo também.

Três saudações redundantes. Perfeito.

Brad apoia uma das mãos no balcão e se debruça sobre ele.

— O que posso fazer para satisfazê-lo?

— É muito difícil dizer — diz Giles em um arroubo. — Qual, se me permite perguntar, seria sua recomendação?

Brad tamborila, pensando. Os nós de seus dedos estão ralados. Giles o imagina cortando lenha em um quintal repleto de árvores, lascas de madeira despencando, pequenos estilhaços voando para todo lado, como borboletas douradas.

— O que acha de lima-da-pérsia? Temos uma de lima-da-pérsia que é de comer rezando. É aquela ali, no andar de cima da torre.

— Nossa, mas que verde vivo.

— Não é? Vou cortar uma bela fatia para você, o que acha?

— Como menosprezar um tom de verde tão tantalizante?

Brad anota o pedido e ri.

— O senhor sempre diz as melhores palavras.

Giles sente um rubor subir por seu pescoço. Ele tenta detê-lo com a primeira coisa que lhe passa pela cabeça.

— *Tantalizante* vem do grego. Tântalo era um dos filhos de Zeus. Um garoto problemático, na verdade. Ele ficou famoso por matar o filho e servi-lo aos outros deuses. Não é muito diferente de cortar uma

torta. Mas é seu castigo que comemoramos. Foi condenado a ficar em um lago, morrendo de fome, tentando comer frutas que sempre se afastavam quando ele tentava pegá-las, morrendo de sede, tentando beber a água que sempre fugia quando ele se ajoelhava.

— O senhor disse que ele picotou o filho?

— Isso. Embora a mensagem, imagino, seja que Tântalo não podia usar a morte para dar fim à dor. Seu destino era sofrer sabendo que tudo que desejava estava bem ali ao alcance, mas que nunca poderia ter nada daquilo, nem a mais ínfima parte.

Brad reflete sobre isso, e Giles sente seu rubor se mover lentamente rumo a seu rosto. Ele sempre fica maravilhado ao ver como uma única pintura pode dizer tanto para tanta gente. Entretanto, quanto mais palavras alguém usa, maiores são as chances de elas se voltarem contra seu enunciador e o denunciarem. Brad, para seu alívio, escolhe abandonar a análise clássica. Ele prende o pedido em um pino.

— Vi que você está com sua pasta de pinturas aí — disse ele. — Está trabalhando em alguma coisa boa?

Giles sabe que é uma bobagem de velho acreditar que esta ou aquela pergunta cordial esteja pulsando com significados ocultos. Ele tem sessenta e quatro anos. Brad tem, no máximo, trinta e cinco. Bom, e daí? Isso significa que Giles não pode desfrutar de uma boa conversa? Que ele não pode se sentir bem consigo mesmo, algo tão raro em sua vida? Ele ergue a pasta como se só agora a notasse.

— Ah, isto? Não é nada de mais. Só mais um lançamento de produto alimentício. Parece que me confiaram a tarefa de capitanear uma campanha. E, por acaso, estou a caminho de uma reunião na agência.

— Sério? Que tipo de produto alimentício?

Giles abre a boca, mas a palavra *gelatina* parece muito flácida.

— Não sei se posso dizer, provavelmente não. Acordos de confidencialidade, sabe...

— É mesmo? Uau, parece empolgante. Fazer arte, participar de projetos secretos. Muito mais empolgante que vender tortas, isso eu garanto.

— Mas a comida é a arte original! Eu sempre quis perguntar: você é o próprio Dixie Doug?

A gargalhada de Brad é explosiva, chega a agitar algumas mechas da peruca de Giles.

— Quem dera. Aí eu estaria sentado em uma montanha de dinheiro. Vou contar uma coisa para você: este aqui não é o único Dixie Doug's. Há uma dúzia deles. Isso se chama "franquia". Eles mandam esse caderno para os funcionários, sabe? Explica o negócio todo. Cor da tinta, decoração. Dixie Dog, nossa mascote. Até o cardápio. Eles fazem estudos, descobrem do que as pessoas gostam,

cientificamente falando. Aí enviam isso para todo o país, e nós servimos.

— Intrigante — disse Giles.

Brad olha ao redor e se inclina mais para perto.

— Posso contar um segredo?

Não há nada que Giles queira mais. Ele coleciona confidências o suficiente para saber que receber um segredo de outra pessoa aliviava como mágica o peso das duas partes.

— Esse meu jeito de falar? Ele nem é de verdade. Sou de Ottawa. Nunca ouvi um sotaque sulista na vida, só nos filmes.

As sensações se acalmam no interior de Giles, um cubo de gelo jogado em um copo cheio. Ele pode não ter conseguido confirmar o nome de Brad, mas hoje vai sair do restaurante com um prêmio bem melhor. Um dia, ele tem certeza, o atendente vai revelar sua verdadeira voz, algum sotaque exótico canadense, e aí, bem, isso vai ter algum significado, não? Segurando com orgulho sua pasta enquanto espera uma fatia de uma torta verde-vivo, Giles se sente mais integrado ao mundo do que se sentia em séculos.

— NÃO PRECISO REITERAR para a maioria de vocês até que ponto alguns de nossos melhores homens foram para tornar isto possível e como nem todos esses homens voltaram para comemorar esta conquista — diz Fleming. — É minha responsabilidade observar, e fico feliz que minhas meninas da limpeza estejam aqui para ouvir isto, que, sem dúvida, este é o recurso mais sensível trazido a Occam Aerospace, e ele precisa ser tratado dessa maneira. Sei que todos vocês assinaram os formulários, mas preciso repetir: informação confidencial não se compartilha com esposas. Com filhos. Com o melhor amigo que você conhece desde criança. O que estamos fazendo aqui é um assunto de segurança nacional. É o destino do mundo livre que está em jogo. O próprio presidente sabe o nome de todos aqui, e espero sinceramente que isso seja o suficiente para impedir que vocês...

O corpo tenso de Elisa se retesa ainda mais ao som de um código sendo digitado e uma porta, destrancada. Não é a que fica logo atrás dela. Portas duplas de três metros do outro lado da F-1, que se conectam com o corredor que leva à plataforma de carga, se abrem. Homens de capacete e uniforme militar entram correndo. Estão armados, assim como todos os guardas da Occam, mas não usam pistolas enigmáticas em coldres discretos. Fuzis grandes com baionetas estão pendurados em suas costas.

Uma plataforma do tamanho de um carro e com rodinhas é conduzida para o interior do laboratório por um terceiro e um quarto soldados. Carregam o que Elisa, nos primeiros segundos, acredita ser um pulmão de aço. No orfanato, a poliomielite era o bicho-papão impossível de exorcizar; qualquer criança obrigada a sentar e ouvir sermões muito longos e palestras entediantes tinha tempo de sobra para imaginar como seria ficar presa para sempre em um caixão do pescoço para baixo, naquela espécie de pulmão artificial. O objeto diante de Elisa se assemelha a uma cápsula, só que muito maior, com aço rebitado, vigias de compressão, juntas emborrachadas e medidores de pressão. Ela acha que seja lá quem esteja ali dentro deve estar muito doente, porque até sua cabeça está imersa no tanque. Fleming guia a plataforma até um espaço vazio ao lado da piscina, e então Elisa se dá conta da própria ingenuidade. Garotinhos doentes não precisam da escolta de quatro guardas armados.

O último homem a passar pelas portas duplas tem cabelo raspado e braços de gorila, e seus passos são lentos e calculados, como os de alguém que desconfia de espaços fechados. Ele usa uma jaqueta jeans

por cima da sarja cinza grosseira, e mesmo esse traje parece reprimi-lo. O homem circunda a cápsula, murmura instruções e indica que rodas sejam travadas e botões, ajustados. Não aponta para essas peças com o dedo. Presa em seu punho, há uma alça de couro de um bastão laranja com duas pontas de metal. Elisa não tem certeza, mas acha que aquilo é um aguilhão elétrico de gado.

Tanto Fleming quanto o dr. Bob Hoffstetler se aproximam do homem com a mão direita estendida, mas os olhos semicerrados do recém-chegado passam direto por eles e vão até Elisa e Zelda, do outro lado do laboratório. Veias saltadas incham sua testa como chifres subcutâneos.

— *O que elas estão fazendo aqui?*

Como se em resposta, o tanque se agita com violência sobre a plataforma, e um rugido agudo emana de seu interior feito um tufão, agitando a água e assustando soldados, que soltam palavrões e brandem seus fuzis. Algo parecido com uma mão, mas que não pode ser, porque é grande demais, bate em uma das escotilhas, e Elisa tem certeza de que o vidro vai quebrar, mas não quebra, e o tanque balança, e os soldados se preparam para atacar, e Fleming corre aos gritos na direção das serventes, e Hoffstetler está com medo de não conseguir fazer nada para protegê-las, e Zelda está puxando o uniforme de Elisa com as duas mãos, levando-a para o corredor com os carrinhos, e o oficial com o aguilhão de gado as fuzila com o olhar furioso um segundo a mais antes de baixar a cabeça, se virar e encarar a coisa capturada, que não para de berrar.

AS CAIXAS DA Flórida são um problema. Ela sabe disso, e promete a si mesma desembalá-las na primeira oportunidade que tiver, e isso é uma ordem! Lainie se lembra com saudade de um momento com Richard anos atrás, quando ela, encorajada pela ereção dele, ousou fazer uma piada sexual, uma alusão a ficar em “posição de sentido”. Nos últimos anos, essa lascívia dela iria enojá-lo. Porém, naquela vez, ele riu e fez a postura militar básica. Calcanhares unidos. Barriga para dentro. Braços junto ao corpo. Nada de sorrisos. Essa é a eficiência que ela precisa copiar. Ela tem um estilete para abrir caixas. Tem palha de aço com sabão Brillo Soap Pads, Ajax com alvejante, cera de limpeza Bruce, sabão líquido Tide e saponáceo Comet com Chlorinol, tudo pronto para o serviço.

Lainie poderia desembalar as caixas em dois dias caso se dedicasse a isso. Mas não consegue. Toda vez que tenta abrir uma, é como se estivesse cortando a barriga de uma corça. No interior dessas caixas há dezessete meses de uma vida diferente. Uma que a tirara do caminho percorrido por ela desde que era uma garotinha: namorar, casar, ter filhos, cuidar da casa. Tirar objetos dessas caixas... é como arrancar órgãos daquela outra versão de si mesma, daquela mulher cheia de ambição, energia e promessas. Aquilo tudo é bobagem, ela sabe disso. Ela vai chegar lá. Vai, sim.

Só que é mais difícil com Baltimore *logo ali*, bem do lado de fora da janela. Depois que as crianças vão para a escola, não há como resistir. Todo dia é a mesma coisa. Lainie coloca os sapatos de salto alto, pois Richard se irrita ao vê-la descalça — ela culpa a Amazônia por isso também; talvez o marido tenha se deparado com alguma tribo descalça que o houvesse enojado. Quando Richard sai para a Occam, ela se liberta dos calçados e afunda os dedos no carpete. Não há quase nada ali, é verdade. Alguns farelos, e só. Até que está bem limpo, pelo menos por enquanto. Ela se veste, sai, entra num ônibus.

No início fingiu estar à procura de uma igreja. Não estava mentindo, não completamente. Uma família precisa estar perto de Deus. Sua igreja em Orlando foi uma verdadeira dádiva durante aqueles meses sem Richard e antes de Lainie se firmar. Firmar-se. Ela precisa fazer isso outra vez. O problema é que Baltimore tem uma igreja em cada quadra. Lainie é batista? Eles tinham frequentado a igreja batista na Virgínia. Episcopal, talvez? Ela não sabe ao certo o que a palavra significa. Luterana, metodista, presbiteriana: todas essas parecem seguras, sem encenações ou má-fé. Ela se senta no ônibus

empertigada, as mãos entrelaçadas sobre a bolsa, e lista nomes de igreja específicos pelos lábios com batom. Todos os Santos, Santíssima Trindade, Nova Vida. Ela ri, embaçando a janela do ônibus, e, por um momento, perde a cidade de vista. Como poderia escolher qualquer coisa que não fosse Nova Vida?

MULHERES QUE TRABALHAM não correm para casa e enfiam a cara no travesseiro quando levam uma bronca. Você faz suas mãos pararem de tremer segurando suas ferramentas e retornando aos afazeres. Elisa queria falar sobre o que tinha visto e ouvido: a mão gigante que bateu na escotilha, o urro animalesco. Porém, desde os primeiros sinais assustados que Elisa fez, ficou claro que Zelda não vira a mão da criatura e interpretara o urro como mais um experimento revoltante com animais que iria apenas deixá-la enjoada se passasse muito tempo pensando nisso. Então Elisa guarda seus pensamentos para si, ponderando se é possível que a colega esteja certa e ela tenha entendido tudo errado.

A melhor coisa que pode fazer naquela noite é esfregar e eliminar as imagens de sua mente, e esfregar é algo em que Elisa é boa. Ela entra e sai de reservados no banheiro masculino da ala nordeste, passando o esfregão nos cantos. Zelda, depois de limpar o chão, molha uma pedra-pomes na pia e olha feio para os mictórios cheios de urina incrustada, à procura de uma reclamação nova para elevar os ânimos. São poucas as pessoas em que Elisa tem tanta fé quanto em Zelda: a amiga vai encontrar um jeito de reclamar e vai ser engraçado, e elas vão conseguir se esgueirar daquela película fina de humilhação criada por todos aqueles homens arrogantes.

— Eles chegam para a gente e dizem: aqui na Occam temos as mentes mais brilhantes do país. E há manchas de mijo no *teto*. Você sabe que Brewster não é o homem mais inteligente do mundo, mas até ele atinge o alvo setenta e cinco por cento das vezes. Não sei se eu devia ficar deprimida com isso ou telefonar para o pessoal do Guinness. Talvez eles me paguem alguma coisa pela descoberta desse recorde.

Elisa assente e faz o sinal de “Ligue para eles agora”, optando por um telefone antiquado de duas peças para evocar uma manada de correspondentes em Nova York com insígnias de IMPRENSA enfiadas em seus chapéus fedora. Zelda entende a referência e sorri — para o alívio de Elisa, que insiste na piada, agitando os dedos e fazendo o sinal para “teletipo”, em seguida fazendo os sinais para mandar uma carta por pombo-correio. Zelda ri e aponta para o teto.

— Não consigo nem imaginar o ângulo do... Está me entendendo? Não quero ser indecente nem nada, mas pense na física da coisa toda: o ângulo da mangueira do jardim, a direção do jato.

Elisa ri sem emitir som, escandalizada e muito grata.

— A única coisa que consigo imaginar é uma competição. Como um tipo de prova olímpica, sabe? Pontos para altura e distância. Pontos para estilo se você balançar muito bem. E pensar que passamos todos esses anos achando que esses cientistas não tinham nenhuma habilidade física.

Encostada em uma das divisórias da cabine, Elisa está gargalhando em completo silêncio, enquanto os acontecimentos da noite se apagavam diante da situação pitoresca imaginada por Zelda.

— Olha só, tem dois mictórios aqui — diz Zelda, rindo. — Acho de verdade que xixi sincronizado é uma possibilidade...

Um homem entra. Elisa, de frente para um vaso sanitário, se vira; Zelda faz o mesmo, do mictório. Ele não estava ali; agora está. É tão absurdo que as mulheres se esquecem de reagir. Um letreiro plástico escrito FECHADO PARA LIMPEZA é a única coisa que defende as serventes da ameaça da incursão masculina, mas sempre foi suficiente. Zelda começa a apontar para a placa, mas seu braço morre no meio do caminho; não é função de uma servente indicar a existência de objetos físicos a um homem de posição mais elevada. E, além disso, suas brincadeiras sobre as práticas masculinas no banheiro ainda estão ecoando por todos os canos, conexões e arremates das pias. Elisa sente vergonha, depois vergonha por sentir vergonha. Ela e Zelda limpam aquele banheiro milhares de vezes, e basta um único homem para fazer com que *elas* se sintam obscenas.

Com toda a tranquilidade, o homem vai até o meio do banheiro.

Na mão direita, um agulhão de gado elétrico laranja.

A PORTA GIRATÓRIA da Klein & Saunders faz seu truque de sempre. Na rua, em meio a pessoas com maletas a caminho da próxima reunião, Giles se sente à deriva, ultrapassado, inútil. É na câmara rotatória que ocorre a metamorfose, a roleta de vidro refletindo uma infinidade de eus possíveis e melhores. Quando o artista é ejetado no mármore em padrão xadrez do saguão, é um novo homem. Com sua arte na mão e um lugar aonde levá-la, ele é importante.

Não consegue se lembrar de quando não foi assim, a produção da arte como um mero prelúdio para o prazer de *possuir* um objeto concreto criado por ele. Todo o mais que possui é como seu apartamento desleixado — apenas um lugar alugado que não lhe pertence. O primeiro objeto de arte de sua vida foi um crânio humano que seu pai ganhou em um jogo de pôquer, batizado de Andrzej em homenagem ao antigo dono, um polonês. Foi o primeiro estudo de Giles; ele o desenhou centenas de vezes, em envelopes, em jornais, nas mãos.

Vinte anos depois, o artista mal recorda como passou dos desenhos de crânio ao trabalho na Klein & Saunders. Seu primeiro emprego foi na tecelagem de algodão Hampden-Woodberry, assim como tinha acontecido com o pai, habituado às cócegas das fibras de algodão em seu nariz, aos calos provocados por levantar fardos, à segunda pele delicada de argila vermelha toda vez que lidava com algodão do Mississippi. À noite, às vezes durante a noite inteira, ele pintava em papel descartado que pegava no trabalho, retratos desenfreados que o alimentavam mais do que comida — e, não se enganem, ele tinha muita fome. Giles usava o barro do Mississippi nos braços que desenhava para realçar o laranja. Décadas depois, esse ainda seria seu segredo.

Em dois anos, deixou para trás a fábrica e o pai caótico para assumir uma vaga no departamento de arte na Hutzler's, uma loja de utensílios para cozinha. Alguns anos mais tarde, foi para a Klein & Saunders, e ali passou a maior parte de sua carreira. Tinha orgulho do que fizera na empresa, mas não estava satisfeito. Seu descontentamento enervante tinha algo a ver com arte. Arte verdadeira. Durante uma época, ele se definiu por essa palavra, não foi? Todas aquelas abstrações de Andrzej, todos aqueles nus masculinos traçados com os calos dos fardos de algodão e transformados em laranja-sangue com a lama de Biloxi. Giles aos poucos começou a sentir que cada sorriso falso que pintava para a

Klein & Saunders vampirizava a verdadeira alegria daqueles que comparavam a própria felicidade com os padrões impossíveis da publicidade. Ele conhecia a sensação. Ele a sentia todos os dias.

A Klein & Saunders trabalha com clientes de prestígio. Por isso a sala de espera é cheia de poltronas vermelho-cardeal com design alemão moderno e um carrinho de bebidas operado por Hazel, a assustadora recepcionista que já trabalhava na empresa antes de Giles chegar. Hoje, porém, não é Hazel quem o recebe, e sim a secretária de pernas morenas de algum publicitário, que fora jogada diante de uma dúzia de executivos impacientes, com um sorriso plantado no rosto amedrontado. Giles a observa acidentalmente desviar uma ligação recebida enquanto cuida de uma bandeja de drinques. Ele avalia o clima do ambiente pela nuvem de fumaça de cigarros: não flutuante como o Adão de Michelangelo, mas esparramada feito jatos de locomotiva.

Ele a perdoa por levar um minuto para notar sua presença.

— Sr. Giles Gunderson, artista — anuncia ele. — Tenho hora marcada às duas e quinze com o sr. Bernard Clay.

A mulher aperta um botão e diz o nome dele no receptor. Giles não está convencido de que a mensagem foi transmitida, mas não consegue pedir à pobre coitada para tentar mais uma vez. Encara a multidão. É incrível, pensa, que vinte anos depois parte dele ainda deseje andar com aquele bando feroz sempre pronto para dar o bote.

Giles pensa na secretária, nas bebidas. Dá um suspiro e se posiciona atrás do carrinho, batendo palmas para chamar a atenção dos presentes.

— Meus senhores! — exclama ele. — O que acham de prepararmos nossos próprios drinques esta tarde?

Eles não gostam dessa interferência e sentem-se no direito à insatisfação: cada homem ergue uma sobrancelha até o alto da testa. Giles conhece a sensação, como a irritação desliza em direção à desconfiança. Depois desse tempo todo, ainda não entende como as pessoas logo percebem que ele é diferente. O pintor sente a fita de sua peruca começando a descolar. Se seu plano desse errado, a peruca seria o menor de seus problemas.

— A vantagem — prossegue Giles — é que podemos matar nossa sede com todo o álcool que quisermos. Baltimore tem andando muito seca ultimamente. Quem quer um martíni?

A sugestão é acatada. Homens de negócios no meio da tarde são, em essência, crianças: desidratados e mal-humorados. E o chamado de um homem é seguido pela anuência de outro, e de repente Giles está cuidando do bar, servindo uma dose depois da outra e fatiando limões para brindes dignos de uma festa universitária. No meio da bagunça, ele gesticula para que todos se afastem e ele possa assim sacudir e

preparar um único Alexander de conhaque e servi-lo à secretária como se fosse um Oscar. Todo mundo aplaude, a garota enrubesce, luz do sol ferve no topo espumoso do coquetel, um horizonte havaiano bem ali no copo, e por um momento Giles sente como se seu mundo estivesse mais uma vez cheio de potencial.

ZELDA SABE O que fazer. É, sem dúvida, uma variação do que já fez mil vezes antes no trabalho, mas também ao longo de toda a vida, quando pressionada por homens. Sair de vista. E rápido. Ela adota o sorriso desinteressado de uma criada, pega seu carrinho e começa a empurrá-lo. Mas o chão está ensaboado, e o carrinho segue sem controle, atinge a lata de lixo e a derruba com uma pancada que ecoa pelo banheiro. A lata fora esvaziada há pouco, graças a Deus, mas Zelda se apressa a botá-la de pé e acaba escorregando. Cair de joelhos enfatiza seu peso, a expõe ao ridículo. Ela tenta fazer aquilo rápido. Ainda ajoelhada, ouve um som de plástico sendo amassado. Ergue os olhos. O homem está segurando a última coisa que Zelda imaginaria, o extremo oposto de um agulhão elétrico: um saco de balas verde-claras.

— Não, não! Não precisam ir embora. Vocês duas parecem estar em uma conversa agradável. Conversa de mulher. Nada de errado nisso. Podem continuar, vou levar menos de um segundo aqui.

O sotaque não é sulista, mas tem um final que lembra o movimento da cauda de um crocodilo. O homem segue em frente e, por um instante, Zelda acha que ele está se dirigindo ao reservado de Elisa. Será que a amiga tinha visto alguma coisa na F-1 que Zelda não percebera? Elisa nunca reage muito bem quando gritam com ela, mas seu comportamento depois de deixar a F-1 parece diferente, quase como se estivesse atônita. Será que esse homem estava ali para levá-la embora? Zelda se levanta, outro movimento pouco lisonjeador, e estende a mão para o carrinho, já procurando uma arma — a escova de privada, o rodo. Ela também sabe lutar. Brewster tem mais cicatrizes de guerra que ela, mas Zelda tem sua cota. Se aquele homem tentar fazer mal a Elisa, ela fará o que for necessário. Sua vida será arruinada, mas não há outra escolha.

Em vez disso, o homem desvia, coloca o agulhão de gado e as balas na pia, vai até o mictório e começa a abrir o zíper.

Agora é Zelda quem olha para Elisa em busca de ajuda. Se seus olhos aterrorizados deixaram de notar algo na F-1, talvez Zelda não pudesse confiar neles nessa situação também. Um homem, botando seu negócio para fora, bem na frente delas? Elisa, porém, está virando a cabeça de um lado para o outro, para cima e para baixo, à procura de uma reação adequada. Uma coisa é certa: Zelda não consegue olhar para o homem. Ele ali, fazendo aquilo... Ela não tem dúvida de que seriam demitidas por justa causa. Basta que ele as denuncie, aquelas serventes obscenas, e Fleming as enxotaria da Occam. Zelda olha tão

fixamente para o chão que não seria uma surpresa se o piso se rachasse.

Urina sibila no mictório.

— Meu nome é Strickland. — A voz dele ecoou pelo banheiro. — Estou assumindo a segurança.

Zelda engole em seco.

— Aham...

É tudo que consegue dizer.

Ela ordena que seus olhos fiquem no lugar, mas eles desviam e veem um jato de urina respingar no chão limpo. Strickland ri.

— Ops. Ainda bem que vocês têm esfregões.

RICHARD CRITICARIA SEU passeio secreto, argumentando que era mau uso do tempo, e estaria certo. Mas as surpresas no caminho a distraem da culpa. Prédios de muitos andares, outdoors montanhosos, bombas de gasolina no formato de robôs, bondes cor de queijo cheddar! Ela sente um nó em seu peito ser desfeito, como se seu estilete o estivesse rasgando. O ônibus passa veloz por letreiros que permanecem acesos durante o tédio do dia: INSTALAMOS SILENCIADORES EM CARROS, TUDO POR UM DÓLAR, ARTIGOS ESPORTIVOS, JUNTE-SE À FORÇA AÉREA. Lainie dá sinal e desce em uma área comercial da rua West 36, chamada pelos locais de “a avenida”, e deixa que as lojas comecem a disputar seu dinheiro.

Ela tenta cumprimentar todos por quem passa, em especial mulheres. Não seria incrível explorar a cidade com uma amiga que conhecesse os segredos do lugar? Que pudesse fazer comentários descontraídos e sarcásticos sobre preços ultrajantes, sobre o que o vento da baía faz com o cabelo, tudo isso? Que soubesse extrair de Lainie — e apreciar — a vitalidade tão única e secreta que ela sentiu durante aqueles dezessete meses? Mas as mulheres de Baltimore estranham aquela simpatia toda e mal conseguem abrir um sorriso. Depois de uma hora, Lainie se sente sozinha, condenada ao status de forasteira. Ela pega o ônibus, vai voltar para casa. Um homem a confunde com uma turista e tenta lhe vender um guia. Ela sente um nó na garganta. Será que seu cabelo a denunciou? Na Flórida, penteados bolo de noiva eram a moda, mas não aqui. E, de repente, ela se sente muito infeliz. É provável que precise de um guia turístico, então compra um.

Baltimore, afirma o guia, repreendendo-a, tem o necessário para satisfazer uma família americana. Então qual exatamente era seu problema?, Lainie se perguntava. Tammy adoraria o museu de arte.

E Timmy se encantaria pela Sociedade Histórica. No lado oeste da cidade fica a Floresta Encantada, uma espécie de parque de diversões inspirado em contos de fadas. As fotos mostram castelos e florestas, princesas e bruxas. Talvez ela possa fazer a festa de aniversário das crianças ali. É perfeito, exceto pela atração intitulada Selva dos Sonhos. A simples menção da palavra *selva* faz com que Richard largue o jornal ou mude o canal. Eles só teriam que evitar aquele lugar, nada mais.

Um de seus passeios anteriores a levava até as docas em Fells Point. Lainie tentou deixar aquilo para trás, mas toda manhã o ferro a vapor faz com que ela sue a verdade; ela se pergunta se a Amazônia

queimou Richard até o âmago. Tinha sido uma tarde cinzenta, que repercutia as batidas fortes dos navios contra as docas. Ela foi até a margem do rio Patapsco, com a gola erguida até o queixo. Para chegar ali, desceu em um ponto de ônibus usurpado por um mendigo maltrapilho e caminhou através de garrafas quebradas da vizinhança mais feia que já tinha visto. Havia um cinema também, e ela quase comprou um ingresso só para fugir dos olhares lascivos. Mas faltavam lâmpadas demais no letreiro, e o filme não pareceu nada agradável, um circo de almas, ou algo assim.

Era um ponto solitário. Ninguém a escutaria se ela falasse. Então disse mentiras para a água fria ondejante até não restar mais nada a contar. Estava feliz com a volta do marido. Estava realizada. Otimista em relação ao futuro. Acreditava em todas as estatísticas no folheto sobre a cidade que Richard lhe dera: só vinte por cento das residências de Baltimore, dizia ele, possuíam carro, e Richard jurou à esposa que um dia eles teriam dois. Ele estava cansado de seu T-bird que quebrava toda hora, disse, e não queria a mulher usando o transporte público enquanto ele estivesse fora salvando o mundo.

No caminho de volta ao ponto de ônibus, na vizinhança de que não gostava, ela desviou de um funcionário municipal limpando a calçada com uma mangueira. Que bom, disse a si mesma, ver uma cidade tão preocupada com a limpeza e a manutenção. Fingiu que a lavagem não levantara fedores de urina de cachorro, peixe estragado, folhas em decomposição, esgoto, poças salíferas, óleo queimado e dejetos humanos. Uma última mentira antes de voltar para casa, um último amassado para passar.

GILES É CONDUZIDO por Bernie até, ele espera, uma sala de reuniões, mas é apenas um escritório vazio no qual foram postas uma mesa e duas cadeiras. Bernie não se senta, por isso Giles também não. O executivo parece pouco sociável depois dos sorrisos e apertos de mão na sala de espera, mesmo quando o artista lembra que, se tem um amigo ali, é Bernie Clay, não aqueles homens velhos e ricos no saguão bebendo seus coquetéis. Bernie foi um dos que votaram pela demissão de Giles da empresa vinte anos antes, é verdade, mas ele só fizera aquilo porque fora obrigado, e Giles se lembra da futilidade dos mártires — a família de Bernie tinha que comer também, não tinha?

Lembranças do acontecimento instigante desanimam Giles, sobretudo devido à sua previsibilidade prosaica: clichês são proibidos para qualquer artista. Aquele certo bar em Mount Vernon, a polícia invadindo, os distintivos erguidos. Durante a noite que passou na cadeia, ele pensou em uma coisa: como os registros policiais sempre tinham sido a seção favorita de seu pai nos jornais. Giles torcera para que a visão do velho, assim como a dele, também tivesse piorado com o tempo, a ponto de ser impossível ler as letras pequenas dos registros, mas então, como Giles nunca mais teve notícias do pai, se deu conta de que a visão dele continuava boa. Uma semana depois de ser demitido, adotou seu primeiro gato.

Reuniões furtivas com Bernie se tornaram grande parte do trabalho. E ele pode reclamar? Ninguém mais na empresa, entre eles o sr. Klein e o sr. Saunders, aprova o envolvimento de Giles como freelancer. O artista abre um sorriso vermelho de orelha a orelha, igual ao do pai em sua pintura mais recente. Mais publicidade, pensa, dessa vez de si mesmo.

— O que diabo aconteceu com Hazel? Nunca vi a mulher faltar um dia.

Bernie afrouxa a gravata.

— Você não vai acreditar, Gilesy. A coroa ficou de olho em uma dessas empresas que engarrafam bebidas e, pronto, foi para Los Angeles. Levou a conta para eles também.

— Não acredito! Imagino que tenha sido bom para ela.

— E ruim para a gente. É por isso que está essa loucura por aqui. Me desculpe pela sala, inclusive, estamos assoberbados de trabalho. Se souber de alguma garota que valha a pena, me diga, está bem?

Giles, na verdade, conhece uma garota que vale a pena, uma que há anos está estagnada no emprego em um centro de pesquisas

totalitário. Infelizmente, atender telefonemas não era o forte de Elisa. Os poucos segundos que Giles passa em silêncio fazem com que Bernie comece a remexer os dedos, inquieto, arruinando o que resta de animação no pintor. Bernie está sozinho em uma sala com um homem que todos sabem que é maricas. Por mais que Giles esteja ansioso para conversar sobre a boa e velha publicidade, não pode se permitir ser a causa de aborrecimentos para o amigo.

— Bom, deixe-me mostrar o trabalho...

— Na verdade, não tenho muito...

Os dois ficam gratos por serem distraídos pelo barulho que a fivela da pasta faz e o ruído da tira de couro ao se abrir. Giles põe a tela sobre a mesa e faz um gesto orgulhoso. Mas o que ele sente é pânico. Será que tem algo errado com as luzes na sala? A estrutura óssea da família que ele pintou está pronunciada demais, brilha feito o crânio de Andrzej. Ele tinha mesmo desenhado quatro cabeças sem corpo? Não percebera como aquilo era assustador? Até as cores pareciam estranhas, exceto a da gelatina, que, devido a uma noite descansando em sua mistura, é de uma apoteose magmática de vermelho.

— O vermelho... — suspira Bernie.

— É muito vermelho — disse Giles. — Concordo piamente.

— Não é isso. Embora os lábios do pai pareçam um pouco... sangrentos. Mas me refiro à cor em geral. O vermelho não é uma boa cor. Não vamos mais fazer anúncios de página dupla vermelhos para mais nada. Não lhe contei isso? Talvez não. Como eu disse, as coisas estão uma loucura. A cor do momento é *verde*.

— Verde?

— Bicicletas. Guitarras. Cereal matinal. Sombra para os olhos. De repente, verde é o futuro. Até os novos sabores que estão surgindo são todos verdes: maçã verde, melão, uva verde, pesto, pistache, menta.

Giles tenta ignorar o quarteto de crânios sarcásticos e se concentra na gelatina que os personagens de seu quadro tanto desejam. Ele se sente muito burro, muito cego. Não importa se Bernie mencionou a cor antes ou não. Se Giles tivesse algum bom senso, saberia que não deveria ter feito aquilo. Que tipo de pessoa teria o apetite despertado por uma gelatina tão vermelha que parecia recortada de um coração pulsante?

— Não é culpa minha, Gilesy — disse Bernie. — São as *fotografias*. Hoje, todos os clientes que entram por aquela porta querem fotos, garotas bonitas segurando hambúrgueres ou coleções de enciclopédias, ou o que quer que seja. Eles querem ser chamados para os testes de elenco. Eu sou a última pessoa nesta firma que vende arte de verdade para os chefes. Boa arte é boa arte, é o que eu digo a eles. E você, Gilesy, é um grande artista. Ei, tem conseguido arranjar tempo para pintar suas coisas?

A pintura é como os restos da torta de lima-da-pérsia vistos longe das luzes brilhantes do Dixie Doug's: nada tantalizante. Giles guarda a tela. O peso da pasta no caminho para casa não lhe dará nada do conforto que dera na viagem até ali. Se ele tem se dedicado às próprias coisas? Não, Bernie. Há anos não faz isso. Não quando está ocupado pintando e repintando gelatina que ninguém quer, não importa a cor do futuro.

STRICKLAND É TOMADO por uma onda lenta de vergonha. A urina rastejando pelo chão inclinado foi um exagero. Ele só queria assustar as serventes. Planeja fazer o mesmo com todo mundo que botou os olhos no tanque. É um truque que aprendeu com o general Hoyt quando eles estavam em Tóquio. Quando você conhece um subalterno, mostre como ele significa pouco para você. Assim que viu a servente negra, as costas curvadas da servente branca e o mictório, tudo se encaixou. Mas é nojento. Mijar no chão era o que ele fazia na Amazônia. Agora, anseia por limpeza, e ali está, mijando no chão.

Ele se vira para trás e dá uma boa olhada na mulher menor. A garota tem uma expressão franca, sem nenhuma daquela maquiagem atrás da qual Lainie se esconde. Isso faz com que ele se sinta ainda pior. Ele deseja que a bexiga esvazie logo, olhando ao redor à procura de algo mais a dizer. Encontra o agulhão de gado. Sem dúvida as duas mulheres estão olhando para o objeto, que Strickland barganhou com um fazendeiro antes de deixar o Brasil, um caipira que mal falava inglês, mas que chamava aquilo de “saudação do Alabama”. A ferramenta o ajudou a mover o recurso quando ele precisou de estímulo para sair da piscina. Há uma gota grossa e vermelha de sangue agarrada a uma das duas pontas de metal, e ela se alonga na direção da porcelana branca. Outra sujeira prestes a ser feita.

Strickland usa um tom de voz entusiasmado para distraí-lo do nojo que sente de si mesmo.

— Esse aqui é um Farm Master 1954, modelo 30, de carga pesada. Nada dessas porcarias de hoje em dia, com fibra de vidro e o escambau. Só uma haste de aço e um cabo de carvalho. Varia de cinco a dez mil volts. Vão em frente e olhem, senhoras, mas não toquem.

O rosto do homem esquenta. Ele podia muito bem estar falando de seu pau. Nojento, nojento. E se Timmy o ouvisse falar desse jeito? E se Tammy ouvisse? Ele ama os filhos, embora tenha medo de tocá-los, medo de machucá-los. As palavras são tudo que as crianças têm para julgá-lo. Strickland sente raiva daquelas mulheres, testemunhas de sua feiura. Elas não têm culpa de estarem naquele banheiro, é claro, mas são culpadas por estarem nesse emprego, não são? Por se colocarem naquela posição? A última gota de urina cai. Ele pensa na bolha de sangue pendurada no agulhão.

Strickland ergue a pelve, bota para dentro, fecha a calça com um gemido surpreendente. As mulheres afastam os olhos. Há gotas de urina na calça? Ele não está mais na selva. Agora precisa ficar atento a

essas coisas, o tempo todo. Só quer fugir daquele banheiro iluminado demais e da confusão que criou. Resolva isso, diz ele a si mesmo.

— Vocês duas ouviram o que o homem disse no laboratório. Espero não ter que repetir.

— Nós temos autorização — rebate a mulher negra.

— Sei que têm. Já verifiquei.

— Sim, senhor.

— É meu trabalho verificar.

— Desculpe, senhor.

Por que essa mulher está tornando a conversa tão difícil? Por que a outra servente, tão mais bonita, tão mais delicada, não diz nada? O ar no banheiro parece movediço. Deve ser sua imaginação. O coração dele acelera. Ele leva a mão a um facão que não está ali. O aguilhão, porém, está. Vai ser um bom substituto. Ele anseia pelo momento em que seus dedos vão envolver a ferramenta. O homem força uma risada através das mandíbulas cerradas.

— Olhe, eu não apoio o George Wallace. Acho que os negros têm lugar. Acho mesmo. No trabalho, nas escolas. Precisam ter todos os direitos que os brancos têm. Mas vocês precisam refinar seu vocabulário. Você ouviu a si mesma? Não para de repetir as mesmas palavras. Eu lutei ao lado de um negro na Coreia que acabou em uma corte marcial por algo que não fez, porque quando o juiz quis ouvir sua história, ele não conseguia dizer nada além de *sim, senhor* e *não, senhor*. É por isso que temos tantas pessoas do seu tipo na cadeia. Não é nada pessoal. Soube que eles vão fechar Alcatraz no mês que vem e que praticamente não há negros lá dentro, e lá estão os piores criminosos deste país. Isso é um crédito para sua raça. Você devia estar orgulhosa.

De que diabo está falando? Alcatraz? Essas serventes devem achar que ele é doido. Assim que sair, aquele banheiro vai irromper em risadas. Suor escorre por seu rosto. A câmara está se fechando sobre ele, ali dentro deve estar fazendo uns cento e cinquenta graus. Ele assente, apanha o saco de balas e pega uma. Nem sequer lavou as mãos. Ele sabe que serventes, entre todas as pessoas, vão perceber isso. Nojento, nojento. Strickland joga uma bola verde na boca. Olha uma última vez para as mulheres que o encaram.

— As senhoras querem bala?

A bola verde funciona como um bridão de cavalo. Nem ele conseguiu entender uma palavra do que acabou de dizer. Ah, elas vão rir, disso ele tem certeza. Serventes malditas. Pessoas malditas. Ele terá que ser mais duro com os cientistas, não estragar as coisas como estragou isso. A Occam não é diferente do *Josefina*. Vai garantir que todo mundo entenda que Strickland é quem está no comando. Não David Fleming, o lacaio do Pentágono. Não o dr. Bob Hoffstetler, o

biólogo bonzinho. Ele gira para trás sem sair do lugar; o chão está escorregadio. Torce para que seja sabão, não urina. Morde a bala para não ouvir os próprios passos molhados e pega o aguilhão na pia. A bolha de sangue provavelmente cai. E as serventes vão limpá-la. Mas vão se lembrar dela. Vão se lembrar dele. Nojento, nojento.

O MOMENTO EM que Strickland oferece a bala só acrescenta uma doçura doentia à cena revoltante. Elisa perdeu o gosto por doces na idade em que a maioria das crianças faria de tudo para ganhar um. Não liga nem para as tortas açucaradas que Giles tenta empurrar para ela no Dixie Doug's. A jovem se lembra da origem de sua aversão de um ponto de vista mais assustador, observando cheia de medo monstros adultos tão impenetráveis quanto Strickland. Aos olhos desses primeiros cuidadores, Elisa não era deficiente, e sim burra e teimosa. O orfanato tinha o nome fofo de Lar para Pequenos Andarilhos, mas os que ali viviam chamavam o local apenas de "Lar", o que era irônico, levando-se em conta os atributos que os livros sempre associaram a essa palavra. Segurança. Aconchego. Conforto. Alegria. Balanços. Parquinhos. Abraços.

As crianças mais velhas, há mais tempo no orfanato, sabiam onde era possível encontrar equipamento com o nome anterior do lugar escrito em estêncil: ESCOLA FENZLER PARA DÉBEIS MENTAIS E IDIOTAS. Na época em que Elisa chegara, crianças cujas fichas antes as teriam classificado como *mongoloides*, *lunáticas* ou *defeituosas* eram reunidas sob a categoria de *retardados*, *lentos* ou *abandonados*. Ao contrário dos orfanatos judeus e católicos do bairro, a missão do Lar era manter seus hóspedes vivos, mesmo que mal e porcamente, para que, quando saíssem de lá, aos dezoito anos, pudessem encontrar um emprego subalterno servindo seus superiores.

As crianças do Lar podiam ter se unido, assim como os serventes da Occam podiam ter feito o mesmo. Em vez disso, a escassez de comida e afeto espalhava crueldade como se fosse gripe, e cada criança sabia os próprios pontos fracos ou os de seus rivais. Você era condenado ao Lar porque seus pais foram parar num abrigo para sem-teto? Você é Fanny Faminta. Seus pais estão mortos? Você é Laura Lálide. Você é imigrante? Você é Aiko, a Amarela, ou Harold, o Huno. Elisa só foi saber os nomes verdadeiros de algumas crianças no dia em que elas foram empurradas porta afora.

Seu apelido era "Muda", embora as inspetoras a conhecessem melhor como "22". Números organizavam as coisas em um mundo desorganizado de crianças indesejadas, e cada criança tinha o seu. Todo objeto que lhe era entregue tinha seu número nele, facilitando determinar a culpa quando alguma coisa sua aparecia onde não devia. Crianças proscritas como ela não tinham muita sorte. Os adversários só tinham que esconder seu cobertor dentro do casaco, jogá-lo lá fora

na lama e assistir enquanto o “22” na etiqueta era identificado e Muda era disciplinada.

Castigos podiam ser delegados a qualquer inspetora, mas a própria supervisora gostava de aplicá-los. Ela não era a dona do Lar, mas o Lar era tudo que ela possuía. Desde os três anos, Elisa intuiu que a supervisora via o grupo turbulento da instituição como reflexos de sua mente instável, e manter as crianças em ordem era se manter sã. Não funcionava. Ela ria tão alto que fazia os pequenos chorarem, então tinha acessos de raiva, o que os alarmava ainda mais. A mulher carregava uma vara de pinheiro para pernas e braços, uma régua para mãos e um vidro de óleo de mamona que os obrigava a engolir.

Traiçoeira, ela também levava balas. Como dependia muito das súplicas e dos choros das crianças, castigava a silenciosa Muda mais do que todas as outras. Um monstrinho incorrigível, era como a chamava. Cheia de segredos, sempre tramando algo. Pior ainda eram os dias em que a supervisora, com o cabelo grisalho preso com fitas em marias-chiquinhas obscenas, encurralava Elisa para perguntar se ela queria brincar de boneca. A menina participava sem entusiasmo, aterrorizada quando a mulher perguntava se alguma garota malvada estava fazendo xixi na cama. Era aí que surgia a bala. Elisa podia contar tudo para ela, dizia a supervisora. Apenas aponte para as crianças que fizeram isso, para que eu possa resolver o problema. Para Elisa, isso parecia uma armadilha. *Era* uma armadilha. O mesmo se passava com o sr. Strickland, amassando seu saco de celofane cheio de balas. De um jeito ou de outro, doces oferecidos, todos eles, eram veneno.

Elisa cresceu. Doze, treze, catorze. Ela se sentava sozinha em lanchonetes, afastada das outras garotas, e as ouvia falar sobre bebidas alcoólicas, o copo de água em sua mão subitamente com gosto de sabão. Ela as ouvia falar de aulas de dança. Tinha que deixar a mão congelar no pote de sorvete para não socá-las. Ela as ouvia falar sobre beijar. Uma menina disse: “Ele faz com que eu me sinta alguém.” E Elisa ficou com isso na cabeça por meses. Qual seria a sensação de se *sentir* alguém? De repente, existir não apenas em seu mundo, mas no de outra pessoa também?

Ela estava sempre seguindo aquelas garotas a diversos lugares, e um deles fora o Cinema Arcade Marquee. Elisa nunca tinha entrado em um cinema. Comprou um ingresso e esperou que lhe pedissem para sair. Demorou cinco minutos para escolher o lugar, como se aquilo pudesse determinar todo o rumo de sua vida. Talvez tenha determinado mesmo: o filme era *Virtude Selvagem*, e embora ela e Giles fossem ironizar seu sentimentalismo anos mais tarde quando passou na televisão, ali Elisa teve a experiência religiosa que jamais se manifestara em um banco de igreja. Ali era um lugar onde a fantasia

superava a vida real, onde era escuro demais para ver cicatrizes e o silêncio não era apenas aceito, mas imposto por funcionários armados com lanternas. Por duas horas e oito minutos, ela se sentiu completa.

O segundo filme que viu lá se chamava *O Destino Bate à Sua Porta*, e era uma onda carnal e tórrida de sexo e violência, um niilismo para o qual nada na biblioteca do Lar, nada que os adultos tinham dito a ela, nada sobre o que as outras garotas fofocavam a haviam preparado. A Segunda Guerra Mundial tinha acabado havia pouco tempo, e as ruas de Baltimore estavam repletas de soldados garbosos e alinhados, e ela olhou diferente para eles a caminho de casa, e eles, pensou Elisa, olharam de maneira diferente para ela. Suas interações, entretanto, foram fracassadas. Rapazes tinham pouca paciência para flertes feitos com dedos.

Segundo sua própria estimativa, ela entrou escondida no Arcade cerca de cento e cinquenta vezes durante os três últimos anos no Lar. Isso foi antes da decadência do cinema; antes que o reboco começasse a cair do teto; antes que o sr. Arzounian começasse a passar filmes vinte e quatro horas, sete dias por semana, em total desespero. Ali ela havia recebido sua educação — sua verdadeira educação. Cary Grant e Ingrid Bergman arquejantes nos braços um do outro em *Interlúdio*. Olivia de Havilland com medo de mulheres loucas em *A Cova da Serpente*. Montgomery Clift atravessando cortinas de poeira em *Rio Vermelho*. Um dia ela foi finalmente flagrada por um lanterninha, enquanto assistia a *Uma Vida por Um Fio*, mas isso já não importava mais. Faltavam quinze dias para o que o Lar definira como seu décimo oitavo aniversário. Seria expulsa e obrigada a encontrar um lugar para morar e um meio de ganhar a vida. Era aterrorizante, mas também extraordinário: ela poderia comprar os próprios ingressos, encontrar pessoas nos braços de quem pudesse arquejar, ou a quem temer, ou apenas circular entre elas.

Na última visita de Elisa à sala da supervisora, a mulher fumava e andava de um lado para o outro, furiosa porque a Muda tinha sobrevivido. Uma organização de mulheres fornecia às formandas um mês de dinheiro para o aluguel e uma mala cheia de roupas recolhidas em brechós, e Elisa estava usando sua favorita, um vestido verde-garrafa de lã com bolsos. Tudo de que precisava era uma echarpe para esconder suas cicatrizes. Ela acrescentou o item a sua grande lista mental de coisas a fazer: *Comprar echarpe*.

— Antes do Natal você já vai estar se prostituindo — prometeu a supervisora.

Elisa estremeceu, surpresa por não ter se assustado com a ameaça. E por que deveria? Vira filmes de Hollywood suficientes para saber que todas as prostitutas tinham coração de ouro e que, cedo ou tarde, Clark Gable, Clive Brook ou Leslie Howard perceberiam seu valor.

Talvez fora esse pensamento que a levava, mais tarde naquele dia, não a um lar de moças, mas a seu lugar favorito no mundo, o Cinema Arcade Marquee. Ela não podia pagar para ver *Joana D'Arc* com Ingrid Bergman, mesmo assim não queria mais nada além de se perder no que o cartaz prometia ser um “elenco de milhares” — tal como a grande Baltimore da qual ela agora fazia parte, só que restrita à segurança que a tela oferecia.

Ela se sentiu tão irresponsável ao pescar quarenta centavos de sua bolsa que baixou a cabeça, e foi assim que viu o letreiro muito mal posicionado: QUARTO PARA ALUGAR — PERGUNTAR NO INTERIOR. Nunca houve dúvida alguma. Semanas depois e a um aluguel de perder o lugar, ela viu um anúncio para uma vaga de servente no centro de pesquisas da Occam Aerospace. Escreveu sua carta de apresentação, marcou um horário e levou a manhã da entrevista passando o vestido verde-garrafa e estudando o itinerário das linhas de ônibus. Faltando uma hora para sua partida, desastre: grandes garras prateadas de chuva, e ela não tinha guarda-chuva. Entrou em pânico, tentou não chorar e se deu conta dos estrondos que vinham do outro apartamento do Arcade. Elisa não tinha conhecido o homem que vivia ali, embora ele sempre estivesse por lá, em algum tipo de confinamento. Já não podia mais se dar ao luxo da prudência, então bateu à porta.

Esperava um homem atarracado, desganhado, com a barba por fazer e olhar desconfiado, mas o senhor à porta tinha um ar aristocrático, muito bem-vestido, com paletó, suéter, colete e camisa, beirando os cinquenta, mas com olhos que reluziam por trás dos óculos. Ele piscou e tocou distraído a careca, como se tivesse se esquecido de botar o chapéu. Então percebeu a agonia de Elisa e abriu um sorriso gentil.

— Ora, olá. A quem eu devo o prazer?

Elisa tocou o pescoço, envergonhada, em seguida fez o sinal para *guarda-chuva*, que era bem intuitivo. A surpresa do homem com sua nudez durou apenas alguns segundos.

— Um guarda-chuva! É claro! Entre, querida, e vou puxá-lo da pilha como a Excalibur da pedra.

Ele se embrenhou pelo apartamento. Elisa hesitou. Nunca tinha estado em uma casa que não fosse o Lar. Deu um passo à direita e viu formas barrocas e sombrias cheias de felinos à espreita.

— Claro, você é a nova moradora. Como fui rude de não tê-la visitado antes com o clássico prato de biscoitos. Infelizmente, minha única desculpa é um prazo que tem me mantido preso à mesa.

A mesa em questão não se parecia com uma mesa. Era um tampo de madeira ajustável. Aquele homem era artista ou algo do tipo, e Elisa sentiu um formigar confuso. No centro do móvel havia uma imagem parcialmente pintada de uma mulher olhando para trás, com

foco nos cachos de seu cabelo. Abaixo da imagem, estava escrito: CHEGA DE CABELOS REBELDES E SEM BRILHO.

— A despeito de minha negligência, por favor, diga-me se precisar de qualquer coisa, embora eu recomende que você compre o próprio guarda-chuva. Percebi que está com os horários dos ônibus aí, e a estação fica a uma caminhada mais longa que o ideal. Muitas coisas, como você sem dúvida percebeu, estão longe do ideal nos Apartamentos Arcade. Mas *carpe diem*, e todas essas coisas bonitas. Acredito que esteja indo tudo bem com você, não?

Ele parou e olhou para Elisa, intrigado, à espera da resposta. Isso sempre acontecia. Quando as pessoas começavam a falar, em geral esqueciam a deficiência da outra. Esse homem, porém, sorriu, e seu bigode castanho fino se estendeu como braços abertos.

— Sabe, eu sempre quis aprender linguagem de sinais. Que oportunidade maravilhosa a minha.

As lágrimas de preocupação que Elisa reprimia havia semanas deviam ter escorrido em um jorro de gratidão, mas ela as conteve; não havia tempo para refazer a maquiagem. Nos minutos seguintes, não desabar só ficou mais difícil, conforme o homem, Giles Gunderson, segundo sua apresentação grandiloquente, localizou o guarda-chuva e decidiu levá-la até a Occam pessoalmente, apesar dos protestos veementes da garota. No caminho, Giles a distraiu explicando como a palavra *janitor*, zelador em inglês, vinha de Jano, o deus das entradas e saídas, interrompendo a lição apenas quando um guarda da Occam determinou que Giles não constava em uma lista. O sujeito gesticulou para que Elisa descesse do ônibus sob a chuva forte.

— “E para onde quer que você vá, a sorte calçará seus sapatos e o seguirá” — gritou Giles depois que ela saiu. — Alfred Lord Tennyson.

“Sapatos”, pensou ela consigo mesma, observando seus saltos feios e velhos enquanto eles chapinhavam na calçada molhada pela chuva. “Se eu conseguir este emprego, vou comprar um belo par de sapatos.”

O ADVENTO MISTERIOSO de Strickland superou as histórias de Brewster como assunto favorito das conversas. Elisa não consegue parar de pensar no que viu no tanque, mas não comenta nada com Zelda — a lembrança parece mais absurda a cada dia. Em vez disso, a amiga acalma os ânimos fazendo piada com todo o resto. Um dos alvos da mulher foram os guardas armados que chegaram à empresa com Strickland, os PMs, policiais militares. São soldados silenciosos e severos que não demonstram qualquer indício de que pensam por si mesmos. Pelo menos vai ser fácil desviar deles, já que marcham a passos duros e inflexíveis, balançando os cinturões, o que parece ser impossível para os cientistas, sempre desajeitados. As duas os escutam e fogem deles, entrando em um corredor que normalmente deixam para depois.

— Eu sempre sei onde eles estão — diz Zelda. — Eles respiram juntos, já percebeu? Parece ar saindo pela ventilação, todos ao mesmo tempo. *Zuum*. Estou falando: um bando de homens novos aqui, e tudo continua tão silencioso quanto antes? Não é natural.

Antes que Elisa possa responder, o silêncio recém-mencionado, uma década de tranquilidade, é bruscamente interrompido. No bairro onde Elisa mora, esse barulho logo a faria pensar em um carro pegando fogo, e então ela se agacharia e tentaria se proteger, lembrando-se das histórias sobre crime organizado. No interior da Occam, o estrondo é tão surpreendente que podia muito bem ser a queda de uma nave espacial. Zelda se agacha atrás do carrinho, como se plástico barato e líquidos corrosivos fossem sua salvação.

Então há outro estrondo e, em seguida, mais um. Não são sons ao acaso. Não são objetos caindo. Têm emissão mecânica, provocados por um gatilho, e a Elisa resta apenas deduzir que são, na verdade, tiros. Seguem-se gritos, além da pulsação acelerada de pés correndo, ambos abafados pela porta mais próxima, que é, claro, a da F-1.

— Abaixo! — implora a amiga.

Zelda sinaliza a ordem, e Elisa sente uma grande onda de amor pela mulher. E percebe que, na verdade, ainda está de pé. A porta se abre e bate na parede com um barulho tão alto quanto um quarto disparo. Zelda se encolhe como se tivesse sido baleada, desaba de lado e cruza os braços sobre o rosto. O corpo de Elisa estremece por inteiro, paralisado diante do tamanho, da velocidade e da força da humanidade que jorra dali.

Fleming é o primeiro a sair. Sua caretta é familiar para qualquer um

que o tenha visto reagir com exagero ao se deparar com uma privada entupida ou com uma poça d'água no corredor. A diferença são as marcas sangrentas de mãos subindo pelas mangas de sua camisa. Logo depois, vem Bob Hoffstetler, e ele é o mais atordoado de todos, os óculos tortos e o cabelo fino eriçado. O cientista está segurando um pano embolado encharcado e vermelho que podia ser qualquer coisa: uma toalha, um jaleco, uma camiseta. Seus olhos, normalmente tão simpáticos, lançam-se como dardos na direção de Elisa.

— Chame uma ambulância!

O tom de voz, em geral tão delicado, está áspero e cheio de sofrimento.

Entre as pessoas que saem da sala está Strickland, com os vales profundos dos olhos em chamas e os lábios em um esgar, segurando com força o punho esquerdo, que está ligado não à mão, como era de se esperar, mas a um buquê de dedos posicionados em ângulos estranhos, rosas vermelho-sangue em um vaso de peles soltas. O sangue pinga no chão tão alto que parece esferas de metal caindo. Elisa olha boquiaberta para elas, para as contas de rubi; é ela quem terá que limpá-las.

Os PMs saem da sala, chutando as contas de sangue. Os guardas se dividem ao desviar de Strickland e se dirigem a Elisa e Zelda brandindo fuzis como se fossem dançarinos fazendo passos com suas bengalas. É assim que se controla uma multidão. É assim que se limpa uma cena. Elisa pega seu carrinho e dá meia-volta, dando-se conta, pelo leve derrapar, de que as rodas de trás estão completamente molhadas.

ANTONIO É O primeiro a chegar ao refeitório para perguntar se está tudo bem. Seus olhos estrábicos questionam tanto Elisa quanto Zelda, mas Zelda sabe muito bem que é ela quem precisará responder. Durante todo esse tempo, a equipe não se deu ao trabalho sequer de aprender o alfabeto da linguagem de sinais. Zelda está farta disso. Não quer estar no comando ali, nem em casa, nem em lugar nenhum. É difícil demais. A mulher olha para suas mãos, estão tremendo. Por isso ela se vira para a máquina de lanches Automat, examinando os sanduíches geométricos e as frutas insinuas como se aquele fosse apenas outro dia de trabalho, mais um jantar às três da manhã.

Duane chega em seguida, desdentado feito uma salamandra e igualmente estridente. Yolanda compensa a timidez deles; ela entra tal qual um ciclone e fala sem parar como parecia que alguém estava dando tiros por ali, que ela não pode trabalhar dessa maneira, que não tem condições de continuar assim e blá-blá-blá. Zelda permite que sua visão se embace até que a única coisa em seu campo de visão sejam os compartimentos da máquina de comida, cada um deles um pequeno portal à la *Alice no País das Maravilhas*. Se conseguisse ficar bem pequeninha, poderia entrar por um deles e dar o fora dali.

Em vez disso, está condenada a reviver a erupção sangrenta da F-1 em sua cabeça repetidas vezes. Ela tenta nutrir alguma simpatia pelo sr. Strickland. Será que na próxima vez que visitasse o banheiro masculino ele conseguiria abrir o zíper? Essa tentativa de simpatia é como experimentar quebrar gelo com a mão. É impossível que aquele homem não tivesse noção do que significaria para uma mulher negra ser encurralada por um branco com um agulhão de gado. Ela ergue os olhos e vê Lucille: sua coloração albina a camufla na parede do refeitório.

— Vejam, até Lucille está preocupada! — exclama Yolanda. — *Qué pasa?*

Zelda se vira. Ela evitou ao máximo esse momento. Não quer olhar para Elisa. Gosta muito daquela mulherzinha magricela, mas ainda assim não consegue se livrar da certeza de que foi tudo culpa dela. Foi Elisa quem insistiu para que elas seguissem a orientação questionável da lista de tarefas e entrassem na F-1, colocando-as sob a mira de Strickland. Zelda também não consegue se convencer de que a amiga não ficou parada de propósito em frente à F-1 esta noite, o que as deixou na pior posição possível quando os tiros começaram.

Elisa esmorece na cadeira, como se o peito estivesse sendo

pisoteado por Zelda. A mulher se sente péssima, mas em seguida diz a si mesma para *parar* de se sentir péssima. Elisa é uma boa garota, mas nunca vai entender. Como poderia? Se as coisas derem errado na Occam, não é a branca quem vai levar a culpa. Elisa sempre pega moedas esquecidas nos laboratórios como se não fosse nada de mais. E se for uma armadilha? Isso nunca nem passaria pela cabeça dela. E se um cientista tivesse deixado aquilo ali para testar os serventes da noite e, quando a moeda sumisse e Fleming fosse informado, adivinhe qual pescoço estaria em perigo?

Elisa vive em um mundo só dela, que ela mesma criou. Isso fica óbvio pelos sapatos. Zelda imagina a percepção da amiga como um desses dioramas que viu em um museu, reinos pequenos e perfeitos, quebráveis, mas não se você pisar bem devagar. Esse não é o mundo de Zelda. Ela não pode nem ligar a TV sem ter que ver pessoas negras marchando e brandindo cartazes, cheias de raiva. Brewster vê cenas assim e muda de canal, e Zelda, no fundo, fica grata, mesmo que seja covardia. Quando acontece alguma questão racial em qualquer lugar dos Estados Unidos, no dia seguinte ela é alvo de olhares assassinos na fila do ponto. Por todo o país, homens como David Fleming estão à procura de razões para demitir mulheres como Zelda Fuller.

O que mais poderia fazer da vida? Mora em Old West Baltimore desde que nasceu, e as casas geminadas não melhoraram muito desde então. Hoje o bairro está mais cheio, mais segregado. Zelda entende a velha tática de alugar casas para pessoas pobres e negras e assim desvalorizar o preço das residências, provocando a saída de moradores brancos, mas não dá a mínima. Ela sonha dia e noite com o subúrbio. Já sente o gosto do ar, com notas de pinho e marmelada, eliminando as toxinas da Occam de seu corpo. Zelda não vai continuar na Occam quando se mudar para lá — é longe demais. Vai tocar o próprio negócio de limpeza. Já disse isso a Elisa centenas de vezes, que vai levá-la com ela, contratar outras mulheres inteligentes, pagá-las bem como nenhum homem pagaria. Ela queria que a amiga levasse isso a sério. Elisa nunca leva, e é fácil entender por quê. Como Zelda conseguiria economizar dinheiro se o marido só trabalhava quando dava na telha? Que banco daria um empréstimo para uma mulher negra?

Zelda imagina que o refeitório durante o dia seja um paraíso de homens brancos, com suas brincadeiras grosseiras e jovialidade, mas à noite ele é vazio e tão ecoante quanto uma caverna. Passos soam em um corredor adjacente, aproximando-se. É Fleming, cada uma de suas promoções evidente em seu passo resolutivo. Zelda olha para Elisa, a melhor amiga, sua possível ruína, e sente seus sonhos de sair de Old West Baltimore, e da Occam, começarem a gotejar como o sangue das pontas do agulhão de Strickland.

— TEMOS UM PROBLEMA, garotas. Um problema de verdade.

A cena do crime ainda vibrava após a confusão de mais cedo. Sem que lhe peçam nada, Elisa enfia o esfregão na água com sabão, torce e passa no rastro de sangue. Fleming, enquanto isso, dá ordens a Zelda. É o que sempre acontece. Zelda, pelo menos, pode usar palavras para responder.

— Preciso de vocês duas lá na F-1 agora mesmo — prossegue ele.

— Serviço de emergência. Sem perguntas, por favor. Apenas façam o trabalho. Façam bem, mas façam rápido. Não temos muito tempo.

— O que o senhor quer que a gente faça? — pergunta Zelda.

— Zelda, o trabalho vai acabar mais rápido se você apenas ouvir. Há... material biológico. No chão. Talvez nas mesas. Chequem tudo, de qualquer modo. Não preciso explicar nada. Vocês conhecem o trabalho. Só deem um jeito de fazer tudo desaparecer.

Elisa olha para a porta. Há sangue na maçaneta.

— Mas... Nós vamos estar...

— Zelda, o que acabei de dizer? Eu não mandaria vocês duas para lá se não fosse perfeitamente seguro. Só fiquem longe do tanque. É aquele objeto grande de metal que vocês viram o sr. Strickland trazer. Não cheguem perto do tanque de jeito nenhum. Não tem por que fazerem isso. Está entendido? Zelda? Elisa?

— Sim, senhor — diz Zelda.

Elisa assente.

Fleming ia dizer mais, então verifica o relógio. Suas últimas palavras breves e lacônicas evidenciam uma perda de capacidade oratória perturbadora.

— Quinze minutos. Tudo imaculado. Discrição total.

O laboratório não está mais vazio e organizado. Brotaram do concreto diversos mastros e estacas de metal, cada uma delas construída com aros de ferro onde um objeto, ou uma criatura viva, poderia ser acorrentado. Carrinhos com o que pareciam aparelhos médicos estão espalhados pela sala feito tumores tecnológicos. No centro há uma maca com rodas apontadas em quatro direções diferentes. Instrumentos cirúrgicos estão esparramados como dentes arrancados por um soco. Gavetas estão abertas; pias, cheias, cigarros ainda emanando fumaça. Um queima no chão. Como sempre, o chão é a parte que vai dar mais trabalho.

Há sangue por todo lado. Observando a cena, Elisa pensa nas fotos que vira de planícies alagadas. Há um lago de sangue seco do

tamanho de um pneu abaixo das luzes fortes. Lagos, lagoas e poças menores traçam a corrida que o sr. Strickland fizera até a porta. Zelda passa com o carrinho por cima de um laguinho e faz uma careta para a trilha de sangue deixada pelas rodinhas. Elisa não tem escolha além de fazer o mesmo, pasma demais para pensar em uma estratégia mais inteligente.

Quinze minutos. Elisa joga água no chão, que se espalha, atinge bolhas de sangue, produz redemoinhos cor-de-rosa. Foi assim que lhe ensinaram no Lar, em todas as arenas de sua existência. Diluir o mistério da vida, o fascínio, o desejo, o horror, até não questionar mais nada. Ela enfia o esfregão no centro da substância viscosa e o arrasta de um lado para o outro, até que cerdas do objeto inchem e escureçam. Isso é normal. O som também é normal — o esfregar molhado, o ruído encharcado —, e ela se concentra nele. Aquela mancha de fuligem no concreto talvez fosse do disparo da arma de um PM; esfregão bem em cima dela. Aquilo é um agulhão de gado, um milhão de quilos de pura ameaça, impossível de erguer; esfregar em torno dele.

Elisa diz a si mesma para não olhar para o tanque. Não olhe para o tanque, Elisa. Ela olha para o tanque. Mesmo a dez metros de distância, perto da piscina grande, ele é grande demais para o laboratório, um dinossauro agachado à espera. O objeto tinha sido fixado a quatro pontos de apoios. Uma escada de madeira fornecia acesso a uma escotilha no alto. Fleming estava certo sobre uma coisa: não há qualquer sinal de sangue perto dele. Nenhuma razão para se aproximar. Elisa diz a si mesma para afastar os olhos. Afaste os olhos, Elisa. Ela não consegue afastar os olhos.

As duas mulheres e seus esfregões se encontram na ponta da área com sangue. Zelda confere seu relógio, esfrega o suor do nariz, pega o balde para derramar água uma última vez e acena com a cabeça para que Elisa tire os objetos do chão antes que sejam carregados pela corrente. Elisa se agacha e os recolhe. Um par de fórceps. Um bisturi com a lâmina quebrada. Uma seringa com a agulha torta. Com certeza são do dr. Hoffstetler, embora ela não consiga acreditar que o doutor possa fazer mal a alguém ou a qualquer coisa. Ele parecia devastado ao sair do laboratório. A mulher se levanta e arruma os objetos em uma mesa, como uma camareira de hotel. Ela escuta água escorrendo do balde e, em sua visão periférica, observa os tentáculos se alongando.

— Agora veja você! — exclama Zelda. — Os serventes têm que ir escondidos até a plataforma de carga para fumar. Enquanto isso, fumam charutos e mais charutos aqui como se isso fosse algum...

Zelda não é uma pessoa que se assusta com facilidade. Elisa se vira e vê o esfregão da amiga tombar para a frente. Suas mãos estão em

concha, segurando dois objetos pequenos que a água do esfregão lavou e trouxe de baixo da maca, objetos que ela acreditava serem charutos. Suas mãos tremem e se afastam, os objetos caem. Um deles atinge o chão em silêncio. O outro tilinta, e dele salta uma aliança de casamento prateada.

ZELDA FOI BUSCAR ajuda. Elisa conseguia ouvir o crepitar apressado das sapatilhas da amiga pelo corredor, enquanto ela mesma encarava os dedos de Strickland. O mindinho e o anelar. Unhas nodosas, tufo rudes de pelos nas juntas. A pele do anelar é pálida em uma extremidade, por anos bloqueada do sol pela aliança. A mente da mulher retorna à imagem de Strickland saindo pela porta do laboratório. Ele estava segurando a mão esquerda. Estes são dois dos dedos que ele enfiara no saco amassado de celofane de balas verdes e duras.

Ela não pode deixá-los ali. Dedos talvez possam ser reimplantados, Elisa já tinha lido sobre isso. Talvez o dr. Hoffstetler saiba como fazer essa operação. Seu rosto forma uma careta e a servente olha ao redor. A F-1 é um laboratório. Deve haver recipientes, béqueres. No entanto, os laboratórios da Occam zombam de pessoas como ela; é impossível decodificá-los, com seus instrumentos de utilidade secreta. Os olhos dela mergulham em desespero, e a mulher vê, ao lado de uma lata de lixo, algo mais endêmico a seu campo profissional: um saco de papel amassado e engordurado. Ela o pega, sacode para abri-lo e enfia a mão para operá-lo como a um fantoche. Aqueles pedaços no chão não são dedos humanos. São apenas lixo que precisa ser recolhido.

Elisa se ajoelha e tenta pegá-los. São semelhantes a dois pedaços de galinha, macios e pequenos demais para que ela consiga segurá-los com firmeza. Caem uma, duas vezes, espalhando sangue do mesmo modo que os pincéis caídos de Giles espalham tinta. Ela prende a respiração, cerra os dentes e pega os dedos com a mão nua. Eles estão tão mornos quanto um aperto de mão sem vigor. Elisa os coloca no saco e dobra a parte de cima. Está limpando a mão no uniforme quando avista a aliança. Não pode deixar aquilo lá, mas não vai voltar a abrir o saco de jeito nenhum. A servente pega a aliança e a joga no bolso do avental. Fica de pé e tenta retomar o fôlego. O saco parece vazio de tão leve, como se os dedos tivessem saído dali rastejando feito minhocas.

Elisa está sozinha, e tudo é silêncio. Mas será silêncio mesmo? Ela está consciente de um zumbido baixo, o ar liberado por uma saída de ventilação. Olha de novo para o lado oposto do laboratório, para o tanque. Uma segunda questão mais perturbadora se apresenta: será que está, afinal de contas, sozinha? Fleming foi bem claro quando disse a elas que não se aproximassem do tanque. Um bom conselho. *Não cheguem perto do tanque de jeito nenhum.* Elisa reforça a mensagem

para si mesma. Olha para baixo. Seus sapatos coloridos estão se movendo pelo chão que acabara de ser limpo. Ela está se aproximando do tanque.

Embora esteja cercada de tecnologia avançada, Elisa se sente como um homem das cavernas de desenho animado se aproximando de um arbusto apesar do rosnado que vem dele. O que era tolice dois milhões de ano atrás continua sendo tolice hoje em dia. Mesmo assim sua pulsação não se acelera como aconteceu diante dos dedos inofensivos de Strickland. Talvez porque Fleming lhe garantiu que não havia perigo. Ou porque toda noite Elisa sonhava com a mais escura das águas, e ali estava ela, além das vigias do tanque cilíndrico: escuridão, água.

A F-1 é iluminada demais para que a servente ajuste os olhos à penumbra do interior do tanque, por isso ela deixa o saco de papel no chão e apoia as mãos em concha na vigia. A luz refratada faz com que Elisa sinta como se estivesse entrando em uma espiral até se dar conta de que o outro lado da janela está debaixo d'água. Ela aperta o nariz contra o vidro e olha para o alto. Aí, finalmente, seu coração se acelera, junto aos velhos pesadelos do orfanato, da poliomielite, do pulmão de aço.

A água escura se revolve sob a luz fraca. A mulher prende a respiração; parecem vaga-lumes distantes. Ela espalma as mãos na vigia, pressionando o vidro, querendo se aproximar, sentindo uma necessidade física de fazer isso. A substância gira, se retorce, dança como um véu cheio de ornamentos. Entre os pontos de luz, uma forma se aglutina. Lixo flutuante, Elisa tenta dizer a si mesma, é só isso, e então um fecho de luz atinge um par de olhos fotorreceptores. Eles brilham como ouro através da água negra.

O vidro explode. Pelo menos, soa como se tivesse explodido. O estrondo é a batida da porta do laboratório se abrindo; o estilhaço, vários conjuntos de pés entrando acelerados; e o triturar é o saco de papel sendo recolhido pelas mãos de Elisa. Ela está se revelando uma verdadeira mulher das cavernas, recuando diante de uma ameaça feral e correndo na direção do âmago da civilização — Fleming, os PMs, o dr. Hoffstetler —, erguendo o saco com os dedos como se fosse um troféu, seu troféu por ter olhados nos olhos da aniquilação arrebatadora e vivido para contar a história. Ela está tonta com a sobrevivência, sem fôlego, quase chorando, quase gargalhando.

VÁRIOS ESCRITÓRIOS FORAM oferecidos a Strickland. Salas no primeiro andar com vistas panorâmicas para belos gramados verdejantes. Mas ele gostou de desprezar a generosidade de Fleming insistindo em ficar com a sala sem janelas das câmeras de segurança. Ordenou que Fleming providenciasse uma mesa, um armário, uma lata de lixo e dois telefones: um branco e outro vermelho. A sala é pequena, limpa, silenciosa e perfeita. Seus olhos passeiam pelo conjunto de dezesseis monitores de vídeo em preto e branco, divididos em fileiras de quatro. Os corredores intercambiáveis. O movimento esporádico de um funcionário do turno da noite caminhando lá fora. Depois das visões obstruídas pela floresta tropical, era um alívio poder observar tudo ao mesmo tempo.

Ele estuda as telas com atenção. A última vez que viu as duas serventes sentadas atrás dele naquele exato momento tinha sido no banheiro masculino, ele morrendo de vergonha pela urina, elas segurando o riso. A situação era diferente agora, não? Ali ele teria a oportunidade de restabelecer um relacionamento mais apropriado. Strickland deixa a mão esquerda à mostra. Dá às mulheres a chance de ver as ataduras, a forma dos dedos reimplantados — a chance de imaginar qual é a aparência deles. Ele podia lhes dizer: estão feios pra caralho. Os dedos não combinam com a mão. Têm uma cor esbranquiçada e são duros feito plástico, além de estarem presos por um fio preto da grossura das pernas de uma tarântula.

O único interesse de Strickland é que elas consigam ver seus dedos sob a luz mortíça. Ele desatarraxou as lâmpadas do teto após se acomodar, preferindo deixar que as dezesseis telas enchessem o escritório com um cinza fantasmagórico. Depois do brilho brutal da floresta, luzes fortes são como barulhos altos. A F-1 é intolerável. Hoffstetler começou a reduzir a luz à noite por causa da criatura, mas aquilo era ainda pior. A ideia de que ele e o recurso compartilham de uma sensibilidade à luz o enlouquece de raiva. Ele não é um animal. Deixou seu lado animal na Amazônia. Teve que fazer isso para manter a esperança de ser um bom marido, um bom pai.

Apenas para garantir que elas os vejam, ele agita os dedos costurados. O sangue grita, os monitores ficam indistintos. Strickland pisca, tentando não desmaiar. Essa dor, essa dor é diferente. Os médicos lhe deram remédios para ela. O frasco está bem ali na mesa. Mas os médicos não sabem que o sofrimento tem uma função? Ele o deixa mais forte, mais afiado. Não, muito obrigado, doutor. Balas

verdes são suficientes.

Pensar no gosto pronunciado, cortante e distrativo faz com que Strickland se vire. Como Lainie se recusava a desfazer as caixas da mudança, ele mesmo teve que encontrar a bala brasileira. Valia a pena. O saco chacoalha quando ele o pega, o ruído de um riacho limpo cruzando o campo. As bolas verdes e vítreas ricocheteiam entre seus dentes. Assim é melhor. Bem melhor. Ele exala enquanto sua língua é saborosamente apunhalada por açúcar e se joga na cadeira.

Strickland deveria agradecer àquelas duas serventes. Por encontrar seus dedos. Foi o que Fleming havia pedido que fizesse. Teria mandado o homem se catar, mas está entediado. Ficar sentado atrás de uma mesa o dia inteiro. Como as pessoas aguentam? Pegar cinquenta assinaturas antes de ser autorizado a assoar o nariz. Cem assinaturas antes de poder limpar a bunda. É uma pena que nenhum PM idiota tenha metido uma bala no recurso durante o ataque. Ele pensa em pegar o agulhão de gado, entrar na F-1 e resolver isso de uma vez, de modo que reste menos vida ao recurso para ser estudada. Depois que o deus Brânquia morrer, ele vai se livrar do general Hoyt e voltar para a esposa e os filhos. Ele quer isso, não quer? Acha que sim.

Além disso, não consegue dormir. Não com esse tipo de dor. Tudo bem. Vai demonstrar alguma gratidão às duas serventes idiotas. Mas vai fazer isso do seu jeito, deixando claro que ele não é uma criança que cresceu demais e é incapaz de não mijar no chão do banheiro. Enfim, ele não está com pressa de voltar para casa. O jeito que a esposa o olha, ele mal consegue aguentar. Os dedos nem se comparam ao que a selva arrancou dele, algo que Strickland tentou costurar de volta rapidamente. Ele está tentando. Ela não consegue ver que ele está tentando?

Ele pega o primeiro dos dois arquivos.

— Zelda D. Fuller.

— Sim, senhor — responde ela.

— Casada, diz aqui. Mas como o seu marido tem um sobrenome diferente? Se você é divorciada ou separada, isso devia constar no arquivo.

— Brewster é o primeiro nome dele, senhor.

— Tem mais cara de sobrenome.

— Sim, senhor. Mas não, senhor.

— Sim, mas não. Sim, mas não. — Ele gira o polegar direito sobre uma testa atormentada pela dor que avança pelo braço esquerdo. — Respostas desse tipo vão fazer com que isso dure a noite inteira. São meia-noite e meia. Madrugada. Eu podia ter pedido que viessem aqui no meio do dia, para facilitar minha vida, mas não foi o que fiz. O melhor que as duas podem fazer é retribuir o favor para que eu possa ir embora, deitar na minha cama, tomar café da manhã com meus

filhos. Isso parece bom para você, sra. Brewster? Com certeza você tem filhos.

— Não tenho, senhor.

— Não? E por que não?

— Não sei, senhor. Apenas nunca... vingou.

— Sinto muito por ouvir isso, sra. Brewster.

— É sra. Fuller, senhor. Brewster é o meu marido.

— Brewster. Isso só pode ser um sobrenome. Bom, com certeza você tem irmãos. Espero que saiba o que acontece com crianças.

— Infelizmente não tenho irmãos, senhor.

— Isso muito me surpreende. Não é algo raro? Para o seu povo?

— Minha mãe morreu no parto.

— Ah. — Strickland vira uma página. — Aqui está, página dois. Que pena. No entanto, se ela morreu dando à luz, você não deve nem sentir a falta dela.

— Não sei, senhor.

— Ver o lado bom das coisas, é disso que estou falando.

— Talvez, senhor.

Talvez. Parece que há dois balões se enchendo de ácido dentro da cabeça dele e apertando suas têmporas. *Talvez* explodam. *Talvez* sua pele descole do rosto, e essas garotas consigam ver seu crânio, aos gritos. Strickland pressiona a página com um dedo e converge os olhos vacilantes sobre ela. A mãe morta. Possíveis abortos espontâneos. Um casamento estranho. Não significam porra nenhuma. Palavras são inúteis. Veja as ordens do general Hoyt sobre o deus Brânquia, por exemplo. Claro, elas explicavam a missão. Mas revelavam algo sobre como a selva invade você? Como as trepadeiras entram no mosquitoireiro enquanto você dorme, deslizando entre seus lábios, penetrando através de seu esôfago e estrangulando seu coração?

Em algum lugar há uma pasta do governo com informações sobre a coisa na F-1, e essas informações são uma bobagem, também. O que tem dentro daquele tanque não pode ser descrito em palavras. São necessários todos os sentidos para fazer isso. Os de Strickland estavam elétricos na Amazônia, abastecidos pela raiva e pelo buchitê. Voltar aos Estados Unidos o deixou embotado. Baltimore o pôs em coma. Talvez ter dois dedos decepados o desperte de novo. Porque olhe só para ele. Ali, em plena madrugada, ouvindo funcionárias noturnas mal pagas, contratadas precisamente porque são mulheres preguiçosas e ignorantes, dizerem a ele, na sua cara, *talvez*.

— O QUE SIGNIFICA o *D*? — pergunta ele.

Zelda passou a vida inteira sendo ameaçada por homens poderosos. Certa vez, um siderúrgico a seguiu até o parquinho para lhe dizer que o pai dela havia roubado o emprego de um homem branco na Bethlehem e ia ser enforcado. Os professores na Douglass High achavam que ensinar garotas negras só faria com que elas cobiçassem coisas que jamais teriam. Um guia do Forte McHenry informou o número de soldados da União mortos na Guerra Civil e, em seguida, perguntou a Zelda se ela não queria agradecer a seus colegas de turma brancos. Na Occam, porém, as ameaças vinham apenas de Fleming, e a mulher tinha aprendido a lidar com elas. Conhecer a lista de tarefas do controle de qualidade de trás para a frente. Saber como parecer desamparada. Saber lisonjear.

O sr. Strickland é diferente. Zelda não o conhece e sente que não faria diferença alguma se o conhecesse. Ele tem olhos de leão, como os do que ela vira uma vez no zoológico, impossíveis de ler e de detectar o nível de agressividade. Zelda não conseguia identificar qualquer pista do motivo para ela e Elisa terem sido chamadas diante daquela parede de monitores de segurança, mas não podia ser algo bom.

— O *D*, senhor? — retruca ela.

— Zelda D. Fuller.

Esta é uma pergunta com uma resposta. Ela se adianta para respondê-la, com imprudência.

— Dalila. O senhor sabe, da Bíblia.

— Dalila? Sua mãe morta lhe deu esse nome?

Ela sabe absorver um golpe.

— Foi o que meu pai me disse, senhor. Ela queria ter uma menina.

Strickland morde a bala. Ele também faz isso como um leão, com as mandíbulas bem abertas. Zelda conhece bala barata quando vê uma, pois praticamente cresceu comendo isso, mas esse é um novo nível de barato. O confeito se parte de um jeito horroroso; ela vê lascas penetrarem na bochecha e nas gengivas do homem. Vê sangue também, diluído por saliva, e quase pode sentir o gosto, frio e débil, tão oposto à bala dura quanto o vermelho é do verde.

— Uma senhora interessante, essa sua mãe morta — diz ele. — Você sabe o que Dalila fez, não sabe?

Zelda entra nas sessões de reprimenda de Fleming preparada para contrariar afirmações de que as serventes roubaram algo que os cientistas distraídos tinham apenas colocado em outro lugar. Nunca

antes ela precisou reunir dados sobre personagens bíblicos.

— Eu... Na igreja, eles...

— Minha esposa frequenta a igreja, por isso conheço boa parte das histórias. Eu me lembro de Deus dando a Sansão muita força. O homem matou um exército inteiro com uma queixada de burro, esse tipo de coisa. Agora, aquela Dalila era uma sedutora. Fez com que Sansão contasse seu segredo. Então ela manda um criado cortar o cabelo dele e chama os próprios amigos, os filisteus, para furarem os seus olhos e o mutilarem até ele praticamente não ser mais um homem. Sansão se torna só uma coisa que eles torturam. Essa é Dalila. Grande crédito para as mulheres. Um nome estranho, é só o que estou dizendo.

A conversa não deveria se desenrolar assim, não é justo. Zelda conhece as mesmas histórias bíblicas, mas seu corpo a trai, transforma-a na pateta que Strickland espera que ela seja — a mulher pode sentir os olhos se arregalarem e os lábios tremerem. Strickland examina a pasta, e Zelda pode ouvir seu *tsc, tsc* silencioso. Ela fica envergonhada por sentir alívio quando o homem transfere o olhar para Elisa. Zelda, no entanto, ainda consegue ouvir os pensamentos dele. A preguiça não é um problema exclusivo dos negros, não, senhor. A classe baixa é assim porque não tem iniciativa. Veja essa mulher. Um rosto correto, uma figura até apresentável. Se tivesse um pingão de iniciativa, estaria falando sobre limpar a casa e cuidar dos filhos, não trabalhando no turno da madrugada como alguma espécie de besta noturna.

Strickland tritura a bala e pega o segundo arquivo.

— Elisa Esposito — diz ele. — Es-po-si-to. Você é descendente de mexicanos, ou algo assim?

Zelda olha para ela. O rosto da amiga está tenso, como sempre acontece quando alguém ainda não sabe que ela é muda. Zelda pigarreia e intercede.

— É um sobrenome italiano, senhor. Eles o dão para os órfãos. Elisa foi encontrada às margens do rio quando era bebê, por isso esse sobrenome.

Strickland faz cara feia para Zelda. A servente conhece a expressão. Ele está ficando cansado de ouvi-la falar. Criar mitos para engrandecer a si mesma, ele deve acreditar, é mais uma falha da classe baixa. Essa garota foi encontrada perto do rio. Esse garoto nasceu empelcado. Histórias de origem patéticas entoadas como prova de divindade.

— Há quanto tempo vocês se conhecem? — resmunga ele.

— Desde que Elisa começou a trabalhar na Occam, senhor. Catorze anos?

— Isso é bom. Significa que as duas sabem como as coisas funcionam por aqui. Como as coisas precisam continuar funcionando.

Foram vocês que encontraram meus dedos? — Ele esfrega a cabeça. Está suando. Parece agoniado. — Isso foi uma pergunta. Vocês podem responder.

— Sim, senhor.

— Agradeço por isso. Nós achamos que eles tivessem sido... não importa o que achamos. Mas o saco de papel não me agradou muito. Devia ter algo melhor que um saco, não? O médico falou que um trapo molhado teria sido tão bom quanto gelo. E que perderam um bom tempo esterilizando os dedos antes de poderem identificar os nervos e outras coisas. Não estou tentando jogar a culpa em vocês. Ainda assim. Neste momento, não sabemos o que vai acontecer. É como o que a Dalila aqui disse sobre filhos. Os dedos vão vingar ou não. Bom, é isso. É o que tenho a dizer sobre o assunto.

— Sinto muito, senhor. Nós fizemos o melhor possível.

Um pedido sincero de desculpas feito logo antes de se sentir mal em relação a pedir desculpas: esse é o método de Zelda. Strickland assente, mas há um problema aí. Ele olha para Elisa, esperando o mesmo, e a impaciência torna sombrio o rosto cansado e sofrido. O silêncio dela parece grosseria. Não há como evitar isso. Zelda faz uma oração e entra mais uma vez na jaula do leão.

— Elisa não fala, senhor.

O TRABALHO MILITAR incute certas suposições em um homem. Uma pessoa que não fala é suspeita. Essas duas mulheres estão escolhendo a beligerância. Estão escondendo algo. Não parecem espertas o bastante para subterfúgios, mas nunca se sabe. É nas classes mais baixas, afinal de contas, que estão os comunistas, os sindicalistas, as pessoas com nada a perder.

— Ela não pode falar? — pergunta Strickland. — Ou prefere não fazer isso?

— Não pode, senhor.

O latejar em seu braço fica mais fraco. É uma informação interessante. Explica por que essa Elisa Esposito está há tanto tempo nesse emprego de merda. Não é falta de obstinação, mas limitação. Provavelmente está tudo explicado na página dois. No entanto, ele fecha a pasta e lança na direção dela um olhar demorado. A garota pode ouvir muito bem, disso ele tem certeza. Há algo de arrebatador nela. Os olhos da servente estão fixos nos lábios dele de um jeito que a maioria das mulheres consideraria indelicado. Ele a perscruta com mais atenção, desejando ter a visão do buchitê, e vê a cicatriz sob a sombra da gola da camisa.

— Algum tipo de operação?

— Ninguém sabe — responde Zelda. — Podem ter sido os pais que fizeram isso com ela. Ou talvez alguém no orfanato.

— Mas por que fariam isso com um bebê?

— Bebês choram — diz Zelda. — Pode ser que isso tenha sido suficiente.

Strickland regride no tempo, para quando Timmy e Tammy eram pequenos. Lembra-se de como ficava impressionado com o estado de Lainie toda vez que voltava de Washington para a Flórida. Encontrava a esposa exausta, descabelada, os dedos enrugados por causa dos inúmeros banhos nas crianças e de tanto lavar fraldas de pano. Agora imagine trabalhar em um orfanato. Imagine ter que cuidar não de um bebê ou dois, mas de dezenas. Ele leu estudos militares sobre privação do sono. Sabe como ideias perigosas de repente começam a parecer sãs.

O homem quer pedir a Elisa que estique o pescoço para que possa ver as marcas acetinadas das cicatrizes banhadas pela luz cinza dos monitores. A ferocidade dos olhos dela a deixam com um ar selvagem; as feridas indicam que foi domada. É uma combinação interessante. Ela se remexe desconfortável diante do olhar dele e cruza as pernas.

Pronto, é isso. Apenas uma garota comum, no fim das contas. Só que Strickland repara em algo que o surpreende. Ela não está com os sapatos de sola de borracha que todos os outros serventes usam na Occam. Os dela são coral. Ele via sapatos assim o tempo todo no Japão. Pintados nas laterais de bombardeiros da Força Aérea. Usados por *pin-ups*. Na vida real, porém, quase nunca.

Elisa Esposito olha fixamente para as mãos entrelaçadas, como todos fazem, então parece se lembrar de algo. Ela enfia a mão no bolso do avental, retira um objeto pequenino e brilhante e o estende. A garota está com uma aura sombria, o que torna estranho o movimento da outra mão. Ela está com o polegar erguido, girando o punho acima dos seios. O homem conclui que ela é doida de pedra, até que a mulher negra intervém para lembrá-lo da linguagem de sinais.

— Isso significa “desculpa” — explica Zelda.

A garota está com a aliança de casamento dele. Também deve ter caído da garganta do recurso, ele supõe. Lainie vai ficar feliz. O homem, entretanto, não sente nada. Examina o rosto de Elisa, mas não consegue enxergar nada de desonesto na oferta. Ela não roubou a aliança nem nada do tipo. Sua expressão é sincera. O movimento circular da mão acima dos seios parece menos simiesco, mais sensual. Então se dá conta: sua nova aversão a luzes e barulhos — ali estava uma mulher que parecia construída de acordo com essas especificações. Uma mulher que trabalha na escuridão da noite. Uma mulher que não pode dar um pio.

Ele forma uma concha com a mão direita e permite que ela deposite a aliança ali. Parece algo cerimonial, um casamento invertido.

— Não posso botá-la ainda — disse ele. — Mas obrigado.

A garota dá de ombros e assente. Os olhos dela continuam fixados nos dele. Merda, é quase enervante. Ele odeia isso. E meio que gosta também. Desvia o olhar — isso é incomum — para os sapatos coral, mas hesita. O braço começa a doer. Ele cerra os dentes, procura o saco de balas, mas, em vez disso, abre a gaveta da mesa. O frasco de analgésicos está bem ali, branco e brilhante em meio aos lápis Eagle Black Warrior. Suor brota de sua testa, e ele tenta não enxugá-lo. Esfregar suor não é um gesto que transmita poder.

— Isso é a primeira coisa — diz ele. — A segunda coisa é a F-1.

A negra abre a boca. Strickland levanta a mão para interrompê-la.

— Eu sei. Vocês assinaram os documentos, já sei dessa babaquice toda. Não me interessa. Meu trabalho é garantir que vocês entendam o peso dessa assinatura. Estão aqui há catorze anos, não é? Isso é bom. Talvez no ano que vem vocês ganhem um bolo. Quando escuto catorze anos, sabem o que eu penso? Que alguém que está há tanto tempo assim em um lugar fica preguiçoso. Bom, o sr. Fleming disse a vocês

para não limparem a F-1 a menos que ele mande, certo? Mas deixe-me contar uma coisa para vocês: se desobedecerem a essa ordem, não é com o sr. Fleming que terão que lidar, mas comigo. E quem eu represento? O governo americano. Não seria apenas um problema local. Seria um problema federal. Está entendido?

Elisa descruza as pernas. Um sinal de compreensão, de submissão, embora ele lamente perder o sapato de vista. Um dos telefones começa a tocar. O balão de ácido debaixo de suas têmporas explode com o barulho e desce por seu braço, acumulando-se sob a aliança de casamento na palma da mão. Uma ligação tão tarde? Ele flexiona a mão ruim, na esperança de reduzir a dor.

— Ainda não terminei. Vocês podem ter visto algumas coisas. Não importa.

Ele está vendo coisas também, faixas de sangue vermelho e impuro bombeadas diretamente em seus globos oculares. Vermelho — é o telefone vermelho tocando. Washington. Talvez o general Hoyt. Ele tem que tirar aquelas mulheres da droga do seu escritório. Sem pedir licença, sua rivalidade com o deus Brânquia se ergue do pântano, da areia movediça, das profundezas negras da infelicidade. O telefone vermelho, o sangue vermelho, a lua vermelha da Amazônia.

— Para encerrar. Escutem, só escutem. Não é preciso ser gênio para saber que estamos lidando com um espécime vivo aqui. Isso não importa. Nem um pouco. Tudo que vocês precisam saber é o seguinte: aquela coisa na F-1? Ela pode andar em duas pernas, mas somos nós quem fomos feitos à imagem e semelhança de Deus. Nós. Não é verdade, Dalila?

A inútil da mulher não consegue emitir mais que um sussurro.

— Eu não sei qual é a aparência de Deus, senhor.

A dor agora é absoluta. Ele tem consciência de cada terminação nervosa. Parecia que todas as luzes no interior de seu corpo tinham sido ligadas. Está bem, ele vai tomar os analgésicos, já está pegando o frasco. Vai atender ao telefone vermelho com a boca cheia de comprimidos parcialmente mastigados. Drogas sintéticas, afinal de contas, são o que homens civilizados ingerem. E ele é civilizado. Ou vai ser. Muito em breve. Esse telefonema vai ser um bom teste. Estão tomando decisões sobre o recurso. E para dar suas opiniões ele vai precisar de controle. Strickland abre o frasco de analgésicos com o polegar.

— Deus parece *humano*, Dalila. Ele se parece comigo, com você — diz ele, indicando a porta com a cabeça. — Embora, se formos honestos, ele provavelmente se pareça um pouco mais comigo.

OS SONHOS DE Elisa começaram a se desanuviar. Ela está deitada no fundo de um rio. Tudo é esmeralda. Os pés estão apoiados em pedras cobertas de musgo, e ela os estica, deslizando por gramas que a acariciam, afastando os galhos aveludados das árvores submarinas. Objetos que ela reconhece aparecem gradualmente. Seu cronômetro de ovos em uma cambalhota lenta. Os próprios ovos, pequenas luas em rotação. Sapatos passam rodopiando como um cardume de peixes desajeitados e capas de discos descem como arraias.

Dois dedos humanos surgem em sua vista, e ela acorda.

Muitas coisas em Richard Strickland incomodam Elisa, mas são seus dedos que a assombram. São necessários vários desses sonhos até que, certa noite, ela acorde de repente e compreenda o porquê. Elisa usa os próprios dedos para interagir com o mundo. Então faz sentido, conclui ela, que tenha medo de um homem que corre o risco de perder os seus. Aplica o mesmo pensamento às pessoas que usam as palavras, e é horrível: os dentes de Strickland tropeçando em lábios rachados, um homem incapaz — ou que não sente vontade — de entender o que faz antes de fazê-lo.

Elisa também tem coisas que não quer discutir. Ela e Zelda estão na metade do turno da noite, quando trabalham separadas. Elisa pressiona o ouvido na porta fria como gelo da F-1. Prende a respiração e escuta. Vozes costumam atravessar as paredes dos laboratórios, mas nesta noite não há nenhuma. Ela torna a olhar para o carrinho, que deixou diante de outro laboratório no corredor; com sorte, será o suficiente para ludibriar Zelda caso ela decida se juntar à amiga antes do esperado. Elisa se sente exposta carregando tão pouco: apenas um saco de papel pardo e sua chave-cartão. Ela a enfia na tranca, desejando que o encaixe fosse mais delicado.

A iluminação na Occam é sempre forte, inflexível. As luzes não se apagam. Elisa nunca viu sequer um único interruptor. Por isso, a obscuridade da F-1 é tão chocante quanto um incêndio. Depois de entrar, ela fica encostada na porta fechada, morrendo de medo de que algo tenha dado errado. Elisa logo percebe que aquela disposição foi claramente planejada: um perímetro de lâmpadas instaladas ao longo da parede irradiam um brilho de mel.

Há luz suficiente para se ver, mas há ruídos também, que mantêm Elisa presa à porta. *Reek-reek, chuk-a-chuk, zuh-zuh-zuh, thoonk, hee-hee-hee-hee-hee, thrub-thrub, curu-curu, zeee-eee-eee, hik-rik-hik-rik, lug-alug-a-lug, fyeeew*. Elisa passou todos os dias de sua vida na cidade,

mas ainda assim sabe que esses sons pertencem à natureza, e não àquele *bunker* de concreto. Eles superam a inércia da madrugada na F-1, impregnando cada mesa, cadeira e armário com uma ameaça predatória. Há monstros soltos no laboratório.

A razão domina o medo. As árias de aves e os lamentos de sapos vêm de uma única fonte à direita. São gravações. Estar ali não é muito diferente de ver um filme no Arcade: as luzes baixas, a trilha sonora emanando das caixas de som. Algum cientista da Occam projetara o que Giles chamaria de *mise-en-scène*, uma atmosfera no interior da qual se desenrola a fantasia exibida na tela. Ela imagina que tenha sido obra de Bob Hoffstetler. Se alguém naquela instalação tem a empatia necessária para essa empreitada artística, é ele.

Elisa vai até o ponto onde recolheu os dedos de Strickland no chão. Seus passos fazem barulho, e ela amaldiçoa seu esquecimento. Queria ter colocado os tênis com sola de borracha. Ou os saltos roxos que está usando foram uma inspiração subconsciente? Há um chiado à direita. Uma anaconda atraída pelos encantos da selva? Não, é um gravador de rolo. A superfície de aço inoxidável brilha como um rio iluminado pelo luar. Elisa se aproxima até estar perto o suficiente para ver os mostradores de volume aos saltos. Também dá uma olhada nas latas empilhadas. CAMPO MARAÑON Nº 5. CAMPO TOCANTINS Nº 3. XINGU/CAMPO DESCONHECIDO Nº 1. Também há reunida ali uma montanha de outros equipamentos de áudio, nenhum dos quais ela consegue identificar, exceto por um toca-discos padrão.

Ela se afasta e contorna o tanque. Outro sinal de mau agouro: a escotilha superior está aberta. Ela espera que os pelos do pescoço e dos braços se arrepiem de medo, mas isso não acontece. Elisa prossegue na direção da piscina. Foi a piscina, na verdade, que monopolizou sua mente. Em todo banho que toma, ela absorve aquela piscina, ou ao menos finge fazer isso. Esse faz de conta persiste durante toda sua rotina: ovos boiando na água, o ruído do cronômetro, a esperança dos sapatos, a decepção dos LPs, Giles detendo seu pincel para lhe desejar boa noite, sem ter ideia dos pensamentos estranhos na cabeça dela.

Há uma linha vermelha pintada no chão a trinta centímetros da piscina. Não é seguro avançar mais. Então por que ela está considerando fazer isso? Por que não consegue tirar aquilo da cabeça, aquela coisa que o sr. Strickland arrastou até ali, que os PMs guardam com suas armas, que o dr. Hoffstetler se dedica a estudar? Ela sabe que já foi a coisa na água antes. Sempre foi a pessoa sem voz de quem os homens tiraram proveito sem jamais perguntar o que ela queria. Ela pode ser melhor que isso. Pode equilibrar as coisas. Pode fazer o que nenhum homem jamais tentou fazer com ela: se comunicar.

Elisa avança até que a borda de sessenta centímetros toque suas

coxas. A superfície da água está imóvel. Mas não perfeitamente imóvel. É preciso apenas olhar, olhar com atenção, para ver a água respirar. Ela inspira, expira e põe o saco com o lanche na mureta. Ele se amassa, provocando um ruído alto como uma pá mergulhando na terra. Ela olha para a água à espera de alguma reação. Nada. Enfia a mão no saco e se encolhe ao ouvir o barulho que o papel faz. Encontra o que quer e o retira dali; ele brilha sob a luz suave. Um único ovo cozido.

Por dias ela tomou coragem para acrescentar aquele ovo aos três que faz todas as noites para Giles. Agora ela o descasca. Suas mãos estão tremendo. Ela nunca descascou um ovo tão mal na vida. Fragmentos brancos caem na beirada. O ovo enfim é revelado, e o que é mais coerente e elementar que um ovo? Elisa o segura na palma da mão como o objeto mágico que é.

E a água responde.



HÁ UM MOVIMENTO escuro debaixo d'água, como a contração repentina da perna de um cachorro adormecido, e um jorro de trinta centímetros se forma no centro da piscina. O líquido cai e ecoa em círculos concêntricos e delicados — e então o balbuciar suave do laboratório é abafado por um som metálico. A água se rasga em forma de X quando quatro correntes de cinco metros, cada uma delas presa a um canto da piscina, se esticam e cortam a superfície feito barbatanas de tubarão, com espuma chiando e água escorrendo, tudo isso ligado a uma única forma se erguendo.

A água cortante, as refrações de arco-íris, as sombras de asas de morcego. Elisa não consegue entender o que está vendo. Ali: os reflexos de moedas de ouro que viu pela primeira vez no tanque, sol e lua. O ângulo se altera e o brilho dos olhos então se apaga. A mulher vê que são olhos de verdade. Azuis. Não... verdes, castanhos. Não... cinzentos, vermelhos, amarelos, tantos tons improváveis. A coisa se aproxima. A água atende aos seus comandos e mal cria ondas. Seu nariz é pequeno, reptiliano. A mandíbula inferior tem muitas junções, mas forma uma linha reta e nobre. A coisa se aproxima. Ereta, como se não estivesse mais nadando, e sim caminhando. É a imagem de Deus à qual Strickland se referiu, movendo-se como um humano. Porém, se este é o caso, por que Elisa sente que a criatura é todo animal que já existiu? A coisa se aproxima. Guelras de ambos os lados do pescoço se movem feito borboletas. O pescoço está preso e machucado por uma coleira de metal presa a quatro correntes. A coisa se aproxima. Ela tem físico de nadador, com ombros fortes, que se assemelham a punhos cerrados, mas o tronco é de um bailarino. Ela é coberta por escamas pequeninas, que cintilam como diamantes e reluzem como seda. Sulcos percorrem todo o corpo em padrões elaborados e retorcidos. Ela não está mais se mexendo. Está a um metro e meio de distância. Até a água que escorre de seu corpo não faz nenhum som.

A criatura olha do ovo para Elisa. Seus olhos brilham.

Elisa volta à realidade com o coração batendo forte. Ela põe o ovo descascado na borda da piscina, pega o saco de papel e atravessa a linha vermelha. Sua postura é defensiva, e a criatura responde, abaixando-se até que apenas o topo liso de sua cabeça fica visível. Os olhos se cravam nos de Elisa por um momento desconfortável antes de voltarem para o ovo; os olhos, desse ângulo, ficam azuis. A coisa desliza para a esquerda, como se esperasse que o ovo acompanhasse o

movimento.

Ele não confia em ninguém, pensa Elisa, e então percebe, com surpresa, que a criatura é um macho. De algum modo, ela tem certeza disso. Está na rudeza de seu porte, na franqueza de seu olhar. Um pensamento desconfortável passa pela mente de Elisa: se ela sabe que ele é macho, ele deve saber que ela é fêmea. A servente ordena a si mesma que fique parada. A criatura pode ser a primeira coisa humanoide que ela conhece que é mais impotente que ela. Elisa acena com a cabeça para que ele vá em frente e pegue o ovo.

Ele avança o máximo que as correntes permitem, até sessenta centímetros da borda. No momento em que a mulher está avaliando que a linha vermelha foi pintada a uma distância bastante cautelosa, a mandíbula inferior da criatura se abre, e uma mandíbula secundária se projeta como um punho feito de osso. Uma fração de segundo depois, o ovo desapareceu, a mandíbula se retraiu, e a água está imóvel, como se nada disso tivesse acontecido. A mulher não teve tempo nem de levar um susto; ela visualiza os dedos de Strickland caindo no chão.

A superfície da piscina tremula, um bilhão de pontos que se mexem com o que ela interpreta como prazer. A criatura encara Elisa com olhos tão brilhantes que estão brancos. A mulher respira, tentando retomar o fôlego, usando sua boca pequenina e com uma única mandíbula, e se dedica a seguir em frente, seguir em frente, seguir em frente. Leva a mão trêmula outra vez ao saco. Elos de corrente fazem barulhos quando ele ergue um ombro para se proteger do que pode ser uma arma. Isso, ela percebe, é o que ele passou a esperar da Occam.

Contudo, é só o último ovo. Elisa o ergue para que ele possa vê-lo; em seguida, quebra-o contra os nós dos dedos da outra mão e tira parte da casca. Com cuidado, agora, com cuidado — ela estende o braço, o ovo erguido na palma da mão, a postura como a de uma deusa mítica oferecendo um presente. Ele não confia. Ergue a parte superior do corpo como se fosse um golfinho e sibila. Suas guelras se incham, exibindo um alerta vermelho-sangue. A mulher abaixa o rosto para demonstrar submissão; aquela não é uma mera demonstração. Ela espera. As mandíbulas dele rangem, mas as guelras se retraem. Elisa contrai os lábios e volta a estender o braço. Muda o ovo de posição e o segura no topo dos dedos, como uma bola de golfe sobre o pino.

Elisa está fora do alcance da mandíbula dele e, espera, do braço. Ela ergue a outra mão até a mesma posição do ovo. Não pode sinalizar a palavra “ovo” sem deixá-lo cair. Portanto, sinaliza as letras. Ele não reage. Então, ela sinaliza outra vez, o polegar junto dos outros dedos para o O, os dedos indicador e médio em V, e se pergunta o que aqueles sinais poderiam significar para ele. Lobo? Flecha? Aguilhão de gado? Ela mostra o ovo e sinaliza. Elisa precisa desesperadamente que

ele entenda. Essa criatura que parece ter se materializado direto de seus sonhos não pode existir completamente dentro da realidade dela a menos que entenda. O ovo, os sinais. Ovo, sinais, ovo, sinais.

A mão de Elisa está começando a doer quando a criatura enfim reage. Depois que decide agir, não demonstra hesitação: flutua para o mais perto da borda que as correntes permitem e ergue o braço sem agitar a água ou fazer barulho. Espinhos se projetam de seu antebraço como barbatanas dorsais. Seus dedos são ligados por membranas translúcidas e terminam em garras curvas. Isso faz com que a mão pareça enorme, e quando os dedos se flexionam, é difícil imaginá-los fazendo isso por alguma razão que não seja esmagar uma presa.

Os dedos se curvam nas segundas articulações. O polegar se enrosca sobre as escamas pálidas da palma da mão e toca a ponta dos outros dedos. As linhas se dobram feito couro diáfano. É um O, um O desajeitado, mas Elisa acredita que a criatura está acostumada a gestos bem mais amplos: movimentos de corpo inteiro em mares tempestuosos, ataques velozes, estender-se em toda sua altura sob um sol tropical. A mulher sente como se fosse ela quem estivesse embaixo d'água. A criatura mergulha as guelras na piscina como se para lembrá-la de respirar.

A mão dele desfaz o O e os dedos se abrem em um leque hesitante. Elisa acena com a cabeça e sinaliza o V, apontando para a esquerda dela. Isso é considerado uma boa sinalização, mas a criatura é principiante. Quatro dedos dele se fecham sobre a palma da mão, e ele aponta o indicador para Elisa. A visão dela gira. O peito de Elisa pulsa de alegria, chega quase a doer. Ele a vê. Ele não olha através dela como os homens da Occam ou além dela como as mulheres de Baltimore. Esse lindo ser, mesmo depois de machucar aqueles que o machucaram antes, está apontando para ela, e só para ela.

Elisa abaixa a mão que sinalizava e se aproxima, os saltos roxos imprudentemente avançando sobre a linha vermelha. A criatura agita os braços à espera; seus olhos, azuis agora, observam o corpo dela com tamanha atenção que a mulher se sente nua. Elisa leva o ovo para além da borda, na zona de risco, já sem medo de acontecer com ela o que se sucedeu com Strickland. A criatura se ergue, sem mais nenhum traço de cautela, as guelras inchadas, o peito estufado e a água escorrendo do esplendor das escamas que lembram pedras preciosas. Ele é o que as gravações de campo na floresta apenas sugeriam: algo puro.

A servente lamenta o aço pesado fechado no pescoço e no peito dele antes de perceber uma segunda perversão no lado esquerdo do corpo. Quatro suturas de metal mantêm fechado um corte das costelas ao músculo oblíquo externo do abdômen. Sangue boia na água como cravos afogados. Enquanto Elisa observa de cenho franzido a ferida

horrível, o ser ataca com a velocidade de uma víbora. O ovo é apanhado — a mulher sente apenas uma brisa vinda dos dedos com membranas e um frescor das escamas —, e então a criatura submerge, nadando de cabeça para baixo até alcançar o centro da piscina. Elisa fecha a mão vazia. Está tremendo. A criatura retorna à superfície, a centenas de quilômetros solitários de distância, passando o nariz pela casca do ovo — ele a retira com uma garra, parecendo se perguntar como a humana tinha conseguido descascá-lo.

Por fim, ele ataca o ovo com garras e dentes. Restos de casca captam a luz baixa tal qual os cacos de um espelho quebrado. Elisa não consegue evitar: um riso silencioso sai de seus pulmões. A mastigação — se há alguma — é breve, e então a criatura se vira na direção dela, com os olhos de moeda girando, reconhecendo que a mulher é capaz de maravilhas. Elisa nunca recebeu um olhar desses antes. Fica entusiasmada com isso, mesmo com a sensação de ter os saltos roxos pregados no chão.

O barulho da selva é interrompido. Um estouro ensurdecedor atinge o laboratório como um estrondo sônico, e a criatura mergulha, desaparecendo sem provocar marolas. Elisa se assusta, pensando ter sido descoberta, até que um som suave e ondulante diz a ela que a fita terminou e que o rolo está girando. Aquilo não pode ser bom para a máquina; alguém logo vai aparecer para desligá-la ou rebobinar a fita; Elisa precisa sair da F-1 e ficar satisfeita com o que fez, e ela está — tanto que amanhã seu peito com certeza estará machucado devido ao martelar feroz de seu coração.

OVOS JÁ SÃO ruins o suficiente. Mas uma omelete é pior. Omeletes exigem garfo e faca. Lainie devia ter pensado nisso. Que esposa não pensa nesse tipo de coisa? Strickland consegue pegar o garfo com a mão direita. A faca, porém, não é tão fácil, não com esses dedos. Ele olha para ela, que nem percebe. Strickland está longe dos pensamentos de Lainie. Não há outra maneira de dizer isso. Um ano e meio lutando na Amazônia enquanto ela fazia o quê? Limpava suco derramado? Uma mulher devia prever as necessidades do marido. Manter as coisas limpas e arrumadas em todas as áreas da vida.

Olhe só para aquele lugar. Semanas se passaram desde que chegaram a Baltimore, e a casa ainda está inabitável, parece algo saído da região do Tapajós. Sutiãs e meias molhadas pendem do cano da cortina do box feito cipós. O calor está se igualando ao do verão amazônico. A televisão zumbe como insetos enquanto Timmy e Tammy atacam a comida igual a porcos-do-mato. E aquelas malditas caixas fechadas. Quando ele enfim consegue relaxar, as caixas se erguem como os Andes, e logo ele está de volta àquele lugar outra vez, com os pés presos pela sucção da lama (carpete felpudo), sem fôlego na névoa febril (purificador de ar), paralisado diante da onça à espreita (aspirador de pó).

Um homem não gosta de se sentir uma presa na própria casa. Cada vez mais, ele fica até tarde na Occam, embora não tenha nada para fazer. Como uma televisão pode se comparar a dezesseis monitores de segurança? “Você nunca está em casa”, diz Lainie de mau humor. A paciência dele está se esgotando. Ela acha a mudança revigorante, e Strickland começou a odiá-la por isso. Sobretudo porque ele não consegue sentir o mesmo — não até que a situação do recurso esteja resolvida e Strickland não pertença mais a Hoyt. Talvez, se ela limpasse o lugar, ele não ficaria mais com taquicardia e suportasse permanecer ali.

Café da manhã em família, a única razão para ele estar acordado depois de apenas quatro horas de sono. Então, por que está sozinho à mesa? Lainie está chamando as crianças, mas elas não escutam. A esposa está rindo, como se o comportamento dos filhos fosse aceitável. Ela está correndo atrás deles. Descalça outra vez. Isso é algum tipo de moda agora? Pessoas pobres andam descalças. Eles não são pobres. Strickland se lembra dos sapatos coral de Elisa Esposito, os dedos à mostra, rosados. É assim que todas as mulheres deveriam ser. Na verdade, Elisa lhe parece a evolução natural da espécie feminina:

limpa, colorida, silenciosa. Ele desvia os olhos dos pés da esposa, enojado, e os volta para o prato, para a omelete impossível de ser comida.

Na última vez que trocou os curativos, botou a aliança de casamento de volta no dedo anelar inchado e descolorido. Achou que Lainie fosse gostar. Mas foi um erro. Agora não consegue tirar o anel. Strickland tenta fazer com que os dedos segurem a faca. A dor parece uma trepadeira sendo arrastada por suas artérias. Seu rosto está molhado de suor. A casa é quente demais. Ele procura algo frio. A garrafa de leite. Ele a pega, bebe do gargalo e engasga ao terminar. Vê Lainie na cozinha, observando-o intrigada. Só porque ele bebeu da garrafa? No ano passado, comeu carne de onça-parda crua no chão da floresta. Ainda se sente culpado por isso. Larga a garrafa e se sente perdido, um estranho. Strickland é um dedo em putrefação, e Baltimore é o corpo que está rejeitando o reimplante.

Ele pega o garfo e consegue apertar a faca contra a palma da mão esquerda.

A faca chega ao queijo; o cabo tilinta contra sua aliança. Ele sente dor, murmura palavrões e vê Tammy sentada à frente, encarando-o. A garota está ficando acostumada a ver o pai tenso. Isso faz com que ele se sinta um fraco, e Strickland não pode se dar a esse luxo, não com o general Hoyt recebendo atualizações diárias da Occam. Ele não pode demonstrar nenhum sinal de fragilidade se deseja convencer o general de que sua postura rápida e brutal, e não a lenta e leniente de Hoffstetler, é a que deve ser adotada em relação ao recurso. Antes de Hoyt ligar para o telefone vermelho do escritório de madrugada, a última vez que Strickland tinha ouvido sua voz tinha sido em Belém. E isso o abalou. Ele teria preferido fingir que Hoyt ficara para trás com o *Josefina* aos pedaços.

O cereal de Tammy está intocado, absorvendo o leite.

— Coma — disse ele, e a menina obedece.

A voz de Hoyt causou o efeito de sempre em Strickland. Ele se sente como um daqueles velhos soldados de metal, e o general é a pessoa que lhe dá corda. Ele vai acelerar. Vai dobrar os esforços para enfiar a doutrina do Exército pela goela da Occam. Strickland sente uma melancolia distante. O progresso incipiente que tinha feito em casa continuaria a aumentar em ritmo lento. Os pequenos avanços com os filhos. O interesse que ele se obrigou a desenvolver pelas crônicas de Lainie sobre compras e cuidados com as crianças. Ele percebe que Hoyt não é assim tão diferente do recurso. Ambos são insondáveis, de algum modo maiores que seus corpos físicos. Strickland é apenas a mandíbula secundária que se projeta do crânio de Hoyt, e ele vai ter que continuar a morder, só por mais algumas semanas.

A faca fica presa na omelete e cai. O cabo bate nos dedos

enfaixados. Parece que eles foram torcidos no encaixe. Strickland soca a mesa com o punho direito. Talheres saltam. Tammy larga a colher na tigela. Ele sente lágrimas, essa expressão inaceitável de vulnerabilidade, correrem para os olhos. Não, não na frente da filha. Tateia o bolso à procura dos analgésicos. Usa os dentes para abrir a tampa; porém, foi forte demais. Comprimidos brancos se lançam adiante até que o tampo grudento da mesa os para. Por que a mesa está grudenta? Que tipo de casa é essa? Ele pega dois, depois três, depois, ah, merda, quatro, e enfia todos na boca. Pega a garrafa de leite e dá um gole — os germes que se fodam. Os comprimidos e o leite formam uma pasta. Ele a engole. Amargo, amargo. Essa casa, esse bairro, essa cidade, essa vida.

LAINIE CONHECE BEM o tipo de homem com quem se casou. Certa vez, depois de se cortar enquanto construía o berço de Tammy, ele enrolou um pedaço de fita adesiva na mão e continuou a trabalhar. Outra vez, voltou de um exercício militar na Virgínia exibindo um corte na testa fechado com supercola. Reimplante de dedos é uma escala diferente de ferimento, ela entende — ainda assim, Lainie sente seu estômago se revirando de receio toda vez que vê o marido engolir aqueles analgésicos.

Mesmo antes da Amazônia, Richard já a assustava um pouco. A mulher descobriu que isso não era tão raro — já tinha visto hematomas nos braços das amigas de Orlando. Agora é um tipo diferente de medo. É imprevisível, e essa é a coisa mais assustadora de todas. Não há razão para entrar em pânico. Contudo, ela *se preocupa* que as drogas distorçam a noção de realidade de Richard. Alguns comprimidos e o homem começa a parecer um caçador implacável disposto a destruir qualquer coisa. A boneca Thristee Cry-Baby: o gemido dela é suspeito. As amostras de tinta para parede Kem-Tone que ela trouxe para casa da loja de materiais de construção: o Verde Stratford se parece muito com a selva; o Rosa Camafeu, muito com sangue.

Lainie sobe a escada. Não para escapar do olhar opaco de Richard, mas para ver Timmy, a única pessoa por perto que não demonstra o medo adequado — o *respeito*, ela se corrige — pelo chefe da família. Isso é perturbador, embora não tão perturbador quanto a indulgência de Richard em relação a isso. Em certos dias, parece que ele encoraja o filho a denegrir a irmã e a desafiar a mãe, como se o menino, com oito anos, já fosse superior às mulheres.

— Timmy — cantarola ela. — Hora do café da manhã, rapazinho.

Uma boa esposa não tem esses pensamentos, não sobre o filho, nem sobre o marido. Ela entende a necessidade dos medicamentos. Seis semanas depois de Richard desaparecer na Amazônia, Lainie estava um desastre, o rosto inchado por falta de sono, a garganta irritada de tanto chorar. Após a insistência de uma secretária de Washington forçada a ouvir seus soluços pelo telefone, ela foi ao médico da família e, olhando para o próprio colo, perguntou a ele se era verdade que havia uma droga capaz de fazer com que esposas solitárias parassem de chorar. O médico, desconfortável com o choro da mulher, largou o cigarro e lhe receitou Miltown — “o amiguinho das mães”, como ele o chamou, a penicilina de pensamentos. Ele lhe deu uns tapinhas na

mão e a tranquilizou. As mentes femininas eram tão frágeis.

O Miltown funcionou. Ah, e como! O pânico crescente de seu dia a dia terrível se suavizou em uma inquietação sonolenta, empurrada para ainda mais perto da calma por um ou dois drinques à tarde. Ela suspeitava que podia estar exagerando, mas quando encontrava outras esposas de militares nas caixas de correio ou no mercado, elas também estavam com a fala arrastada e os dedos moles. Com o tempo, Lainie se estabilizou e decidiu jogar os tranquilizantes no vaso sanitário.

A caminho do quarto de Timmy, ela capta reflexos carnavalescos de si mesma nas maçanetas de portas, nos vasos, nas molduras de fotos. Será que a Lainie independente de Orlando tinha desaparecido por completo?

Ela se sente aliviada ao encontrar o filho sentado à escrivaninha, de costas para a porta, uma réplica adorável, Lainie gosta de imaginar, da mesa do pai no trabalho. A mãe para na entrada do quarto e se repreende por ter qualquer preocupação com aquele querubim. Ele puxou muito ao pai, mas também é seu bebê, uma criança brilhante com uma vivacidade voraz. Ela tem sorte de ter um filho como ele.

— Toc, toc — diz ela.

O menino não escuta, e ela não consegue evitar um sorriso. O garoto é tão concentrado quanto Richard. Lainie se aproxima. Os pés descalços não fazem ruído algum sobre o carpete, e ela se sente como um anjo que desce flutuando para conferir um adorável santinho, quando enfim vê o lagarto espetado pelas quatro patas ao tampo da mesa, ainda se retorcendo, seu abdômen aberto por um corte que Timmy explora com uma faca.

O CORTE NO corpo da criatura está sarando. Toda vez que Elisa a visita, no meio da madrugada, vê uma mancha de sangue menor seguindo seu deslizar pela piscina. Só os olhos despontam da água, dois holofotes iluminando um mar negro. Ele nada bem perto dela, e isso é um progresso; não se esconde mais embaixo d'água. A pulsação de Elisa acelera. Precisava que aquele ser se lembrasse dela, confiasse nela. Ela passa o saco de lixo pesado que carregava para a outra mão. Não era nem um pouco incomum ver um saco desses na mão de uma servente, embora esse saco contenha tudo, menos lixo.

“Morrer por Quemós é viver para sempre!” O grito abafado do filme se tornou um segundo despertador do qual ela não precisa. Acordou bem antes do horário, pensando nele, a grandiosidade que nem a mais grossa das correntes pode diminuir. Os sapatos prateados da Julia's são a única coisa que a distrai. Ela sai de casa bem adiantada e caminha até o ponto de ônibus com toda a calma do mundo, com bastante tempo para atravessar a rua e espalmar as mãos na vitrine. Antes ela se sentia cercada por vidro, paredes invisíveis do labirinto em que estava aprisionada. Não mais: agora acredita ver uma saída, e ela passa pela F-1.

Naquela noite a sala estava silenciosa, sem os habituais sons da floresta. Elisa já estudou bastante as atividades do laboratório, fazendo no pé de sua lista de tarefas, para saber que isso significa que nenhum cientista ficou acordado até tarde para religar as fitas. A Occam está vazia, Zelda se ocupa da limpeza do outro lado da empresa e Elisa ultrapassa a linha vermelha e ergue o ovo, como na primeira noite.

O ser se aproxima em um arco mais pronunciado, e Elisa precisa conter um sorriso — seria dar o que a criatura quer antes de ela fazer por merecer. A servente continua impassível, segurando o ovo no alto. A criatura flutua, como se fosse mágica; se está batendo as pernas para flutuar na água, Elisa não sabe. Devagar, sua enorme mão se ergue da piscina. A água escorre entre os espinhos de seus antebraços e através dos sulcos em seu peito. A pequena flexão de seus cinco dedos é como cinco braços a envolvendo em um abraço apertado. *O.V.O.*

Elisa perde o fôlego por trás do sorriso. Põe o ovo na borda e observa o ser pegá-lo, não com a brusquidão da semana anterior, mas com o cuidado de um feirante. Ela gostaria de vê-lo descascar, ver se progrediu nessa tarefa, mas o peso do saco de lixo a deixa impaciente. Sem tirar os olhos dos dele, ela recua, e acaba esbarrando na mesa do

equipamento de som. Ela rebobina o rolo que está no equipamento, move o rádio e abre a tampa do gravador.

Elisa tem certeza de que aquele gravador só está ali por acaso. O equipamento provavelmente veio do armário de algum cientista, um emaranhado de cabos e fios. Ela retira do saco as relíquias empoeiradas de uma juventude esquecida que mantivera escondidas no interior de seu escaninho havia dias: discos, os que ela parou de escutar na época em que deixou de acreditar que tinha qualquer razão para isso. Elisa trouxe muitos, dez ou quinze, mas como poderia saber que tipo de música aquele momento exigia?

Songs in a Mellow Mood, de Ella Fitzgerald — o ritmo lento era muito perturbador? *Chet Baker Sings* — agressivo demais? *The Chordettes Sing Your Requests* — será que ele acharia que a sala se encheu de mulheres? Letras de repente não parecem uma boa ideia. Ela escolhe o primeiro álbum instrumental que encontra, *Lover's Serenade*, de Glenn Miller, e o coloca no toca-discos. Olha para a criatura e faz o sinal para “disco”. Em seguida, liga a vitrola, coloca a agulha e só então percebe que não está ligada. Ela encontra o fio e a tomada e os conecta...

E a banda ganha vida em um ritmo sincopado e alto com metais, que dão um susto em Elisa. Piano, bateria, cordas e metais mergulham e se elevam, captando o ritmo antes que um trompete se erga acima de tudo, como uma pomba atirada ao ar. Ela olha para a piscina, certa de que a criatura vai achar que aquilo era uma emboscada. Em vez disso, ela está imóvel, como se a água tivesse congelado. As cascas do ovo parcialmente descascado flutuam para longe, a manifestação física do assombro da criatura.

Elisa corre até a mesa e tira a agulha do círculo em rotação. O trompete é cortado com um som abafado. Ela sorri para convencer a criatura de que está tudo bem. Mas *está* tudo bem. Mais que bem: os sulcos em sua pele escamosa reluzem. Ela se lembra do trecho de uma reportagem sobre bioluminescência, uma luz química emitida por certos peixes, mas tinha imaginado que seria algo como um vagalume, lâmpadas suaves na noite distante, não esse fervilhar doce que parece emanar do centro da criatura e transforma toda a piscina de negro nanquim em um azul radiante feito um céu de verão. Ele está ouvindo a música, sim, mas também a está sentindo, refletindo-a, e por esse reflexo Elisa consegue ouvir e sentir a música como nunca antes. Glenn Miller tem cores, formas, texturas; como ela nunca havia percebido?

As luzes dele estão se apagando, e Elisa não consegue mais imaginar a água sem elas. Bota o disco para tocar de novo...

E um solo de saxofone vibra acima do ruído acelerado da orquestra. Dessa vez, ela está prestando total atenção à criatura, e a luz dele não

apenas ilumina a água — ela a eletrifica, a enche com um brilho turquesa que se projeta sobre as paredes do laboratório como fogo líquido. A mesa e a música desaparecem da consciência de Elisa, enquanto ela é atraída pela piscina, sua pele azul devido ao reflexo, seu sangue também azul — de algum modo, ela tem certeza disso. De onde quer que a criatura tenha vindo, ela nunca ouviu música como essa, uma multidão de melodias diferentes misturadas num uníssono radiante. A água em torno dela começa a mudar: amarela, rosa, verde, roxa. Está olhando para o ar, procurando a origem daqueles sons, erguendo a mão como se quisesse pegar um dos instrumentos invisíveis para examiná-lo, cheirá-lo à procura de sua magia, prová-lo à procura de milagres, antes de jogá-lo outra vez em direção ao céu para tornar a voar.

O GAROTO SE senta à mesa. Não é como a irmã. Não chega do nada. Ele se joga em uma cadeira, tosse sem cobrir a boca, faz barulho com os talheres. Encara você feito um homem. Entre palpitações de dor, Strickland sente orgulho. Criar filhos, isso é tarefa para a mãe. Ser um modelo de comportamento, porém, é algo que ele pode fazer. O militar sorri para Timmy. Um movimento muscular ínfimo, mas que contrai seu rosto, seu pescoço, seu braço, sua mão, seus dedos. Seu sorriso se atrapalha.

— Isso dói, pai? — pergunta o garoto.

As mãos do menino ainda estão com sabão. Só deve ter lavado porque Lainie o obrigou, o que significa que estava fazendo algo que a mãe achou repugnante. Isso é bom, testar limites é importante. Ele cansou de explicar isso à esposa. Ela nunca vai entender que germes são como fermentos. Os dois são importantes para formar uma casca.

— Um pouco.

Os comprimidos estão começando a amortecer as pontadas de dor.

Lainie se junta a eles na mesa. Em vez de comer, porém, acende um cigarro. Strickland a olha de relance. Ele sempre gostou do cabelo dela. A esposa chama seu penteado clássico de bolo de noiva, um volume que desafia a gravidade com volteios e presilhas que devem exigir alguma habilidade para sua manutenção. Porém, ultimamente, ao chegar tarde em casa, sempre cansado ou drogado, e se deparar com o penteado de Lainie no travesseiro, ele pensa em algo saído da floresta. Um ninho cheio de ovos de aranha, inchando para expelir uma horda furiosa e agitada de filhotes. Eles tinham uma solução para isso na Amazônia. Gasolina e fósforo, a menos que você quisesse uma infestação. É uma imagem horrenda. Ele ama a esposa. O momento é difícil. As visões vão desaparecer.

Strickland pega a faca e o garfo, mas mantém os olhos em Lainie enquanto ela observa o filho rebelde. Será que ela vai expor suas preocupações sobre a personalidade do garoto? Ou vai tentar domá-lo? Ele acha esse conflito interessante do mesmo modo que a sobrevivência do recurso sob as condições do laboratório o cativa. Em outras palavras, os dois são fúteis. No caso do menino contra a mãe, o garoto vai acabar vencendo. Meninos sempre vencem.

Lainie sopra fumaça pelo canto da boca e usa uma tática que é velha conhecida dos interrogatórios de Strickland, a chamada “contorno”.

— Por que você não conta ao seu pai o que me contou?

— Ah, é — disse Timmy. — Adivinha só? Estamos fazendo uma cápsula do tempo! A srta. Waters disse que temos que botar nela coisas que pensamos sobre o futuro.

— Cápsula do tempo... — repete Strickland. — Isso é uma caixa, não é? Você a enterra e, anos depois, a escava.

— Timmy... — insiste Lainie. — Pergunte ao seu pai o que você me perguntou.

— A mamãe disse que você faz coisas do futuro no trabalho, e que por isso eu podia perguntar para você o que botar lá. PJ diz que vamos ter mochilas-foguete. Eu disse que vamos ter barcos-polvo. Mas não quero que PJ acerte. O que você acha, pai? Acha que vamos ter mochilas-foguete ou barcos-polvo?

Strickland sente os seis olhos o encarando avidamente. Qualquer militar digno de suas insígnias conhece a sensação. Ele suspende a Operação Omelete, suspira e olha de um rosto para o outro e para o seguinte. A expectativa impaciente de Timmy. A expressão desinteressada do rosto de Tammy. O morder de lábios inquieto de Lainie. Ele está prestes a entrelaçar as mãos quando pensa na dor que isso vai causar, então, em vez disso, só as espalma sobre a mesa.

— Vão existir mochilas-foguete, sim. Ah, vão. É uma questão de engenharia. Descobrir como maximizar a propulsão. Controlar o calor. Dez anos, quinze, no máximo. Quando você tiver minha idade, vai ter uma. Uma melhor que a do PJ, eu garanto. Agora, um barco-polvo... não tenho certeza se sei o que é isso. Se você quer dizer um submersível com o qual possamos explorar o leito do oceano, então, sim, teremos isso também. Estamos evoluindo bastante na resistência à pressão e à mobilidade na água. Lá no trabalho, por exemplo, estamos fazendo experiências com sobrevivência anfíbia.

— Sério, pai? Quero só ver a cara do PJ quando eu contar para ele.

Talvez fossem as drogas. Ramos quentes envolvem seus músculos, esmagando a dor como serpentes esmagam ratos-do-mato. É bom ver a veneração no rosto do garoto. A admiração cega no rosto de sua garotinha. Até Lainie de repente lhe parece bem. Ainda é uma mulher muito bonita. Com aquele avental tão apertado, tão bem passado com aquele ferro Westinghouse caro. Ele visualiza tiras de tecido amarradas em um nó apertado mais abaixo nas costas dela. Ela estuda a expressão dele, e o homem se preocupa que os lábios da esposa se contorçam de nojo dele da mesma forma que fizeram ao repreender Timmy. Mas ela não faz isso. Apenas semicerra os olhos, coisa que costuma fazer quando está com a sensualidade aflorada. Ele respira fundo com satisfação e, dessa vez, não há retaliação da dor.

— Pode apostar, filho. Você não vive em um quinto dos infernos comunista. Estes são os Estados Unidos da América, e é isso o que os americanos fazem. Fazemos o que for necessário para manter a

grandiosidade do nosso país. É o que seu pai faz no escritório. É o que você vai fazer também, um dia. Acredite no futuro, filho, e ele vai chegar. Espere só para ver.

LAINIE SE RECUSA a registrar a frequência com que voltou aos portos de Fells Point. Ela vai quando a vida fica dura demais para suportar e pensa em se entregar às ondas, mas o nível da água está tão baixo devido à falta de chuvas que ela provavelmente só arranjará um pescoço quebrado. E o que ela conseguiria com isso? Ficaria em uma cadeira de rodas, presa diante da televisão para sempre, empurrando o ferro a vapor até não aguentar mais e derreter a camisa de Richard, derreter a tábua de passar, derreter a si mesma até que a coisa toda virasse uma poça cor pastel, e Richard precisaria contratar um profissional para limpar.

Lainie acredita que o lagarto que Timmy estava torturando era um camaleão. Se visse um camaleão na varanda, ela varreria a criatura rastejante e nojenta para o mato. Se visse um dentro de casa, bem, iria matá-lo. Por isso tenta se convencer de que o que o filho fez é normal. Mas não é. A maioria das crianças tem curiosidade sobre a morte, mas a maioria das crianças também sente vergonha quando adultos as pegam no flagra examinando carcaças. Timmy, porém, olhara para ela irritado, como Richard faz quando ela insiste em lhe perguntar sobre o trabalho. Ela precisou se recompor depressa e reunir coragem antes de insistir que ele jogasse aquela coisa no vaso, lavasse as mãos e fosse tomar café da manhã.

Depois que Timmy terminou, ela foi ao banheiro para se certificar de que o camaleão não tinha rastejado de volta. Então, tirou um minuto para avaliar seu reflexo no espelho. Ajeitou o penteado, passou seu batom rosa, ajeitou as pérolas do colar, de modo que as maiores ficassem no meio do pescoço. Richard não prestava mais atenção nela, mas, se prestasse, será que veria o segredo que ela guardava? Até o filho, pensou, tinha chegado perto.

Certo dia, depois de um de seus transes nas docas, Lainie se arrastava pelo ancoradouro antes de seguir pelo Patterson Park e virar na Baltimore Street. Ela se viu muito pequena em meio àqueles prédios altos, navegando entre eles como se estivesse de canoa. Parou diante de um dos maiores edifícios do local, uma fortaleza em preto e dourado com ornamentos dos anos 1920. A porta giratória deu várias voltas e soprou uma lufada de ar que cheirava a couro e tinta.

Lainie considera sua rotina matinal com as notícias uma espécie de exercício intelectual, e foi por essa mesma razão que enfrentou a porta giratória, deparando-se com um saguão cujo piso xadrez parecia esculpido em obsidiana. Ao observar os andares acima, teve

vislumbres do que parecia uma cidade autônoma. Os trabalhadores ali tinham os próprios correios, locais para comer, carrinhos de café, lojas de conveniência, jornaleiros, relojoeiros, departamento de segurança. Mulheres modernas em trajes elegantes e homens com pastas andavam de um lado para o outro do saguão, empertigados, exalando importância.

Naquele mundo independente, não havia Richard Strickland. Não havia Timmy nem Tammy Strickland. Nenhuma Lainie Strickland. Ali ela era, em vez disso, a mulher que abandonara em Orlando. Lainie queria se banhar naquela sensação, por isso pegou um elevador e parou em frente ao balcão de uma pequena padaria. Pelo menos uma vez se permitiu escolher algo de seu agrado.

— Uma rosquinha amanteigada de limão — pediu ao atendente.

Só que não era para ela que o funcionário estava olhando. Um homem, que pelo traje informal parecia ir ali sempre, disse:

— Me vê uma rosquinha amanteigada de limão, Jerry.

Ela se desculpou, e o homem riu e lhe incentivou a ir em frente, e Lainie insistiu que não devia mesmo comer uma rosca amanteigada sozinha, e ele disse que sim, que devia fazer isso, pois as de Jerry são as melhores.

O homem estava flertando, mas não descaradamente. Além do mais, naquele mundo à parte ela era capaz de qualquer coisa, e, quando ele elogiou sua voz, ela fingiu estar tão habituada a chamar tamanha atenção que riu com desdém.

— Estou falando sério — disse ele. — Você tem uma voz forte, tranquila. Exala paciência.

Por baixo da fantasia de calma, seu coração se acelerou.

— Exalo... — comentou ela. — Uma palavra que toda mulher quer ouvir.

O homem riu.

— Diga: para quem você trabalha aqui?

— Ah, para ninguém.

— Hum, seu marido, então. Em que andar ele trabalha?

— Não, ele também não trabalha aqui.

Ele estalou os dedos.

— Já sei. Mary Kay. As garotas lá em cima só falam disso.

— Desculpe, só entrei aqui para... Bom, só entrei aqui.

— Ah, é? Olha, sei que pode parecer um pouco imprudente da minha parte, mas há alguma chance de você estar procurando um emprego? Eu trabalho em uma pequena agência de publicidade aqui em cima, e estamos precisando de uma recepcionista. Eu me chamo Bernie. Bernie Clay.

Ele estendeu a mão. Antes que Lainie conseguisse transferir a rosquinha amanteigada para cumprimentá-lo, ela entendeu que tudo

havia mudado. Durante a hora seguinte, ela se apresentou como Elaine, não Lainie, subiu com Bernie uma escada rolante reluzente, seguiu-o por uma sala de espera com poltronas vermelhas modernas e se sentou no escritório dele, pelo qual passavam dezenas de homens e secretárias conversadoras que olhavam na direção dela. Não hostis, mas tampouco amistosos. Parecia que perguntavam a si mesmos se a mulher do bolo de noiva aguentaria o tranco.

Lainie sabe que fez tudo isso, mas só se recorda de fragmentos do que aconteceu. Do que ela se lembra bem são os cálculos rápidos que fez para ver se conseguiria conciliar os horários dos filhos e do marido com o do trabalho, o que precisava deixar claro antes de aceitar a oferta de emprego de Bernie. Ela usou um tom de “pegar ou largar” que não acreditou que tivesse saído de sua boca e expôs sua proposta de meio expediente — o melhor que ela poderia fazer, disse.

Lainie escuta Timmy chutando a cadeira, ouve o tilintar hesitante da colher de Tammy na tigela. Vira o rosto para ver seu reflexo no armário de porcelana, perguntando-se como o bolo de noiva tinha entrado na moda. As secretárias na Klein & Saunders exibiam cabelos mais lisos, e fazia apenas alguns dias que Lainie trabalhava lá quando começou a imaginar como seria se ela também usasse o cabelo daquele jeito.

ELISA ACREDITA QUE nunca mais vai viver noites tão ricas em maravilhas e prazer. Os encontros na F-1 são fantásticos demais para serem compreendidos de uma só vez. Ela os revive da melhor maneira possível em segundos hesitantes, como cenas de cinema exibidas pela tela de vinte metros do Arcade sendo vislumbradas na pequena TV de Giles. A piscina inteira se acendendo em um azul-elétrico no instante em que ela entra no laboratório. A corrente em forma de V da criatura deslizando embaixo d'água para encontrá-la. Os ovos macios e quentes feito pele de bebê. A cabeça do ser se erguendo da água, os olhos raramente dourados agora, mas com cores suaves, humanas. Cintilantes, não reluzentes. O brilho laranja das luzes de segurança é aconchegante como a manhã em uma manjedoura. A arma enorme e laminada que é a mão da criatura sinaliza cada “ovo” com movimentos delicados o bastante para acariciar um filhote de ganso. Havia em Elisa uma expressão facial que a própria tinha esquecido que podia fazer: uma animação de morder os lábios que ela via refletida em macas cirúrgicas de metal, uma expectativa de olhos arregalados espelhada na água da piscina, sorrisos insensatos que eram refletidos nos olhos brilhantes da criatura. Até o trabalho penoso de todo dia, as preliminares frustrantes antes de visitá-lo, é banhado em seu esplendor. Os ovos da manhã não são largados em seu fogão, mas fazem piruetas. Nada mais de arrastar os pés de um lado para o outro depois de acordar: ela é Bojangles na cozinha, Cagney no quarto. Sua escolha de sapato fica mais extravagante a cada dia, reluzindo pela escada de incêndio do Arcade como se os corrimãos estivessem cheios de enfeites brilhantes. Ela dança pelos pisos recém-esfregados da Occam para ver a cor de seus sapatos brilharem como o sol nascente sobre um lago. Zelda ri de seu entusiasmo e observa que Elisa está agindo igual a ela quando conheceu Brewster, um comentário que a servente rejeita enquanto pergunta a si mesma, um pouco atordoada, se a amiga não está certa. O papelão arranhado e com pelos de gato das capas dos LPs, o quadrado de trinta centímetros de lado, revela-se a dimensão perfeita da alegria. O ser sinaliza “disco” antes que Elisa se aproxime da piscina e ele pare perto da borda, com o tronco à mostra, as escamas do peito brilhando como uma gaveta de joias. Tirar a poeira da agulha da vitrola é como esfregar uma lágrima de seu olho. Miles, ou Frank, ou Hank, ou Billie, ou Patsy, ou Nina, ou Nat, ou Fats, ou Elvis, ou Roy, ou Ray, ou Buddy, ou Jerry Lee transformados em corais de anjos, cada palavra cantada abrigando

uma história que a criatura anseia entender. Suas luzes, suas luzes incríveis, uma resposta sinfônica ao brilho roxo dos cantores, ao pulso azul do rock'n'roll, ao amarelo-escuro do country, ao laranja piscante do jazz. O toque da mão dele, raro mas emocionante, quando pega ovos de sua palma. Certa vez, Elisa não segura nada, e ele estende a mão mesmo assim, passa as garras com delicadeza em seu punho e fecha a mão no interior da sua, como se desfrutasse do fingimento do ovo, e deixa que ela feche os dedos em torno dos dele. Esse instante fez de ambos não presente e passado, não animal e humana, mas homem e mulher.

NA FLORESTA TROPICAL, o sexo estava em todo lugar. Ululações sofridas, farfalhares abafados, genitais inchados, cores deslumbrantes. Com Lainie, é a mesma coisa. As pálpebras pesadas, a posição dos lábios, a forma como empina os seios. É incrível que as crianças não torçam o nariz diante dos ferormônios quando ela veste um casaco por cima do avental e as leva até o ônibus. A mulher volta e larga o casaco sobre o carpete como uma estrela de cinema. Toca o corrimão da escada com um único dedo e pergunta:

— Você tem tempo?

A cabeça dele está sufocada por analgésicos, rugindo como um tornado ouvido ao longe, ele mal consegue formar palavras. Ela sobe a escada, balançando os quadris como as penas da cauda de uma arara.

Strickland leva o prato até a pia e joga a omelete no ralo. Liga o botão do triturador de lixo. É o primeiro aparelho desse tipo que eles têm. As lâminas giram como piranhas famintas. Pingos de ovo sujam o aço inoxidável. Ele o desliga e ouve tábuas do piso e molas da cama rangerem acima. Foi alimentado, estão lhe oferecendo sexo e ele está impregnado do sol quente da manhã — o que mais poderia querer? Ainda assim, Strickland desaprova a audácia da esposa. E desaprova a si mesmo pela ereção que se aperta contra a pia. Jogos de sedução pertencem à Amazônia, não àquele bairro americano planejado e organizado. Por que ele não consegue se controlar? Por que não consegue controlar nada?

Ele está no andar de cima. Não sabe dizer como chegou ali. Lainie está sentada na beirada da cama. Strickland lamenta ao ver que o pragmatismo áspero do avental foi substituído pela delicadeza de uma camisola. A mulher está sentada com os ombros para a frente, os joelhos unidos, uma perna jogada para o lado. Ela também aprendeu essa pose nos filmes. Mas a sola do pé de alguma atriz de cinema poderia ser assim tão suja? Strickland vai até ela, censurando-se a cada passo. Aceitar a sedução de uma mulher é como morder a isca do inimigo. Lainie é astuta: ela espera, com um dar de ombros malicioso que faz a alça da camisola escorregar do ombro. Ele para diante dela, fraco e inútil.

— Eu gosto daqui — diz ela.

Roupas descartadas se empilham no chão como praga. Vidros de perfume estão espalhados caoticamente, feito insetos. As persianas estão tortas como se quebradas por um terremoto. Ele, na verdade, não gosta dali nem confia naquilo. Tudo naquela cidade é uma

dissimulação elaborada na direção da civilização, um blefe em relação à superioridade certa de sua espécie.

— Baltimore — esclarece ela. — As pessoas são simpáticas. Nada daquela coisa falsa do Sul. As crianças gostam do quintal grande e da escola. As lojas são bem impressionantes. E você gosta de seu trabalho. Sei que não vê dessa maneira. Só que uma mulher sabe. Todos esses dias trabalhando até tarde. Você é dedicado. Tenho certeza de que apreciam você lá. Vai se dar muito bem nesse emprego. Tudo vai ser maravilhoso.

A mão enfaixada dele está na dela. Strickland também não sabe dizer com certeza como isso aconteceu. Ele torce para que sejam os comprimidos. Do contrário, é seu corpo traiçoeiro se enchendo com as substâncias intoxicantes da perspectiva de coito. Ela põe os dedos dele na curva dos seios e inspira para expandi-los, esticando o pescoço. Ele examina a pele imaculada e, em seu lugar, vê as duas cicatrizes inchadas de Elisa Esposito. Elisa, Elaine. Os nomes são tão parecidos. Ele se vê traçando as marcas imaginadas com os dedos. Lainie encolhe o pescoço ao toque do marido. Strickland sente uma pontada de pena. Ela não tem ideia das coisas que estão se passando na cabeça dele. Agora, por exemplo, ele pensa que preferia mastigá-la e destruí-la, como as piranhas escondidas na pia.

— Isso machuca? — Ela aperta os dedos frios dele em seu seio quente, logo acima do coração. — Está sentindo alguma coisa?

LAINIE VÊ UMA selvageria no marido e a abraça. A energia dele pertenceu à floresta por tempo demais. Porém, há mais em jogo aqui em Baltimore que uma missão militar. Ela precisa lembrá-lo disso sempre que possível. A pergunta da cápsula do tempo de Timmy tirou o homem dos trilhos, e ele deu uma ótima resposta, além de conselhos, como é a função de todo pai. Lainie sabe que ele só precisa de tempo. Logo vai estar pronto para conversar com o filho sobre o que ele fez com o camaleão e sobre como ser um bom homem. Porque, apesar do emprego, apesar da lealdade ao general Hoyt, apesar de tudo, Richard é *bom*. Ela quase tem certeza disso.

Revistas de mulheres progressistas a instruíram a não oferecer o corpo como recompensa, mas o que essas publicações sabem sobre a vida? Alguma daquelas repórteres e editoras teve um marido que foi jogado em dois tipos diferentes de inferno e conseguiu voltar vivo de ambos? *É assim que poderia ser*, é o que ela espera que o sexo diga a ele. *Nós podemos ser felizes, normais*. Enquanto pensa naquilo, talvez ela consiga convencer a si mesma. Pode ser que o emprego na Klein & Saunders não tenha que ser um segredo por muito mais tempo. Se isso correr bem e ele a abraçar apertado depois, esgotado e desnorteado, quem sabe ela lhe conte? Talvez Richard fique até orgulhoso.

Sua selvageria, entretanto, não dura muito. Ele se envergonha do corpo desajeitado, e no instante entre tirar a roupa e se posicionar de forma estranha em cima dela, ele se retrai e volta a ser o ogro de sobrancelhas franzidas que tem sido desde a Amazônia. Lainie está desarrumada de propósito, a camisola entreaberta, uma das mãos enfiadas no cabelo emaranhado, a outra segurando a colcha, mas o homem é um robô, uma ferramenta para uma tarefa, e ele a penetra com a retidão de uma seringa, enfiando sem nenhuma preliminar, começando em velocidade média, sem variação.

Porém, já é alguma coisa. Sem dúvida, é alguma coisa, e ela o envolve com as pernas, crava os dedos em seus bíceps e move o corpo com vigor, não porque aquilo provoque uma sensação especialmente boa, mas para manter todas as partes de ambos os corpos em movimento. Enquanto não ficar parada, há uma chance de ver as coisas por uma nova perspectiva a cada momento, de acreditar que este ato, assim como seu casamento, ainda pode ser resolvido.

Isso exige energia e dedicação, e a distrai até que ela sente o calor da mão de Richard em seu pescoço. Lainie toma o cuidado de abrir os olhos devagar para não assustá-lo. O rosto dele está úmido e

vermelho, e os olhos, também úmidos e vermelhos, estão fixos no pescoço dela, onde o polegar delineia uma linha diagonal, uma de cada lado da garganta. Ela não sabe como interpretar o gesto, mas o encoraja.

— Isso é gostoso... — sussurra ela. — Me esfregue inteira.

A mão do homem desliza para cima, passa pelo queixo dela e cobre sua boca com uma facilidade suave que Lainie não entende até sentir a umidade escorrer pelo pescoço. Pressionando os lábios dela estão os nós duros dos dedos dele, e a mulher sente a aliança por baixo do curativo. Ela diz a si mesma para permanecer calma. Richard não está tentando machucá-la. Não está tentando sufocá-la. Mais umidade empoça entre seus lábios. Ela reconhece o gosto, mas se recusa a acreditar. Sente o gosto de novo e força a cabeça para o lado para escapar da palma da mão.

— Querido... — diz ela, engasgando. — Sua mão está sangrando...

Contudo, a mão torna a cobrir a boca de Lainie. É assim que ele a quer: muda. Richard está indo mais rápido agora, as molas da cama guincham e a cabeceira bate na parede em ritmos inesperados. A esposa aperta os lábios, para não deixar que o sangue entre, e respira pelo nariz, dizendo a si mesma que consegue aguentar até ele terminar, porque ali está aquela ferocidade que ela tanto queria, e em níveis elevados. Algumas mulheres gostam daquilo. Lainie viu muitas capas de revista com mulheres indefesas em vestidos rasgados jogadas de um lado para o outro por homens parecidos com o Tarzan. Talvez ela também possa aprender a gostar.

A pegada de Richard começa a escorregar quando ele ergue seu corpo, e Lainie enfim pode forçar a cabeça para cima. Ele não está mais olhando para as duas linhas que traçava com sangue no pescoço dela. A cabeça do marido está virada para o lado, com os músculos do pescoço tensos enquanto ele se esforça para olhar algo dentro do armário. Lainie sente as coxas dele estremecerem contra as dela e joga a cabeça para trás no travesseiro, sentindo o sangue escorrer pelo pescoço. É algo confuso demais para se pensar. Não há nada no armário que mereça ser visto, nada mesmo. Apenas alguns velhos sapatos de salto alto.

NÃO É TODA noite que Elisa vai ao laboratório. Nas noites em que faz isso, com ovos na mão, e encontra a criatura no interior do tanque em vez de na piscina, fica arrasada. Isso a desperta da exuberância egoísta, lembra a ela que não há alegria no interior da F-1, não de verdade. Sim, a piscina é preferível ao tanque, mas o que seria preferível à piscina? Qualquer coisa. O mundo é cheio de poços e lagos, córregos e rios, mares e oceanos. A servente para diante do tanque nessas noites e se pergunta se ela é melhor que os soldados que capturaram o ser ou os cientistas que o mantêm preso.

O que Elisa sabe ao certo é que a criatura consegue sentir seu estado de espírito, mesmo através de metal e vidro. Suas luzes corporais enchem o tanque com cores tão intensas que ele parece nadar em lava, ou aço derretido, ou fogo amarelo. A mulher se preocupa com a severidade dessas emoções. Será que apenas tornou a vida dele mais difícil? Antes de espiar por uma vigia, ela engole as lágrimas densas e mascara os lábios trêmulos com o sorriso mais sereno que consegue fazer.

O ser está à espera, girando em círculos por trás das escotilhas. Ele se revira e rola quando a vê; bolhas sobem de suas mãos ao sinalizarem suas palavras favoritas: “olá”, “E-L-I-S-A”, “disco”. A servente duvida que ele possa ouvir qualquer coisa do interior do tanque trancado, e isso transforma os restos de seu coração partido em pó. O ser quer que a mulher ponha um disco que ele não pode ouvir porque isso vai fazê-la feliz, o que, por sua vez, vai fazê-lo feliz.

Então Elisa vai até os equipamentos de áudio, aliviada para estar fora da linha de visão dele, pois assim o ser não verá os tremores de seus soluços ou as lágrimas que limpa com o braço. Ela põe um disco e respira fundo para se recompor antes de voltar à janela do tanque, onde ele pisca e a examina à procura de autenticidade antes de se impulsionar de um lado para o outro sem parar, girando e se retorcendo, como se quisesse impressioná-la com uma demonstração de destreza.

Elisa ri e oferece o espetáculo que ele deseja, posicionando uma das mãos na altura do ombro e a outra mais abaixo, na cintura, valsando ao som da música com um ovo como parceiro de dança, desviando de colunas de concreto com grilhões de aço presos a elas e bancadas de instrumentos afiados como se nada disso fosse pior que esbarrar em outros dançarinos. O prazer da criatura é evidente pela cor lavanda que irradia do tanque. Depois de algum tempo, Elisa conhece a pista

de dança bem o suficiente para fechar os olhos e imaginar que está segurando sua mão fria e com garras e sua cintura forte e escamosa.

VÁRIOS FATORES LEVARAM Elisa a não perceber o homem entrando no laboratório. “Stardust” tem um ritmo cativante e, durante o momento melancólico pelo qual ela havia acabado de passar, tinha aumentado o volume mais que o habitual. Entretanto, a razão principal foram os ouvidos de Elisa, acostumados a tipos específicos de ameaças noturnas: o chacoalhar atrapalhado de um cientista revirando os bolsos à procura de sua chave-cartão ou os passos severos de PMs marchando por um corredor. Alguém entrando na sala de fininho, um homem consciente da visão e da audição apuradas da criatura, não é um acontecimento para o qual ela estivesse preparada. Elisa faz um passo de dança, se inclina e valsa, enquanto a luminescência da criatura se reduz a um preto fosco preocupado, um alerta que ela, com os olhos fechados de alegria, não chega a notar.

TAXIDERMIA
CRIATIVA

Só o CALOR das lágrimas faz com que o homem se dê conta do frio penetrante: a porta fechada da F-1 contra suas costas; a corrente de ar de uma catacumba no corredor; o frio cadavérico dos dedos que cobrem sua boca. Ele ria se não estivesse chorando — e é claro que o canalizador dessa epifania é um ovo. Grande parte de sua vida foi dedicada a investigar o que alguns chamam de *evolução*, mas ele prefere chamar de *aparecimento*: a reprodução assexuada de vermes e águas-vivas; a morfogênese embrionária do óvulo fertilizado; os outros infinitos caminhos teóricos da progressão da vida que não terminavam com a humanidade destruindo tudo que era puro e bom.

Ele sempre dizia isso aos seus alunos: o universo se curva ao longo de linhas axiais maçantes, geração após geração, mas o que realmente altera a forma da vida são as dobras frágeis, as lágrimas escancaradas. Mudanças provocadas por aparecimentos podem durar milênios e afetar a todos nós. Ele elogiava suas mentes jovens lhes dizendo que, embora pudesse ser o único imigrante de primeira geração na sala, cada um deles era exótico, um filho de mutantes fantásticos.

Ah, ele é extremamente ousado quando está em terra firme, confortável atrás de um púlpito, entorpecido pelo pó de giz. Agora está em campo, no mundo real. Por que, então, aquilo parece mais uma fantasia a cada dia? A mãe costumava chamar seus devaneios de *leniviy mozg*. Tradução: cérebro preguiçoso. Na verdade, eles são o oposto disso; sua mente hiperativa foi o que o tornou um cientista renomado. O que todos aqueles diplomas, fitas e honrarias valem ali no mundo real ele não sabe mais ao certo. Podia ter afastado a servente do tanque, do perigo, mas, apesar disso, ele, o covarde em sua torre de marfim, apenas saiu correndo da sala.

Quase todos os dias ele volta à Occam tarde da noite, sem conseguir dormir até verificar, pela quarta ou quinta vez, os medidores da piscina e do tanque. O recurso, ele tem certeza, não vai durar muito mais sob tais condições artificiais. E, certa manhã, eles vão encontrá-lo de barriga para cima, morto como um peixe, e o sr. Strickland vai sair por aí comemorando e dando tapinhas nas costas das pessoas, enquanto ele, por outro lado, vai tentar segurar uma enxurrada de lágrimas. Só que ali, esta noite, o homem enfim entende a resposta ao enigma da sobrevivência prolongada do recurso. Essa mulher — essa *servente* — está mantendo a criatura viva, não por meio de soros ou soluções, mas através da força do espírito. Arrastá-la do laboratório naquele instante poderia ser o mesmo que cravar um punhal no

coração sofrido daquele ser.

Outros tipos de punhal penetram sua mão humana macia, rosada e patética. É uma pasta de papel pardo, um objeto de suma importância momentos atrás, agora amassada, as bordas afiadas. Ele relaxa o punho e a alisa. Não tinha vindo à F-1 esta noite para verificar os mostradores. Sem dúvida não tinha vindo para assistir à essência de suas crenças ser destruída por uma servente dançarina. Na visita desta noite ele verificaria dados previamente recolhidos. No interior da pasta parda há um relatório que o cientista compilou sob grande risco pessoal, um documento que deve ser finalizado antes da reunião do dia seguinte.

A melodia suave de “Stardust” ecoa em sua cabeça, ainda pressionada contra a porta do laboratório. Ele se afasta, cambaleia pelo corredor e aperta a pasta com mais força, sem se importar que ela lhe corte, para lembrar a si mesmo de quem ele é, por que está ali. Ele é o dr. Bob Hoffstetler, nascido Dmitri Hoffstetler em Minsk, na Rússia, e embora fosse compreensível supor por seu currículo que ele dedicara a vida à ciência, sua verdadeira ocupação, a única que já teve, pode ser descrita por termos mais diretos que a palavra “recurso”. Ele é um infiltrado, um informante, um sabotador, um espião.

QUEM VISSE o interior da casa alugada de Hoffstetler na Lexington Street iria considerá-lo o tipo de pessoa obcecada que arruma as unhas cortadas do pé por tamanho. A casa é mais que frugal. É vazia. Armários e closets são deixados abertos e desocupados. Mantimentos não perecíveis permanecem em sacolas de compras sobre uma mesa dobrável no meio da cozinha. Produtos perecíveis também permanecem em sacolas, dentro da geladeira. Não há cômoda no quarto; seu guarda-roupa espartano está dobrado em cima de outra mesa. Ele dorme em uma cama de campanha de aço e lona. Seu armário de remédios tem pouquíssima coisa. Os itens farmacêuticos formam fileiras militares em cima da caixa do vaso sanitário. A única lata de lixo da casa é esvaziada toda noite e lavada toda semana. Todas as lâmpadas são nuas; ele guardou os lustres em uma caixa no porão. A luz, portanto, é dura e, meses depois, Hoffstetler ainda se assusta com a própria sombra — algum agente da KGB, ele sempre conclui, se aproximando para abortar sua missão demasiadamente longa.

Manter uma residência em perfeita ordem torna mais difícil a colocação de escutas, microfones e outras tarefas obscuras. Hoffstetler não tem motivo para achar que a CIA esteja atrás dele; ainda assim, todo sábado, quando outros homens abrem suas cervejas e assistem a esportes na TV, ele passa uma espátula em torno de gavetas, janelas, saídas de calefação, batentes de porta e rodapés. Em seguida, transforma em um acontecimento especial, como outros homens fazem com churrascos em família, o ato de desmontar e tornar a montar o telefone. Televisões e rádios são fardos dos quais não precisa; ele abre o aparelho em silêncio, parando para ler livros da biblioteca, que devolve, terminados ou não, todo domingo. Foi necessária a visão chocante de uma servente — identificada por seu cartão de ponto como “Elisa Esposito” — dançando tão absolutamente esplêndida diante do recurso para que Hoffstetler sentisse toda a tristeza de sua vida solitária.

Esta noite, porém, sua rotina de remover uma das tábuas do piso do corredor não parece apenas perigosa. Parece errada. É uma sensação detestável. *Errado* é o território de pais, professores e padres. Cientistas não precisam disso. Ainda assim, a certeza de que o que ele viu na noite anterior mudou tudo está presa em sua garganta feito uma espinha de peixe. Se o recurso consegue sentir esse tipo de alegria, afeto e preocupação — ele observou todos os três em seu fluxo

cromático —, nenhuma nação, por qualquer motivo que seja, devia brincar com ele como se fosse um rato de laboratório. Em retrospecto, até os próprios experimentos, realizados com precisão e cuidado, parecem errados. Dentre todas as emoções que o recurso tinha provocado em Washington, na Occam e em seu próprio coração, como, pergunta-se Hoffstetler, a vergonha não tinha sido nenhuma delas?

O vazio embaixo do piso guarda um passaporte, um envelope com dinheiro e a pasta amassada de papel pardo. Hoffstetler apanha esta última, ouve a buzina de um táxi e força as tábuas de volta ao lugar. Sempre acontece da mesma maneira. Ele recebe um telefonema abrupto com um horário específico e uma frase-código; larga tudo o que estiver fazendo, liga para David Fleming e inventa uma desculpa para justificar seu atraso. Então ferve de ansiedade até a hora combinada, aí chama um táxi, embarca e anota o nome do taxista em um caderno para se assegurar de que nenhum motorista o leve ao local do encontro mais de uma vez. O de hoje se chama Robert Nathaniel de Castro. Hoffstetler aposta que seus amigos o chamam de “Bob”. Que outro nome americano seria tão inofensivo e esquecível?

Passando pelo aeroporto, além da ponte Bear Creek, ao lado dos estaleiros à sombra da Bethlehem Steel, o carro chega ao parque industrial, um lugar em que não é muito comum ver homens de terno; a falta de notoriedade é seu único disfarce. Ele esconde suas penas de pavão professorais e entedia Robert Nathaniel de Castro com uma conversa sem graça e uma gorjeta mediana. Caminha até um armazém, esperando o táxi se afastar, e em seguida ziguezagueia entre navios cargueiros, passa por uma guarita e atravessa os trilhos, depois dá a volta em pilhas de areia de dez metros para se assegurar de que ninguém o seguiu.

Ele gosta de se sentar em cima de um bloco de concreto específico enquanto espera, tamborilando os calcanhares como se fosse um garotinho entediado em Minsk. Não demora muito para que um dragão chinês de terra se forme no céu e pneus trituram o cascalho como ossos sendo roídos. Um Chrysler titânico surge no horizonte, negro que nem uma fenda profunda, os cromados parecendo mercúrio líquido, os rabos de peixe fatiando bolos de poeira agitada. Hoffstetler desce do bloco de concreto e para diante do animal ronronante em meio ao redemoinho de terra — seu pai chamaria aquilo de *gryaz*. A porta do motorista se abre, e o mesmo homem de sempre emerge usando um terno bem cortado que se estica em seus ombros de bisão.

— O pardal faz seu ninho no batente da janela — afirma Hoffstetler.

— E a águia... — O sotaque russo é forte. — A águia...

Hoffstetler leva a mão à maçaneta prateada da porta.

— E a águia fica com a presa — diz bruscamente. — Qual o objetivo de usar uma frase-código se você nunca consegue se lembrar dela?

O CHRYSLER o conduz de volta à cidade. O Bisão, como Hoffstetler começou a se referir ao motorista, nunca faz o caminho mais curto. Hoje ele dá a volta pelo oeste do Camp Holabird, um quartel do Exército, circunda os hospitais municipais de Baltimore e, em seguida, dá voltas e mais voltas até chegar aos cemitérios da North Street, antes de mergulhar como uma bigorna em East Baltimore. O *leniviy mozg* de Hoffstetler encontra nas ruas cinzentas e sujas daquela cidade provas da organização cosmológica presente em toda matéria, dos menores corpúsculos aos aglomerados de galáxias incomensuráveis. Portanto, ele é apenas um ponto insignificante interpretando um papel insignificante na história. É por isso, pelo menos, que ele reza.

Eles param em frente ao restaurante russo Black Sea. Hoffstetler nunca entendeu isso. Para que todas as ligações enigmáticas, as frases codificadas e os caminhos tortuosos, se sempre terminavam naquele restaurante extremamente óbvio, coberto de espelhos, com ornamentos dourados e borlas vermelhas e decorado com bonecas *matrioskas* com detalhes dourados sobre mesas de malaquita? O Bisão abre a porta do carro para o cientista e o segue até o interior do restaurante.

Ainda é cedo. O Black Sea não está aberto. Há barulho vindo da cozinha, mas não muito. Os garçons estão sentados a uma mesa fumando enquanto decoram os especiais do dia. Os violinistas afinam suas cordas com “Ochi Chernye”. O cheiro forte de vinagre de vinho tinto se mistura com a doçura de biscoitos de gengibre recém-assados. Hoffstetler passa pelos banheiros, onde há pendurado um pôster produzido por J. Edgar Hoover para estimular imigrantes a relatar “Espionagem, Sabotagem e Atividades Subversivas”. É uma piada interna: ali, no último reservado da mais recôndita extremidade do restaurante, iluminado pelo brilho lunar de um tanque gigante cheio de lagostas, espera Leo Mihalkov.

— Bob — saúda ele.

Mihalkov prefere falar com Hoffstetler em inglês para praticar o idioma, mas, para o cientista, ouvir dos lábios do agente o nome que escolheu para si nos Estados Unidos é como passar por uma revista completamente nu. Não é por acaso que Mihalkov pronuncia o nome como *Boob*, que lembra a palavra “seio” em inglês. Hoffstetler se pergunta se isso, como o cartaz do FBI, é um golpe. Seguindo a deixa, os músicos correm para o reservado feito capangas, combinam um ritmo com acenos de cabeça e começam a tocar. Uma coisa boa do

Black Sea é que é impossível grampear o lugar, e as cordas ensurdecadoras reforçam isso. Hoffstetler precisa erguer o tom de voz.

— Eu lhe peço de novo, Leo: por favor, aqui sou apenas Dmitri.

Há quem chame de covardia, mas para Hoffstetler é mais fácil manter seus dois personagens separados. Mihalkov põe na língua estendida um *blini* com salmão defumado e *crème fraîche*, fecha a boca e o saboreia. Hoffstetler se vê alisando a pasta de papel pardo que carrega. Percebe que, com apenas uma única sílaba depreciativa, aquele brutamontes russo o forçou à posição de suplicante tímido.

Leo Mihalkov é seu quarto contato da inteligência. O envolvimento relutante de Hoffstetler com a espionagem começou no dia após a formatura na universidade de Lomonosov, em Moscou, quando agentes da NKVD de Stálin emergiram como navios naufragados em um lago drenado. Eles deram de comer ao jovem aplicado e faminto — tomates em conserva, *zakuski*, estrogonofe e vodka, seguido por uma sobremesa de segredos do governo: equipes trabalhando para botar satélites no espaço, testes químicos avançados e perigosos, infiltrados soviéticos no programa nuclear americano. Era tão bom quanto ingerir veneno. Hoffstetler podia se considerar um homem morto a menos que obtivesse o antídoto, que era, e sempre seria, lealdade irrestrita ao primeiro-ministro.

Quando a guerra acabasse, disseram os agentes, os Estados Unidos vasculhariam os escombros da Eurásia à procura de ouro, e quem iriam encontrar? Dmitri Hoffstetler. Sua tarefa era, por livre e espontânea vontade, abandonar sua família e se tornar um bom americano. Não seria tão ruim, prometeram. A vida dele não seria uma com silenciadores de pistolas e pílulas de suicídio. Seria livre para seguir suas predileções profissionais, desde que estivessem em campos férteis para a colheita ultrassecreta toda vez que ele fosse contatado pelos agentes. Hoffstetler não se deu ao trabalho de perguntar o que aconteceria se recusasse a proposta. Os homens tiveram o cuidado de mencionar seu pai e sua querida *mamochka* de forma específica o suficiente para não haver dúvidas da facilidade com que a NKDV fecharia as mãos em volta do pescoço deles.

Mihalkov dá de ombros e ignora o pedido de Hoffstetler. Não é um homem fisicamente imponente; na verdade, parece até gostar da forma diminuta que assume diante da vista azul do tanque de lagostas. Com seus ternos justos, rosas na lapela e cabelo grisalho curto, Mihalkov é, de certa maneira, um canivete. Ao ser provocado, as partes afiadas se abrem. Engole o caviar e estende uma das mãos enquanto os crustáceos atrás parecem sair rastejando de seus ouvidos. Hoffstetler entrega a pasta, alisando os amassados como uma mãe faz com as roupas amarrotadas de um filho.

Mihalkov abre o barbante, pega os documentos e os examina.

— E o que é isso, Dmitri?

— Plantas. Está tudo aí. Todas as portas, janelas e dutos de ventilação na Occam.

— *Otlichno*. Ah, inglês, inglês: bom trabalho. Isso vai interessar à diretoria.

Ele pega outro *blini* antes de notar a expressão tensa de Hoffstetler.

— Beba vodca, Dmitri. Ela é destilada quatro vezes. Chega pelo malote diplomático de Minsk. É a sua terra, *da*?

Esta é mais uma das décadas de referências às facas mantidas contra as jugulares de seus pais. A menos que ele tenha começado a navegar por mares paranoicos. A menos que tenha se infiltrado tão profundamente que não consiga mais perceber os contornos da superfície. Ele pega um guardanapo de pano dobrado em forma de cata-vento e enxuga o suor. Os violinistas não conseguem ouvir nada além das vibrações que passam direto por seus queixos, mas, ainda assim, Hoffstetler se debruça para a frente e fala, baixinho:

— Roubei essas plantas por um motivo. Preciso que você autorize uma extração. Precisamos tirar a criatura de lá.

AS MEMÓRIAS DOS anos em que lecionou em Wisconsin são como o solo do estado no inverno: a sinceridade cintilante da vida no Meio-Oeste manchada pela lama misturada com neve a cada relatório que entregava a Leo Mihalkov, que se materializava por trás de redemoinhos de vento em um grande casaco de pele e chapéu *ushanka*, como Ded Moroz — o Velho do Gelo — das fábulas de Natal de sua mãe. Hoffstetler tentou saciar Mihalkov furtando materiais: eletroscópios, câmaras de ionização, contadores Geiger-Müller. Nunca era suficiente. Mihalkov espremia, e ele, feito uma esponja, escorria litanias ultrassecretas. Um programa americano envolvendo a abrasão dos couros cabeludos de crianças retardadas com dermatofitoses para estudar seus efeitos. Mosquitos infectados com dengue, cólera e febre amarela e liberados sobre prisioneiros pacifistas como parte de um programa de armas entomológicas. Mais recentemente, uma proposta para expor militares americanos a uma nova dioxina herbicida chamada Agente Laranja. Cada resultado de teste que Hoffstetler revelava para o agente soviético era um vírus que apodrecia as entranhas de sua vida, que, com exceção daquela parte, era bastante agradável.

O cientista percebeu, com grande tristeza, que qualquer pessoa próxima a ele podia se tornar alvo de futuras chantagens soviéticas. Não conseguia vislumbrar nenhuma outra escolha. Rompeu com a mulher adorável com quem estava saindo e deixou de frequentar as festas da universidade que o intoxicavam com uma agradável intelectualidade. Em seu primeiro dia na casa que a universidade lhe dera, removeu a maior parte da mobília e todos os lustres, esvaziando as gavetas e os armários. Por fim, sentado sozinho no centro do chão limpo, ficou repetindo: “*Ya Russkiy*”, “Eu sou russo”, até que a neve molhada cobriu as janelas, e ele começou, na escuridão, a acreditar em si mesmo.

O suicídio era a única saída. Dmitri sabia demais sobre sedativos e não confiava neles para dar cabo do serviço. Madison não tinha um prédio alto de onde saltar. Adquirir uma arma tendo um sotaque russo podia chamar atenção indevida. Então comprou uma caixa de giletes e as colocou na borda da banheira. No entanto, por mais que revolvesse a água, não conseguia dissolver os alertas de sua mãe sobre a *Nečistaja sila* — a Força Impura —, a legião de demônios para a qual entravam todos os suicidas. Hoffstetler chorou na banheira, nu — um homem de meia-idade, calvo, com a pele branca e flácida tremendo feito um

bebê. Até que ponto ele havia chegado... Como sua queda fora grande.

O convite para integrar a equipe da Occam Aerospace para analisar “uma forma de vida recém-descoberta” salvou sua vida. Isso não é exagero. Num dia, as lâminas de barbear aguardavam ao lado da banheira; no seguinte, foram jogadas no lixo. E não era só isso. Mihalkov lhe informou que aquela seria a última missão que exigiriam dele. Bastava fazer o trabalho na Occam, e ele seria levado de volta para casa, de volta para Minsk, de volta para os braços de pais que ele não encontrava havia dezoito anos.

Hoffstetler estava ansioso para começar. Assinou todos os formulários de liberação que passaram diante dele e começou a ler os despachos em parte censurados, mas bastante impressionantes, vindos de Washington. Pediu demissão da faculdade usando a velha desculpa de “questões pessoais” e fixou residência em Baltimore. *Uma forma de vida recém-descoberta*: aquelas palavras enchiam seu corpo frio e murcho com jatos quentes de esperança juvenil. Dentro de Hoffstetler também havia uma vida recém-descoberta, e dessa vez ele não iria usá-la para destruir outro ser, mas para compreendê-lo.

Então ele o viu. Essa não é a palavra certa. Ele o *conheceu*. A criatura olhou para o homem por uma vigia do tanque e o reconheceu da forma característica que ocorre entre humanos e primatas. Em segundos, o homem se viu despido da armadura científica que construiu ao longo de vinte anos. Aquele não era um peixe mutante no qual deveriam fazer intervenções, mas um ser com quem eles deveriam compartilhar pensamentos, sentimentos e impressões. Essa percepção foi libertadora, da exata maneira que o cientista, recentemente resignado à morte, precisava. Tudo o havia preparado para aquilo. Nada o havia preparado para aquilo.

A criatura também era uma contradição, sua própria biologia alinhada com indícios históricos do período devoniano. Hoffstetler começou a chamá-la de Devoniano, e a prioridade da pesquisa era compreender sua relação profunda com a água. O homem teorizou primeiro que o Devoniano comandava a água ao seu redor, mas achou isso despótico demais. Na verdade, a água parecia trabalhar junto ao Devoniano, refletindo a disposição do ser ao se remexer, espumar ou ficar imóvel como areia. Geralmente, insetos são atraídos por água parada, mas os que conseguiam entrar na F-1 ficavam hipnotizados pelo Devoniano, esvoaçando de um lado para o outro e se lançando sobre Hoffstetler sempre que ele fazia um movimento que parecia agressivo.

Sua mente girava, cheia de hipóteses incríveis, mas ele as escondeu por egoísmo, limitando seu primeiro relatório para a Occam a fatos fáceis de digerir. O Devoniano, escreveu ele, era um anfíbio bípede com simetria bilateral que demonstrava claras evidências vertebrais de

uma notocorda, de um tubo neural oco e de um sistema sanguíneo fechado abastecido por um coração — Hoffstetler ainda não sabia se com quatro câmaras (como o dos humanos) ou com três (como o dos anfíbios). As fendas das guelras eram nítidas, mas havia também as dilatações de uma caixa torácica envolvendo pulmões vascularizados. Isso sugeria que o Devoniano podia habitar, até certo ponto, duas geosferas. Não havia limites para o que a comunidade científica poderia aprender sobre respiração subaquática, datilografou ele de maneira frenética.

A desvantagem da *vida recém-descoberta* de Hoffstetler era uma nova ingenuidade. A Occam não tinha interesse em solucionar mistérios relativos a diferentes tipos de existência. A empresa buscava a mesma coisa que Mihalkov: aplicações militares e aeroespaciais. Da noite para o dia, o cientista se viu atrasando e atrapalhando o projeto, mexendo em botões e ajustando válvulas, declarando o equipamento inseguro e os dados, comprometidos, qualquer coisa para ganhar mais tempo para estudar o Devoniano. Isso exigiu criatividade e audácia, e também um terceiro atributo pessoal que ele deixara atrofiar sob a influência de Mihalkov: empatia. Por isso as lâmpadas especiais que instalou para forjar a luz natural e as gravações de campo da Amazônia.

Esses esforços levaram tempo, e Richard Strickland transformara o tempo em uma espécie sob tanto risco de extinção quanto o Devoniano. O mundo acadêmico era repleto de rivalidades; o russo sabia ver a lâmina oculta atrás de um sorriso e de um aperto de mão. Strickland, porém, era um tipo diferente de rival. Não escondia sua antipatia pelos cientistas, praguejando na frente deles de um jeito que os fazia corar e gaguejar. Reclamava dos atrasos de Hoffstetler, classificando-os como as mentiras que de fato eram. Se quer aprender sobre o recurso, dizia Strickland de muitas maneiras, você não faz cócegas no queixo dele. Você o corta e observa como ele sangra.

O instinto de Hoffstetler era se encolher de medo. Porém, isso não podia acontecer, não dessa vez. Havia muito em jogo, não apenas para o Devoniano, mas também para sua própria alma. A F-1, ele disse a si mesmo, era a singularidade de um universo novo e indomado. Para sobreviver em seu interior, seria preciso criar uma terceira pessoa, alguém que não fosse Dmitri nem Bob, mas sim um herói. Um herói que pudesse se redimir por ficar calado enquanto inocentes eram subjugados por experimentos de dois países sem coração. Para obter sucesso, ele teria que vivenciar a mesma lição básica que ensinava aos alunos: universos se formam por meio de colisões de violência crescente e, quando surge um novo hábitat, membros do grupo taxonômico local vão lutar pelos recursos, muitas vezes até a morte.

— EXTRAÇÃO... — reflete Mihalkov. — Essa é a palavra que os americanos usam para dentes. Um procedimento grosseiro. Osso e sangue por todo o babador. Não, extração não faz parte do plano.

Hoffstetler não está convencido pela racionalidade da própria ideia. Quem arriscaria dizer que a União Soviética não infligiria torturas piores ao Devoniano? No entanto, a incerteza fez ganhar a melhor entre duas alternativas ruins. Ele abre a boca para falar, mas os violinistas chegam a uma pausa entre as músicas, e ele segura o fôlego. Cotovelos entram em movimento, e o grupo recomeça, a crina de cavalo dos arcos se movendo como teia de aranha partida. Shostakovich: animado o suficiente para abafar uma conversa de qualquer nível de perigo.

— Com essas plantas, podemos retirá-lo da Occam em dez minutos. Tudo que peço são dois agentes de operações — insiste.

— Esta é sua última missão, Dmitri. Por que quer complicá-la? A mais feliz das recepções o aguarda em casa. Escute meu conselho, camarada. Você não é um homem de aventuras. Faça aquilo em que é bom. Varra a sujeira dos americanos como uma boa empregada e nos entregue a pá de lixo cheia.

Hoffstetler sabe que está sendo insultado, mas o golpe o atinge sem força. Ultimamente, começou a pensar que empregadas, sobretudo serventes, estão muito mais conectadas aos segredos que qualquer outra pessoa na Terra.

— Ele pode se comunicar — afirmou. — Eu vi.

— E daí? Cachorros também podem. Isso nos impediu de mandar a pequena Laika para o espaço?

— Ele não só sente dor, ele *entende* a dor, do mesmo jeito que eu e você.

— Não fico surpreso. Os americanos são sempre lentos para reconhecer esse fato. Por quanto tempo defenderam que os negros não sentem a mesma dor que os brancos?

— Ele entende sinais manuais. Ele entende *música*.

Mihalkov toma um gole de vodca e dá um suspiro.

— A vida deveria ser como desmembrar um veado-vermelho, Dmitri. Você retira a pele, corta a carne. Simples e limpo. Como tenho saudade dos anos 1930. Encontros em trens. Microfilmes escondidos em estojos de maquiagem. Transportávamos objetos que podiam ser tocados e sentidos e sabíamos que estávamos levando para casa coisas que beneficiariam *nashi lyudi*. Concentrados de vitamina D. Solventes

industriais. Hoje, nosso trabalho é mais como puxar as tripas de um buraco na barriga. Lidamos com coisas intocáveis. Ideias, filosofias. Não me espanta ver que você confunde essas coisas com emoção.

Emoção: Hoffstetler consegue visualizar Elisa orquestrando as luzes do Devoniano.

— Mas qual é o problema da emoção? Você já leu Aldous Huxley?

— Primeiro música, agora literatura? Você é mesmo um intelectual, Dmitri. Da, li o sr. Huxley, mas só porque Stravinsky fala muito bem do trabalho dele. Você sabia que sua composição mais recente é um tributo ao sr. Huxley? — Ele aponta com a cabeça na direção dos violinistas. — Bem que esses novatos podiam aprendê-la.

— Então leu *Admirável mundo novo*, o alerta do autor contra chocadeiras estéreis de bebês e condicionamento em massa. Não é para isso que estamos nos dirigindo se não formos guiados pelo que sabemos ser a bondade inata da natureza humana?

— Entre o peixe da Occam e essa distopia futurística, há um caminho longo e cansativo. Você não deve se permitir ter um coração tão mole. Se ler ficção popular é seu hobby, posso sugerir H.G. Wells? Deixe-me contar o que o dr. Moreau dele diz: “O estudo da natureza deixa o homem tão implacável quanto a natureza.”

— Com certeza você não está defendendo o dr. Moreau.

— Homens civilizados gostam de fingir que Moreau é um monstro. Mas este é o Black Sea, Dmitri. Estamos sozinhos. Podemos ser honestos um com o outro. Moreau sabia que era impossível separar um do outro. Se você acredita que o mundo natural é bom, então também deve aceitar sua brutalidade. Essa criatura que você tem em tão alta conta? Ela não sente nada por você. Não tem piedade. E você deveria agir da mesma forma.

— Homens deviam ser melhores que monstros.

— Ah, mas quem são os monstros? Os nazistas? O Japão imperial? Nós? Não fazemos todas coisas monstruosas para impedir o ato monstruoso derradeiro? Gosto de visualizar o mundo como um prato de porcelana equilibrado sobre duas varas: uma representa os Estados Unidos, e a outra, a União Soviética. Se uma vara se ergue, a segunda deve fazer o mesmo; do contrário, o prato vai se quebrar. Certa vez, conheci um homem chamado Vandenberg. Infiltrado nos Estados Unidos, como você. Cheio de ideais, como você. Ele não conseguiu, Dmitri. Seu cadáver agora está num corpo de água que não tenho liberdade para especificar.

Bolhas sobem do tanque de lagostas como se a água — toda a água — tivesse participado da deglutição de Vandenberg. Uma mudança sutil na assinatura da música: os violinistas chegam para o lado a fim de permitir a aproximação de um garçom, que, com uma medida tímida, põe um prato de lagosta com bife diante de Mihalkov. O

agente sorri, enfia o guardanapo no colarinho e se arma com os talheres. Hoffstetler fica grato pela distração; ele está abalado, mas, levando-se em conta o destino desse tal de Vandenberg, não acredita ser sábio deixar Mihalkov perceber isso.

— Eu sirvo às vontades do primeiro-ministro — disse o cientista. — Desejo esse recurso para que seus segredos sejam apenas nossos.

Mihalkov quebra a lagosta, mergulha a carne branca na manteiga e mastiga em movimentos amplos e lentos.

— Por você, tão leal há tanto tempo — disse ele, de boca cheia —, farei esse favor. Vou perguntar sobre uma extração. Verei se é possível. — Ele engole e aponta a faca na direção do espaço vazio diante de Hoffstetler. — Quer se juntar a mim? Os americanos têm um nome engraçado para este prato. Eles o chamam de *surf and turf*, mar e grama. Olhe às minhas costas. Escolha a lagosta que mais gostar. Se quiser, podemos levá-la até o fogão para você vê-la cozinhando. Elas chamam um pouco, é verdade, mas são tão macias, tão doces...

CHEGA A PRIMAVERA. O tecido cinzento e pesado que parecia cobrir o céu é retirado. Montes de neve antiga, encolhidos nas sombras feito coelhos trêmulos, desaparecem. Onde antes só havia silêncio, pássaros solitários cantam, e meninos impacientes jogam beisebol em terrenos baldios. As marolas nas docas perdem suas extremidades curvas. As refeições mudam — dá para sentir o cheiro delas através de janelas abertas pela primeira vez em meses. Entretanto, nem tudo está bem. A chuva ainda não apareceu. A grama está tão amassada quanto o cabelo de alguém ao acordar e amarela como urina. Mangueiras de jardim se desenrolam para uma tarefa insaciável. Galhos erguem botões de flor do tamanho de punhos fechados. Bueiros mostram seus dentes sedentos e manchados para o sol.

Elisa se sente da mesma forma. A torrente em seu interior ainda está contida. Ela não entra na F-1 há três dias — cinco se contar o fim de semana, o que ela faz, cada minuto dele, mantendo uma soma atualizada na cabeça. O laboratório esteve ocupado. Há mais PMs que antes e a patrulha é mais vigorosa; antes mesmo que um único piso que acabou de ser limpo seque, ele é manchado por marcas de botas. Quando Elisa chega ao trabalho, não é apenas Fleming comandando a troca de turno. É Strickland. A servente desvia do olhar dele, na esperança de não tê-lo visto sorrindo para ela.

A lavanderia ainda incomodava os olhos de Elisa, mesmo que já fizesse cinco anos desde a remoção das máquinas de lavar, o que aconteceu depois que ela encontrou Lucille desmaiada por causa dos vapores do alvejante. Em um feito glorioso que Zelda gosta de recontar durante os intervalos para o lanche diante da Automat, Elisa ergueu a colega que perdeu os sentidos, colocou-a em um carrinho e a empurrou até o ar mais limpo da cafeteria antes de alguém ligar para o hospital. A Occam não gosta de atenção; todo o trabalho de lavanderia foi terceirizado para a Tinturaria Milicent, e Elisa e Lucille tiveram sorte de manter os empregos.

Para a equipe da faxina, resta apenas a tarefa de separar as roupas. Zelda e Elisa separam toalhas sujas, aventais e jalecos em cima de mesas grandes enquanto Zelda conta uma nova história de Brewster. Ela queria assistir a *Abertura Disneylândia* na noite anterior, mas o marido insistiu em ver *Os Jetsons*, o que gerou uma discussão crescente até que a esposa arrancou o homem da poltrona reclinável como lixo de dentro de uma lata, ao que ele retaliou cantando o tema dos *Jetsons* a plenos pulmões ao longo de toda a duração do programa

dela.

Elisa sabe que a amiga conta essa história para animá-la da depressão que não consegue esconder e que se recusa a explicar. Ela lhe é grata por isso e, enquanto joga coisas no carrinho, sinaliza interjeições com o máximo de vigor que consegue fingir. As duas terminam e empurram seus carrinhos até o corredor. Elisa pegou o que está com a rodinha rangendo: faz tanto barulho que a cabeça com capacete de um PM surge na outra extremidade do corredor para avaliar a ameaça. O caminho que as serventes fazem passa em frente à F-1. Elisa se esforça para ouvir sons reveladores enquanto tenta parecer não estar bisbilhotando.

Elas viram à esquerda e entram em um corredor sem janelas. Ele está na completa escuridão, com a exceção das luzes laranja de estacionamento que se projetam através de portas duplas que, devido a um bloco de madeira, não estão totalmente fechadas. Zelda empurra e abre uma das portas, puxa seu carrinho e continua segurando para que Elisa a siga. Elas são recebidas, como de costume, por outros membros do turno da madrugada, enfileirados feito pássaros em um fio, fumando cigarros. Os cientistas ousam burlar a proibição de fumar na Occam, mas não os serventes; várias vezes por noite eles se reúnem na plataforma de carga, suas desavenças suspensas pela duração de um cigarro. É um risco: pausas são permitidas no saguão principal, mas não ali, não tão perto dos laboratórios esterilizados.

— Você precisa lubrificar essas rodinhas — comenta Yolanda. — Deu para ouvir você chegando a um quilômetro de distância.

— Não dê ouvidos a ela, Elisa — pede Antonio. — Assim tenho tempo de pentear meu cabelo para você.

— Isso é cabelo? — provoca Yolanda. — Achei que fosse o entupimento que tirou da privada.

— Srta. Elisa, srta. Zelda — diz Duane. — Por que nunca fumam conosco?

Elisa aponta para as cicatrizes no pescoço. Um trago em um cigarro no barracão nos fundos do Lar era toda a experiência que ela precisava ter com aquilo; tossiu até sujar a camisa com sangue. A mulher desce com o carrinho que range pela rampa, acena para o motorista da Tinturaria Milicent no espelho retrovisor e começa a atirar os cestos de roupa pelas portas traseiras abertas. Zelda para o carrinho ao lado do da amiga, mas se vira para os outros.

— Ah, que inferno! — exclama Zelda. — Até que eu sinto falta do gosto. Me deem um cigarro.

Os outros dão vivas quando Zelda se junta a eles no alto da rampa. Ela aceita um Lucky Strike de Lucille, acende, dá uma tragada e apoia o cotovelo do braço que segura o cigarro na palma da outra mão. Essa pose faz com que Elisa imagine uma versão mais jovem e flexível da

amiga em um salão animado por uma banda de metais, sendo rodopiada por um pretendente de terno *zoot-suit* — talvez Brewster. Elisa segue a fumaça ascendente exalada por Zelda, captando a lâmpada de vapor de sódio antes de flutuar diante de uma câmara de segurança.

— Não se preocupe, docinho.

O susto que ela leva a faz se virar para Antonio. Ele pisca um de seus olhos vesgos e pega uma vassoura qualquer encostada na parede. Ele a levanta, até que a extremidade do cabo toca a base da câmara. Um ponto de sujeira acumulado no painel inferior do aparelho revela como os serventes o inclinam para cima, da mesma forma toda noite, e depois o baixam outra vez.

— Isso cria um ponto cego por alguns minutos. Bem inteligente, né?

Elisa leva um minuto para perceber que parou de descarregar a roupa suja. O motorista da tinturaria buzina, mas ela não reage. Duane tenta despertá-la com uma piada e pergunta como Elisa leva mais ovos cozidos para o almoço do que é capaz de comer, mas ainda assim a mulher fica sem reação. Zelda enfim apaga o cigarro e gesticula para que o motorista relaxe, descendo apressada a rampa para fazer sua parte do carregamento.

— Você está bem, querida? — pergunta ela.

Elisa escuta os ossos do pescoço estalarem ao assentir. No entanto, é incapaz de afastar os olhos dos fumantes enquanto eles jogam fora suas guimbas em brasa, rendendo-se ao relógio, e deixam Antonio responsável por empurrar a câmara de segurança de volta à posição original. Ela mal escuta Zelda fechar as portas do furgão e bater nelas para indicar ao motorista que já acabaram ali. *Ponto cego*: Elisa mergulha na expressão, explora, acha familiar, quase aconchegante. Com a exceção de Zelda e Giles, ela viveu a vida inteira em um ponto cego, esquecida pelo mundo, e não seria incrível, pensa, se essa invisibilidade fosse aquilo que lhe permitisse chocar todos?

FUNCIONÁRIOS DO TURNO da manhã adentram o vestiário. Zelda faz contato visual com antigos companheiros de treinamento ao longo dos anos. É engraçado como foram promovidos, e ela, não. Eles fingem olhar para o relógio, procuram algo na bolsa. Bom, Zelda não é de esquecer das pessoas. Alguns daqueles funcionários tinham sido os piores fofoqueiros do turno da madrugada. Sandra certa vez afirmou ter visto, na B-5, planos de voo usados para lançar gás sedativo sobre a população. Albert declarou que os armários da A-12 escondiam cérebros humanos fervilhando em gosma verde — provavelmente, teorizava ele, pertenceram a presidentes. Rosemary jurava ter lido um arquivo descartado sobre um jovem, de codinome “Finch”, que não envelhecia.

É o que fazem as usinas de boatos: elas produzem. Por isso Zelda dá pouco crédito aos rumores que cercam a F-1. Há alguma coisa estranha naquele tanque? Pode apostar que sim — ela arrancou dois dedos do sr. Strickland. Mas é de coisas estranhas que a Occam é feita. Qualquer um que tenha estado ali por algum tempo sabe que não há por que se preocupar.

Elisa devia saber disso. Nos últimos dias, o comportamento da amiga tem intrigado Zelda. Ah, ela viu como a mulher se comportou quando elas passaram pela F-1 empurrando os carrinhos da lavanderia. Não dava para saber se aquele barulho era uma roda rangendo ou o lamento da servente. Zelda acha que isso vai passar, todo mundo vez ou outra se empolga demais pensando em conspirações do governo. Por mais que tente, porém, ela não consegue deixar de pensar nisso. Elisa é a única na Occam que vê Zelda pelo que ela é: uma pessoa boa e uma trabalhadora muito esforçada. Se Elisa for demitida, Zelda não sabe se vai suportar a dor. Pode ser egoísmo, mas é a verdade. Seus nós dos dedos doem não de agarrar esfregões, mas porque dedos são a linguagem de Elisa, e a ideia de perder aquela conversa diária, aquela afirmação cotidiana de que ela, Zelda Fuller, é relevante... isso dói.

Um dos boatos recentes sobre a F-1 se comprova: nunca antes os chefões foram tão duros com os serventes e outros empregados do tipo. Elisa está sempre rondando o laboratório; ela vai mesmo brincar com fogo. Zelda termina de se vestir, senta-se no banco e dá um suspiro, saboreando o cheiro forte de Lucky Strike. Desdobra uma lista de tarefas do controle de qualidade do bolso, dá mais uma olhada nela. Fleming está sempre mudando detalhes, criando armadilhas; se

ela fosse Elisa, talvez achasse que Fleming fazia isso para deixá-las ocupadas demais para criar teorias sobre o que acontece ali. Zelda esfrega os olhos cansados e continua a conferir tudo tim-tim por tim-tim, enquanto os funcionários do turno seguinte batem e fecham seus armários. A lista de tarefas está cheia de espaços em branco, não preenchidos, assim como sua vida. Coisas que ela nunca vai ter, lugares aonde nunca irá.

O vestiário está repleto de mulheres. Zelda olha ao redor, pernas se movendo, cabides sendo separados um do outro, alças de sutiãs ajustadas. Não foi só para dar uma última olhada na lista de tarefas que a mulher ficara ali. Ela está esperando por Elisa, para que possam esperar o ônibus juntas — esperando para esperar, a história de sua vida. Admitir isso faz com que ela se sinta patética. A última pessoa em quem Elisa está pensando nesses dias é Zelda. A lista de tarefas desaparece diante dos olhos da servente quando ela percebe que o maior espaço não preenchido da noite revela ser o paradeiro de Elisa. Onde ela está? Não trocou o uniforme, o que significa que ainda está na Occam. Zelda se levanta, e seu papel paira até chegar ao chão.

Meu Deus, a garota estava tramando alguma coisa.

A VOZ DA supervisora ecoa em seu crânio. *Garotinha burra*. Elisa reduz o passo para esperar a passagem de dois funcionários do turno da manhã que se dirigem devagar ao fim do corredor. *Nunca segue instruções, não é de admirar que todas as meninas odeiem você*. Pronto: ela está sozinha. Segue apressada até a porta da F-1 e enfia a chave-cartão. *Um dia vou pegá-la mentindo ou roubando e jogá-la no meio da rua, no frio*. A tranca se encaixa e ela abre a porta, um ato ultrajante àquela hora. *A única opção que lhe restará vai ser vender seu corpo, sua garota indecorosa*. Elisa entra, fecha a porta e encosta a orelha nela, tentando ouvir passos, sua mente temerosa criando imagens apavorantes da supervisora jogando a pequena Muda escada abaixo, o corpo dela rolando pelos degraus para, por fim, cair aos pés de David Fleming.

Os funcionários do turno da manhã se multiplicam pelos corredores da Occam. É um momento arriscado para a visita de Elisa, mas a mulher não consegue evitar, precisa vê-lo, assegurar-se de que ele está bem. Mas é difícil ver qualquer coisa; a F-1 está totalmente iluminada, tão clara como estava na noite em que o tanque da criatura foi empurrado para dentro. Elisa aperta os olhos, hesitante, mas também sorri, apesar de tudo. Apenas uma visita rápida para mostrar que não se esqueceu dele, para sinalizar que sente sua falta, para irradiar calor quando ele sinaliza o nome dela, para animá-lo com um ovo. Ela o pega no bolso e avança a passos largos, suas pernas começando a lembrar como dançar.

Ela o escuta antes de vê-lo. O som de alta frequência se assemelha a um gemido de baleia, contornando seus ouvidos e apertando seu peito como se fosse arame. Elisa para por completo: seu corpo, sua respiração, seu coração. O ovo escorrega da mão, aterrissa com delicadeza em seu pé e rola por poças d'água deixadas para trás por algum movimento brusco. A criatura não está nem na piscina nem no tanque, mas de joelhos no meio do laboratório, as correntes de metal presas a uma estaca de concreto. Uma luminária médica em um braço articulado o açoita com choques elétricos, e Elisa sente o cheiro de sua secura salgada, feito um peixe deixado em um píer para apodrecer. Suas escamas cintilantes estão embotadas e cinzentas; a graciosidade de seus movimentos na água, esmagada pelas curvas duras da posição em que estava. Seu peito vibra como o de um velho ofegante, e as guelras se movem com vigor, como se estivessem levantando pesos, cada abertura revelando uma vermelhidão bruta.

A criatura vira a cabeça e olha para ela. Saliva escorre de sua boca arquejante. Seus olhos, como as escamas, estão cobertos por uma pátina embotada, e embora isso torne mais difícil identificar a cor deles, não há como interpretar de outra maneira o gesto que ele faz com as mãos, ainda que estejam presas a correntes. Os dois indicadores apontam com urgência para a porta. É um sinal que Elisa conhece muito bem: “Saia.”

Propositalmente ou não, o sinal leva os olhos dela a um banco ao lado da coluna de concreto. Elisa não sabe como não o havia notado antes, uma cor tão forte em toda a monotonia do laboratório. Em cima do móvel, há um saco aberto de balas verdes.

NUNCA, EM TODOS os anos de Zelda na Occam, ela caminhou pelos corredores com suas roupas normais. Seu uniforme de trabalho, na verdade, era uma capa mágica: sem ele, sua presença é *notada*. Cientistas bocejando e os outros auxiliares de serviços gerais a observam de um jeito que inunda sua alma com um calor inesperado, antes de ser perfurada por uma pontada congelante de medo. Seu vestido floral, de bom gosto em qualquer outro lugar, é indecente naquele domínio de jalecos brancos e uniformes cinzentos. Ela usa a bolsa para se esconder o máximo que consegue e avança. O caos da mudança de turno vai durar mais alguns minutos, tempo suficiente para encontrar Elisa e botar a cabeça da amiga no lugar.

Ela passa apressada por uma esquina e encontra Richard Strickland saindo de seu escritório. Ele cambaleia como se tivesse acabado de descer de um barco. Zelda conhece bem aquele tipo de meneio. Ela o viu em Brewster, quando ele ainda não tinha parado de beber. Em seu pai, quando estava tomado pela demência. No tio, enquanto a casa era consumida pelas chamas às suas costas. Strickland se apruma e esfrega os olhos, que parecem fechados com uma crosta. Será que ele vinha dormindo ali? O homem avança pelo corredor, e Zelda se encolhe ao ouvir o clangor de metal no chão. É o agulhão laranja. Strickland o arrasta atrás de si, como a clava de um homem das cavernas.

Ele não a vê. A mulher duvida que o militar veja muita coisa. O homem segue na outra direção, uma bênção, se Zelda não soubesse para onde ele está indo, o mesmo lugar para o qual ela está se dirigindo. A servente estuda seu mapa mental da Occam. O subsolo é um quadrado, por isso há um caminho oposto para a F-1. Mas leva o dobro do tempo. Ela nunca vai conseguir chegar antes dele. Strickland cambaleia, apoia uma das mãos na parede para se firmar e reclama da dor nos dedos. Está lento. Talvez ela *consiga*. Se pudesse simplesmente cuspir o medo que entope seus pulmões e fazer com que seus pés...

Zelda está em movimento, balançando os braços. Ela passa por um refeitório agitado e repleto de cheiros, não os dos comestíveis requentados das máquinas de comida, mas desjejuns que são de fato preparados por uma pessoa. Esbarra em uma mulher branca que está colocando uma rede de cabelo e é fuzilada com um olhar de repreensão. Secretárias, alarmadas pelo barulho dos sapatos de Zelda, espicham a cabeça para fora da sala de fotocópias. Então, um problema: um gargalo no anfiteatro da Occam, uma sala que raramente fica aberta à noite e que ela se esqueceu de incluir em seus

cálculos. Cientistas entram em fila, quem sabe para ver algum tipo de dissecação, embora Zelda sinta que seja muito provável que eles estejam exibindo um filme de terror, talvez o que ela vive naquele momento: um conciliábulo de monstros de jalecos brancos olhando atravessado para seu corpo grande e para o suor reluzente em seu rosto.

Eles tornam as coisas difíceis para ela. Mas não foi sempre assim? Zelda se vê obrigada a se espremer entre aqueles corpos inertes, soltando dezenas de *Sinto muito* e *Perdão* até conseguir sair do outro lado. Então, segue adiante, apressada, tentando ignorar os risos às costas. Ela *sente* muito, pensa, e *não* há perdão. Está ofegante, não consegue recuperar o fôlego. É graças ao impulso que ela vira a segunda curva e vê, na outra extremidade, caminhando com dificuldade em sua direção, Strickland.

Zelda não tem para onde fugir. Dar a volta seria admitir estar fazendo algo errado. O que mais poderia fazer? Ela caminha na direção do homem. É a coisa mais ousada que já fez. Seu coração quica no peito feito uma bola de basquete. Sua respiração é um mistério, sequestrada por músculos misteriosos. Ele olha para a mulher como se ela fosse uma aparição e ergue o agulhão de gado, um mau sinal, mas pelo menos não está gargalhando e fazendo considerações sobre as lajotas do piso.

Os dois param diante da F-1. Em meio à respiração entrecortada, Zelda força um cumprimento.

— Ah, olá, sr. Strickland.

Ele a perscruta com olhos vidrados. Parece que nunca viu a mulher antes, embora já tenham se encontrado duas vezes só nesta manhã. O rosto dele está exausto e pálido. O resíduo de um pó granulado cobre seu lábio inferior. Ele desiste de estudar o rosto da servente e solta um grunhido de desdém.

— Onde está seu uniforme?

Ele é um homem que sabe cortar: depressa, com profundidade. Com a inspiração dos desesperados, Zelda ergue o único objeto que carrega.

— Esqueci minha bolsa.

Strickland estreita o olhar.

— Sra. Brewster.

— Sim, senhor, só que é sra. Fuller.

Ele assente, mas não parece convencido. Na verdade, parece bastante perdido. Zelda já observou isso acontecer antes, pessoas brancas que não estão acostumadas a ficar sozinhas com pessoas negras; ele não sabe para que parte dela olhar, como se achasse a própria existência da mulher constrangedora. Isso o faz murmurar, um ruído baixo demais para ser ouvido do interior da F-1. Se Zelda quer alertar Elisa, precisa explorar o desconforto de Strickland e mantê-lo

ocupado pelo maior tempo possível e falando o mais alto possível.

— Diga, sr. Strickland — começa Zelda, com animação, para esconder o tremor na voz. — Como estão esses seus dedos?

Ele franze o cenho, em seguida olha pensativo para a atadura na mão esquerda.

— Não sei.

— Eles deram algum analgésico para o senhor? Meu Brewster quebrou o punho uma vez na Bethlehem Steel e o médico precisou consertá-lo.

Strickland faz uma careta, e por uma boa razão: ela está gritando. Zelda não está interessada na resposta dele, embora a passagem sedenta de sua língua pelo pó branco do lábio diga a ela tudo sobre seus analgésicos. Ele engole em seco, e talvez por causa do remédio ou do efeito placebo, sua coluna se empertiga e seus olhos vidrados, fixos, entram de repente em um foco assustador.

— Zelda D. Fuller — diz ele em um tom áspero. — *D* de Dalila.

A mulher estremece.

— Como está sua... — De repente, a mulher consegue pensar em algo. — Sua esposa, sr. Strickland. — Ela não tem ideia do que está dizendo. — Ela está gostando...

— Você é do turno da madrugada — rosna ele, como se essa fosse a pior coisa que a servente pudesse ser, pior que as outras coisas em relação a ela que são tão óbvias por si só. — Já pegou sua bolsa. Agora pode ir.

Ele tira uma chave-cartão do bolso de trás como se fosse um estilete e a enfia na fechadura. Zelda se força a terminar a pergunta, alguma bobagem alegre sobre a esposa dele, uma cortesia que até Richard Strickland será forçado a retribuir, mas o homem retrocedeu a seu estado natural de ignorar a presença dela, uma mulher que mal existe, e passa pela porta da F-1, com o agulhão batendo na maçaneta, um alerta final, assim Zelda espera, para Elisa, onde quer que a amiga esteja.

MERDA, ESTÁ MUITO claro. Parece que enfiaram alfinetes em seus globos oculares. Sua vontade é correr de volta para seu escritório escuro, fechar os olhos sob o cobertor cinzento e suave dos monitores das câmeras de segurança. É um instinto covarde. Ele está ali por uma razão. É hora de intervir, encarar o deus Brânquia, forçar que ponham um ponto final nos experimentos de Hoffstetler. Não, nada de deus Brânquia. O *recurso*, isso é tudo que ele é. Por que voltou a pensar na criatura como deus Brânquia? Ele precisa parar com isso. O bom, velho e resistente agulhão de gado Farm-Master 30 está comprido e reto na palma de sua mão, um corrimão que o guia por uma névoa opíacea de volta ao mundo real.

Ele só precisou da ajuda de dois PMs para pescá-lo do tanque e acorrentá-lo à coluna de ferro, sem ter que perder nenhum dedo. Os PMs não vão dizer nada. Strickland é o chefe deles. Ele os mandou saírem do laboratório depois disso, só para descobrir que tinha deixado o agulhão no escritório. Seu escritório — a gaveta da mesa, os comprimidos. Uma coincidência. Não deixou o agulhão ali de propósito. Não fez isso.

Ele se lembra do relato agoniado de Lainie do outro dia, quando ela flagrara Timmy cortando e abrindo um lagarto. Isso não incomodou Strickland nem um pouco. Na verdade, ficou orgulhoso. Devia aprender com o próprio filho. Quando foi a última vez que Strickland tinha ficado sozinho com *este* lagarto? Ele precisaria recuar muito no tempo, até a Amazônia, segurando o arpão em uma gruta escura ecoando com gritos de macacos. O deus Brânquia — o recurso — cheio de rotenona, tentando alcançá-lo com os dois braços. Como se o homem e o peixe fossem iguais. A arrogância daquilo. O insulto.

Agora veja só isso. Ali está, uma bela e clara visão do sofrimento do recurso. Os joelhos sangrando, sem proteção para suportar peso por tanto tempo, as suturas arrancadas também sangrando. Partes de sua anatomia abominável palpitando e pulsando por ar. Strickland ergue o agulhão e o agita. O deus Brânquia eriça seus espinhos unidos por membranas.

— Ah — diz Strickland. — Você se lembra.

Ele saboreia o estalido delicado provocado por seus pés ao dar a volta no poste de ferro. Nos momentos que antecedem a tortura, as emoções estão sempre à flor da pele. A tumescência do medo. O anseio entre dois corpos mantidos afastados antes do impacto inevitável. Atos mais criativos que Strickland não tem paciência para

florescer na imaginação da vítima. Lainie jamais entenderia esse tipo de preliminar, mas qualquer soldado que sentiu o sangue pulsando nas veias entenderia. O pescoço sujo de sangue de Lainie surge em sua mente. Uma imagem bela e revigorante. Ele pega uma bala verde no saco e a chupa, finge que seu amargor pronunciado é o gosto de sangue.

Quando ele a morde, o barulho de trituração estilhaça seus tímpanos. Elisa Esposito deve ser o único ponto de silêncio que restara no mundo. O próprio silêncio de Strickland está sendo consumido pelos macacos, que voltaram. Chiando de trás dos monitores de segurança. Rosnando debaixo de sua mesa. E gritando. É claro, gritando. Quando ele está tentando pensar. Quando está tentando dormir. Quando está tentando acompanhar as crônicas cotidianas de sua família. Os macacos querem que ele reassuma o trono de deus da selva. Até que ele faça isso, os bichos não vão parar de gritar.

Por isso ele cede, só um pouco. Só para ver se eles vão relaxar, só um pouco. O aguilhão? Ora, aquilo não é um aguilhão de gado, não mesmo. É o facão de um dos índios bravos. Os macacos riem. Eles gostam disso. Strickland percebe que gosta disso também. Ele balança o facão como um pêndulo, imaginando que está retalhando as raízes que sustentam uma mafumeira. O deus Brânquia reage com violência, puxando suas correntes, a agonia repentina de um peixe que você achava estar morto. As guelras incham, deixando a cabeça da criatura duas vezes maior. Um truque animal idiota. Não funciona com humanos. Também não funciona com deuses.

Strickland liga um botão. O facão zune na mão dele.



BRAÇOS E PERNAS espremidos em uma caixa de metal, cabelo preso em uma dobradiça, joelho esfolado e sangrando — e ainda assim Elisa não sente dor. Só medo, essa poderosa tempestade de poeira que gira dentro dela, e raiva, trovejando em seu crânio até deixar sua testa mais grossa e larga, parecendo formar chifres compridos e retorcidos. Ela vai usar os chifres para abrir a caixa e, sobre seus novos cascos animalescos, atacar aquele homem horrível, mesmo que ele a mate — qualquer coisa para salvar sua amada criatura.

No início, Elisa não conseguiu identificar as vozes, mas, no interior da F-1, qualquer timbre humano significa problema. Ficou tensa como um rato e procurou por um lugar onde se esconder. Não foi Strickland quem Elisa viu diante da porta que se abria, mas Zelda, a roupa casual dela tão chamativa quanto um vestido de casamento vermelho-vivo. A amiga estava tentando alertá-la, e ela precisava honrar aquele risco. Mergulhou em um armário de produtos médicos, batendo os joelhos com força suficiente para provocar lágrimas nos olhos. Como tudo na F-1, o armário tinha rodinhas e começou a andar. Elisa botou uma das mãos para fora e a apoiou no chão para interromper o movimento.

Agora Strickland está ali, andando a três metros de distância, perto demais para que ela feche a porta rangente do armário. Elisa se encolhe, escondida apenas pelas sombras, e tenta conter a respiração ofegante. O peito e a orelha esquerda estão colados ao chão do armário, e, através do material fino, ela consegue sentir as batidas surdas de seu coração. *Não se mexa*, diz a si mesma. *Corra, ataque*, também diz a si mesma.

Strickland balança o aguilhão com a desenvoltura de um jogador de beisebol. Ele faz um arco em paralelo ao chão e atinge a axila da criatura. Duas luzes douradas piscam, e o corpo do ser se contorce, as escamas ondulado por cima de músculos em convulsão, o tronco se retorcendo para o mais longe que ele consegue ir do homem — meros centímetros. Elisa só não grita porque não pode. Ainda assim, cobre a boca, enfiando os dedos nas bochechas. Todo mundo já sentiu algum tipo de choque elétrico, mas ela não consegue imaginar que o ser já tenha sentido algo parecido. Ele deve ter achado que era algum tipo de magia negra, um raio lançado por um deus vingativo.

Strickland parece cansado e desesperado. Ele se movimenta com passos pesados por trás da coluna. Fora do campo de visão da criatura, retira o paletó, dobra-o como alguém que nunca precisou dobrar a própria roupa e o põe ao lado do saco de balas. Aquilo parece uma

troca de pele, como a de uma cobra, e enche Elisa de medo. A camisa branca por baixo está suja com o que ela acha ser comida velha e não parece ter sido passada faz um bom tempo.

— Tenho umas merdas para dizer a você — murmura o homem.

Ele desliza o agulhão pela mão esquerda machucada, como se estivesse manejando um taco de sinuca, a arma apontada para o pescoço da criatura. Elisa pode sentir as próprias mãos sinalizando no escuro: “Pare, pare.” Strickland ataca: fagulhas voam, e a cabeça da criatura bate com força na coluna de concreto. Quando volta para a posição de antes, as escamas da testa estão esmagadas e brilhando com sangue. Para Elisa, elas ainda são belas — moedas de prata mergulhadas em tinta vermelha. As guelras oscilam, confusas com o choque, e o ser solta um gemido de golfinho. Strickland balança a cabeça com aversão.

— Por que você tinha que criar tanto problema? Por que nos fez passar por aquele inferno? Você podia sentir o nosso cheiro, com a mesma certeza que podíamos sentir o seu. *Dezessete meses*. Hoffstetler diz que você é bem velho. Talvez dezessete meses sejam apenas uma gota no oceano para você. Bem, vou lhe dizer uma coisa. Esses dezessete meses... eles acabaram comigo. Minha esposa olha para mim como se nem me conhecesse. Chego em casa e minha filha foge de mim. Estou tentando, porra, como estou tentando, mas...

Strickland chuta um armário igual àquele em que Elisa está escondida, amassando a porta no exato local em que o rosto dela estaria. Ele vira a mesa com raiva. Instrumentos médicos são catapultados pelo laboratório. Elisa se encolhe ainda mais. Strickland esfrega a mão esquerda no rosto e a atadura se desenrola. Nas camadas internas, ela vê concentrações amarronzadas de sangue, além de uma mancha amarela. Há um anel escuro também. A aliança que ela lhe devolveu. Ele a pôs de volta à força em cima do dedo reimplantado. Elisa se sente ainda pior.

— Eu o tirei da selva como arrancaria um ferrão do braço. Agora você ganha banhos quentes e piscinas? E o que sobra para mim? Uma casa que não é melhor que uma floresta? Uma família menos amistosa que todos aqueles índios na porra de suas aldeias? A culpa é sua. A culpa é toda sua, caralho.

Strickland usa o agulhão como a lâmina de uma espada, disparando fogo contra as suturas da criatura, depois recuando para atingi-las outra vez. Elisa vê um dos ferimentos se abrir, a carne escamosa se soltando do músculo. Um cheiro forte de fumaça e sangue queimado preenche o laboratório, e ela enterra a boca no cotovelo enquanto seu estômago se revira repetidas vezes. Assim, ela não vê o segundo armário ser chutado e derrubado, apenas ouve seu barulho, como se a bateria de um músico fosse atirada por uma escadaria. O

armário em que ela está, percebe, é o próximo na trilha de destruição de Strickland.

Elisa espia e vê, perto o suficiente para sentir o fedor das noites passadas em claro, a parte de trás das pernas de Strickland, a calça amarrotada com respingos de café velho e sangue fresco. Se tivesse uma faca, cogita, poderia cortar o tendão de aquiles ou tentar atingir uma artéria na panturrilha dele, ações perversas e horríveis que ela jamais tinha considerado antes. O que aconteceu com ela? Elisa acredita saber a resposta, apesar da ironia sombria: o que aconteceu com ela foi o amor.

— Você vai pagar por isso — diz Strickland, entredentes. — Por tudo.

Então, o zumbido do agulhão e o cheiro ruim de metal quente. Ele se joga para trás para tomar impulso, e o agulhão atinge o armário com um estrondo incidental mas ensurdecedor. Ela cerra os dentes, rígida com o horror, e observa Strickland erguer a arma como se fosse a lança de um cavaleiro medieval e galopar na direção dos olhos da criatura, os antigos faróis de um dourado brilhante agora transformados em poças leitosas e sem vida. Embora o armário esteja vibrando, ela vê aquilo com clareza: o agulhão vai perfurar um de seus olhos, encher o cérebro da criatura com eletricidade e acabar com o milagre de sua vida enquanto ela, tão lenta como acusava a supervisora, não faz nada.

O pé de Strickland resvala contra um pequeno objeto que rodopia para longe em um arco insolente. O homem se desequilibra, quase cai, em seguida se detém e observa o objeto parar de se mover. Ele resmunga algo, se abaixa e o apanha. É o ovo cozido que ela deixou cair ao ver a criatura acorrentada, uma coisa pequena e frágil de potencial atômico.

FOI FLEMING QUEM sugeriu que procurassem por Strickland na F-1. Hoffstetler afirmou com desprezo que o militar nada tinha a fazer naquele lugar. Segundos depois, porém, ele segue Fleming até o laboratório e se depara com a forma antropeide de Strickland andando de um lado para o outro bem no meio da sala. Ele se sente ingênuo, o que acontece desde que chegou a Baltimore, a epítome do professor enclausurado ludibriado pelo mundo real que descartava todas as regras. O Devoniano está no chão, indefeso. Hoffstetler não foi notificado de que a criatura seria removida do tanque; por isso, como o idiota cumpridor de ordens que era, acreditava que aquilo jamais aconteceria.

Até Fleming é esperto o suficiente para desconfiar de um erro de conduta.

— Bom dia, Richard — diz ele. — Não me lembro de ter visto este procedimento no programa...

Strickland abre a mão e deixa cair um objeto. Fleming não viu aquilo também? É o agulhão, a arma daquele homem truculento, e o coração do cientista se acelera. Ele caminha na ponta dos pés como uma criança, tentando verificar se a criatura está bem. Strickland também segura algo na mão ferida, mas é um objeto tão pequeno que ele o envolve com os dedos. Antes, Hoffstetler estava perturbado; agora, está com medo. Nunca conhecera um homem como Strickland, tão imprevisível em suas atitudes de id concentrado.

— Padrão — diz Strickland. — Questões disciplinares.

O cientista começa a caminhar mais rápido e ultrapassa Fleming. Seu rosto enrubesce sob o raio quente do olhar cheio de desprezo de Strickland. Questões disciplinares, talvez — o homem perdeu dois dedos —, mas padrão? Não há nada de padrão naquilo. A condição do Devoniano é revoltante. As suturas sobre o ferimento original do arpão arrebentaram, e ele está sangrando por toda parte: na axila, na nuca, na testa. De seus lábios acinzentados pendem fios gosmentos de saliva longos o suficiente para tocar a mistura de sangue, água salgada e escamas na qual o ser está ajoelhado. Hoffstetler se ajoelha ao lado do Devoniano sem medo; ele está preso por correntes e, além disso, mal tem forças para respirar, muito menos para lançar a mandíbula secundária. O russo verifica os ferimentos da criatura. O sangue escorre grosso e escuro através dos dedos. Ele precisa de gaze, de esparadrapo e de ajuda — muita ajuda.

Fleming pigarreia, e Hoffstetler pensa: *Sim, por favor, intervenha,*

pare com isso, Strickland não vai me escutar. Porém, o que sai da boca do outro está tão longe de uma repreensão quanto o cientista podia imaginar.

— Não era nossa intenção interromper o café da manhã.

Apenas uma afirmação tão absurda poderia fazer com que Hoffstetler tirasse os olhos do Devoniano mutilado. Strickland olha para baixo como um menino repreendido por roubar doces e abre a mão esquerda para revelar um ovo branco. Ele parece pensar nisso por um momento, o possível significado daquilo, mas, na opinião do russo, um ovo é algo frágil demais para que um animal como Strickland o entenda, tão profundo em seu propósito, tão simbólico em sua delicada perpetuação da vida. O homem dá de ombros e joga o ovo em uma lata de lixo. O ovo, para ele, não gera consequência alguma.

Para Hoffstetler é o contrário. Ele não esqueceu, e nunca vai esquecer, que aquela servente tinha um ovo igual na mão enquanto valsava diante do tanque do Devoniano. Devagar, o cientista vira a cabeça, como se estivesse fazendo um inventário da F-1. Os ossos de seu pescoço estalam, tentando denunciá-lo. Ele lança o olhar para todo local que possa servir de esconderijo. Embaixo de mesas. Atrás do tanque. Até mesmo dentro da piscina. Leva dez segundos para encontrar Elisa Esposito, de olhos arregalados e dentes cerrados, visível através da porta de um armário que o próprio corpo da mulher impede que feche.

Ele se sente estrangulado por veias com sangue em circulação. Mantém contato visual com ela, em seguida fecha os olhos uma vez, o sinal universal (ou pelo menos é assim que Hoffstetler espera) para “fique calma”, embora ele saiba muito bem que o pânico é a emoção pertinente. Não há como dizer o que poderia acontecer com essa mulher se ela fosse pega. Aquilo não é como roubar papel higiênico da empresa. Uma funcionária do turno da madrugada? Flagrada por um homem como Richard Strickland? Ela podia muito bem desaparecer por completo.

Elisa se tornou fundamental para manter o Devoniano vivo. Talvez ainda mais após aqueles ferimentos. Hoffstetler precisa distrair Strickland. Ele se volta para o Devoniano. O dano à servente é teórico; o dano àquele organismo singular é real e horripilante, e ainda poderia causar a morte dele se o cientista não conseguisse devolvê-lo às águas curativas do tanque ou da piscina naquele instante.

— Você não pode fazer isso! — grita.

Strickland e Fleming tinham começado a conversar, mas agora os dois param, e o laboratório fica em silêncio completo, exceto pelo arquejar ofegante do ser. Hoffstetler ergue os olhos para Strickland, que parece saborear a insurgência pretensiosa.

— Ele é um animal, não é? — resmunga Strickland. — Só estou

domando a criatura.

Hoffstetler conhece o medo verdadeiro: ele o sentiu toda vez que acessou documentos confidenciais para agentes soviéticos. Não conhece a raiva, porém, não daquela maneira. Tudo que fez, disse ou sentiu em relação ao Devoniano parece superficial, até irrelevante. Sua discussão com Mihalkov sobre a criatura ser mais inteligente ou não que um cachorro, o debate deles sobre Wells e Huxley. De certa forma, ele sente, de uma hora para a outra, que a criatura na F-1 é um anjo que, depois de se dignar a agraciar nosso mundo, foi logo derrubado, preso a uma cortiça e rotulado por engano como um demônio. E ele fizera parte daquilo. Talvez sua alma nunca se recuperasse.

Hoffstetler se levanta e fica cara a cara com Strickland. Seus óculos escorregam por um rosto de repente encharcado de suor, e ele não consegue deixar de projetar o lábio como um *mal'čik* desafiando seu pai. O russo não vai fazer nenhum progresso com Strickland, nunca conseguiu isso, mas Fleming tem novas informações, e Hoffstetler desconfia que elas possam ser a ferramenta de que precisa para conter o militar. Ele reza para que Elisa consiga se segurar, só por mais alguns minutos.

— Conte a ele, sr. Fleming — diz Hoffstetler. — Conte a ele sobre o general Hoyt.

A mera menção àquele nome é suficiente. Hoffstetler sente-se um pouco satisfeito ao ver o que nunca testemunhou antes, uma marca de confusão que vinca o centro do rosto de Strickland: ruga na testa, cenho franzido, lábios pregueados. O homem dá um passo para trás, afastando-se do cientista. Seu calcanhar desce sobre um objeto caído, e ele olha para baixo, parecendo perceber pela primeira vez as mesas viradas e os instrumentos espalhados — uma bagunça que ele mesmo causou e não pode esconder. Strickland pigarreia, gesticula na direção das coisas espalhadas e, quando fala, sua voz esganiça como a de um adolescente.

— As... serventes. Elas precisam fazer um serviço melhor.

Fleming pigarreia novamente.

— Não quero causar nenhuma situação embaraçosa em relação a isso, sr. Strickland, mas o dr. Hoffstetler tem razão. O general Hoyt me ligou esta manhã. Direto de Washington. Ele me pediu para preparar um documento para ele. A fim de esclarecer, você sabe, as duas filosofias diferentes que o senhor e o dr. Hoffstetler têm em relação ao recurso.

— Ele... — O rosto de Strickland despenca. — Ligou para você?

Há certo desconforto no sorriso pequeno e apertado de Fleming, mas também há orgulho.

— Um observador imparcial — disse ele. — Era o que ele estava

procurando. Devo apenas recolher a informação e apresentá-la ao general, para que ele possa tomar uma decisão ponderada sobre o rumo a seguir.

Strickland parece estar se sentindo mal. Seu rosto está pálido, os lábios são de um violeta doentio e a cabeça se inclina devagar para baixo, como se movida por uma manivela enferrujada, até que olha fixamente para a prancheta de Fleming, como se ela fosse uma serra pronta para começar a girar. O russo não entende o tipo de poder que Hoyt tem sobre Strickland e não se importa. É uma vantagem para ele, para o Devoniano, para Elisa, e ele a agarra.

— Para começar, David, pode dizer ao general que eu, como cientista, como *ser humano*, imploro que ele proíba explicitamente um comportamento como esse, essas decisões unilaterais que prejudicam o recurso sem razão alguma. Nosso estudo ainda está engatinhando! Temos muito a aprender com essa criatura, e aqui está ela, surrada quase até a morte, sufocando enquanto ficamos aqui parados, olhando. Vamos levá-la de volta ao tanque.

Fleming ergue a prancheta. Sua caneta se move sobre uma folha de papel e, em pouco tempo, a objeção de Hoffstetler é registrada em tinta permanente. O peito do cientista se aquece com a vitória, tanto que ele encontra Elisa de novo e pisca os olhos para dizer que tudo vai ficar bem, antes de se voltar para Strickland. O militar está encarando o rabisco de Fleming — seu queixo treme, os olhos piscam em um terror aturdido.

— Não... — dispara Strickland, uma expressão de preocupação no rosto.

Hoffstetler está energizado, abastecido pelo mesmo combustível que usava durante suas grandes palestras em universidades. Antes que Strickland possa formular qualquer frase mais inteligível, o cientista se ajoelha ao lado da criatura e indica as guelras trêmulas e o peito arquejante.

— David, por favor, tome nota. Você percebe como a criatura alterna, de maneira perfeita, sem falhas, entre dois mecanismos de respiração completamente separados? É esperar demais poder replicar isso no ambiente de laboratório, todas essas funções anfíbias: a secreção lipídica, a absorção cutânea. Mas emulsões respiratórias? Diga ao general Hoyt que estou confiante de que, com tempo suficiente, conseguiremos formular substitutos oxigenados, fabricar algo parecido com a osmorregulação.

— Uma grande... — Strickland começa a falar, mas Fleming está fazendo o que faz melhor, tomando notas, dedicando toda a sua atenção a Hoffstetler. — Tudo isso é uma grande...

— Imagine, David, se também pudéssemos respirar como essa criatura respira, entre atmosferas de pressão e densidade incríveis. As

viagens espaciais ficariam bem mais simples, não é? Esqueça as órbitas únicas que os soviéticos trabalham para alcançar. Imagine semanas em órbita. Meses. Anos! E isso é só o começo. Datações de radiocarbono indicam que esse ser pode ter séculos de idade. Isso é impressionante.

O peito de Hoffstetler, inflado com confiança, é espetado pela vergonha. Ele está dizendo a verdade, mas é como arsênico em sua língua. Por dois bilhões de anos, o mundo conheceu a paz. Foi apenas com a invenção do gênero — especificamente machos, esses abanadores de cauda, chocadores de chifres e batedores de peito — que o planeta começou seu declínio na direção da autoextinção. Talvez isso explique a descoberta de Edwin Hubble de que todas as galáxias conhecidas estão se afastando da Terra, como se fôssemos um *planeta* inteiro de arsênico. O russo se conforta por, nesta manhã, todo esse desdém por si mesmo valer a pena. Até que Mihalkov autorize a extração, os cães da Occam precisam de ossos para roer.

— ... merda. — Strickland consegue completar a frase. — Uma grande *merda*. Pode dizer ao general Hoyt que o dr. Hoffstetler, *Bob*, está do lado dos selvagens da Amazônia. Trata essa coisa como um deus. Talvez seja um negócio dos russos. Escreva isso, Fleming. Talvez lá na Rússia eles tenham deuses diferentes dos nossos.

Um nó na garganta de Hoffstetler é causado pelo alarme; ele o engole com dor. Richard Strickland não seria o primeiro colega a questioná-lo por sua ancestralidade, mas podia ser o primeiro com os meios para descobrir toda a verdade. Embora Hoffstetler não conheça o general Hoyt, não tenha sequer visto uma foto do homem, o cientista sente que pode vê-lo tomando forma no teto da F-1, um titereiro gigante que se diverte fazendo duas marionetes brigarem para ver qual delas merece seu apoio. Hoffstetler esconde seu desconforto olhando outra vez para a criatura que respira com dificuldade. A carreira dele é marcada por picos de ego, é verdade, mas esse é um tipo de atenção que ele nunca desejou.

Essa, entretanto, é uma luta da qual ele não pode fugir — não se deseja que o Devoniano viva, que Elisa Esposito viva, se deseja poder viver consigo mesmo. Por baixo da luminária, agachado no sangue coagulante da criatura moribunda, Hoffstetler percebe de repente que a união do Devoniano com o mundo natural só começa na Amazônia, e que a morte dele pode significar o término dos aparecimentos na evolução, a interrupção do progresso, o fim de tudo e de todos nós.

— As chaves. — Ele estende a mão na direção de Strickland. — Precisamos devolvê-lo à água agora mesmo.

ELE NÃO CONSEGUE dormir nos últimos tempos. Quando consegue, é um mergulho na escuridão. Às três da manhã, está engasgando e soluçando, e Lainie está esfregando suas costas como se o marido fosse um menininho, mas ele não é um menininho, e aquilo em seu rosto não podem ser lágrimas, e ele se afasta dela, mas a esposa mesmo assim continua tentando acalmá-lo, perguntando se o problema não eram seus dedos, se não é melhor fazer alguns exames, mas não eram os dedos o problema, e ela, então, começa a falar sobre a vida na guerra, ela leu sobre isso em revistas, como a guerra pode assombrar um homem, mas o que essa mulher pode saber sobre guerra, como devora você, mas também como você a devora, e o que essa mulher sabe sobre memória, pois não parece possível que ela, em sua vida de ferros de passar e pratos sujos, tenha forjado uma única memória como aquelas gravadas a fogo no cérebro de Strickland.

Nos sonhos, ele está de volta ao *Josefina*, patinando entre a neblina, o sangue da tripulação escorrendo do convés, o único som o da lenta sucção de lama rala pelo motor. Ele conduz o barco para o interior de uma gruta tão curvada quanto uma concha. Uma cortina de insetos se abre e o ser se ergue, só que não é o deus Brânquia, é o general Hoyt, nu, rosado e reluzente como borracha, segurando a mesma faca Ka-Bar que lhe entregara na Coreia, e fazendo a mesma barganha cruel.

Ele vê Hoyt com clareza, parado na posição de sempre, com uma das mãos mexendo nas medalhas e a outra acariciando a barriga grande. Os olhos semicerrados, mas que raramente piscam. Um sorriso malicioso entreaberto no meio das bochechas redondas. Mas Strickland não consegue ouvi-lo. Suas lembranças de Hoyt, todas as ordens, todos os elogios, toda a persuasão evasiva foram removidos da voz. Não emudecidas, não como Elisa, mas um tanto encobertas, do mesmo modo que as palavras censuradas das ordens de Hoyt sobre o deus Brânquia tinham sido cobertas por tarjas negras. Elas soavam como gritos agudos longos e duros, e pareciam censuras: xxxx
xxxxxxxxxxxxxx.

Mesmo ali, naquele laboratório, ele não é capaz de imaginar como Fleming havia entendido aqueles gritos sem sentido do general. Strickland sente uma fraqueza que lhe era estranha desde o forte calor da Coreia e do calor ainda mais forte da Amazônia. Talvez Hoyt tenha sido informado sobre os dedos reimplantados de Strickland. Pode ser que o general pense que o homem perdeu a habilidade de controlar uma situação. E se Strickland perder a confiança de Hoyt, que poder

vai ter para cortar os laços e se libertar de vez? Ele pisca com força, olha ao redor, vê trepadeiras verdes se enroscando pelas grades da ventilação, brotos verdes surgindo de tomadas elétricas. São os analgésicos? Ou é real? Se não conseguir encerrar aquela experiência, o deus Brânquia vai ganhar, e toda a cidade pode se transformar em uma nova Amazônia. Strickland, sua família e Baltimore inteira seriam estrangulados em seu interior.

Ele cerra o punho, já antecipando o que vem a seguir. A dor escorre feito um xarope grosso e quente de seus dedos infeccionados para seus braços, depois para o coração. Sua visão tremula, em seguida entra em foco com uma clareza similar à do buchitê. Hoffstetler ainda está com a mão espalmada para cima, esperando as chaves. Ainda está falando sobre os benefícios de luminárias especializadas, e de fitas com gravações de campo. Está prometendo fornecer gráficos e dados para que Fleming envie ao general Hoyt, assim que eles devolverem aquela pobre criatura ao seu tanque aconchegante. Strickland decide botar pressão. Precisa demonstrar força, e agora.

Ele ri com dureza suficiente para interromper Hoffstetler.

— Dados... — diz Strickland. — Isso é quando você datilografa algo em uma página e, de repente, é verdade, certo?

A garganta do cientista, aquela coisa fraca e esmagável, hesita em meio à fala. Sua mão abaixa, e Strickland gosta de ver isso. Na verdade, esse pequeno ato o enche de calor, de esperança. Seriam aquelas as censuras satisfeitas de Hoyt que ele estava ouvindo? Elas parecem soar suavemente da ventilação do computador: xxxxxxxxxxxx. Hoffstetler deve ter ouvido também. Ele corre até o tanque para indicar um de seus mostradores enfadonhos.

— Vinte e oito minutos. Este cronômetro registra o tempo desde a última abertura do tanque. O limite registrado do recurso fora da água não passa de trinta. Podemos discutir o relatório do general Hoyt depois. As chaves, sr. Strickland. Não quero ter que implorar.

No entanto, uma súplica era exatamente o que o militar desejava ouvir. Ele se agacha ao lado do recurso, onde antes estava Hoffstetler. Uma pose simpática, ainda que o corpo do deus Brânquia esteja convulsionando com tanta força que escamas saltam na camisa de Strickland. Ele se sente um cowboy examinando um gado que caiu na terra, com a boca espumando e exigindo a piedade de uma espingarda. Ele traça um dedo pelo contorno do peito arquejante do deus Brânquia.

— Agora, anote uma coisa em seu relatório para o general: isto aqui não são dados. Isto é algo que você pode tocar com as próprias mãos. Todas as costelas, está vendo isso? Isso é cartilagem articulada. São como uma série de nós de dedos. A teoria vigente é que isso separa os dois conjuntos de pulmões, o primário e o secundário. — Ele levanta a

voz. — Estou explicando direito, Bob?

— Vinte e nove minutos — diz Hoffstetler. — Por favor.

— Essa cartilagem é tão grossa que não conseguimos fazer um raio-X decente. Deus sabe que tentamos. Tenho certeza de que Bob pode lhe dizer quantas vezes. Mas o que o general Hoyt realmente precisa saber é o seguinte: se quisermos descobrir o que torna essa coisa tão forte, não há discussão. Precisamos abri-la.

— Pelo amor de Deus.

A voz de Hoffstetler está no ponto que Strickland queria. Distante, frágil.

— Os soviéticos podem estar na América do Sul neste exato momento pescando outra coisa dessas.

— Outra? Não há outra dessas, não no mundo! Isso eu posso garantir! — exclama Hoffstetler.

— Você estava naquele barco comigo, Bob? Ler alguns livros sobre um rio não é o mesmo que ver com os próprios olhos os muitos quilômetros dele. Os milhões de coisas que existem nele. Mais do que um de seus computadores pode contar, eu garanto.

Orientações animadas soam do computador: xxxxxxxx xxxx xxxxxx! Strickland se surpreende que mais ninguém as escute. Contudo, na verdade, não. Ninguém além dele tem formação militar. Strickland não consegue entender os detalhes sutis do som, mas os sente nas entranhas, no coração. Ele era, no passado, como um filho para Hoyt, não era? O general deve estar orgulhoso, vendo seu menino crescer e se transformar em um homem feito ele. Strickland tem que resistir ao impulso de não se sentir orgulhoso também. Ele esfrega os olhos, só para se assegurar de que estão secos. Talvez aceite a ajuda de Hoyt naquela situação, só um pouco. Mas não vai se deixar cair na lâbia do general, não outra vez.

— Trinta minutos — diz Hoffstetler. — Estou implorando, pronto. Estou implorando.

Strickland se vira. Ouvir Hoffstetler implorar não é o suficiente. Ele quer olhá-lo nos olhos, fazer com que ele se lembre daquele momento. Hoffstetler, porém, não está olhando para ele. Está virado para o outro lado, com os dentes à mostra e a testa se retorcendo, quase como se sinalizasse para outra pessoa na sala. Strickland se lembra do ovo. Não sabe por quê. Havia um ovo no chão, não havia? Ele começa a seguir o olhar de Hoffstetler pelo laboratório.

Um grito gorgolejante escapa da criatura. Strickland olha para baixo, ignorando o ovo. O deus Brânquia está tendo convulsões. Está perdendo escamas e mais escamas. Uma gosma muito branca borbulha de sua boca. Seu corpo se enrijece de repente, como se tivesse sido atingido pelo agulhão, ou pelo facão, qualquer coisa. Então desmaia, desabando nos arreios. Urina empoça embaixo dele, fazendo com que

a gosma branca e o sangue vermelho se tornem um laranja turvo. Strickland se levanta para sair do caminho. Ele escuta a caneta de Fleming e torce para que o homem não esteja registrando isso. É nojento, nada apropriado para a avaliação de Hoyt. Tão inapropriado, porém, seria deixar que o recurso morresse antes que o general lhe desse qualquer garantia. Strickland pega as chaves no bolso e as joga para trás na direção de Hoffstetler. Cientistas não têm coordenação. Por baixo dos ruídos estridentes, o militar ouve as chaves atingirem o chão.

NÉVOA DA MANHÃ, fumaça de cigarros, olhos cansados: em meio a essas mortalhas, Giles a vê a meio quarteirão de distância. Ninguém anda como ela. Ele joga as cinzas na saída de incêndio e cruza os braços sobre o parapeito. Golpeada por rajadas de vento, Elisa não se transforma em lâmina para deixar o vento passar, mas em punho, encolhendo o corpo ao avançar por inimigos fantasmas, braços entrelaçados a companheiros invisíveis de futebol americano. Seus pés, porém, operam em um plano diferente, dando passos longos e hábeis em sapatos reluzentes o suficiente para jogar luz sobre o cinzento funéreo da vizinhança. Os sapatos são para Elisa, percebe Giles, o que sua pasta de trabalhos é para ele.

Ele apaga o cigarro, volta para dentro. Acordou cedo, tomou banho e se alimentou para a excursão crucial a Klein & Saunders. Ele enxota um gato de cima de Andrzej, o crânio, e remove a peruca. Para diante do espelho e a ajeita e penteia. Ela não é tão convincente quanto antes. A peruca não mudou, mas ele, sim. Não parece certo para um homem de sua idade ter uma cabeleira tão farta. Mas como vai, agora, parar de usá-la? Pareceria para o mundo exterior que ele tinha sido escalpelado. Por outro lado, que mundo exterior? Giles olha para o fóssil esquelético no espelho e reflete sobre como se meteu numa contradição ardilosa dessas: um homem para o qual ninguém olha preocupado com a aparência.

Uma batida na porta da frente o assusta. Ele sai aos atropelos pelo apartamento, verificando o relógio. Ontem avisara a Elisa que tinha um compromisso de manhã, mas ela não dissera nada. Ultimamente, sua amiga andava perdida em seus pensamentos; Giles, desanimado com seu reflexo, de repente teme que ela esteja escondendo algo terrível, algum câncer incurável. A batida é frenética.

Antes que ele consiga chegar à porta, Elisa entra tirando um gorro da cabeça, o que faz fios de cabelo se elevarem com estática. Giles relaxa um pouco. Entrar atabalhoadamente era uma tradição deles e, apesar do calendário noturno de Elisa e dos alimentos parcos dos mal remunerados, suas bochechas estão tão vermelhas que a melancolia o atinge em cheio. Sob a mesma tensão, seu rosto estaria pálido.

— Explodindo de energia esta manhã, hein? — pergunta.

Ela passa pelo artista quase ricocheteando nas paredes, fazendo sinais frenéticos o bastante para esbarrar em pilhas de quadros antigos. Giles ergue um dedo para pedir paciência e fecha a porta para manter o frio do lado de fora. Quando ele se vira, ela ainda está

gesticulando. A mão direita se agita — “peixe”, pensa ele — e se curva — “lareira”; não, “esqueleto”; não, “criatura” —, e depois um movimento similar, mas arredondado — “armadilha”, pensa, ou algo assim, embora ele provavelmente esteja errado, ela está gesticulando rápido demais. Ele ergue as mãos.

— Um momento, por favor.

Elisa encolhe os ombros, olha para ele como uma criança que levou uma bronca e afasta duas mãos trêmulas: nenhum sinal específico, apenas o gesto universal para desespero.

— Vamos começar pelo princípio — diz ele. — Você está com problemas? Está machucada?

Ela sinaliza as letras como se estivesse esmagando insetos: “Não.”

— Maravilha. Será que posso ceder um pouco do meu cereal? Só comi metade da tigela. Nervosismo, receio.

Elisa olha para o homem de cara feia. Séria, ela sinaliza: “peixe”.

— Querida, eu lhe disse ontem à noite, tenho uma reunião. Estou quase saindo. Por que esse desejo repentino por peixe? Não me diga que está grávida.

Elisa leva as mãos ao rosto e Giles sente um aperto no peito. Será que sua piada tinha feito aquela garota, solteira desde que ele a conhecia, chorar? Os ombros dela estão tremendo, mas porque está rindo. Quando ela ergue o rosto, seus olhos ainda estão vidrados, mas balança a cabeça como se não acreditasse no absurdo que ele tinha acabado de dizer e que só mais tarde compreenderia. Ela expira para se acalmar, sacode as mãos como se elas estivessem em chamas e, pela primeira vez, olha para o pintor com firmeza. Depois de um segundo, sua boca se retorce para a direita. Giles resmunga.

— Tem comida nos meus dentes? — pergunta ele. — Não, é o cabelo, não é? Eu botei a peruca toda torta. Bom, você parecia um aríete batendo na minha porta, não pude nem...

Elisa arranca folhas de faia do casaco de camurça e do suéter do amigo, resíduos de uma ventania recente. Em seguida, ajeita a gravata-borboleta. Por fim, alisa as têmporas dele, onde o cabelo de verdade encontra a peruca, embora isso pareça mais um gesto de afeto que uma correção. Ela se afasta e faz o sinal de “bonito”. Giles dá um suspiro. Eis uma mulher com a qual não se pode contar caso deseje a verdade.

— Por mais que me agrade a ideia de ficar aqui com você, há essa reunião que acabei de mencionar. Você quer me dizer algo antes que eu saia?

Elisa o encara com um olhar soturno e ergue as mãos para mostrar que está prestes a sinalizar o que quer dizer. Giles apruma as costas, como um aluno pronto para ser sabatinado. Ele desconfia que Elisa não apreciaria um sorriso, por isso o esconde embaixo do bigode. Seu

medo lancinante, que cresce a cada dia, é que ele, um artista decadente e fracassado, e seu batalhão alquebrado de gatos debilitados sejam culpados por inibir o potencial da amiga. Ele podia melhorar a vida dela apenas se mudando dali, encontrando algum estábulo insosso de idosos que o aceitasse em seu grupo de bridge. Elisa, então, seria forçada a procurar pessoas que pudessem expandir seu mundo em vez de restringi-lo. No entanto, ele não suportaria a dor de perdê-la.

Os sinais dela são lentos e deliberados, desprovidos de afeto. *Peixe. Homem. Jaula. O-C-C-A-M.*

— Até agora está fácil de acompanhar — proclama Giles. — Pode ir mais rápido.

O que se segue é tão surpreendente quanto um monólogo miltoniano declamado por um aluno de jardim de infância acanhado. Elisa abandona sua inclinação pelas palavras perfeitas. Suas mãos assumem a agilidade que, em geral, era reservada a seus pés, e sua narrativa segue com uma clareza sinfônica, mesmo quando se desvia com o ardor da improvisação. Mecanicamente, é de tirar o fôlego, e como qualquer história bem contada, um prazer de se ler, ainda que, à medida que a trama avança, a história fique mais sombria do que Giles gostaria. No início, ele pensou que se tratasse de ficção. Mas então os detalhes se tornam implacáveis demais, provocadores demais. Elisa, pelo menos, acredita em cada palavra.

Há um homem-peixe trancado na Occam, torturado e à beira da morte, e que precisa ser resgatado.

PASSAR ROUPA: ESSE trabalho penoso, entediante, úmido e que dá câimbras se tornou o disfarce ideal para uma vida dupla. Richard nunca passou uma camisa na vida. Não tem ideia do tempo tomado pela tarefa, se levaria meia hora ou metade de um dia. Lainie acorda antes do amanhecer, se apressa para concluir o maior número possível de afazeres domésticos, manda as crianças para a escola e, em seguida, assiste às notícias da manhã em meio ao vapor, passando roupa até a hora de Richard sair. O horário que combinara com Bernie Clay ia das dez da manhã às três da tarde, dando a Lainie tempo suficiente para ir e voltar do trabalho e mascarar o aroma exótico de papel fresco de escritório com os odores prosaicos de perfume.

Richard arranca com seu velho Thunderbird barulhento e Lainie dobra a tábua de passar que estava fingindo usar havia dez, vinte ou trinta minutos. Mentir para o marido é uma praga em um casamento, ela sabe disso, mas ainda não encontrou a maneira certa de contar a ele. Há quanto tempo ela não sentia tanta emoção e expectativa? Talvez desde a época em que era cortejada por Richard, aquele soldado de uniforme alinhado recém-chegado da Guerra da Coreia? Desde os primeiros dias de namoro, de qualquer forma; depois de saírem por meses, ponto em que o noivado se tornara inevitável, ela já tinha começado a se sentir em terreno movediço.

Lainie não deixa sua mente se refugiar no passado. Muitos momentos de sua vida atual a animam, a interessam e a satisfazem, em especial a rapidez com que coloca suas roupas de trabalho, que deixa separadas no fundo do armário. Vestir-se para trabalhar é um novo tipo de desafio. Lainie tomou notas por escrito do guarda-roupa das secretárias. Fez três visitas diferentes a Sears. Roupas formais, não casuais. Elegantes, não bonitas. Que a valorizassem, mas sem babados. Objetivos contraditórios, mas isso é ser mulher. Ela usa saias lápis de flanela, gola boneca ou com laços, corpetes modestos e presos com cinto.

A viagem de ônibus até o trabalho é igualmente gratificante. Dominar a etiqueta corporal do transporte público, ocupar um assento inteiro para si, aninhar nos braços uma bolsa arrumada com a eficiência de um paraquedista e, o melhor de tudo, o contato visual rápido mas simpático entre ela e outras mulheres que também trabalham. Elas se sentavam sozinhas, mas estavam nessa juntas.

Os homens na Klein & Saunders... bem, eles são homens. Na primeira semana, seu traseiro foi beliscado uma vez por dia, cada uma

delas por um funcionário diferente agindo como se aquilo fosse um direito seu, como alguém escolhendo o camarão mais apetitoso em um bufê. No primeiro beliscão, ela gritou. No segundo, ficou calada. Pelo quinto, já tinha aprendido a cara feia que as mulheres do local faziam para que o agressor saísse apenas com um dar de ombros culpado. Ela olhou para o último homem que a beliscou por tempo suficiente para vê-lo se juntar a um grupo que ria e trocava tapinhas nas costas. Sua bunda ardia no local do beliscão. A semana inteira tinha sido uma espécie de batismo de fogo.

Assim, ela se dispôs a fazer o seu melhor. Queria provar que era mais que um traseiro apertável. Sem dúvida era o mesmo objetivo das datilógrafas e secretárias da agência. Ou das mulheres no ônibus. Ou das serventes que esfregavam o chão no laboratório de Richard. Não importava seu estado de ânimo: Lainie estava sempre de cabeça erguida. Ela mergulhava no sistema telefônico durante o almoço. Projetava a voz com uma confiança na qual, a cada dia que passava, começava a acreditar mais. Os beliscões diminuíram. Os homens eram simpáticos com ela. Então, o que foi ainda melhor, eles deixaram de ser simpáticos e começaram a contar com ela; repreendiam-na quando fazia besteira, compravam-lhe cartões e flores quando salvava suas peles.

E, desse modo, ela se adaptou. Era ao mesmo tempo uma ciência e uma arte comandar o desfile de egos que enchia o saguão: executivos magnatas, playboys de anúncios da TV, candidatas a modelo. Aprendeu a ligar para números que não existiam e improvisar histórias para impressionar os clientes. “Alô, Larry. A Pepsi precisou remarcar a reunião para quinta.” Ela sempre sabia quando botar o truque em prática, era uma espécie de intuição. Era como monitorar o humor de Richard antes de pedir dinheiro para as despesas. Claro que, nesses dias, ela não pedia, pois tinha o próprio dinheiro. Lainie se orgulhava disso e desejava dividir esse orgulho com o marido. No entanto, ele não entenderia e tomaria seu trabalho como uma afronta pessoal.

Bernie descobriu que sua contratação impulsiva tinha valido a pena. Na semana anterior, ele a chamara para almoçar. Pela primeira meia hora, o chefe agiu como os outros funcionários. Tentou fazer com que ela pedisse algum drinque e, quando Lainie recusou, pediu um Gin Rickey para a mulher mesmo assim. A secretária logo bebeu um gole para agradá-lo, e ele interpretou isso como um sinal para estender o braço sobre a mesa e pôr a mão em cima da dela. Lainie sentiu a aliança dele. Puxou a mão, mantendo o sorriso firme e frio.

Foi como se ela tivesse passado em um teste que nenhum dos dois percebeu estar sendo aplicado. Ele deu um gole em seu Manhattan, e o álcool pareceu derreter sua lascívia em uma afeição fácil e

descomplicada. Qual seria a sensação, perguntou-se ela, de ser um homem e modificar com tanta tranquilidade suas intenções, sem medo das consequências?

— Veja só — disse ele. — Eu a chamei aqui para oferecer um emprego a você.

— Mas eu já tenho um emprego.

— Sim, um emprego de meio período. Estou falando de uma carreira. Um cargo em horário integral. Oito horas por dia, quarenta por semana. Benefícios. Plano de aposentadoria e tudo mais.

— Ah, Bernie, obrigada. Mas já falei...

— Eu sei, eu sei. Crianças, escola. Mas sabe a Melinda, da contabilidade? E a garota do Chuck, a Barb? Hoje em dia, devemos ter seis ou sete mulheres nesse esquema. Há uma creche no prédio. Você pode levar seus filhos com você cedo, e um ônibus passa na empresa e os deixa na escola como se fossem pacotes. A Klein & Saunders paga a conta.

— Mas por que... — Ela segurou o Gin Rickey para abrandar os dedos trêmulos, chegando até a considerar dar um gole na bebida para se acalmar um pouco. — Por que você faria isso por mim?

— Ora, caramba, Elaine. Neste negócio, se você encontrar alguém bom, é melhor segurar essa pessoa. Do contrário, ela acaba na Arnold, Carson e Adams, revelando todos os nossos segredos. — Bernie deu de ombros. — Estamos nos anos 1960. Daqui a pouco, o mundo vai ser das mulheres. Vocês terão exatamente as mesmas oportunidades que os homens. Meu conselho é: se prepare e se posicione. Comece no térreo, por enquanto. Hoje, você é recepcionista. Mas quem sabe? Amanhã, pode se tornar gerente. Talvez, depois, uma futura sócia? Você é ótima, Elaine. É mais inteligente que metade dos idiotas daquele prédio.

Será que ela havia entornado o coquetel sem perceber? Sua visão ficou turva. Para firmá-la, Lainie olhou pela janela, além do bastião dos frascos de ketchup, mostarda e molho, e viu uma mãe com dificuldades para carregar uma sacola de compras enquanto empurrava um carrinho de bebê. Depois, olhou na direção oposta, para a escuridão do restaurante, e viu tubarões de ternos elegantes exibindo seus dentes para amantes tristes, que rezavam para que as expressões famintas daqueles homens significassem algo além da vontade de devorá-las.

Lainie estava certa de que aqueles olhares não significavam nada. Na noite anterior, Richard disse que o recurso que ele fora contratado para vigiar estava quase no fim de sua utilidade e, quando isso acontecesse, talvez a família pudesse se mudar de Baltimore. Ele não gosta dali; ela já o havia observado com volumes de enciclopédias no colo, pesquisando cidades como Kansas City, Denver, Seattle. No

entanto, Lainie *gosta* dali. Acha esta a melhor cidade do mundo. Ser removida do único lugar onde se sente útil resume, de uma maneira bem básica, o risco de se ligar a um homem. Você é um parasita, e quando seu hospedeiro começa a morrer — digamos, por uma infecção nos dedos —, sua corrente sanguínea também fica envenenada.

Ela queria dizer sim a Bernie. Pensava nisso todo dia, todo minuto.

Contudo, isso seria dizer não a seu marido?

— Vou lhe dizer uma coisa: pense no assunto — propôs Bernie. — A oferta vale, digamos, por um mês. Depois, acho, vou contratar outra garota. Ei, vamos comer. Eu podia comer um cavalo. Dois cavalos. E a carruagem puxada por eles.

O MEDO ATINGE as costas de Giles como um pterodáctilo desabando do céu. A Occam é o Triângulo das Bermudas de Baltimore, e ele já tinha ouvido os rumores loucos, a maioria dos quais terminava com a morte suspeita ou o desaparecimento de um investigador corajoso. O pintor sente náuseas. O que Elisa está sugerindo fica muito além das habilidades de dois coitados sem dinheiro que moram em cima de um cinema decadente. O homem-peixe da ilusão da mulher deve ser um pobre-diabo que nasceu com deformidades físicas. E ela quer ajudá-lo a fugir?

Elisa é uma boa pessoa, mas sua experiência de vida é limitadíssima. Ela é incapaz de perceber a profundidade do terror que os americanos sentem em relação à Ameaça Vermelha. Indesejados de todos os tipos arriscam suas vidas e suas carreiras dia a dia — e um pintor homossexual? Ora, não há nada mais indesejável que isso! Não, Giles não tem tempo para essas bobagens. Ele precisa se encontrar com Bernie para discutir um anúncio no qual tem trabalhado sem parar.

Giles vira o rosto, sabendo que o gesto vai ferir Elisa. Isso também o machuca, a ponto de ter dificuldade de colocar a tela revisada na pasta. Ele olha para a parede antes de falar, uma tática covarde que proíbe a interrupção de uma pessoa muda.

— Quando eu era criança — diz ele —, um parque de diversões montou suas tendas no Herring Run. Eles tinham uma exposição especial, uma tenda inteira cheia de coisas bizarras. Uma delas era uma sereia. Sei disso porque paguei cinco centavos para vê-la, uma fortuna considerável para um menino naquela época, posso lhe garantir. Sabe como era essa sereia? Bem, para começar, ela estava morta. Todas as pinturas de alguma beleza de seios nus não combinavam em nada com a velha coisa mumificada dentro do vidro. Na verdade, aquilo era o tórax e a cabeça de um macaco costurados a um rabo de peixe. Eu sabia disso. Todo mundo sabia. No entanto, por anos disse a mim mesmo que era uma sereia; afinal, eu tinha pagado para vê-la. Eu queria acreditar. Pessoas como você e eu precisamos acreditar mais profundamente que as outras, não é mesmo? Ainda assim, no fim das contas, o que era a sereia? De verdade? Taxidermia criativa. Assim é a vida, Elisa. Coisas remendadas juntas, sem sentido, a partir das quais nós, em nossas mentes necessitadas, criamos mitos que nos agradam. Você compreende?

Ele fecha a fivela da pasta, e o pequeno estalido é o som da

verdadeira sabedoria. Giles precisa ir, enfim; talvez essa seja a primeira de muitas decepções que ele fará Elisa sofrer, mas sempre visando protegê-la. O homem abre um sorriso apaziguador e se vira. O sorriso fica congelado. O olhar fixo e gélido dela traz de volta ao apartamento o frio do lado de fora, e ele se protege do vento glacial. Elisa está sinalizando com gestos tão fortes e rápidos quanto um chicote, um tom que Giles jamais a viu assumir. Certos símbolos se repetem e ficam gravados no ar como os fogos do feriado de Quatro de Julho. Ele tenta desviar os olhos, mas a mulher se coloca em sua linha de visão. Seus sinais são como mãos que socam, que o sacodem pela lapela.

— Não — diz ele. — Não vamos fazer isso.

Sinais, sinais.

— Porque estaríamos desobedecendo à lei, por isso! Provavelmente já estamos fazendo isso só de tocar nesse assunto.

Sinais, sinais.

— E daí que ele está sozinho? Todos nós estamos!

É uma verdade cruel demais para ser dita. Giles segue para a esquerda. Elisa se move para bloqueá-lo e os ombros dos dois colidem. Ele sente o impacto nos dentes e perde o equilíbrio; precisa se apoiar na porta para recuperar o equilíbrio. É, sem dúvida, o pior momento que eles compartilharam, comparável a um tapa. O coração do pintor bate forte. Seu rosto está vermelho. Há alguma coisa errada com a peruca. Ao tocar no couro cabeludo para se assegurar de que ela está no lugar, enrubesce ainda mais. De repente, está à beira das lágrimas. Como as coisas deram errado tão rápido? Ele a ouve arquejar e percebe que está ofegante também. Não quer olhar para ela, mas não resiste.

A mulher está chorando e, ainda assim, faz sinais, sinais que Giles não consegue deixar de ler.

— “É a coisa mais sozinha que já vi” — resmunga ele. — Está vendo? Você mesma disse. É uma coisa. Uma aberração.

Os sinais dela cortam e socam. Ele sangra e sofre.

— “O que eu sou, então? Uma aberração também?” Ah, por favor, Elisa! Ninguém está dizendo isso! Desculpe, querida, mas preciso ir!

Há outros sinais (“Ele não se importa com o que eu não tenho”), mas Giles se recusa a repeti-los em voz alta. Sua mão trêmula encontra a maçaneta, e ele abre a porta. O vento gelado cristaliza uma única lágrima pendente no canto de cada olho. Giles avança no vendaval do corredor, capta outra frase (“Ou eu o salvo, ou o deixo morrer”), mas lembra a si mesmo que em algum lugar da cidade há um prédio e, no interior desse prédio, uma agenda de horários marcados, e nessa agenda está seu nome. Isso não é fantasia; são fatos. Ele dá um único passo antes de fazer uma pausa, e precisa erguer a voz para que saia

algo mais que um guincho.

— Ele não é humano — diz.

Estas são as palavras de um velho cansado, implorando para viver seus últimos dias em paz. Antes que possa escapar pela saída de incêndio, no momento em que está se virando, ele vê as mãos de Elisa sinalizarem em resposta e fica com a sensação de que elas fazem uma marca em suas costas, através do paletó, do suéter, da camisa, do músculo, do osso, fundo o bastante para que machuquem como um ferimento recente por todo o caminho até a Klein & Saunders, onde ela começa a coçar e se transformar na cicatriz que ele será forçado a encarar pelo resto da vida: “Nem nós.”

A ORDEM DE Washington é que o recurso seja posto para dormir e fatiado como um bife. Depois, suas amostras devem ser enviadas para laboratórios de todo o país. Hoffstetler tem uma semana para encerrar sua pesquisa. Strickland se reclina na cadeira do escritório e tenta sorrir. A missão está quase no fim. Uma vida melhor o aguarda do outro lado. Ele devia usar essa semana para relaxar. Encontrar um hobby. Voltar para a vida de antes da Amazônia. Talvez até ir ao médico, como Lainie pedira tantas vezes, para verificar os dedos. Ele considera essa ideia. Olhar para a mão faz com que se lembre da podridão da floresta. Melhor mantê-la sob as ataduras, só mais um pouquinho.

Então ele chega em casa mais cedo. Vai surpreender Timmy e Tammy, recebê-los quando chegarem da escola. Para seu estranhamento, a esposa não está lá. Ele se senta diante da televisão e espera. Não era isso que tinha em mente. Ele espera e tritura analgésicos. Qual o sentido de ficar ali? Podia muito bem estar no trabalho. No fim da tarde, a mulher enfim retorna. Àquela altura, ele já não sabe de mais nada. Os comprimidos turvam os detalhes até se tornarem tão incompreensíveis quanto as estridentes ordens do general: xxxxxx xxxxxx. Strickland não vê sacolas de compras nos braços de Lainie. O vestido que ela está usando não é familiar. Com certeza ela está assustada em vê-lo, em seguida ri e diz que vai precisar voltar à loja amanhã, pois esqueceu a bolsa.

Em grande parte, o trabalho de Strickland é observar. É capaz de dizer quais cientistas são canhotos ou a cor das meias usadas por Fleming na quarta-feira passada. Lainie está falando demais, e ele sabe que isso é algo que entrega qualquer mentiroso. Ele pensa em Elisa Esposito, em seu silêncio tranquilizador. Ela nunca mentiria para ele. A servente não tem força ou inclinação para isso. Sua esposa está escondendo alguma coisa. Será um caso? Strickland espera que não, pelo bem dela, e dele também, devido ao que poderia acontecer com ele, legalmente falando, depois de lidar com os adúlteros.

O homem não diz nada. Na manhã seguinte, depois que as crianças pegam o ônibus, ele se despede de Lainie com um beijo por cima da tábua de passar e vai com o Thunderbird até o quarteirão seguinte, onde estaciona embaixo de uma faia gigante. Não é o melhor lugar para se esconder. Os galhos estão esqueléticos pela falta de chuva, mas vai servir. Tomou quatro comprimidos de café da manhã e só. Precisa manter sua capacidade de observação aguçada. Então, desliga o

motor. Reza em silêncio para que Lainie não apareça na rua. É o casamento deles. A vida deles. Por favor, fique em casa, limpando a cozinha, desfazendo as caixas, qualquer coisa.

Quinze minutos depois, ela surge no cruzamento, como se tivesse terminado de passar roupa de repente. Strickland sente uma pontada de vergonha. Certa vez, prometeu a ela que uma esposa sua nunca teria que usar transporte público. Ele faz um esforço mental para afastar esse sentimento. Os dois tinham feito promessas, não tinham? Foi ele quem forçou a aliança de volta, fazendo o dedo inchar. Strickland luta contra o Thunderbird por mais ou menos um minuto até conseguir ligá-lo; em seguida, o veículo segue a esposa, devagar, um quarteirão atrás. O militar a observa enquanto ela espera o ônibus e, quando o veículo chega a parte, o homem vai atrás.

O ônibus deixa passageiros em frente a um mercado. Lainie não está entre eles. Strickland lembra a si mesmo que uma boa vigilância exige mente aberta. Talvez ela não goste dos preços daquele estabelecimento. Quando o ônibus passa por um grande shopping no centro da cidade e sua mulher não salta dele, a mente de Strickland se fecha. Se Lainie precisava realizar alguma tarefa especial naquele dia, teve a manhã inteira para lhe contar. O que quer que a esposa estivesse fazendo, não era sua intenção que o marido descobrisse. O homem segura o volante com tanta força que sente um rompimento em um dos dedos feridos. Um dos pontos negros, talvez, arrebitando da carne em putrefação.

Então o carro morre. Não é exatamente uma cena dramática em um leito de morte. Ele apenas engasga sem forças pela última vez; logo depois, Strickland se vê deslizando sem o auxílio do motor. Põe o carro em ponto morto e tenta religá-lo, mas não há sinal de vida. O ônibus volta para a pista com um barulho semelhante ao grito de dor do recurso, e não há nada que ele possa fazer em relação a isso. Através da fumaça muito mais densa que a expelida pelo ferro de passar da esposa, Strickland empurra o Thunderbird até o meio-fio. A única vaga livre é em frente a um hidrante. Que merda. Ele engata a primeira marcha. Sai do carro. Olha para a rua. Veículos fervilham como vespas. Pessoas pululam como baratas. A cidade toda é um ninho venenoso.

Ele chuta a porta do carro, deixando um amassado. Seus dedos do pé gritam de dor, e Strickland salta em círculos, juntando todos os palavrões já inventados em uma única obra-prima da vulgaridade. Ele se vê de costas, olhando para o outro lado da rua. O que encontra é uma bola de fogo ardente. Abaixo dela, pratos gigantes de fogo líquido e correntes tranquilas de lava. Sua mente lateja com o excesso de luz. Strickland precisa proteger os olhos para encontrar algum sentido naquilo. Raios de sol crepitantes irradiam do letreiro com uma Terra

girando, das vitrines do chão ao teto, dos adornos cromados infinitos de uma revendedora Cadillac.

Ele não se lembra de atravessar a rua. Porém, está andando pelo pátio de carros. Embaixo dos fios com bandeiras tremulantes. Ao lado de uma palmeira de verdade. Encara faróis que parecem ter uma expressão raivosa devido ao emblema em forma de V entre eles. Passa os dedos pelos sorrisos de Gato de Cheshire das grades dianteiras, aquelas centenas de presas escorregadias. Para diante de um dos automóveis. Apoia as mãos sobre o capô escaldante. Ele se sente forte, novo e veloz. Até os dedos machucados parecem reforçados. Inclina-se sobre o capô e inspira. Gosta do cheiro de metal quente, como uma arma após o disparo.

— Cadillac Coupe de Ville. A máquina mais perfeita já produzida pelo homem.

Um vendedor tinha se juntado a Strickland, que nota seu cabelo ralo, rosto irritado pelo barbear, pescoço flácido. Outros detalhes acabam derretendo diante do sol forte. O homem é automatizado, tão metálico quanto os veículos que vende. Ele se aproxima do Cadillac como se também se movesse sobre rodas com calotas, os vincos do terno e da calça pronunciados feito uma traseira rabo de peixe. O homem passa a mão pelo capô. O relógio e as abotoaduras brilham tanto quanto os cromados do automóvel.

— Motor V-8 de quatro tempos com ignição por centelha. Caixa de câmbio de quatro marchas. Vai de zero a cem em 10,7 segundos. Alcança cento e noventa e cinco quilômetros por hora em linha reta. Som estéreo AM/FM. Você pode colocar toda a Filarmônica de Londres no banco traseiro. Interior luxuoso. Couro branco. É uma verdadeira suíte presidencial. Estes não são bancos, são sofás. Sofás-camas. Divãs. Canapés. Ar-condicionado bom o suficiente para manter sua bebida gelada, aquecimento bom o bastante para manter sua senhora sempre quentinha.

A senhora dele? Ela segue pela rua para Deus sabe onde. Deixou o marido para trás com um trabalho na Occam que está quase no fim. Se vai perseguir Lainie ou ir embora sozinho daquela cidade execrável, ele vai precisar de um carro para substituir a tralha estacionada ilegalmente do outro lado da rua. Esse homem de metal é mais forte que ele. Adianta alguma coisa lutar? Strickland finge indiferença, porque é o que se faz em revendedoras de carros, mas chega a ser lamentável.

— Estou só olhando.

— Então dê uma olhada nisso, meu amigo. De uma extremidade a outra: 5,6 metros. Isso são dois aros de basquete, um equilibrado em cima do outro. Você acha que consegue enterrar uma bola tão alto? Observe a largura. Dá para encher uma pista, não? Veja como é baixo,

parece um leão pronto para dar o bote. Peso de 2,3 toneladas. Se sair dirigindo essa belezinha daqui, vai ser o dono da rua. Simples assim. Vidros elétricos. Freios hidráulicos. Direção hidráulica. Bancos confortáveis. O melhor de tudo. Poder total.

Isso parece bom. É o que um homem americano merece. Poder significa respeito. Da esposa, dos filhos, das pessoas cuja maior dificuldade na vida foi um carro quebrando na rua. Ele é melhor que isso. Tudo de que precisa é um meio de dizer a todos para saírem da porra do caminho. Está começando a se sentir melhor. Não só melhor, mas bem, pela primeira vez em algum tempo. Consegue fazer mais uma objeção, embora qualquer vendedor seja capaz de ouvir que ele se rendeu, e esse é o melhor vendedor de todos os tempos.

— Não tenho certeza quanto ao verde — diz Strickland.

O pátio confirma que existem Cadillacs de tantas cores quanto os sapatos de Elisa Esposito. Cinza-poeira-de-estrela. Rosa-algodão-doce. Vermelho-framboesa. Azul-petróleo. Este é verde, mas não o verde-garrafa tranquilizante de suas balas. É mais sedoso, como uma criatura que devia ter morrido séculos atrás vislumbrada através de águas paradas enquanto se arrasta pelo leito de um rio.

— Verde? — O vendedor parece ofendido. — Ah, não. Não, senhor. Eu não lhe venderia um carro verde. Este, meu amigo, é ardósia.

Algo muda dentro de Strickland. O vendedor lhe mostrou o caminho. Poder: ele tinha isso, exatamente como o deus da selva. Ainda tem. O homem lembra um dos pastores tagarelas de Lainie. Qual foi uma das primeiras demonstrações do poder de Deus? Dar nomes às coisas. O deus da selva também pode dar nomes às coisas. Elas se tornam o que ele deseja que se tornem. Verde se transforma em ardósia. O deus Brânquia se transforma no recurso. Lainie Strickland se transforma em coisa alguma.

Strickland se debruça para observar o interior do automóvel. Em um momento vai estar sentado no carro. É uma sensação boa provocar a si mesmo. O painel tem uma centena de seletores e botões. É a F-1 compactada em um único banco. O volante é muito fino, uma alça de camisola. Strickland imagina seus dedos o envolvendo, a facilidade com que vai poder limpar o sangue vermelho dos dedos enfaixados no couro branco. O vendedor está às suas costas, sussurra como uma amante. O Cadillac daquela cor é de uma edição limitada. Doze camadas de tinta polida à mão. Quatro em cada cinco homens de sucesso nos Estados Unidos têm um Cadillac. Esqueça os foguetes que todo mundo está mandando para o espaço. O Sputnik não é nada comparado a um Coupe de Ville.

— Eu trabalho justamente nesse ramo.

Mesmo com a venda quase concluída, Strickland ainda sente necessidade de impressionar o homem.

— É mesmo? E agora, o que acha de sentar no banco do motorista?
— Defesa nacional. Novas iniciativas. Aplicações espaciais.
— Não diga. Você pode ajustar o banco... pronto.
— Coisas espaciais. Foguetes. Negócios do futuro.
— O futuro. Isso é bom. Você parece um homem que está se dirigindo a ele.

Strickland inspira fundo. Não apenas está se dirigindo ao futuro. Ele é o futuro. Ou vai ser, assim que seu trabalho como deus da selva estiver completo, o recurso morto, as questões familiares resolvidas e os comprimidos não forem mais necessários. Ele e aquele carro vão se unir, um homem de metal, assim como o vendedor. Fundidos em uma linha de montagem do futuro. Um futuro no qual as florestas do mundo, e todas as suas criaturas, são modernizadas, substituídas por concreto e aço. Um lugar desprovido da loucura da natureza. Um lugar de linhas pontilhadas, postes de luz, placas de trânsito. Um lugar onde Cadillacs como aquele, como ele, vão poder rodar livres, para sempre.

TODO MUNDO NA Klein & Saunders se veste com estilo; é parte do trabalho antecipar tendências. Aquele senhor de idade não está usando um terno de corte moderno. Não está nem mesmo usando um terno. O paletó e a calça não combinam. Talvez ele não enxergue direito, pois usa óculos tortos com lentes grossas e sujos de tinta. Há tinta no bigode também. A gravata-borboleta, pelo menos, está limpa, embora Lainie nunca tenha visto uma gravata daquele tipo no escritório antes. A peça, porém, tem seu charme, assim como a peruca, embora a recepcionista duvide que essa tenha sido a intenção do velho. Ela quer protegê-lo, esse senhorzinho com cara de avô, da alcateia de lobos atrás das portas de vidro fosco.

Ela o reconhece na mesma hora: Giles Gunderson.

— Você deve ser a srta. Strickland.

Ele sorri e se aproxima.

Em seus telefonemas, que foram muitos, ele sempre usara “srta. Strickland” — não “querida” nem “benzinho”. Com seu objetivo educado e insistente de uma única reunião com Bernie, o sr. Gunderson tinha se tornado o freelancer favorito de Lainie — e, ao mesmo tempo, o menos favorito. Favorito porque conversar com ele é como conversar com o avô gentil que ela nunca conheceu. Menos favorito porque é trabalho dela transmitir as justificativas mentirosas de Bernie e dar desculpas enquanto ela escuta, estalando pelo telefone, as rachaduras no orgulho do sr. Gunderson.

Ele estende a mão para apertar a dela, um gesto incomum.

— Ah! Você é casada. Esse tempo todo eu devia estar dizendo sra. Strickland. Que grosseria da minha parte.

— Não tem problema. — Na verdade, ela gosta disso, do mesmo jeito que gosta que todos ali a chamem de Elaine. — Você deve ser o sr. Gunderson.

— Giles, por favor. Meu porte real deve tê-la induzido ao erro. As exposições nobres de *tableaux vivants*.

O trabalho na recepção ensinou Lainie a conter o sorriso independentemente da confusão ou do constrangimento. O sr. Gunderson — Giles, que nome apropriado — sente isso no mesmo instante e dá uma risada de desculpas.

— Perdoe minha obtusidade. Passo a maior parte dos dias sem que uma única pessoa acompanhe uma palavra das bobagens que digo. Isso me torna muito popular.

Ele sorri, e é tão sincero, tão paciente, tão desprovido de desígnios

posteriores que Lainie precisa entrelaçar as mãos, ou corre o risco de tomar as dele. Ela se sente tola com o pensamento e olha para a agenda de compromissos a fim de esconder seu rubor.

— Vamos ver, o senhor está marcado às 9h45 com o sr. Clay.

— Sim, e cheguei quinze minutos antes. Sempre estar preparado, esse é meu lema.

— Posso lhe trazer uma xícara de café enquanto espera?

— Eu gostaria de chá, se tiver.

— Ah, não acho que tenhamos chá. Aqui só temos café.

— Que pena. Eles costumavam ter chá. Talvez fosse apenas por minha causa. Café é uma bebida bárbara. Esse pobre grão torturado. Toda essa fermentação, o descascar, a torrefação e a moagem. E o que é chá? O chá são folhas secas desidratadas. É só acrescentar água, sra. Strickland. Todas as coisas vivas precisam de água.

— Nunca pensei no assunto dessa maneira. — Uma observação astuta lhe vem à cabeça; em outra situação, ela iria contê-la, mas, ao lado desse homem, Lainie se sente segura. Ela prossegue: — Talvez eu sirva apenas chá a partir de agora. Para transformar todos esses macacos em cavalheiros.

Giles bate palmas.

— Excelente ideia! Na próxima vez em que eu estiver aqui, espero que seus publicitários estejam usando echarpes e discutindo sutilezas sobre críquete. E nós vamos servir apenas chá, sra. Strickland. Deve se acostumar a falar como a realeza.

O telefone toca, depois toca de novo, duas linhas ao mesmo tempo, e Giles faz uma mesura e se senta, mantendo a pasta de trabalhos aos pés como um cão. Depois de informar à secretária de Bernie que o pintor está ali e de transferir as ligações, chega à recepção um trio de executivos de uma empresa de detergente, todos requisitando a atenção de Lainie, e, em seguida, uma dupla de carecas que, ela sabe, está dando dor de cabeça a Klein & Saunders por causa de uma campanha de areia de gato. Meia hora de autorizações conciliadoras depois, Lainie consegue um minuto para respirar e percebe que Giles Gunderson ainda se encontra ali.

O saguão, por estratégia, não tem relógio, mas Lainie guarda um em sua mesa. Ela faz um estudo secreto de Giles e decide que o sorriso inalterado do homem é um meio de se preparar para a afronta inevitável. Lainie pensa em sair andando pelo escritório para ver se alguma das secretárias tem chá, o maná que poderia tranquilizá-lo. Em vez disso, ela espera e espera, até que o insulto do atraso de Bernie paira sobre o ambiente como a fumaça negra de um ônibus com motor barulhento. A bruma se adensa quando trinta minutos se transformam em quarenta, e os quarenta seguem, no ritmo de uma corda se esfiapando, na direção de uma hora.

Cada segundo que passa enche o perfil de Giles de nobreza. Há algo familiar em seu porte. Quando Lainie reconhece o que é, prende a respiração. É a mesma pose que ela viu refletida no espelho do banheiro feminino em sua primeira semana na Klein & Saunders, enquanto ajustava o cabelo e a maquiagem e praticava suas defesas contra os beliscões na bunda. Tinha sido a parte da Elaine Strickland que ela desenvolvera longe do marido, a Elaine Strickland que *ainda* está em desenvolvimento. Ela erguia o nariz tão alto que quase olhava de cima para baixo, e é isso que o pintor está fazendo, construindo, com a grandeza necessária, uma fantasia de sua importância.

Os dois não têm nada em comum — ela, a jovem esposa; ele, o cavalheiro frágil — e, ainda assim, por um instante, parece a Lainie que são mais parecidos que quaisquer outras pessoas do mundo. É demais para ela. A recepcionista põe a placa que usa quando vai ao banheiro (SENTE-SE, VOLTO JÁ!) sobre a mesa e, sem se dar a chance de pensar melhor, mergulha no escritório pelas portas de vidro fosco.

— TODAS AS ESPERANÇAS se esgotam...

— Quando a primavera... Enquanto a primavera...

— Quando a primavera se esvai. *Quando a primavera se esvai.* Isso é Tchékhev? Dostoiévski? *Nyet.* É uma frase bem simples até para uma *glupyy rebenok*. Toda essa empreitada, ela tem garras de urso se afundando em minha carne!

Hoffstetler nunca fica calmo em seus encontros com Mihalkov. No momento, porém, está frenético, incapaz de conter o corpo ou a língua. Naquele dia, o motorista do táxi reclamou que ele tinha ficado chutando as costas do banco da frente e, enquanto esperava no parque industrial, batera as solas dos sapatos com tanta força no bloco de concreto que escavou crateras idênticas. Seu ânimo não melhorou com o Bisão, um tonto inteligente o bastante para pilotar o Chrysler por toda Baltimore, mas incapaz de decorar uma frase-código. Horas estavam sendo desperdiçadas quando não havia o luxo de desperdiçar segundos.

Os violinistas chamados para trabalhar no Black Sea no dia de folga estão com os olhos remelentos e os ternos amarrotados. Eles erguem os instrumentos sem afiná-los quando veem Hoffstetler, que passa pelos músicos antes que consigam tocar a primeira nota do clichê russo. O azul-cintilante do tanque de lagostas deixa os reservados abaixo em um tom amarronzado e turvo, e a forma mais turva de todas é o próprio Mihalkov, em seu assento de sempre. O cientista segue apressado naquela direção, esbarrando em uma mesinha para dois. Dói, e ele pensa nas suturas rompidas da criatura.

— Essa tolice precisa acabar! Passo horas esperando no parque ou no carro do seu bichinho de estimação!

— *Dobroye utro* — diz Mihalkov. — Tanta gritaria tão cedo.

— Cedo? Você não entende? — Hoffstetler corre em um arco triunfante e para ao lado de Mihalkov com os punhos cerrados. — Todo minuto que não estou na Occam é um minuto em que aqueles selvagens podem matá-lo!

— Mais baixo, *pozhaluysta*. — Mihalkov esfrega os olhos. — Estou com dor de cabeça. Acabei me excedendo ontem à noite, Bob.

— Dmitri! — O perdigoto de Hoffstetler perturba o chá preto de Mihalkov. — Chame-me de Dmitri, *mudak*!

Uma das maiores demonstrações de seu talento como informante, Hoffstetler vai concluir mais tarde, foi nunca ter precisado experimentar todas as habilidades de um homem treinado pela KGB.

Mihalkov, de olhos baixos e um pouco desorientado pela dor de cabeça, pega o punho do cientista e o puxa na direção do piso, como se fechasse persianas. Hoffstetler é forçado a ficar de joelhos. Seu queixo aterrisa no tampo da mesa, e ele morde a língua. O agente torce o braço do outro homem e o obriga a se levantar. O queixo é esfregado contra a mesa mais uma vez. Os músicos, bem na linha de visão do agredido, fecham a boca, meneiam um ritmo com a cabeça e começam a tocar.

— Olhe para as lagostas. — Mihalkov limpa a boca com um guardanapo. — Vá em frente, Dmitri.

Girar sobre o queixo dói. Sangue (que pode vir tanto do queixo quanto da língua) umedece a mesa. Hoffstetler ergue os olhos. O tanque assoma sobre ele, um tsunami aprisionado atrás do vidro. Mesmo sob pressão, entretanto, o cientista entende o que Mihalkov quer dizer. Em geral, os crustáceos são lentos, arrastam-se feito cracas pelo fundo do tanque. Naquele dia, eles estão agitados, com as antenas balançando e as garras abrindo e fechando enquanto flexionam as pernas e a carapaça para subir pelas paredes, suas pinças batendo no vidro.

— Elas são como você, não? — pergunta Mihalkov. — Mas deviam relaxar. Aceitar seu destino. E, ainda assim, deixadas sozinhas, ficam cheias de grandes ideias. Escalar, fugir. Contudo, é um desperdício de energia. Elas não sabem o tamanho do mundo além de seu tanque.

O espião pega um garfo. Os olhos de Hoffstetler se voltam para ele. Está limpo, é prateado e reluz sob a iluminação fraca. Mihalkov pressiona as pontas do objeto no ombro do cientista.

— Apenas uma girada rápida e as garras saem facilmente. — Ele arrasta o garfo até a nuca de Hoffstetler. — A cauda também. Muito simples. É só girar e puxar que ela sai. — O garfo volta a se mover, os dentes fazendo cócegas por cima da camisa dele até descansarem nos bíceps. — Da mesma maneira, as patas são fáceis. Uma garrafa de vinho, um moedor de pimenta... É só rolar sobre as patas esticadas que a carne jorra para fora. — O homem lambe os lábios como se provasse manteiga derretida. — Posso lhe ensinar a fazer isso, Dmitri. É uma coisa boa de saber, a maneira correta de despedaçar um animal.

O espião larga o braço dele, e Hoffstetler desaba no chão, aninhando o braço torcido. Embora sua visão esteja embaçada pelas lágrimas, ele vê Mihalkov gesticular e sente as mãos grandes do Bisão o levantarem e o depositarem no reservado. O conforto do assento é grotesco, de algum modo — contorcer-se no chão fazia mais sentido. Ele pega um guardanapo com dificuldade e o leva ao queixo. Há sangue, mas não muito. Leo Mihalkov sabe o que faz.

— Meus superiores disseram que uma extração é impossível. —

Mihalkov derrama duas colheres de açúcar no chá. — Defendi seu caso. Acho que fui convincente. Disse a eles que a União Soviética não supera os Estados Unidos em diversas categorias. Porém, no espaço, somos superiores! O recurso da Occam solidificaria essa posição. — Ele toma um gole e dá de ombros. — Mas o que um brutamontes como eu sabe sobre essas coisas? Sou o que você disse: um bichinho de estimação. Todos nós, Dmitri, somos bichos de estimação de alguém.

Hoffstetler amassa o guardanapo ensanguentado e engasga em meio à respiração ofegante.

— Então ele morre? Vamos deixá-lo morrer?

Mihalkov sorri.

— A Rússia não deixa seus compatriotas sem apoio.

Ele limpa as mãos e coloca uma caixa sobre a mesa. Ela é pequena e feita de plástico industrial preto. O espião solta os fechos dela e a abre para revelar três objetos aninhados nos recortes da espuma protetora. Mihalkov retira o primeiro item. Hoffstetler está familiarizado com muitos dispositivos, mas este é novo. É do tamanho de uma bola de beisebol e construído a partir de uma junta curvada de tubo de metal, como uma granada caseira, a não ser pelas soldas profissionais e pelos cabos mantidos no lugar por uma pequena camada de massa epóxi. Uma luzinha verde, ainda apagada, está presa por uma fita ao lado de um botão vermelho.

— É uma bomba — diz Mihalkov. — Um dos novos brinquedinhos dos israelenses. Coloque-a a três metros dos fusíveis centrais da Occam, aperte o botão e, cinco minutos depois, ela vai liberar uma explosão forte o bastante para desabilitar o sistema elétrico inteiro. Luzes, câmeras, tudo. É muito eficiente. No entanto, fique atento, Dmitri, o dano é temporário. Se os fusíveis são substituídos, a energia volta. Não acho que terá mais de dez minutos para completar sua tarefa.

— Minha tarefa — repete Hoffstetler.

Mihalkov coloca o explosivo de volta ao lugar na espuma e, com a delicadeza de um fazendeiro pegando um pintinho, retira o segundo item. Este Hoffstetler reconhece, pois usou muitos deles de diversas maneiras reprováveis. É uma seringa. O espião, então, remove o último item, um frasquinho de vidro cheio de um líquido prateado. Ele segura esses objetos com mais cuidado do que a bomba, e dá um sorriso simpático para o compatriota.

— Se os americanos vão mesmo exterminar o recurso, como você diz, então há apenas uma coisa a ser feita. Você deve chegar a ele primeiro e injetar esta solução. Ela vai matar o recurso. Mais importante: vai devorar as entranhas dele. Quando terminar, não vai restar nada para estudar além de ossos. Talvez um pequeno punhado

de escamas.

Hoffstetler ri, um riso de escárnio que suja a mesa de saliva, sangue e lágrimas.

— Se ele não puder ser nosso, então também não será deles. Essa é a ideia?

— Destruição mútua assegurada — diz Mihalkov. — Você conhece o conceito.

Hoffstetler apoia uma das mãos na mesa e cobre o rosto com a outra.

— Ele não queria machucar ninguém — lamenta o cientista, chorando. — Passou séculos sem machucar uma única pessoa. Nós fizemos isso com ele. Nós o arrastamos para cá. Nós o torturamos. O que vem depois, Leo? Que espécie vamos exterminar em seguida? Nós mesmos? Tomara que sim. Merecemos esse destino.

Ele sente a mão de Mihalkov parar em cima da sua e dar tapinhas com delicadeza.

— Você me disse que ele entende a dor como nós. — A voz do espião está suave. — Então, seja melhor que os americanos. Seja melhor que todos nós. Vá em frente, escute o sr. Huxley, seu autor. Pense nos sentimentos da criatura. Liberte-a do sofrimento. Quando terminar, nós esperamos quatro ou cinco dias, só pelas aparências. Aí eu mesmo vou levá-lo para a embaixada e colocá-lo em um navio para Minsk. Pense nisso, Dmitri. Céus azuis diferentes de qualquer coisa que eles tenham aqui. O sol como a estrela de Belém viajando entre as árvores cobertas de neve. Muita coisa mudou desde a última vez em que você viu o lugar. Você vai tornar a vê-lo. Vai vê-lo ao lado de sua família. Concentre-se nesse objetivo. Tudo isso está quase acabando.

TODO MUNDO CONHECE a garota da recepção e todo mundo está sempre ocupado. No entanto, hoje eles interrompem suas atividades para vê-la passar, seu sorriso firme agora amargo e seu andar calculado substituído por um passo tão rápido que faz esvoaçar a barra do vestido. Lainie para diante da secretária de Bernie com tanta firmeza que a mulher, com anos de experiência, já responde na defensiva.

— Ele não está.

Lainie ergue barreiras para clientes o dia todo. Também sabe como evitá-las. Ela dá a volta na mesa, vai até a porta e a abre.

Bernie Clay está sentado tranquilamente em sua cadeira, as pernas cruzadas em cima da mesa, um copo em uma das mãos, um sorriso no rosto. Relaxados no sofá estão o chefe do copidesque e o principal comprador de mídia, rindo com drinques semelhantes nas mãos. Tarde demais, mas ainda movida pelo protocolo, a secretária liga para Bernie para avisar que Elaine Strickland está entrando. O sorriso dele se desfaz em uma expressão de perplexidade. O chefe gesticula com a bebida na direção dos outros homens.

— Isto se chama reunião, Elaine.

Ela vai desmaiar, vai ser demitida, ela é tão burra, no que está pensando?

— O sr. Gunderson... está esperando o senhor.

Bernie aperta os olhos, como se ela tivesse falado em mandarim.

— Certo. Mas estou no meio de uma reunião importante.

O chefe do copidesque dá um riso de escárnio. Lainie olha para o sofá. Os dois homens sorriem de maneira afetada. Uma gota gélida de suor escorre por suas costas, mesmo enquanto Elaine sente um redemoinho de raiva por aqueles homens ali sentados, um pouco bêbados e cheios de si. Ela alimenta o ressentimento. Se vai cair, que seja de uma altura respeitável. A recepcionista planta os pés no chão.

— Ele está esperando há uma hora.

Bernie ajeita a cadeira. A bebida escorre pela borda do copo e cai no tapete. Não é problema dele, pensa Lainie. Uma servente, mais uma das mulheres invisíveis, vai se ajoelhar e esfregar até a mancha sair. O chefe suspira para os homens e aponta a cabeça na direção de Lainie, como se dissesse: “Deixem que eu lido com isso.” Os dois se levantam, abotoam os paletós e nem se dão ao trabalho de esconder os risos imaturos ao ver um camarada bater de frente com uma mulher histérica. O chefe do copidesque pisca para ela no caminho até a porta. O outro homem passa tão perto que Lainie tem certeza de que

ele pode ouvir, talvez até sentir, as batidas de seu coração.

— Sei que ofereci a você um emprego de tempo integral — diz Bernie —, mas não vamos deixar que isso lhe suba à cabeça. Faça seu trabalho, Elaine. E eu vou fazer o *meu*. Receberei o sr. Gunderson quando estiver pronto. Espero que seja antes do fim do expediente. Veremos.

— Ele é um bom homem. — Lainie ignora o tremor em sua voz. — Esperou duas semanas para conseguir marcar uma hora...

— É o que estou dizendo. Você não sabe mesmo do que está falando, sabe? Todo mundo que passa por esta porta tem uma história. Você não tem uma? Deixe-me revelar algo sobre o bom e simpático sr. Gunderson. Ele já trabalhou aqui. Até ser preso por depravação. Surpresa. Então, quando você entra aqui com outras pessoas em meu escritório e diz *sr. Gunderson*, é nisso que elas pensam. Não facilita em nada minha vida. Sou a única pessoa na cidade que trabalha com ele. Faço isso porque meu coração é bondoso. Deixe-me contar outra coisa a você. O trabalho dele? É inútil. Claro, é bom. Mas está ultrapassado. Não vende. Duas semanas atrás, ele me trouxe uma monstruosidade em vermelho que mandei que refizesse em verde. Fiz isso porque não tenho coragem de contar a verdade a ele. Não há mais lugar neste negócio para o sr. Gunderson. Pelo menos do meu jeito, ele recebe algum dinheiro pelo trabalho feito mas não aproveitado. Então, Elaine, quem é o homem bom agora?

Lainie não sabe mais. Bernie solta o ar de maneira indulgente, se levanta, a conduz pela cintura e a leva até a porta. Lá, ele a instrui — com certa tolerância, a recepcionista precisa admitir — a dizer para o sr. Gunderson que o sr. Clay teve uma emergência e que ele deve deixar a pintura no escritório. Assim, os corações gelados da contabilidade podem lhe dar a má notícia depois. Lainie se sente uma criança. Ela assente, uma boa menina, seu sorriso forçado deformando o rosto de um modo que ela associa com sua casa, a mesa de jantar, fingindo que está tudo bem.

Quando a mulher volta ao saguão, Giles se levanta, alisa o paletó e se aproxima dela, balançando a pasta. Lainie corre para trás de sua mesa como um soldado faria em uma trincheira e seleciona um tom de desculpas de seu acervo e o roteiro que o acompanha. O sr. Clay está ocupado lidando com um imprevisto. Eu não sabia. É culpa minha. Sinto muito. Por que não deixa o trabalho comigo? Vou me assegurar de que o sr. Clay o veja. Ela se pergunta se é assim que Richard se sente, com o coração endurecendo a cada palavra. Giles despedaça um pouco dessa pedra ao desafivelar a pasta sem protestar, aceitando a mentira deslavada, não porque acredita nela, mas porque não deseja lhe causar outro aborrecimento. Esqueça o que Bernie disse sobre depravação. Giles Gunderson é o homem mais bondoso que Lainie já

conheceu.

— Pare.

Isso soa como a voz dela. Parece a voz dela também; seus lábios sentem o estalo explosivo. No entanto, como um som tão insubordinado pode vir de uma mulher cega pelo vapor do ferro de passar, sobrecarregada por um penteado bolo de noiva, ensurdecida pela pancada repetitiva de uma cabeceira contra a parede? Mesmo assim, a voz prossegue, acima do telefone beligerante e dos resmungos dos recém-chegados à sala de espera, de modo que ela, só dessa vez, possa priorizar um homem que não é prioridade de mais ninguém.

— Eles não querem — diz Lainie.

— Eles... — Giles ajusta os óculos. — Desculpe?

— Eles não vão lhe dizer isso. Mas não querem o trabalho. Nunca vão querer.

— Mas é... Eles pediram verde, e...

— Se deixá-lo comigo, vai receber por um trabalho não aproveitado. Mas só isso.

— ... e está muito verde, não tem como ficar mais verde!

— Porém, acho que o senhor não devia fazer isso.

— Srta. Strickland? — Giles pisca com força. — Quero dizer, *sra.* Strickland...

— O senhor merece coisa melhor. Merece pessoas que o valorizem. Merece ir a um lugar onde possa se orgulhar de quem é.

A voz, percebe Lainie, parece independente dela porque não está falando apenas para Giles Gunderson — está falando também para Elaine Strickland. Ela merece mais, merece ser valorizada, merece viver em um lugar onde o orgulho não seja um presente exótico. Novamente, a jovem esposa e o cavalheiro de idade são a mesma coisa, considerados deficientes por pessoas que não têm a mínima estatura para fazer tal acusação. A Klein & Saunders é um começo, mas apenas isso: um começo.

Ele está mexendo na gravata-borboleta, à procura de pistas nos cantos do cômodo, mas ela continua balançando a cabeça com cada vez mais vigor, insistindo para que ele faça a coisa certa e vá embora dali. O velho expira com um leve tremor e olha para sua pasta. Então inspira fundo e encara a mulher. Os olhos dele estão cheios de lágrimas, e seu bigode estremece com um sorriso corajoso. Ele estende a pasta. Não a pintura, toda a pasta.

— Para você, querida.

Ela não pode aceitar. É claro que não. Contudo, o braço de Giles treme do mesmo jeito que sua voz vacilara; ele está igualando o heroísmo impulsivo da mulher com o próprio, implorando que Lainie tire aquele fardo de uma vida de suas mãos. A recepcionista pega a pasta, e seus dedos pousam em reentrâncias criadas pela pressão de

dedos ao longo dos anos sobre o couro vermelho e macio. A mulher vê o movimento na sombra de Giles quando ele se afasta, mas não ergue os olhos. Isso só dificultaria as coisas para ele, sente Lainie, e, além disso, ela está à procura de um lugar onde deixar a pasta, de modo que esta — tão pesada, tão cheia de significado — não caia destruindo três andares do prédio.

HOFFSTETLER ESTÁ VERIFICANDO, pela última vez, os instrumentos que mostram a temperatura, o volume e o pH da piscina da F-1, enquanto seus assistentes retiram os equipamentos do laboratório em carrinhos cheios. Nesse momento, o cientista se dá conta de um fato incrível. Ele pode nunca mais estar tão perto do Devoniano outra vez, pelo menos enquanto o ser ainda respira. Na segunda-feira, dali a três dias, ele mesmo iria dissolvê-lo de dentro para fora usando a solução hipodérmica de Mihalkov.

Será que foi a armadura dos jalecos e os escudos das malas que o tornaram tão imune à dor dos outros por tanto tempo? Bom, hoje Hoffstetler não está usando jaleco — ele o jogou no chão do escritório, revoltado com a absorção invisível de sangue da vestimenta. E sua mala? Em poucos dias ela passou a representar o colapso de sua vida antes mantida com extremo cuidado; está cheia de anotações amassadas e sacos e farelos de biscoito. Dessa vez, nenhuma dose mínima de profissionalismo separa a morte do assassino na F-1.

A vítima de Hoffstetler — o homem não se permite pensar no Devoniano em um termo mais gentil — flutua no centro da piscina, as correntes fixas a seus arreios imóveis como varas. O único sinal de vida dele é a luz que jorra feito ouro derretido de seus olhos pela água. O russo pensa em Elisa Esposito dançando e nas luzes maravilhosas do Devoniano, e é tomado por um ciúme terrível. Não é justo que ela o tenha amado, e que o ser tenha correspondido, enquanto ele está encarregado de um assassinato que nenhum deus vai perdoar. O cientista substitui as ferramentas e tenta se livrar dos sentimentos de ternura. Eles não vão facilitar em nada o ato de espetar a agulha assassina através das placas ósseas.

Não há razão alguma para crer que o Devoniano sinta algo em relação a ele além de ódio. Ainda assim, quando ouve as portas do laboratório se fecharem atrás de seus assistentes, o cientista se vê erguendo o olhar de maneira suplicante. Se Elisa conseguiu, ele poderia ter conseguido também: fazer contato, contato *de verdade*, com aquele ser. Hoffstetler vivia consigo mesmo apesar de ultrapassar os limites da humanidade todo dia. Será que poderia se perdoar por esse último abuso?

O laboratório está vazio e em silêncio. O cientista larga o caderno sem se importar que as páginas se molhem, que todos os fatos anotados com extremo cuidado fiquem borrados; afinal, como os fatos o ajudaram na Occam? Cruza a linha vermelha de segurança e se

agacha junto à borda da piscina, e a umidade penetra pelos fundilhos das calças. As mãos dele estão acostumadas a estar vazias; elas procuram uma à outra enquanto sua coluna se curva. É uma pose melancólica, como se curvar diante da sepultura de um ente querido. Outra fantasia de paixão. Ele não tem entes queridos. Não nesta terra. Até o Devoniano, um ser de outro mundo, o derrota nesse quesito.

— *Prosti menya, pozhaluysta* — sussurra ele. — Eu sinto muito.

A água com reflexos dourados ondula com a delicadeza de um campo de trigo.

— Você não pode me entender. Sei disso. Estou acostumado com essa realidade. Meu tom de voz verdadeiro, meu belo russo... ninguém aqui pode entendê-lo. Será que, nesse sentido, somos parecidos? Será que se eu falar com sentimento suficiente você entende? — Hoffstetler bate no próprio peito. — Fui eu quem falhou com você. Não pude salvá-lo. Apesar de todos os meus diplomas guardados em caixas. Das honras que recebi. Tudo isso para exibir minha *inteligência* por aí. No entanto, o que é a inteligência? São cálculos e computações? Ou a verdadeira inteligência deve conter um componente moral? A cada minuto que passa, acredito mais e mais que este seja o caso. E, assim, acho que sou burro, burro, burro. Essas correntes, esse tanque... Esse é seu pagamento por salvar minha vida. Você sabe o que fez? Pode sentir o cheiro em meu sangue? Eu já tinha separado as lâminas de barbear. Aí encontraram você, como se saído das páginas dos contos de fadas de Afanasyev que li quando menino. Histórias de animais mágicos, monstros estranhos. É você, meu querido Devoniano, que esperei toda a vida para encontrar. Nosso relacionamento deveria ter sido maravilhoso. Sei que meu mundo é seco e frio. Ainda assim, há tanta coisa nele que eu poderia ter lhe mostrado, que poderia ter lhe dado alegria. Em vez disso, você e eu não temos relacionamento algum, temos? Você nem sabe meu nome.

Hoffstetler sorri para a forma vaga de seu reflexo escuro.

— Meu nome é Dmitri, e é um grande, um enorme prazer conhecê-lo.

Um choro entrecortado irrompe de Hoffstetler. Lágrimas quentes escorrem por seu rosto, uma dúzia de cada vez, como se fosse ele quem tivesse sido injetado com o soro de Mihalkov, como se as entranhas dele é que estivessem se dissolvendo. O homem se apoia na borda e observa as lágrimas respingarem na água, uma tempestade em miniatura, a primeira que Baltimore vê em meses.

A superfície da água é cortada. É a mão do Devoniano, se estendendo para cima feito um tubarão, as garras como cinco barbatanas peroladas. Hoffstetler recua, afasta-se da borda. Porém, não há nada a temer. O ser está a quase um metro de distância, tendo

nadado sem fazer som, e já está recuando o braço. O cientista observa prendendo o fôlego enquanto a criatura passa os dedos pela boca, sobre a língua. Não há dúvida do que está acontecendo.

O Devoniano está provando suas lágrimas.

Hoffstetler sabe a sorte que tem por nenhum membro da equipe entrar na F-1 nesse momento. Sua boca está aberta em um grito silencioso, seu rosto está úmido e corado, todo o corpo estremece. As mandíbulas duplas do Devoniano rangem sobre suas lágrimas salgadas, e seus olhos se suavizam de um dourado-metálico para um azul-celeste. A criatura se coloca de pé na piscina, aparentando desafiar a gravidade, e faz uma medida para o cientista russo. Não há outra palavra para descrever isso. E então, mergulha em silêncio, e seus pés com membranas entre os dedos fazem um movimento final que, para Hoffstetler, significa ao mesmo tempo um “obrigado” e um “adeus”.

SAIR DA REVENDEDORA dirigindo o carro é um sonho. Os pneus do Coupe de Ville não tocam o asfalto. Eles giram sobre nuvens de algodão, sobre os padrões da fumaça de seu cigarro, sobre os cachos esvoaçantes das garotas que lançam olhares lascivos para ele e para o Cadillac em cada sinal de trânsito. Tudo que ele precisaria fazer era abrir a porta, e elas se aglomerariam ali dentro. Felizes, de bom grado e sabendo o lugar delas: o banco de trás. O Sonho Americano: Strickland achou que ele estivesse perdido. Esquecido em algum lugar nas caixas de mudança. Mas quem diria? Os garotos espertos de Detroit conseguiram construí-lo em aço. A única coisa que era preciso fazer, senhor, era dar o dinheiro, e ele era seu.

Existem muitas vagas de estacionamento melhores na Occam, mas Strickland escolhe a da extremidade. Todo mundo que vai trabalhar de carro terá que ver o Cadillac. Até os ônibus que levam os funcionários seriam obrigados a passar por ele. Richard sai, se agacha ao lado daquela beleza azul-esverdeada e a examina. Uma marca de sujeira perto das rodas. Um pouco de brita sobre o para-choque dianteiro. O homem pega um lenço e lustra os pontos até brilharem. Ele se sente melhor do que se sentia de manhã. Lainie tem um segredo, o que é inaceitável. No entanto, o carro ajuda. É uma solução parcial. Ele pega o frasco de comprimidos e joga alguns na boca. Há outra solução, uma ainda melhor, dentro da Occam.

Seu estado de ânimo está otimista o suficiente para que não grite com os serventes fumando na plataforma de carga em vez de no saguão superior. Eles jogam as guimbas fora e desaparecem. Strickland consegue até sorrir. E daí? Deixe que os subordinados fumem um pouco. Ele pega a vassoura que esqueceram ali no chão e a deixa apoiada na parede. Entra na Occam com sua chave-cartão e desce por um corredor movimentado. Cientistas, funcionários administrativos, assistentes, serventes. Todos estão olhando para ele? Strickland está certo de que sim. E por que não estariam? Ele se sente como o Coupe de Ville. Grande e reluzente. Devorando a estrada e tudo que há nela.

A segunda solução é Elisa. Ela não começa a trabalhar antes da meia-noite. Strickland permanece bem e medicado até lá. Ele vai reduzir os comprimidos, com certeza. Mas não naquele dia. Toda tarefa que escolhe o enche de antecipação. Tira o pó dos monitores de segurança com os mesmos movimentos delicados usados no Cadillac. Segue um Hoffstetler de olhos inchados apenas para que possa se

gabar sobre a vindoura vivisseção. Encontra uma caixa de papelão e começa a coletar itens pessoais de sua mesa. Visualiza a Occam e Baltimore diminuindo no retrovisor de seu Cadillac. Washington, também. É Elisa no assento ao lado? Se Lainie está agindo por suas costas, por que ele não pode fazer o mesmo? Ele e Elisa vão seguir de carro até um lugar onde o general Hoyt nunca consiga encontrá-lo.

Meia-noite e quinze. Strickland aciona o interfone.

— Você poderia encontrar a srta. Elisa Esposito e pedir para ela vir ao meu escritório? Derramei uma coisa aqui.

Derramar. Ele acha que devia derramar alguma coisa. Olha ao redor e vê os sacos de balas. Não precisa dessas balas todas. Pelo menos, não até largar os comprimidos. Dá um tapa no saco mais próximo e vê os doces correrem para cantos escuros como camundongos verdes. Foi uma pancada vigorosa, e eles rolam para bem longe. E se Elisa não acreditar nisso? O homem dá uma risada e sente o estômago se revirar. Ele está nervoso. Não se sentia nervoso por causa de uma mulher havia bastante tempo.

Uma única batida na porta. Ele abre um grande sorriso e ergue os olhos. Ali está ela, rápida como uma colegial e vestida com o uniforme cinzento da equipe de faxina. A mulher segura o esfregão como um bastão *bô* e mantém o queixo para baixo, uma postura clássica de desconfiança. Ele pode sentir ar fresco nos molares de trás. Será que seu sorriso está selvagem demais? O homem tenta diminuí-lo. É como relaxar um elástico esticado — ele ainda pode escapar e se lançar para o outro lado da sala se não tomar cuidado. Strickland não está acostumado a lidar com sorrisos.

— Olá, srta. Esposito. Como está hoje?

A garota parece um gato acuado. Após um momento, ela toca o peito e em seguida junta os dedos e faz um movimento para fora com a mão. Strickland se encosta na cadeira. Uma onda cintilante atravessa sua cabeça. É esperança. Ele se esqueceu de como era aquela sensação. Já cometeu tantos erros. Envolver-se com Hoyt. Deixar Lainie se afastar, possivelmente para fora de seu alcance. Naquele instante, porém, bem ali, sob a suave e mortíça luz dos monitores, há uma chance. Elisa é tudo de que ele precisa. Silenciosa. Controlável.

Ela estende o pescoço para o interior da sala e olha ao redor. Isso perturba a serenidade de Strickland. A mulher parece estar esperando uma armadilha. Por que pensaria dessa forma? Ele até se deu ao trabalho de colocar novas ataduras em torno dos dedos feios e esconder o agulhão embaixo da mesa. Ele gesticula para o chão.

— Não precisa do esfregão. Só derrubei algumas balas. Rolaram para fora do saco. Não quero que atraiam insetos. Um trabalhinho bem fácil. Acho que eu mesmo podia ter feito, mas estou ocupado. É por isso que fico aqui até tão tarde: papelada.

Não há nenhum papel em sua mesa. Ele devia ter pensado nisso. Enquanto Elisa vai até seu carrinho, Strickland tira um arquivo aleatório da escrivaninha. Ela entra na sala com a vassoura e a pá erguidas como *nunchakus*. Também é observadora, outra de suas características felinas. Os olhos estão nos papéis que ele de repente está segurando. Strickland não gosta disso, se sente flagrado em uma mentira. No entanto, gosta que ela olhe para ele. A mulher se ajoelha em um canto para varrer as balas. Ela parece bonita fazendo isso também. O homem sente uma onda de poder. O mesmo que sentiu com as vibrações do motor V-8 do Cadillac. Vidros elétricos. Direção hidráulica. Poder total.

— Na verdade, não estou acostumado a trabalhar até tão tarde, acho. Fico cansado e descuidado. Mas imagino que você esteja acostumada, não? É manhã para você. Deve estar cheia de energia. Ei, quer uma bala? Não do chão, claro. Eu ainda tenho algumas no saco.

Ela está em frente à mesa agora, agachada entre as cadeiras. A servente ergue o rosto e fixa seus olhos nos dele por alguns segundos. A luz cinzenta dos monitores lhe cai bem. O cabelo dela é como nuvens de tempestade; seu rosto, prata brilhante. As cicatrizes no pescoço são duas linhas reluzentes de ondas noturnas. Ele ama essas marcas e se pergunta se há outros lugares no corpo de uma mulher onde elas pudessem parecer tão bonitas. Havia muitos, provavelmente. Ela balança a cabeça. Nada de bala, obrigada. Começa a afastar os olhos, mas o homem não quer perder as cicatrizes de vista.

— Espere um minuto. Tenho uma pergunta. — Na mesma hora, uma lhe vem à cabeça. — Quando você diz que é muda... bom, acho que você não diz isso. A mulher negra que disse. Você não pode dizer nada. — Ele ri; ela, não. Por que não? É uma piada inofensiva. — Enfim, andei me perguntando. É cem por cento? Quero dizer, se você se machuca, faz algum barulho? Não que eu esteja planejando machucá-la. — Ele ri de novo. Mais uma vez, nenhuma reação. Por que a mulher não relaxa? — Alguns mudos, sabe, fazem alguns ruídos. Eu só estava curioso.

As palavras não saem de maneira perfeita. Strickland não costuma fazer brincadeiras. Ele não é o dr. Bob Hoffstetler, listando todos os motivos que o tornam tão brilhante. Ainda assim, a pergunta merece um aceno de cabeça, um gesto, qualquer coisa. Em vez disso, Elisa se vira e volta para sua tarefa. Pelo som, dá para perceber que ela quer terminar o trabalho o mais depressa possível. Ele leva um segundo para pensar. Se fosse outra pessoa a ignorá-lo, ela iria se arrepender disso. Com aquela servente, porém, a atitude só aumenta o delicioso silêncio. O homem encara as costas dela. É difícil ter alguma ideia do que há por baixo do uniforme, mas ele acha que a mulher é bonita, sem dúvida o suficiente se continuar usando sapatos como aqueles. Os

sapatos têm estampa de oncinha. *Estampa de oncinha*. Se Elisa não os estava usando para o prazer dele, então era para o de quem?

Cada bala faz barulho ao atingir a pá de lixo. Como gravetos estalando na selva, revelando a aproximação de um predador. Strickland fica de pé, anda de um lado para o outro diante dos monitores a fim de se distrair. Na mesma hora, Elisa também se põe de pé. Ou ela terminou, ou desistiu da tarefa, e sai apressada na direção da porta, mas não consegue se mover rápido o bastante. Balas rolam pela pá de lixo, um número de equilíbrio digno de circo. O homem bloqueia a porta com o braço direito. Elisa para de repente, as balas verdes ruidosas como pulmões com bronquite.

— Sei o que isso parece — comenta ele. — Eu sendo quem sou. Você sendo quem é. Mas não somos tão diferentes assim. Quero dizer, você tem alguém para recebê-la em casa? Seu arquivo diz que não. E eu... bem, acho que é diferente para mim, mas é a mesma *sensação*. O que estou tentando dizer é que *sinto* o mesmo que você. Acho que nós dois temos coisas na vida que mudaríamos se pudéssemos. Não?

Strickland não consegue acreditar, mas lá está. Ele levanta a mão esquerda e toca uma das cicatrizes no pescoço de Elisa. O corpo inteiro da mulher se enrijece. Ela engole em seco, um pulso acelerado palpitando na jugular. O homem deseja poder sentir a pulsação, mas seus dedos estão inchados, enfaixados, um deles pressionado e dormente devido a uma aliança de casamento. A aliança que a servente entregou a ele naquele mesmo escritório. Ele troca de mãos, delineia uma das cicatrizes no pescoço com o indicador, semicerra os olhos, se entrega a seus sentidos. A cicatriz é macia feito seda. Elisa tem um cheiro muito limpo, como de alvejante. A respiração assustada dela ronrona igual ao Cadillac.

Na Amazônia, seu grupo encontrou o cadáver de um cervo-do-pantanal com a galhada presa nas costelas de uma onça-pintada. Os índios bravos supuseram que os dois animais ficaram presos daquele jeito por semanas antes de morrer, um cruzamento grotesco. É como ele e Elisa, pensa Strickland. Dois opostos aprisionados juntos. Ou encontravam um modo de trabalharem unidos para escapar, ou ambos murchariam até os ossos. O cérebro feminino, ele sabe, precisa de tempo para pensar. Assim, Strickland deixa que o braço deslize pelo batente da porta. Elisa não espera. Ela sai logo, despeja o conteúdo da pá no lixo, pega e empurra seu carrinho. Ela está indo embora, ela está indo embora.

— Ei — chama ele.

Ela para. Sob a luz mais forte do corredor, seu rosto está rosado; as cicatrizes, vermelhas. O homem sente um turbilhão de pânico, perda e frustração. Força um sorriso, tentando fazer isso com franqueza.

— Não me importo de você não conseguir falar. É isso que quero

dizer. Eu até gosto. — Uma sugestão bem-intencionada surge em sua mente. Seria admissível? Será que ela responderia de maneira positiva? Ele está tonto devido aos remédios, mas não ousa perder a oportunidade. Seu sorriso de elástico se estica outra vez, perto de arrebentar. — Aposto que *eu* poderia fazer você gritar. Só um pouco?

ZELDA VÊ ELISA saindo do escritório do sr. Strickland. Há uma porção de possíveis razões válidas para isso. Talvez ele, com sua mão enorme devido às ataduras, tenha feito algum tipo de sujeira. Ou a lista de tarefas do controle de qualidade dela tivesse uma observação de Fleming sobre limpar a sala, que, em geral, era restrita. Porém, desde quando elas cumpriam uma ordem especial do chefe sem dividi-la ou especular sobre seu significado? Elisa não diz nada. Ela não tem se comunicado muito naqueles dias. Zelda conta à amiga uma história de Brewster. Elisa não faz perguntas. Zelda tenta perguntar qual é o problema. Elisa finge não ouvir. Cada atitude de desprezo da amiga é um golpe nas costelas de Zelda, com a força do agulhão de gado de Strickland. A mulher está acumulando hematomas. Ela se encolhe com eles até em casa. Brewster chega a perceber, e quando ele percebe algo, é porque os sinais estão brilhando como um incêndio.

— É Elisa — admitiu.

— Sua amiga do trabalho?

— Ela tem me tratado... Ah, não sei.

— Como uma ajudante? — pergunta Brewster.

Esse é Brewster. Se você o encontrar em qualquer lugar que não seja diante da TV, o homem é afiado como uma faca. Afiado demais para Zelda — você não alimenta uma amizade por tanto tempo e a abandona feito uma pétala ao vento. Há alguma força externa em ação, e só pode ser a F-1. Desde que Strickland quase pegou Elisa lá dentro, Zelda viu a amiga duas vezes empurrando o carrinho vinda da direção daquela sala. Ela dá a Elisa todas as chances de contar os detalhes, desde fazendo perguntas mais genéricas e abertas (“Você viu alguma coisa interessante hoje à noite?”) às mais diretas (“Eu gostaria muito de saber o que acontece na F-1”). Elisa não revela nada. Nem mesmo dá de ombros. Além de ser atípico dela, é falta de educação, e Zelda começa a se perguntar se deveria seguir o conselho do marido de se dar ao respeito e lhe virar as costas.

Sentiria mesmo tanto a falta de Elisa? Zelda imagina que não teria problemas para se entrosar com os outros funcionários do turno da madrugada. Mais alguns cigarros fumados na plataforma de carga, uma risada compartilhada às custas da servente muda, e pronto, estaria atualizada com todas as piadas internas. Isso doeria, mas trabalho é trabalho, e a Occam, a mulher lembra a si mesma, é apenas uma parte de sua vida. Zelda tem família: tias e tios, e suas várias proles complicadas. Isso sem falar na confusa árvore genealógica de

Brewster, com primos de segundo e de terceiro grau, além de diversos agregados que ela nunca conseguiu situar muito bem. Há os vizinhos, também, alguns dos quais conhece há quinze anos, que vibram quando ela chega a seus piqueniques. E tem a igreja, que é ao mesmo tempo família e vizinhos, onde todos ficam efusivos, se abraçam e choram, onde há sempre apoio e amor.

Aí estão: as provas de que ela não precisa de Elisa.

Contudo, Zelda *quer* manter a amizade. É teimosa em relação a isso, como uma adolescente proibida de ver uma amiga. Só que ela não é mais uma adolescente. É a própria Zelda — e não Brewster, sua família ou a igreja — que decide quando seu orgulho foi maltratado demais. Se quer dar outra chance a uma amiga que não tem mais direito a chances, vai fazer isso. Além do mais, uma mulher enlouquece quando há um homem envolvido — eles ficam igualmente enlouquecidos também —, e essa é a teoria em que Zelda acredita. Elisa Esposito está tendo um caso. Se a F-1 é o ponto de encontro, então tem que ser com o dr. Hoffstetler, não é? Esse homem que é tão legal com elas? Que costuma trabalhar até tarde com tanta frequência? Que não usa aliança?

Zelda não vai julgá-la por isso. Caramba, ela está tentada a lhe dar os parabéns; a moça não tem um relacionamento desde que as duas se conhecem. É verdade, o caso podia fazer com que ela fosse demitida, mas também é verdade que, se funcionar, talvez ela e o dr. Hoffstetler possam sair juntos da Occam. Dá para imaginar isso? Elisa casada com um doutor?

Esta noite, porém, depois de vê-la sair correndo do escritório de Strickland, Zelda não tem mais tanta certeza de sua teoria. Sem dúvida o militar tem uma chave-cartão para a F-1. E se aquele homem asqueroso — que, pensando bem, ficou olhando para as pernas de Elisa quando eles se conheceram em seu escritório — tivesse tomado alguma liberdade usando o agulhão enferrujado? Elisa é inteligente, mas tem pouca experiência em relação ao sexo oposto. E, se Zelda já conheceu um homem que tiraria vantagem de uma mulher assim, é o sr. Strickland.

Uma rigidez metálica se fixa ao maxilar, aos punhos e aos pés dela, a todas as partes que podiam trazer problemas para uma servente dócil em um lugar como a Occam. Zelda faz uma escolha. Só precisaria pular duas salas — espaços de armazenamento que, na verdade, pouco ficavam sujos — para seguir Elisa pela meia hora final do turno da madrugada. Zelda se sente mal por fazer aquilo. Pior: seu trabalho de detetive não revela nada de concreto. Nem o uniforme nem o cabelo de Elisa parecem desalinhados após um encontro físico. Algo, porém, aconteceu na sala de Strickland. A amiga erra três vezes seguidas ao tentar colocar um espanador no gancho do carrinho.

O sinal indicando a mudança de turno toca. A equipe de faxina retorna para o vestiário. Zelda continua observando Elisa, apressando a troca de roupas para conseguir chegar aos cartões de ponto bem atrás dela. Apenas quando saem do prédio, sob a faixa laranja-melão de um alvorecer e estão esperando no ponto do ônibus com poeira até as canelas, é que Zelda reza aos céus, segura a assustada Elisa pela manga e a puxa até a lata de lixo, espantando um bando de esquilos dali. Os olhos de Elisa, vermelhos e cansados àquela hora, brilham com cautela.

— Eu sei, querida, eu sei. Você não quer conversar comigo. Você não quer conversa com ninguém. Então, não faça isso. Só escute. Antes que o ônibus chegue, só escute.

Elisa tenta se esquivar, mas Zelda explora duas características que quase nunca usa, seu tamanho e sua força, e a puxa para trás pela manga com tanta brutalidade que o quadril da amiga bate na lata de lixo. Ela começa a sinalizar com uma energia raivosa, e Zelda entende a essência dos pontos e traços. São explicações, justificativas, pretextos. É revelador que nenhum deles seja um pedido de desculpa. Algo do gênero seria uma admissão de que ela tinha feito algo errado.

Zelda posiciona ambas as mãos sobre as de Elisa, afagando-as como se acariciasse pombos e levando-as para o conforto de seu seio.

— Você não está sinalizando nada que valha a pena ser comunicado, e nós duas sabemos disso. — Elisa para de resistir, mas seu rosto está duro. Não antipático, apenas duro, como se segurasse uma parede diante de um segredo grande demais para ser revelado. Zelda expira: — Não tentei sempre entender o que incomodava você? Desde o seu primeiro dia aqui? Eu me lembro do cartaz que Fleming prendeu no vestiário quando você começou. A foto de uma mulher no estilo Marilyn Monroe com um esfregão, e todas aquelas setas apontando para seus atributos. *Mãos dispostas a ajudar. Pernas prontas para fazer o melhor trabalho.* Lembra-se disso? Lembra como nós rimos? Foi quando ficamos amigas. Porque você era muito jovem e tímida, e eu queria ajudar. Isso ainda é tudo que quero.

A testa de Elisa se ondula em confusão. Ela se assusta com o cascalho triturado por meia dúzia de trabalhadores remexendo os pés enquanto pegam seus bilhetes do ônibus. Isso significa que o veículo está chegando. Zelda não vai poder segurar a amiga ali por muito mais tempo. Ela aperta as mãos de Elisa com a maior força possível na gaiola das próprias mãos e consegue sentir o farfalhar das asas delicadas de pombo de Elisa.

— Se você está com algum problema, não tenha medo. Não fique assustada. Já vi todo tipo de encrenca na vida. E se for um homem...

Os olhos de Elisa correm de volta até os de Zelda, que balança a cabeça e tenta encorajá-la. Sua amiga, porém, está se afastando, e o

ronco e os chiados do ônibus não podem mais ser ignorados. A visão de Zelda fica turva na mesma hora com um fluxo de lágrimas que a amiga despreza — é toda emoção que ela não quer demonstrar quando está tentando exibir força. Elisa se solta, mas Zelda grita. A outra para e se vira, mas não completamente. Zelda esfrega os olhos com as costas da mão.

— Não posso continuar perguntando, querida — diz ela. — Tenho meus problemas, minha vida. Sabe, qualquer dia desses vou deixar esse lugar para trás e começar meu próprio negócio. E sempre imaginei você vindo comigo. Mas preciso saber... Nós apenas fazemos a limpeza juntas? Quando tiramos os uniformes, ainda somos amigas?

O sol nascente leva uma definição brilhante às lágrimas que, igualando com perfeição às de Zelda, correm pela face de Elisa. O rosto dela se contorce, como se quisesse falar, mas a mulher entrelaça e aperta as mãos, seu método de conter as palavras, e só consegue balançar a cabeça antes de sair andando na direção do ônibus. Zelda se vira de propósito para o sol, cegando-se por um momento, e esfrega o rosto úmido com o braço trêmulo; em seguida, o deixa lá, como uma proteção contra a luz, a tristeza, a solidão e todo o resto.

ESCOLHA ALGUNS MEMBROS do exército de publicitários e, após um dia duro, será possível encontrá-los com a barriga encostada no balcão de um bar afogando as mágoas, amaldiçoando as injustiças do negócio que escolheram. No entanto, o que Giles Gunderson faz? Primeiro, ele posterga a amargura até o dia seguinte porque é velho e está cansado. Segundo, não é cerveja o que ele bebe, é leite. Terceiro, ele está sozinho.

Giles pensou que nunca mais se levantaria da cama. Sem trabalho, sem dinheiro e sem amigos, caso Elisa ainda estivesse com raiva. Então, por que prolongar o inevitável? Mas a luz da manhã atravessou o vidro da janela do quarto, e o arco-íris resultante lembrava os mostruários cromados do Dixie Doug's. Se havia algo capaz de retirá-lo da trilha espinhosa da perdição, era a atenção de Brad — a menos que o crachá com o nome alternativo estivesse correto e ele fosse, na verdade, JOHN. O pintor se vestiu com roupas que, pela primeira vez, não pareciam cheias de personalidade, mas apenas velhas, e botou a peruca, um exercício de desonra. Depois, tentou ignorar as engasgadas mortais do Pug e colou com fita adesiva os farrapos de seu orgulho, de modo que conseguisse entrar no Dixie Doug's com um pouco de seu entusiasmo de sempre.

Contudo, Brad não estava lá, e a fila em forma de cascavel o deixou enrolado. Forçado a fazer um pedido, e com sua pobreza em mente, Giles deu um sorriso frágil para uma moça alegre com um crachá que dizia LORETTA e pediu a coisa mais barata do cardápio, um triste copo de leite. Ele está sentado ao balcão, apesar de os tamboretos machucarem seu quadril. Quer beber o leite, sair logo dali e apressar esse negócio de morrer.

Ele vira para a direita, tentando se distrair com a TV em preto e branco alojada entre potes de utensílios plásticos. A recepção é ruim, mas mesmo a enorme quantidade de chuva não consegue esconder os contrastes de negros andando em círculos segurando cartazes. O leite azeda na língua de Giles. Ah, exatamente do que ele precisava! O homem pensa em pedir a Loretta para mudar de canal, mas a garçonete está em pleno flerte, transformando piscadelas e meneios em frotas inteiras de pedidos de tortas. Pelo menos o Dixie Doug's toca alto música country; ele consegue ouvir apenas partes do noticiário. Algo sobre William Levitt, o pioneiro da vida nos “subúrbios”, que se recusa a vender lotes para negros. Ele sofre com as imagens de arquivo de Levittown, em Long Island. Imagina a si mesmo em uma

daquelas residências de cor pastel, saindo a cada manhã orvalhada em um robe confortável para regar magnólias. Isso nunca acontecerá; ele cumprirá sua prisão perpétua naquela caixa de sapatos infestada de ratos em cima do Arcade, isso se tiver sorte.

Cotovelos se dobram sobre o balcão. O pintor ergue os olhos e ali está ele, um anjo que entra flutuando, enviado dos Campos Elísios. Até o porte encurvado e relaxado de Brad não consegue esconder uma altura que deve ser maior que as estimativas anteriores de Giles: um metro e noventa. Pelo menos um metro e noventa! O homem mais novo se debruça sobre o balcão cheirando a açúcar e massa. Ele usa um dedo preguiçoso para indicar um prato de torta verde-clara que apareceu, como que por mágica, ao lado do leite.

— Eu me lembro de como o senhor gostou dessa.

O sotaque sulista falso de Brad está de volta, e Giles se derrete todo. Sotaque falso, cabelo falso, qual a diferença? Todos não temos permissão para pequenas vaidades, em especial quando elas agradam a uma pessoa de quem você gosta?

— Ah! — Giles visualiza a carteira vazia. — Não tenho certeza se trouxe dinheiro suficiente para...

Brad faz uma expressão de desdém.

— Esqueça. É por conta da casa.

— É muita simpatia sua. Mas não tem conversa. Trarei o dinheiro depois. — Ele tem uma ideia, uma ideia louca. No entanto, se esse, seu pior momento, não é a hora para atos insanos, qual vai ser? — Ou... você pode me dar seu endereço, e eu passo na sua casa.

— Poxa, quem está sendo simpático demais agora? Nossa, trabalhar aqui é como cuidar de um bar. Você acaba conhecendo as pessoas. Escuta suas histórias. E vou lhe dizer uma coisa: a maioria das pessoas não sabe manter uma boa conversa. Não temos muitos clientes como você. Inteligente, educado. Toda aquela coisa que me contou envolvendo o grande lançamento de um produto alimentício? Você tem coisas bem interessantes a dizer, e eu agradeço. Por isso, coma, parceiro.

Bernie devia ter razão, pensa Giles. Ele é velho e sentimental, está preso em uma época diferente. Por que outro motivo, diante daquele pequeno ato de generosidade, lágrimas começaram a se acumular em suas pálpebras?

— Não consigo nem lhe dizer o que significa... Eu trabalho sozinho, sabe, e conversar... Falo com minha amiga, claro, minha melhor amiga, mas ela é... — Os sinais de despedida de Elisa ainda estão marcados na carne de suas costas. — Bom, ela não é de conversar muito. Por isso... agradeço. Do fundo do coração. E você pode me chamar de Giles. — Ele força um sorriso, e parece frágil, todo o seu crânio parece frágil, uma coisa tão quebradiça quanto Andrzej. —

Você não deve incentivar meu vício em lima-da-pérsia e me chamar de “parceiro”.

O riso de Brad é como o sol, limonada, grama recém-cortada.

— Caramba, nunca tinha conhecido um Giles, antes, se quer saber a verdade.

Giles pode ver no franzir dos lábios de Brad seu nome verdadeiro prestes a ser divulgado com a mesma afeição fácil com a qual o rapaz confessara sua ascendência canadense. Após isso, pensa o artista, ele não precisará mais observá-lo procurando pistas, nada mais de folhear listas telefônicas feito um estudante apaixonado, não haverá mais humilhação naquela vida vazia de sentimentos. Na pior manhã de sua existência, tudo vai ser salvo.

— Eu quero saber a verdade — disse ele, e parece profundo.

Aquela é sua verdade: ele enganou seu único confidente. A campanha publicitária que falou a Brad que chefiaria — uma mentira — terminou com um trabalho recusado entregue a uma recepcionista caridosa. Não há futuro para ele. Nem esperança. E por tudo isso, Giles avaliará depois, ele sucumbe ao desejo há tanto tempo adiado, tão delirante quanto uma criança eletrizada por muitos pedaços de torta açucarada. Na última vez em que conversou com Brad, ele explicou a etimologia de *tantalizar*, como Tântalo tentava pegar fruta e água que estavam sempre fora de seu alcance. Naquele momento, Giles tentava fazer o mesmo.

Ele coloca uma das mãos sobre o punho de Brad. É quente como pão recém-assado.

— Gosto de conversar com você também — diz Giles. — E gostaria de conhecê-lo melhor. Se você quiser. Seu nome é mesmo... Brad?

As cintilações alegres no olhar do rapaz se apagam, de maneira tão silenciosa e completa que foi como se ele tivesse morrido. Brad fica de pé, não com um metro e oitenta e nove ou um metro e noventa, mas com três, trinta, trezentos metros, afastando-se do balcão para a estratosfera. A mão de Giles desliza da pele quente e cai sobre o balcão frio, uma coisa murcha, manchada, cheia de veias e trêmula. Do deus que comanda de cima vem uma voz desprovida de seu sotaque meloso.

— O que pensa que está fazendo, velho?

— Mas eu... você... — Ele está fraco, perdido, isolado sob luzes fortes como um espécime a ser estudado. — Você me pagou uma *torta*.

— Paguei tortas para todo mundo — responde Brad. — Porque fiquei noivo ontem à noite. Daquela moça bem ali.

Giles sente um nó na garganta. O mesmo dedo grosso e peludo que havia apontado para a sugestiva torta gratuita passa a indicar Loretta, aquela coisa lisa e jovem que se mexia e ria, o apogeu da normalidade. O pintor olha para Loretta, depois para Brad, depois de

volta para Loretta, de um lado para o outro, um geriatra patético. Logo atrás dele na fila está uma família negra — mãe, pai e filho —, que olha para o cardápio acima, sussurrando uns com os outros seus dilemas relativos a tortas. Giles observa que o rosto de Brad está muito vermelho devido à desgraça de seu toque, e aquela raiva tem que ser dirigida a alguém.

— Ei! — grita Brad. — Para vocês, só para viagem. Nada de comer aqui.

A família para a conversa. Suas cabeças se viram, assim como todas as outras no Dixie Doug's, na direção de um Brad furioso. A mãe na fila segura a criança pela mão e retruca:

— Há muitos lugares...

— Todos reservados — responde Brad, grosso. — O dia inteiro, por toda a semana.

As expressões ávidas da família se retraem diante da energia de Brad. Giles é tomado por náusea. Ele segura o balcão para impedir que seu banco gire, e descobre que não está em movimento. Atrás de Brad, o pintor vê o borrão da TV e aceita o desprezo dela, porque o merece. As pessoas assistem a protestos por direitos civis nas notícias todo dia, provavelmente enquanto passam roupa, e não sentem nada. Giles, porém, não suporta a imagem. Isso não se deve a uma onda de compaixão. É autopreservação. Ele tem o privilégio — o *privilégio* — de conseguir ocultar seu status de minoria, mas se tivesse algum orgulho que fosse, não estaria dando toques furtivos por cima de um balcão de lanchonete. Estaria marchando junto daqueles que não têm medo de apanhar na cabeça com cassetetes. Desgraçar a si mesmo é uma coisa; deixar que isso sobre para outros inocentes que estão apenas tentando comprar sacarina a preços superfaturados em forma de torta é inaceitável.

— Não fale com eles assim — disse Giles.

Brad revela uma expressão de desprezo para o idoso.

— É melhor ir embora também, velho. Este é um lugar familiar. — O sino acima da porta toca, e Brad ergue os olhos. O pai, que talvez já conheça o gosto de um lábio arrebitado, está conduzindo a família para longe do problema. Brad abre um sorriso radiante, um que Giles costumava achar que fosse preparado especialmente para ele, e força o sotaque para dizer: — Podem todos voltar a suas tortas agora!

Giles olha para a torta de lima-da-pérsia. A cor é idêntica à da gelatina que pintara, um verde sintético, não natural. Passa os olhos pelo Dixie Doug's. Onde foram parar as cores pulsantes e a liquidez cromada? Aquilo é um cemitério de plástico barato. O pintor se levanta e se vê mais firme do que esperava. Quando Brad torna a olhar em sua direção, Giles se surpreende ao ver que o objeto de sua fantasia, na verdade, nem é tão alto assim. De fato, os dois têm a

mesma altura. O idoso ajusta a gravata-borboleta, arruma os óculos e limpa o pelo de gato do paletó.

— Quando você me contou sobre sua franquia — diz ele —, admito que fiquei impressionado. A decoração, como eles entregam as tortas, tudo.

Giles faz uma pausa, pasmo com a inflexibilidade da voz. Outros fregueses o encaram como se sentissem o mesmo. Por mais que seja vaidade, ele deseja que a família negra ainda estivesse ali para ouvi-lo. Deseja que o próprio pai estivesse ali para ouvi-lo. Deseja que Bernie Clay, o sr. Klein e o sr. Saunders também estivessem ali. Deseja que todo mundo que já o desprezou estivesse ali para testemunhar aquilo.

— Mas você sabe, meu jovem, o que uma franquia é de fato? — O artista faz um gesto amplo que abarca o ambiente. — É uma tentativa crassa, covarde, vulgar e imunda de falsificar, embalar e vender a magia invendável de alguém sentado a uma mesa diante de outro indivíduo. Um indivíduo que lhe é *importante*. Não se pode franquear a alquimia da comida saborosa e do carinho humano. Talvez você nunca tenha experimentado isso. Bem, eu já. Há uma pessoa que é importante para mim. E ela, eu asseguro a você, é inteligente demais para pôr os pés em um estabelecimento como este.

Ele gira sobre os calcanhares, o rosto de Brad se junta ao borrão da TV, e atravessa o local, agora em silêncio exceto pela música country. Giles está na porta antes que Brad consiga formular uma retórica.

— E não é Brad. É John, sua bicha.

Não é a primeira vez que aquela palavra o persegue até sua casa, depois de ele ter oferecido a algum homem promissor a isca delicada de um duplo sentido, além de um terceiro sentido, só por garantia, caso o duplo sentido fosse entendido e rejeitado. Naquele dia, no entanto, ela mais o energiza que o persegue, impulsiona-o pelas ruas de Baltimore até sua vaga de estacionamento atrás do Arcade, pela escada de incêndio, além da própria porta e da porta de Elisa depois do alerta de uma batida rápida. No segundo em que entra, ele vê que a moça não está dormindo, como deveria estar; Giles segue na direção da luz do banheiro, onde encontra a amiga ao lado de um balde cheio de água e sabão, em uma pausa da atividade laboriosa de esfregar a banheira com tanto vigor que a superfície reluz como mármore, lançando a mulher, todo o banheiro, talvez até o cinema abaixo e a região metropolitana da cidade sob uma luz nova e melhor.

— O que quer que seja aquela coisa não importa — diz Giles. — O que importa é que você precisa dela. Por isso vou ajudar você. Digame o que fazer.

ELISA OLHA PARA o amigo enquanto ele passa o pincel pelo interior do estêncil recortado à mão e colado com fita adesiva sobre a porta de correr do Pug. Depois de remover pedaços encrostados de sujeira, os dois limpam décadas de resíduo do escapamento com um detergente de aroma cítrico antes de esfregar o furgão com argila — um truque de serventes profissionais. O homem fez tudo isso vestindo o colete xadrez que usa quando se debruça feito um abutre sobre a mesa de desenho e está apertando os olhos da mesma maneira que faz quando trabalha. Entretanto, observá-lo ao ar livre na tarde fresca e doce da primavera é como vê-lo livre dos grilhões de um calabouço. O sol do fim de domingo aquece o topo calvo de seu couro cabeludo. Quando foi a última vez que ele saiu sem a peruca? Isso deixa Elisa feliz. Giles estava diferente naquele fim de semana; toda a hesitação fora removida do homem. Se aquele, pensa Elisa, é o último dia deles juntos, antes de botarem o plano em ação, antes da prisão, antes da sentença, talvez antes de serem baleados e mortos, foi mesmo um bom dia.

Ela não consegue vê-lo trabalhando por muito tempo. Os braços de Elisa tremem sob outra leva de garrafas de leite não devolvidas, todas limpas e cheias de água. Ela entra no furgão. Tudo atrás do banco da frente foi limpo para abrir espaço para uma confusão de caixas e cestos arrumados em cima de um pedaço de carpete. A servente deixa que as garrafas rolem de seus braços e as coloca, uma por uma, em uma caixa forrada com um cobertor. Elas batem umas nas outras e seu conteúdo se agita — o estômago da mulher se comporta de um jeito parecido. Ela se encosta na parede interna do veículo, arfando.

— Isso, descanse um pouco. — Giles move os olhos sorridentes do estêncil. — Você está se esforçando demais. E se preocupando demais também. Em algumas horas, minha querida, tudo terá acabado, de um jeito ou de outro. Concentre-se nisso. A única coisa de que estou certo é que a incerteza é a coisa mais difícil de tolerar na vida.

Elisa sorri; está surpresa, mas sorri. Sinaliza: “Você terminou sua carteira de identificação?”

Giles aplica a tinta e sopra para secá-la; em seguida, coloca o pincel atravessado em cima da lata. Pega a carteira, retira a identificação com um floreio e a apresenta apoiada sobre o punho da outra mão como se fosse uma espada. Elisa apanha o documento e o examina. Depois, retira a própria identificação autêntica da Occam para comparar as duas. A textura e o peso são bem diferentes, mas se

alguém chegar ao ponto de manusear a carteira tão de perto, provavelmente o jogo já estará perdido. Fora isso, é um trabalho tão convincente quanto qualquer outro feito por Giles. O fato de ser um novo suporte para ele, e de ter sido feito em um único dia, torna o esforço ainda mais impressionante.

Ela sinaliza para o nome na identificação: “Michael Parker?”

— Achei que era um bom nome, sincero e confiável. — Ele dá de ombros. — É claro que meus amigos me chamam de Mike.

Elisa examina os detalhes com mais atenção e, sorrindo, sinaliza: “Cinquenta e um anos de idade?”

Giles parece desapontado.

— Não? Nem mesmo com a peruca? Que tal cinquenta e quatro? Com um toque de tinta, posso acrescentar três anos sem problema.

Elisa faz uma careta. Giles suspira e estala os dedos, querendo o cartão. Ele pega o pincel, torce as cerdas de modo que se afinem em ponta e o encosta com muita delicadeza na identificação.

— Pronto. Cinquenta e sete. É o melhor que posso fazer. Agora deixe de ser rude com o pobre e velho Mike Parker.

O homem volta ao trabalho, fazendo questão de demonstrar sua expressão de desagrado. Elisa está cansada da tensão de sempre, tão atordoadada que sente como se estivesse nadando e, ainda assim, envolvida em um calor peculiar, o interior do carro, de algum modo, tornando-se o lugar mais confortável do mundo. Ela esteve sozinha por grande parte da vida, mas, naquele segundo, há muitas evidências do contrário. Se eles forem pegos em algumas horas, seu segundo maior arrependimento é que não vai poder agradecer a Zelda por querer ajudá-la, quase implorar para fazer isso. No entanto, Elisa não podia fazer aquilo com a amiga; se ela e Giles forem pegos, Zelda não pode estar envolvida. Afastá-la foi algo que lhe deu uma sensação horrível. Ainda assim, Elisa pensa que deve ter feito alguma coisa certa na vida para merecer aquele tipo de lealdade.

Os sons de Giles guardando seu equipamento a trazem de volta à realidade. Um vento seco demais para sustentar uma única gota d'água sopra forte no interior do Pug, e ela sente o ronco de uma música incidental sinistra vindo de dentro do cinema. Elisa sai do veículo e estreita os olhos na direção do sol poente.

— Estou orgulhoso de você.

Ela abaixa os olhos até Giles. Ele está agachado, erguendo o pincel. O sol do entardecer o ilumina por trás, mas ela consegue identificar as linhas serenas de carinhosa contemplação.

— O que quer que aconteça... — diz ele. — Eu sou velho. Até meu alter ego, Mike Parker, é velho. O que esse tipo de risco importa para nós, no fim das contas? Mas você é jovem. Sua vida se estende a sua frente como o oceano Atlântico. Ainda assim, olhe para você. Não está

com medo.

Elisa se permite absorver o elogio, porque precisa dele, e então, para aliviar o clima, sorri e sinaliza com movimentos exagerados. Giles franze o cenho.

— Ah. Você *está* com medo? *Muito* medo? Bem, para ser franco, querida, eu estou apavorado.

O medo exagerado dele faz com que a coisa de verdade se torne um pouco mais fácil de digerir. Elisa sorri, agradecida pelo apoio, e se afasta para examinar o trabalho de Giles com estêncil em um melodramático crepúsculo laranja e roxo. Ela prende o fôlego. Uma identificação adulterada enfiada no bolso é uma coisa. Um letreiro fraudulento pintado em um veículo motorizado registrado é outro nível de audácia:

TINTURARIA MILICENT

Atrás daquelas letras, a porta limpa do Pug, iluminada pelo sol, se transforma em uma piscina na qual Elisa mergulha e se afoga até que, na virada mais surpreendente, ela recebe a graça das habilidades subaquáticas do ser e começa a nadar, até a respirar, não apenas agitar-se para a superfície como ovos cozidos, mas a dardejear pelas correntes daquele esquema impossível. A consciência do beco estreito e imundo mergulhado no fedor de pipoca velha jogada no lixo não vai embora, e ainda assim a moça acredita conseguir sentir um oceano inteiro de criaturas convergindo para um ponto, procurando por ela em busca de orientação. A hora chegou.

A TAMPA DO frasco escorrega dos dedos suados, quica nas lajotas do piso e vai parar atrás do vaso sanitário. Hoffstetler pensa em se ajoelhar e procurá-la como um viciado. Alguém da equipe de faxina vai encontrá-la, um dos cientistas vai tirar impressões digitais dela e Strickland, com seu agulhão crepitando, colocará uma coleira nele antes que seja possível marcar um horário para pegar carona no Chrysler do Bisão. No entanto, não há tempo. A mudança do turno da madrugada para o turno da manhã de segunda-feira, os trinta minutos mais turbulentos da Occam, está próxima. Ele precisa firmar as mãos, a respiração, a mente. Não vai fazer isso apenas por si mesmo. Vai fazer pelas crianças cujas vidas foram arruinadas pelos estudos médicos secretos que ele permitiu que acontecessem. O Devoniano, à própria maneira, é mais uma criança que está sofrendo abusos. O russo pode acabar com seu tormento e, assim, encontrar alguma redenção.

Ele retira a tampa e a ponta de borracha da seringa, joga as duas coisas no vaso sanitário e puxa a descarga; o barulho iguala a pulsação em seus ouvidos. Água do vaso respinga em seu rosto e se prende a sua pele como verrugas enquanto ele pressiona a agulha contra o frasco e puxa o êmbolo. A solução prateada penetra no interior da seringa, formando uma linda imagem. Hoffstetler conhece a lei da natureza: uma substância tão bela só pode ser mortal. Ele põe a seringa no bolso do jaleco, enxuga o rosto com a manga e sai do reservado do banheiro, tentando não olhar para o rosto que não parece com o dele no espelho. O professor universitário equilibrado e distante foi substituído por um assassino de face avermelhada e lábios franzidos.

ANTONIO LEVA DEZ anos para encontrar o cartão de ponto. São os olhos estrábicos, pensa Zelda. Só Deus sabe como ele consegue limpar uma mesa sem derrubar todo o seu conteúdo no chão. Aqueles são pensamentos rudes, mas a mulher decide que ela os merece. Elisa teve o fim de semana inteiro para pensar na pergunta dela: *Ainda somos amigas?* A resposta aparentemente é não. Já era o fim do turno de segunda-feira, e Elisa não lhe dirigiu a palavra nem olhou para ela. Zelda já se cansou. Pelo menos, é o que diz a si mesma, que cansou. Talvez Brewster tenha razão. Uma amiga branca só é amiga enquanto precisa de você. Contudo, o que não sai da cabeça dela é a palidez excessiva no rosto de Elisa, como ela não parou de olhar para trás a toda hora, como metade dos produtos de limpeza que pegou caíram devido a um tremor incontrollável de suas mãos.

Yolanda cutuca Zelda. A fila andou e, assim, a servente faz o mesmo. No entanto, quando estende a mão para pegar o cartão de ponto, a coisa mais comum do mundo, a mulher leva mais que os dez anos de Antonio — ela leva uma vida. É como se estivesse tentando alcançar o outro lado de um abismo sem fundo. Pelo que parece, humilhação e raiva, por mais que Zelda as mereça sentir e queira dominá-las, são coisas escorregadias para ela, tão escorregadias quanto aquele cartão de ponto, que escapa e flutua de seus dedos devagar até o chão, como uma asa quebrada.

O PUG SE sacode pela Falls Road. Giles tem que chegar, segundo o cronograma de Elisa, uma hora antes que o verdadeiro carro da tinturaria apareça — se chegar ainda mais cedo, pode levantar suspeitas. Ele segue pelos focos de luz das lâmpadas de sódio dos postes, ao longo da veia sinuosa do riacho de Jones Falls, passa pelos bosques negros do Druid Hill Park e dá a volta nos gramados roxos do Baltimore Country Club. Lugares que Giles nunca explorou e jamais vai explorar. O pintor pisa fundo no acelerador quando está nervoso, e entra à esquerda na South Avenue, tão rápido que consegue sentir as rodas do lado do passageiro quase perderem contato com o asfalto. O veículo desaba sobre amortecedores velhos, e uma caixa na traseira vira e lança mísseis de garrafas d'água como um submarino Polaris. O homem xinga, esforça-se para retomar o controle do veículo e reduz a velocidade diante de um complexo escuro chamado Casa de Recuperação Infantil Happy Hills, o último ponto de referência antes da rua da Occam.

Ele não vai ali desde o dia em que acompanhou a Elisa de dezoito anos à entrevista. Absolutamente nada mudou. A mata densa de ambos os lados da pista ainda parece esconder trolls, e o relógio luminoso no letreiro da Occam ainda brilha como uma segunda lua. Há muito tempo ele se arrepende de ter desempenhado um papel na contratação da amiga ali. Mas não hoje. Hoje ela tem um propósito, e é uma coisa bonita de se ver. Giles tenta se lembrar disso enquanto segue as placas de CARGA E DESCARGA e passa por um estacionamento vazio. Bom, não totalmente vazio: ele percebe um enorme Cadillac Coupe de Ville verde antes que os faróis do Pug atinjam um guarda em uma guarita com a mão erguida para que o veículo pare, enquanto a outra mão segura o cabo de uma arma no coldre.

A LUZ CINZENTA dos monitores de segurança é todo o alvorecer de que Strickland precisa. Ele se levanta do chão, sua cama nas noites que não suporta olhar para Lainie, e senta na cadeira. Suas entranhas se retorcem e fazem um ruído molhado, o som da digestão de analgésicos. Deve ser uma tarefa difícil, porque ele tosse sangue, que pontilha o envelope branco na mesa. Strickland esfrega o sangue e mancha o papel, mas tudo bem. Aquilo faz com que o envelope pulse de importância. E ele é importante. É a papelada para a dissecação do recurso, marcada para aquele dia. Ele tira o documento. É limpo, belo — nenhuma palavra está censurada. O homem não se dá ao trabalho de lê-lo e assina seu nome algumas vezes. Ele se demora sobre os diagramas. A autópsia parece bem padrão para um animal supostamente tão raro. Uma incisão em forma de Y. Abrir as costelas ao meio. Remover os órgãos. Arrancar o couro cabeludo com uma serra. Medir e pesar o cérebro. Strickland mal pode esperar.

Passos do lado de fora da porta. Ele ergue os olhos. Cedo assim, só pode ser o sr. Prancheta. Mas não é Fleming. É Bob Hoffstetler. O homem está com uma aparência horrível. Suado, pálido, nervoso. Ele parece Raúl Romo Zavala Henríquez, com uma missão acima de sua capacidade. Strickland se recosta na cadeira. Entrelaça os dedos atrás da cabeça. Dói, mas a postura vale a pena. Isso vai ser divertido.

ZELDA SE ABAIXA para pegar seu cartão de ponto. Yolanda está ficando louca atrás dela. No entanto, tudo que Zelda escuta é o marido insistindo que ela não devia confiar em ninguém. Porém, Brewster não conhece Elisa, não é? Claro que não. Apesar de seus muitos anos de amizade, a amiga nunca foi a sua casa. Contudo, Zelda *conhece* a garota. Ela *sabe* disso. E essa não é a Elisa habitual.

O cartão de Elisa aguarda no lugar, sem ter sido perfurado, apesar da saída apressada dela do vestiário. Um pequeno detalhe, talvez, até ser somado a tudo que está acontecendo na Occam recentemente. Equipamento coberto para se proteger de poeira é empurrado para fora da F-1. Cientistas apertando as mãos em despedidas acompanhadas de café e rosquinhas. Um estado de ânimo que mistura sensações contraditórias e parece a semana final do último ano da escola: entusiasmo, mas também muito temor e tristeza. Zelda pode sentir todo o prédio se encolher, como se estivesse se preparando para um ataque. Algo grande vai acontecer naquele dia, e Elisa, parece de repente tão óbvio, conseguiu se meter naquela encrenca. E como Zelda sabe daquilo? A resposta esteve bem ali diante dela a noite inteira, rangendo pelos pisos.

Os sapatos da amiga. Ela estava usando tênis feios, cinzentos e de solas de borracha. Sapatos feitos para correr.

Zelda pega o cartão e o perfura. Então, em um gesto que faz com que Yolanda solte fogo pelas ventas, encontra o cartão de Elisa e o perfura também. Afinal de contas, os cartões de ponto seriam a primeira coisa que Fleming verificaria para descobrir quem estava ali e quem não estava, se algo desse errado. Zelda dá a volta, esbarra em Yolanda ao passar — e não se desculpa — e segue apressada de volta na direção dos laboratórios. Dar errado? Ela sente que muita coisa vai dar errado, de verdade, e logo.

HOFFSTETLER VAI EM direção à escrivaninha de Strickland. A seringa está dentro do bolso. Mihalkov nunca vai descobrir. Nem vai precisar saber. Metade da solução para Strickland. A outra, para o Devoniano. O primeiro deve morrer para assegurar que o segundo possa ser sacrificado de maneira limpa. O russo diz a si mesmo que aquele *mudak* odioso e perverso merece. O vidro da seringa está oleoso, escorrendo de sua mão. Ele esfrega os dedos na parte interna do bolso e consegue uma pegada mais firme. Quase chegou à escrivaninha. Não pare de andar.

— Saia e bata primeiro — diz Strickland.

Aquelas palavras não fazem o menor sentido, e Hoffstetler, com o cérebro preparado para algo que fizesse sentido, as rejeita do mesmo modo que um computador recusa dados defeituosos. O cientista faz a pior coisa: para de andar, bem em frente a uma parede de monitores que o cegam com dezesseis telas de luz cinzenta. O homem ergue a mão para proteger os olhos, a mão que, um segundo atrás, segurava a seringa. Ela agora está vazia, uma coisa flácida e inofensiva.

— Bater?...

— Protocolo, Bob — responde Strickland. — Sei como você valoriza o protocolo.

— Eu queria... lhe dar mais uma chance...

— Para *mim*? Dar uma chance para *mim*? Bob, eu não o entendo. Você tem liberdade para falar comigo, é claro. Mas vá lá para fora e bata primeiro.

O PUG NÃO é um veículo sensível, mas os pneus carecas parecem fazer parte da carne de Giles e, ao se afastar da guarita, o homem sente cada pedrinha que passa por baixo dele. Claro, o guarda autorizou sua entrada sem verificar o documento de identificação, enganado pela pintura no furgão. No entanto, aquela seria a parte mais fácil, não é? Ele reduz a velocidade até quase um rastejar enquanto faz a volta na parte de trás do prédio. Há uma pessoa apoiada na parede, fumando entre duas luzes. Giles limpa o para-brisa embaçado. Isso, ali só pode ser a plataforma de carga. Ele tenta engolir o medo, mas a garganta parece lixa.

O artista começa a estacionar entre duas linhas amarelas. O guarda acorda e ergue as mãos espalmadas como se estivesse fazendo uma pergunta a um imbecil. O homem gira um dedo, e Giles se encolhe com o erro. Devia estar estacionando de ré. É claro. Você não carrega um furgão pela frente. Ele enxuga o suor do rosto, engata a ré e volta até a primeira perna de um entroncamento triplo. Isso é ruim. Ah, é muito ruim. Em geral, ele desviaria um quilômetro de seu caminho para evitar a humilhação pública de estacionar em paralelo. Agora ali, na escuridão anterior ao amanhecer, precisaria entrar de ré em uma vaga estreita enquanto um guarda desconfiado o observava? Giles verifica o retrovisor e vê o olho vermelho desconfiado do cigarro aceso do guarda. Depois, engata a ré, segura o volante e reza aos deuses da General Motors por um milagre veicular.

— ORA, OLÁ, BOB. Entre. O que posso fazer por você hoje?

Hoffstetler se sente como a criança repreendida que Strickland queria que ele se sentisse. O cientista bateu à porta dez ou doze vezes enquanto o outro homem sorria — tempo demais desperdiçado. O russo recua diante das telas estroboscópicas de segurança. Está desorientado de medo, tão desequilibrado que, ao colocar a mão no bolso, o dedo roça na ponta da agulha. Perto demais — ele sibila de pânico através dos dentes expostos de seu sorriso artificial.

— Só... queria me assegurar... que você quer prosseguir com isso.

— Essas são as ordens do general Hoyt. — Ele ergue o documento no alto da pilha, um desenho superficial do recurso dividido por uma linha pontilhada em cortes de carne. — E acabei de começar a executá-las. Isso significa que, daqui a duas horas e quarenta e cinco minutos, você e eu vamos agir como bons americanos e estriparemos aquele peixe. Sei como você se sente. Porém, pense nisso dessa maneira: os japoneses, os alemães, os chineses. Eles também são criaturas inteligentes. No entanto, não tivemos problema algum em matá-los.

Hoffstetler imagina a si mesmo saltando sobre a mesa. Ele sabia que a situação podia chegar àquele ponto. Um gesto nada gracioso, mas tão improvável para um homem de sua idade que poderia ser todo o elemento surpresa de que ele precisava. Strickland vai erguer um braço para se defender, ou lhe dar as costas, mas não importa. A agulha vai entrar em qualquer parte dele. As coxas de Hoffstetler ficam prontas para dar o salto quando o cientista percebe o menor dos movimentos. Talvez seus olhos tenham ficado treinados para detectar detalhes antropocêntricos de qualquer tamanho, até mesmo os cílios de simples protocélulas e organelas. Logo atrás da cabeça do militar, no sétimo monitor, o ângulo da câmera de segurança muda, se erguendo de um furgão da tinturaria dando ré em uma plataforma de carga para um céu negro acima.

Hoffstetler solta a seringa no bolso. O cientista responde que sim, é claro, vai encontrar Strickland na eutanásia, mas os sons educados são abafados pela cantoria de seu coração: “*Slav’sya, Otechestvo nashe svobodnoye!*”, o hino nacional soviético. Mihalkov — ele apareceu. Depois de deixar que Hoffstetler lutasse sozinho por dezoito anos, os russos tinham chegado para ajudar.

ELISA ENTRA CORRENDO na sala da lavanderia. Está acontecendo: por um segundo, ela vislumbrou o Pug dando ré na plataforma de carga, fazendo um caminho tão sinuoso que o guarda se aproximou — algo inquietante, ainda que tenha dado a ela tempo suficiente para pegar a vassoura e empurrar a câmara de segurança para cima antes de sair dali. Sua cintura bate na pia industrial, e a mulher fecha o ralo e gira as torneiras da água quente e da fria. Pega toalhas de um cesto e as joga embaixo da água. Elisa e Zelda passaram anos ridicularizando a lista de tarefas do controle de qualidade de Fleming, mas naquele momento ela precisa reconhecer que as práticas impostas pelo chefe fazem com que seja mais fácil prosseguir com as tarefas mesmo enquanto podia desmaiar de terror.

Ela apanha as toalhas encharcadas na pia e as joga, pesadas como lama, no carrinho de lavanderia mais próximo. E continua fazendo isso; o uniforme vai ficando cada vez mais molhado, até que o carrinho está cheio até a metade. Em seguida, Elisa fecha a água e segura a barra do carrinho. E empurra. O carrinho não se mexe. Gelo desce por sua espinha dorsal. Ela tenta outra vez, dentes expostos, músculos tensos, pisando forte com o tênis. O primeiro centímetro é o mais difícil, mas, depois disso, o carrinho avança, uma rotação das rodinhas, duas. Seu coração parado recupera a pulsação, apenas para vacilar outra vez: Elisa pegou o carrinho com a rodinha que range, aquele que berra feito uma gata no cio, e não há mais tempo de trocá-lo.

GILES RECUA DA luz da lanterna sobre a janela. O guarda faz um gesto de manivela com a mão. O pintor não sabe o que fazer além de cooperar. Ele baixa o vidro, e os traços do vigia entram em perfeita definição: olhos castanhos sonolentos, bigode mal aparado, orelhas peludas. O homem franze o cenho ao passar a luz pela roupa de Giles, que sente o impacto da lembrança: vinte e dois anos antes, na noite da prisão no bar gay que fez com que ele fosse demitido da Klein & Saunders, todos aqueles policiais de bigode e como os fachos de suas lanternas sobre seu corpo mais pareciam um ato de agressão.

— Você não tem cara de que trabalha na tinturaria — diz o guarda.

— Obrigado.

Giles acha que é assim que um motorista falaria, e não: “Ora, muito obrigado, bom senhor.”

O vigia não aprecia a piada:

— Documentos?

Giles dá um sorriso tão largo que acredita que seus dentes podem começar a cair da boca e finge procurar a carteira, na esperança de que o guarda, com frio e cansado, diga a ele que não precisa mais fazer aquilo. O homem fica em silêncio, e Giles não tem escolha além de apresentar a identificação. Ele a ergue para que o vigia possa lê-la sem tocá-la, mas isso acaba não funcionando. Com a velocidade de uma víbora, o homem, não tão sonolento quanto o artista supunha, a pega. A luz da lanterna deixa translúcido o papel da identificação. Giles pode ver através dela quando o guarda a arranha com um polegar. O sete que ele pintou para aumentar a idade de Michael Parker sai.

— Ops — diz Giles.

— Saia do carro — ordena o guarda.

E então todas as luzes do centro de pesquisa da Occam Aerospace se apagam.

ZELDA ESTÁ NA lavanderia quando acontece. Seis anos atrás, sua casa fora roubada, e ela nunca ia se esquecer da rapidez com que soube que havia acontecido algo de errado. Ela mal tinha saído do carro, Brewster ainda estava ao volante. Não dera falta de nada no gramado da frente; não havia nada para ser levado. E, ainda assim, tudo estava errado. A grama estava errada, perturbada por sapatos diferentes dos deles. A porta estava errada, a maçaneta girada de um jeito estranho. Acima de tudo, o ar estava errado, parte dele sugada pelo arfar de um invasor, o restante remexido em uma agitação de vespeiro.

Enquanto olha para as gotas de água no chão, Zelda sente a mesma certeza terrível. Não há nada visivelmente errado; água cai no chão. Por que, então, ela desvia das gotas como um detetive contornando uma poça de sangue? Porque, se olhar de perto, elas próprias são pistas. Elas não são contas redondas abrigadas pela tensão superficial, são traços que contam uma história cheia de urgência, a urgência de Elisa. Esses padrões indicativos permanecem visíveis para ela mesmo após as luzes do teto se apagarem e Zelda ser envolvida pela escuridão.

É o tipo de situação que as pessoas demoram para acreditar que está acontecendo. A Occam nunca está no escuro. Nem as luzes dos armários se desligam. Um grunhido exausto emana das paredes, depois o silêncio baixa, um silêncio de verdade misturado com um ruído de fundo, deixando-a sozinha com as batidas de sua própria maquinaria corporal. Não, Zelda não estava completamente sozinha. No final do corredor escuro, pode ouvir o rangido agudo do carrinho de lavanderia com a rodinha ruim.

SE NÃO ESTIVESSE perto da porta da F-1, Elisa não sabe quanto tempo teria levado para encontrá-la naquele dilúvio de escuridão. Ela empurra com dificuldade o carrinho pelo laboratório imóvel e silencioso, com a rodinha ruim gritando no silêncio, seus sonhos constantes com o ambiente servindo-lhe de mapa até que os olhos começam a se ajustar ao nível baixo de luz: os primeiros raios do amanhecer, supôs, penetrando pelas janelas do primeiro andar e curvando-se como fumaça através de passagens de ventilação até então invisíveis.

O carrinho não bate em nada até chegar à borda da piscina. Vislumbres cinzentos de água em movimento correm pela escuridão como facas sendo arremessadas. Será que ele consegue vê-la? Na escuridão, a mulher sinaliza com o ardor de uma oração, palavras que a servente só pode torcer para que ele tenha aprendido. “Venha. Nade. Ande.” Ela está deitada sobre a borda, debruçada sobre a piscina, sinalizando. Água respinga sobre ela e Elisa continua sinalizando sem parar. Não há como saber por que as luzes se apagaram, mas isso vai provocar pânico, e o pânico vai fazer com que as pessoas protejam o recurso mais valioso dali. Não há esperança para o ser nem para ela, se ele não vier, nadar e andar naquele instante.

Dois olhos dourados erguem-se como sóis gêmeos. Elisa fica sem palavras. Em seguida, tira os sapatos e põe as pernas na água, com o uniforme em torno das coxas feito tentáculos frios. Ela estremece e avança devagar na direção dele, com os braços estendidos. Os olhos dourados estão desconfiados, claro que sim, ele já foi perseguido antes. Elisa dá outro passo, e o fundo da piscina inclina-se bastante; de repente, a água está na altura de seu queixo, e a mulher está arquejando por ar, e o peso das roupas a arrasta mais para baixo da inclinação, e então ela começa a engolir água, e os únicos sinais que suas mãos fazem agora são os gestos desesperados e vazios de uma mulher se afogando.

OS MONITORES ESTALAM com eletricidade estática. As telas não estão negras ainda, é um cinzento que vai se apagando, dezesseis olhos moribundos. Nada está sendo vigiado. Nada está sendo gravado. Controle é tudo que Strickland sempre quis desde o treinamento militar, desde a Coreia, desde a Amazônia: controle sobre a família, controle sobre o próprio destino, e naquele momento ele foi decepado, como um facão faz com uma raiz selvagem. O homem fica de pé. Seu joelho atinge a mesa com tanta força que ele ouve a madeira quebrar. Strickland cambaleia, cai no conjunto de monitores, se firma com dedos mortos. Isso dói, e ele se afasta. É terreno lunar do lado escuro da lua. Um pé atinge uma lata de lixo. Seu ombro, uma parede. Ele tem que lutar para passar pelo batente da porta, como se ela fosse diminuta e tivesse sido construída para um cão.

Passos urgentes mas hesitantes erguem-se do corredor como gotas de chuva caem do céu. Um facho de luz risca o ar negro.

— Strickland? — É Fleming, o civil idiota e inútil.

— Mas que merda... — Dor repentina, tudo dói. — ... é essa?

— Não sei. Os fusíveis?

— Bom, ligue para alguém resolver isso.

— Não dá, as linhas estão mudas.

Os instintos de Strickland sempre ficam mais aguçados quando se trata de contato físico. Seu braço se projeta como se tivesse sido lançado por um estilingue. Ele segura Fleming pelo pescoço. A única ocasião em que se tocaram foi no aperto de mãos do primeiro dia. Porém, isso sempre esteve à espreita, não? A ameaça que um homem de sangue quente representa para um borra-botas de prancheta? Costuras finas na camisa dele se rasgam quando Strickland contrai o bíceps.

— Encontre alguém. Agora. Estamos sendo invadidos.

ALGO SE APERTA contra as costas de Elisa. Parece grande demais para ser a mão de alguém, mas age feito uma, a palma como um berço e os dedos como pilares. Outra coisa igual se aperta contra seu peito, cinco garras espetando, mas só um pouco, os seios e a barriga. Há força suficiente para esmagá-la; contudo, em vez disso, ela é erguida com tanta delicadeza quanto uma borboleta, até sua cabeça sair da água. Elisa tosse contra os músculos em movimento de um ombro grande enquanto é levada flutuando de volta a lugares mais rasos. Ela não consegue formar pensamentos coerentes: ele a está segurando, as escamas sob as mãos dela são ao mesmo tempo macias como seda e afiadas como cristal, e embora não haja uma palavra, tudo, tudo está sendo dito.

O corpo dela sente um solavanco. O ser chegou ao limite das correntes. Ela desperta, consegue ficar de pé e tira dos bolsos encharcados as melhores ferramentas que ela e Giles conseguiram encontrar: um corta-vergalhão e um alicate que estavam escondidos no casaco. Os sulcos pelo corpo da criatura brilham vermelhos, mas só por um instante. Ele a encara, apenas centímetros separando os dois, e, em seguida, fica de pé, e seu peito emerge de modo que ela consiga acessar as correntes que prendem os arreios. Removidas da água, suas guelras começam a inchar, mas não há nenhuma dúvida naquilo. Ele entende. Confia. Ele, assim como ela, não tem mais nada a perder.

Elisa posiciona o corta-vergalhão em torno de um dos elos da corrente. Na mesma hora, percebe ter cometido um erro de cálculo fatal. O elo é grosso demais, e a ferramenta não consegue envolvê-lo; é como tentar morder uma bola de basquete. Elisa aperta a corrente no interior do corta-vergalhão e tenta roê-la, mas isso não produz nenhum efeito além de arranhões superficiais. Guarda a ferramenta, enfia o bico do alicate no interior de um elo e tenta abri-lo de dentro para fora a fim de rompê-lo. Esse método não lhe dá nenhum apoio. Sua mão escorrega e o alicate cai na água. Ela nem se dá ao trabalho de tentar recuperá-lo. Não faz sentido. Suas mãos estão totalmente vermelhas, seu corpo, encharcado no interior da piscina da F-1, Giles a espera do lado de fora e ela não pode libertar a criatura. Parece um golpe de misericórdia quando uma voz masculina fala da escuridão:

— Pare.

GILES ACREDITA ESTAR fazendo uma interpretação brilhante de o Homem Incapaz de Desafivelar o Cinto de Segurança quando as luzes se apagam. Não apenas as duas luzes da plataforma de carga. Todas elas — nos escritórios, nas calçadas, nos gramados, nas coberturas e nos estacionamentos — piscam e se apagam. O guarda recua um passo, afastando-se do furgão, examina o prédio e pega o rádio.

— Aqui é Gibson, na plataforma de carga. Está tudo bem por aí? Câmbio.

Elisa não tinha falado nada sobre as luzes se apagarem. Giles aproveita a oportunidade para olhar para as portas da plataforma de carga pelo retrovisor. Ele quer que a amiga apareça, mas também torce para que isso ainda não aconteça. O guarda não vai sair dali. Portanto, será necessário distraí-lo. O pintor se inclina para fora da janela e pigarreia.

— Senhor? — Ele xinga a si mesmo em silêncio; isso não é jeito de um motorista falar. Ele tenta de novo. — Amigo?

O guarda ajusta o transmissor.

— Aqui é Gibson, na plataforma de carga. Câmbio.

— Sinto muitíssimo pela carteira de identificação — diz Giles. — Infelizmente tenho um pouco de vergonha da minha idade. Está vendo isso aqui? É uma peruca. Temo ser um homem vaidoso, embora eu lhe assegure que esse fato não interfere em minhas habilidades de transporte de roupa.

O guarda se volta para ele e saca a arma com destreza.

— Só vou dizer isso mais uma vez, sr. Parker: saia do carro.

HOFFSTETLER DESLIZA PELA borda, cai na água, segura Elisa pelo ombro. A criatura sibila, um som como gelo raspado, mas, pela primeira vez, a morte não assusta o cientista.

— Com quem você está trabalhando?

Ele pergunta porque ainda não consegue acreditar que aquela música e aquela dança, aquelas táticas de vanguarda que mantiveram o Devoniano vivo, eram criação de uma servente comum. No entanto, bastava olhar por um segundo nos olhos desesperados da mulher para afirmar que ela é algo extremamente raro, uma verdadeira agente de campo independente sem nenhuma ligação além do próprio sentido do que é correto.

— Foi você quem moveu a câmera da plataforma de carga, não foi? — insiste ele. — Você quer tirá-lo daqui, não é?

Ela assente, e a cabeça do homem gira. Os russos não vêm. Ele acabou de explodir o sistema elétrico da Occam com a bomba de Mihalkov, e a única pessoa ali para ajudá-lo é uma mulher de estrutura frágil que não pode falar. É uma situação malfadada e digna de risadas, mas ele pensa no que costumava dizer a seus alunos. Imaginem ser um planeta. Não zombem, dizia a eles. Tentem imaginar. Uma eternidade de solidão e, de repente, um dia, sua elipse mergulha na direção daquele outro planeta, e vocês passam muito perto um do outro. Vocês não tentariam aproveitar ao máximo essa situação? Não entrariam em combustão, queimariam e explodiriam se fosse preciso? Assim são Elisa Esposito e Bob Hoffstetler: dois corpos solitários e improváveis contando um com o outro por apenas aquele momento precioso.

— Diga a ele para não me machucar — pede Hoffstetler. — Vou libertá-lo.

AS TELAS DAS câmeras de segurança estão pretas e sem vida quando Strickland entra de novo em seu escritório escuro como breu. Ele esbraveja e derruba coisas. Sente-se cego. Deficiente. Como a criatura, que mal consegue respirar ar normal. Como Elisa, que não consegue falar. Sua mão derruba o telefone da mesa, que cai com um tilintar baixo e patético. Strickland se pergunta se era o telefone vermelho. O general Hoyt. Meu Deus, cacete. Se Hoyt souber disso, Strickland vai ter que passar o resto da vida compensando esse ato...

Pronto. Sua mão boa envolve o cabo de carvalho macio do facão. Não, do agulhão. É cada vez mais difícil acertar. A haste de metal ressoa contra o armário também de metal atrás do qual ele o mantém escondido. O homem liga a coisa com o polegar. A ferramenta vibra e ganha vida. Ele agita o agulhão enquanto segue na direção da porta. Dessa vez, não esbarra em nada. É como se, naquele instante, o escritório estivesse com medo de Strickland.

O corredor está iluminado pelo brilho mais suave do nascer do sol. Passos e vozes ecoam por ali. Quem quer que tenha fritado os fusíveis sabia o que estava fazendo. A mudança de turnos é a hora perfeita para atacar. Elevadores cheios. Confusão geral nos escritórios. No entanto, apenas alguns madrugadores nos corredores e laboratórios. Quem poderia saber disso? O mesmo homem que há poucos minutos estava em seu escritório. Bob Hoffstetler. O russo. Strickland segue adiante o mais rápido que a escuridão permite, cheirando o ozônio fumegante do agulhão.

— *O recurso!* — grita ele para qualquer pessoa que estiver ouvindo.
— *Tranquem a sala do recurso!*

NENHUM DELES ESTÁ apto para fazer trabalhos físicos, essa mulher frágil e esse atrapalhado biólogo de quarenta e tantos anos. O carrinho de lavanderia podia muito bem estar cheio de blocos de concreto. O russo, entretanto, confia nas propriedades da propulsão e do momentum linear. Eles só precisam fazer o carrinho se mover. Porém, Elisa larga a barra e se inclina para arrumar as toalhas molhadas e esconder melhor a criatura no interior. Ela faz isso com tanto afeto que o cientista odeia ter que repreendê-la, mas é inevitável. Aquela mulher pôs em ação um plano que o governo soviético achou arriscado demais, mas que merecia uma chance real de ser bem-sucedido. Elisa volta apressada, os dois empurram, as toalhas farfalham com o medo da criatura, e as rodas gemem em protesto e começam a girar.

Hoffstetler estima que levou o tempo de toda a sua carreira para chegar até a porta do laboratório. No corredor, a escuridão ainda reina, mas ele sabe que aquilo não vai durar. Como Mihalkov falou, a bomba explode os fusíveis, mas qualquer pessoa com um mínimo de inteligência consegue consertá-los. Eles se apressam e empurram o carrinho na direção da plataforma de carga. Os únicos sons são a rodinha barulhenta, seus próprios grunhidos de esforço e a respiração chiada da criatura embaixo das toalhas, até que o zumbido entrecortado de uma voz cheia de raiva reverbera vinda do corredor seguinte:

— *O recurso! Tranquem a sala do recurso!*

Hoffstetler sabe na mesma hora o que precisa fazer. Apanha um frasco de comprimidos do bolso e o coloca na mão de Elisa.

— Misture um desses na água a cada três dias. Você entendeu? A água dele deve ser mantida com uma salinidade de setenta e cinco por cento. — Ela responde com um olhar confuso. — Uma dieta apenas de proteínas. Peixe cru. Carne crua. Entendeu? — Ela balança a cabeça mesmo enquanto ele lhe entrega a seringa. — Se perceber que não vai conseguir, use isso. Não deixe que o abram. Por favor. Ele tem segredos que não devemos saber. Que não merecemos saber. — Exceto, talvez, a servente, pensa Hoffstetler. — Ele só pode ficar trinta minutos fora d'água. Rápido. Rápido!

A mulher assente, mas a cabeça está frouxa, como se pudesse cair do pescoço. Tem muito mais coisas que o cientista precisa contar a ela, uma vida inteira de informações e avisos, mas ele tem apenas alguns segundos. Hoffstetler corre em direção à escuridão, seguindo o

grito da voz de Strickland.

ELISA EMPURRA, OS músculos das pernas tremem, os braços prestes a explodir. O carrinho avança devagar, cada grão de sujeira no chão parece um quebra-molas enorme que ela é forçada a superar. No entanto, ela escuta Hoffstetler chamando Strickland, e isso acende uma chama sob seus pés tanto quanto a respiração da criatura vai ficando cada vez mais ofegante. Ela empurra, e é difícil; contudo, é ainda mais difícil agir de maneira normal ao se aproximar de um homem de aparência confusa usando jaleco. Em um detalhe de uma cotidianidade quase obscena, ele ainda está com a caneca de café na mão. O homem apenas olha rápido para Elisa, é claro, porque serventes são invisíveis. Ela nunca foi tão grata por isso.

Elisa chega à curva pronunciada à esquerda que leva até a plataforma de carga. Pode ver a luz da manhã entre as portas. No entanto, a roda teimosa não se mexe. O carrinho não vira. Há pessoas se aproximando. A mulher ouve passos, mais que antes, e vozes com histeria crescente. Ela chuta a roda e quase perde o equilíbrio. Água está vazando para fora do carrinho, toda a área está escorregadia. Ela volta para trás do carrinho determinada a empurrá-lo com força total, mas seus pés não conseguem se firmar em meio à poça. Elisa cai no chão de joelhos. Está pendurada feito uma criança em uma barra em um colégio, com medo de cair.

Dedos se fecham em torno de seu braço.

ZELDA COLOCA ELISA de pé. A garota está muito nervosa, tenta se soltar e pegar alguma coisa no bolso, mas Zelda a segura firme. Sua amiga não está só tremendo. Está tendo convulsões, com a respiração acelerada e os olhos vidrados em um verdadeiro frenesi. A mão de Elisa se ergue do bolso segurando o que parece ser uma agulha hipodérmica, com uma gota de líquido prateado na ponta, cintilante sob um mero vestígio da luz do amanhecer. Zelda afasta devagar os olhos da ponta da agulha para encarar a amiga.

— Querida — sussurra ela. — Acalme-se.

A voz cria um efeito que o rosto de Zelda não tinha como criar. Elisa devolve a seringa ao bolso e desaba contra a companheira, segurando-se em seu uniforme. Zelda já sentiu esse tipo de dor raivosa em funerais, e deixa que aquilo vá em frente, envolvendo as costas arquejantes de Elisa com os braços. O uniforme dela está molhado, encharcado, na verdade. Zelda olha para a pilha de roupa molhada no carrinho. Toalhas brancas, jalecos brancos, lençóis brancos...

E um olho dourado.

— Ah, meu Deus! — Zelda leva um susto. — Meu Deus.

Elisa se afasta e segura Zelda pelos antebraços, suplicando a cada tremor. Talvez seja a habilidade em usar os dedos para falar, mas, de algum modo, tudo é respondido através deles: por que ela tem sido tão fria nos últimos tempos, por que tentou afastá-la. Foi por causa daquela *coisa*, porque Elisa não queria que Zelda se tornasse uma cúmplice, e é apenas aquela dedicação à amizade delas que faz com que a mulher abandone todo o bom senso e assuma o lugar da outra para empurrar o carrinho.

— Você é louca — diz ela. — Agora, empurre.

STRICKLAND RECONHECE O formato da sombra de Hoffstetler com a mesma certeza com que reconhece os passos de pés chatos do russo. Ele o pegou. O homem aperta o passo e avança pelo centro do corredor iluminado pelos fracos raios de sol da manhã que entram por uma única janela, ignorando um PM que faz continência e pede instruções. Demora alguns passos para que Strickland perceba algo inesperado. Hoffstetler não está fugindo. Ele está indo direto em sua direção. Strickland para, aciona o agulhão, deixa-o de prontidão ao lado do corpo e abre a boca para gritar. Contudo, Hoffstetler fala primeiro:

— Strickland! Ele fugiu! Fui até lá para prepará-lo e ele me arrastou para dentro da piscina!

— Você acha mesmo que vou acreditar...

Hoffstetler segura o casaco de Strickland, que recua. Ele quer atingi-lo com o agulhão, mas tudo é repentino e surpreendente demais.

— Não fui eu, Richard! Alguém invadiu o lugar! Conseguiu tirá-lo daqui!

— Você é o comuna sujo que invadiu meu...

— Se fosse culpa minha, eu estaria falando essas coisas para você? Precisamos fechar o complexo!

O rosto de Hoffstetler está tão perto que os narizes de ambos se tocam. Strickland o encara, tentando ler os olhos do cientista. A verdade está sempre no olhar. Ele a viu em todos os homens que ameaçou. Em cada homem que matou. Se ao menos pudesse vê-la agora.

Então, uma pequena alegria: todas as luzes do universo se acendem ao mesmo tempo.

FICAR NO ESCURO tinha sido algo suave, como fechar os olhos para dormir. Quando as luzes da Occam voltam, é com a voltagem de um estádio: o tungstênio explode de janelas como se o prédio estivesse em chamas, e as luzes do estacionamento ardem como lava. O guarda protege os olhos e vira o rosto, o próprio prédio responsável pela armadilha. Giles está com uma das pernas para fora da porta do motorista e hesita, cego também. Entretanto, de algum modo, entre as pálpebras semicerradas, ele olha na direção certa e vê as portas duplas se abrirem, e Elisa surgir com um carrinho, exatamente da maneira que ambos planejaram, só que com uma mulher negra e grande ajudando-a a empurrar.

Giles sabe que é um covarde. Essa característica o prejudicou repetidas vezes em toda a sua existência até ali. Custou-lhe a vida que deveria ter tido. Mas não hoje. O guarda ainda está olhando para o prédio quando o pintor tem uma ideia, uma que ele não permite chegar à balança pessoal que avalia a consequência de suas ações. Ele segura a porta do furgão com as duas mãos e a bate com toda a força no guarda. O veículo é alto, e o som da porta de metal contra o crânio do homem é terrível, assim como é terrível o barulho do saco de ossos que é o corpo do vigia inconsciente ao atingir o chão, mas está feito, o primeiro ato violento de sua vida. Embora isso não faça com que ele se sinta bem, Giles sabe que há bastante violência para ser compartilhada, sobretudo ali.

O CARRINHO DESCE a rampa por conta própria e bate contra a traseira do veículo. Elisa corre atrás dele enquanto Zelda fecha a saída para disfarçar a passagem delas. Elisa puxa e abre uma das portas do furgão e começa a jogar toalhas em seu interior, o suficiente apenas para revelar a criatura, que está em posição fetal e com uma das grandes mãos protegendo os olhos agitados das luzes fortes no teto. A mulher pega o ser por baixo do braço e tenta levantá-lo. Ele a acompanha, mas só um pouco. Suas guelras estão infladas; sua postura, aquebrada; ele mal consegue ficar de pé.

Zelda está ali — mais uma vez, sua amiga está ali. Ela pega o outro braço da criatura, e seu rosto se contorce de nojo até sentir a textura fresca e natural do corpo. A mulher o toca por menos de dez segundos enquanto as duas o rolam para a traseira do carro. Nesse ínterim, Elisa vislumbra a compreensão estupefata no rosto de Zelda. Ele não é apenas uma criatura, um lagarto que cresceu demais. É mais como um homem, porém maior em todos os aspectos, um ser de um nível mais elevado que os humanos, abandonado em um deserto frio e árido ao qual ele jamais pertencera.

— Vá — murmura Zelda. — Vá!

Não há tempo para despedidas e agradecimentos. Elisa aponta para a câmara de segurança, sinaliza: “Eles não podem ver você” e apressa Zelda na direção das portas, pois ainda não a viram, ela ainda pode voltar e alegar ignorância. Entretanto, a amiga fica ali parada, imóvel e atônita, quando Elisa bate as portas do furgão, e o veículo parte da plataforma, com os pneus cantando mais alto que a roda ruim do carrinho.

STRICKLAND CORRE. ELE odeia fazer isso. Correr em um escritório é a prova definitiva de que perdeu todo o controle. Entretanto, não há escolha. O homem atravessa o saguão em alta velocidade, derrubando pessoas, sobe a escada de serviço, explode pela porta da frente e para, tentando se situar. Há dois PMs bem atrás dele, Fleming atrás dos três. Do lado de fora, o amanhecer enfim chegou. Cientistas caminham pela calçada na direção do trabalho, bocejando. Secretárias retocam o batom em espelhos compactos. Tudo está normal.

O som, porém. Um veículo perto demais para estar àquela velocidade. Strickland corre para a direita por cima do gramado e dá a volta no prédio. Lá está ele, como uma bola de neve gigante descendo o Everest, um furgão branco da tinturaria correndo em sua direção.

— Atirem no carro! — grita Strickland, mas os PMs ainda estão um pouco longe, e não há nada que um homem com um agulhão possa fazer contra uma coisa enorme em alta velocidade. O vigia da guarita salta do caminho. Ainda assim, o veículo desvia, uma evidência inesperada da relutância do motorista em ferir alguém. Há apenas um automóvel naquela parte do estacionamento, e o furgão o atinge. A traseira do carro se amassa. É a parte de trás do longo e maravilhoso Cadillac Coup de Ville ardósia.

— Não! — O peito de Strickland dói como se ele próprio tivesse sido atingido. Ele ouve sua voz espiralar para cima e ficar estridente como a de uma garotinha. — *Não, não, não.*

O VEÍCULO DÁ um solavanco e os pneus giram em falso. Giles sente o golpe do corpo de Elisa quando ela atinge as costas do assento dele. Surge um cheiro de borracha queimada. Eles pararam. A metros da liberdade, estão presos. O homem olha para o capô do Pug e vê o para-choque dianteiro do furgão preso no Cadillac verde. Ele escuta um grito agudo — o pintor pensa que é de uma mulher —, mas é um homem enorme que corre na direção deles com um passo de gorila, segurando uma espécie de bastão.

Giles xinga, engrena a ré e pisa no acelerador. Devagar, o carro recua um metro. Há o rangido de metal. Vidro quebrado estoura como fogos de artifício. O homem que está correndo é rápido, já percorreu metade da distância. Giles muda a marcha e pisa no acelerador de novo. Cromados se retorcem ruidosamente, e os para-choques amassados gemem. Ele ergue os olhos e vê pessoas com armas gritando para que o homem que corre na direção deles saia da frente para que possam atirar. O sujeito, porém, está enlouquecido. Ele pula uma cerca viva, gritando palavras sem sentido. Giles fecha sua janela, uma defesa patética.

E foi bom ter feito isso. O bastão do homem atinge a janela. Uma rachadura divide o vidro. O velho grita, gira o volante para a direita e acelera; em seguida, gira para a esquerda e acelera outra vez. O homem torna a atingir a janela, criando um padrão de teia de aranha. Na vez seguinte, ela se estilhaça, e pequenos fragmentos duros chovem sobre o rosto do pintor. Naquele momento, o para-choque do furgão se solta e o homem tem que saltar para trás a fim de não ser atropelado. O Pug provoca fagulhas quando rasga a traseira do Cadillac, cuspidando tinta verde, muita, diversas camadas, pensa Giles.

SUAS GUELRAS SE abrem muito, revelando camadas atordoantes de um vermelho brilhante, e assim ficam, os filamentos como pernas de centopeias à procura de solo firme. A respiração dele está curta e cada vez mais espaçada. Os braços se erguem das toalhas molhadas, envolvidos nelas como uma criança brincando de fantasma, e sua mão se fecha e continua o movimento para cima, como se a primeira parte dele estivesse indo para o céu.

Elisa o pega pelo punho e o traz de volta à Terra. Ele luta para se livrar da mão da mulher, e de repente ela entende: o ser está sinalizando por água. Como ela o enrolou em toalhas, ficou surda às garrafas rolando e batendo umas nas outras pelo chão. Elas vão para todos os lados e giram quando Giles faz curvas, mas Elisa pega uma, desatarraxa a tampa e molha o rosto, os olhos e as guelras do ser. Ele arqueia as costas e mergulha naquilo. A água penetra em seu corpo por sulcos que ficaram de uma cor marrom triste, e o líquido desaparece segundos depois de atingi-lo, e, ainda assim, ele está seco, ainda assim, está arquejante.

— Está tudo bem? Ele está vivo? — grita Giles.

Elisa chuta a parede do furgão com os dois pés, o mais perto que ela consegue de sinalizar “mais rápido”.

— É de manhã! Tem trânsito! Estou fazendo o que posso!

Ela chuta mais uma vez. Hoffstetler tinha dito que trinta minutos eram tudo que a criatura aguentava fora d’água, e quinze já deviam ter se passado, talvez até vinte; ela perdeu a noção de tempo. A atenção de Elisa volta-se bruscamente para o ser. Ele está fazendo um ruído de engasgo, e ela, que sabe apenas técnicas de consolo humanas — o que percebe ser uma limitação patética — passa o braço por baixo dele e o ergue até uma posição sentada, enquanto a outra mão agarra outra garrafa e começa a derramá-la sobre seu corpo.

Ele absorve, ele bebe; seus olhos molhados recentemente, agora ao nível da janela, vão de dourado para um amarelo dente-de-leão. Mesmo quase sufocado, ele parece maravilhado com o mundo que se revela do lado de fora do carro. Elisa olha também, perguntando-se se a cidade possui algum traço da magia da selva. Estruturas cinzentas com luzes de néon apagadas tingidas de laranja pela luz do sol. Um bonde que mais parece uma baleia amarela. Um outdoor da Coca-Cola com um homem e uma mulher, aninhados tão perto quanto Elisa e a criatura, ela com uma garrafa de refrigerante na mão do mesmo modo que Elisa segura a próxima garrafa de água. Ela pensa, apenas por um

momento, que Baltimore não é o formigueiro fútil que forçou a si mesma a aceitar, mas um próprio emaranhado de histórias, um pântano de mitos, uma floresta de fadas.

O Pug faz a curva por trás do Arcade, e Giles perde o controle do carro. Apesar de conseguir frear, a parte dianteira do furgão, não mais protegida pelo para-choque, bate contra as latas de lixo. Ninguém tem tempo para se preocupar com aquilo. Quando o pintor abre as portas traseiras, Elisa está pronta, o ser enrolado em um jaleco molhado e encapuzado por um lençol úmido. A subida pela escada de incêndio é uma comédia atrapalhada, lerda, desajeitada e sem graça, o oposto repugnante de Shirley Temple e Bojangles.

De algum modo, eles conseguem chegar ao andar de cima e seguem o corredor até entrar no apartamento de Elisa. Giles os solta à porta do banheiro por ser estreita demais, e é ela quem tem que guiar o ser, mas ambos estão fracos agora, e o ato final do resgate parece mais com uma queda. As pernas dele, inúteis, cedem contra a banheira, e ele cai de costas sobre a água. Os respingos atingem o rosto de Elisa como a água nas garrafas atingiu o rosto da criatura: ablução, batismo. O ser faz com que a banheira pareça ainda menor, mas ela diz a si mesma que a maioria dos homens faria isso e liga a torneira de água quente, porque uma noite inteira esfriou a água que havia ali. Os canos cham e estremecem; em seguida, o líquido cai bem ao lado da cabeça da criatura. O nível sobe rápido e cobre o rosto do ser. Elisa espera por bolhas de respiração. Não há nada. Ela mexe a água com a mão para igualar o calor com o da piscina da F-1.

— Quem era aquela mulher que ajudou você? — pergunta Giles às suas costas. — Você empregou toda uma teia de sabotadores?

Isso, a piscina: ela pensa em quando mergulhou na água, como sua boca se encheu de sal. Leva a mão ao bolso e retira o frasco de comprimidos de Hoffstetler. Outro objeto sai e cai no chão.

— Meu Deus! — exclama Giles. — Isso é uma *seringa*?

Um comprimido a cada três dias, não foi isso que Hoffstetler falou? Ou três comprimidos por dia? A criatura está afundada como pedra, não há tempo para refletir. Elisa joga três comprimidos na banheira. Eles fervilham, e ela torna a mexer a água com a mão, jogando sal na direção do rosto e do pescoço do ser. Então, não há mais nada a ser feito. Ela pega a mão da criatura. Aquela coisa enorme e com membranas, resplandecente com escamas de arco-íris, com estrias delicadas em espiral. Elisa acrescenta a outra mão e dobra os dedos com garras até que consegue apertar as juntas da forma que um cirurgião apertaria um coração.

A sombra de Giles cai sobre eles.

— Você estava certa — diz o velho em voz baixa. — Ele é lindo.

A mão da criatura se aperta em torno da de Elisa, engolindo-a por

inteiro como uma cobra faz com um roedor. Um espasmo de morte, pensa ela com um soluço cortante, até que a água da banheira começa a brilhar. Primeiro, produz um tremeluzir cobalto, uma ilusão de ótica; em seguida, floresce para logo depois queimar em um azul-safira, transformando o aposento pequeno, úmido e sem janelas em um aquário infinito no interior do qual eles nadam, efervescente, etéreo e vivo.



NÃO
PREOCUPE
MAIS SEU
CORAÇÃO

EM UMA BANDEJA sobre sua mesa estão os restos cheios de bolhas de um dispositivo. Strickland permaneceu olhando para ele por horas. Um fragmento de cano de metal rompido por algum tipo de explosão. Uma mancha vermelha que parecia plástico frito. Veias negras incrustadas que provavelmente haviam sido fios. A verdade é que ele não tem a menor ideia do que é aquela merda. Não está nem mais tentando descobrir. Está só olhando.

Qualquer que tenha sido o tipo de bomba, ela derreteu tudo. Assim está sua vida agora, não? Derretida. Seus esforços para ser pai. As noções irreais que tinha de uma vida tranquila em casa. Até seu corpo. Ele observa os curativos. Não os troca há dias. Estão cinzentos, úmidos. É isso que acontece com cadáveres em caixões. Eles se desfazem em uma lama preta. E não vai parar nos dedos. Strickland sente a decomposição subindo devagar pelas artérias do braço, os ramos já se colando ao coração. A Amazônia estava repleta dessa fecundidade fétida. Talvez não houvesse como detê-la.

Uma batida na porta. Ele esteve olhando para a bandeja por tanto tempo que dói quando mexe os globos oculares. É Fleming. Strickland se lembra vagamente de ter solicitado a visita dele. O homem tinha ido para casa dormir. *Dormir*. Depois de todo aquele desastre? Deixar a Occam nem passou pela cabeça de Strickland. Ele convenceu a si mesmo de que aquilo não estava relacionado ao fato de que precisaria avaliar os danos ao Cadillac se quisesse ir para casa. O pensamento é interrompido pelo pigarro de Fleming. A luz cinzenta dos monitores de segurança é como raios X. Strickland pode ver os órgãos flácidos do subalterno. Seus ossos finos e frágeis. Os eletrodos pulsantes de seu medo.

— Conseguiu fazer algum progresso? — pergunta Fleming.

Strickland não olha. Olhar exige um nível mínimo de respeito. Por cima da prancheta atrás da qual o funcionário se esconde, o militar consegue ver um hematoma no pescoço onde ele o estrangulara durante o apagão. O merdinha é mais macio que uma fruta.

Fleming pigarreia mais uma vez, consulta a prancheta.

— Temos diversas lascas de tinta para analisar. Isso vai nos dizer muito. O fabricante, o modelo. Melhor de tudo: temos todo o para-choque dianteiro. Podemos mandar grupos de busca imediatamente à procura de um furgão branco sem para-choque. Seria mais fácil se pudéssemos envolver a polícia local, mas entendo por que não quer fazer isso. Agora mesmo, estamos com todo o local isolado, então

podemos medir as marcas de pneu.

— Marcas de pneu — repete Strickland. — Lascas de tinta.

Fleming engole em seco.

— Também temos as fitas de segurança.

— Com exceção da câmera mais importante. Não é mesmo?

— Ainda estamos examinando as imagens.

— E não há nenhuma testemunha ocular que possa nos dizer algo de útil.

— Mal começamos a tomar os depoimentos.

Strickland baixa de novo o olhar para a bandeja. A comida vem em bandejas. Ele se imagina comendo o dispositivo. Seus dentes se cravando nos fragmentos de metal. Os pedaços engolidos pesados e resistentes em seu estômago. Ele podia se transformar na bomba. A questão seria em que local ele iria posicionar-se na hora de explodir.

— Se não se importa que eu diga — comenta Fleming —, acredito que estamos lidando com agentes altamente treinados aqui. Com enorme financiamento e equipamento de ponta. A infiltração levou menos de dez minutos. Minha opinião, sr. Strickland, é que isso foi obra de forças especiais do Exército Vermelho.

Strickland fica calado. Espionagem russa? Era possível. Primeiro satélite, primeiro animal e primeiro homem no espaço. Perto desses feitos, o roubo do século não é nada. Além do mais, há Hoffstetler. No entanto, Strickland não consegue encontrar um vestígio de prova sequer de que o homem tenha feito algo de errado na noite anterior. O ataque não *parece* russo. É desorganizado demais. O carro que ele atacou com o agulhão era um lixo. O motorista, um velho histérico. Strickland precisa de tempo para pensar. Foi por isso que chamou Fleming. Agora ele lembra. Endireita-se na cadeira. Pega os analgésicos. Joga alguns na boca e mastiga.

— O que quero falar com você, o que quero deixar absolutamente claro é que esta situação não pode sair da Occam até que eu diga o contrário. Me dê uma chance de conter isso. Ninguém precisa saber do que aconteceu, pelo menos, ainda não, entendeu?

— Com exceção do general Hoyt? — pergunta Fleming.

A podridão que se enrosca pelo braço de Strickland congela como seiva no inverno.

— Com exceção... — Strickland não consegue terminar a frase.

— Eu... — Fleming, precisando de um escudo, leva a prancheta ao peito. — Eu liguei para o gabinete do general. Na mesma hora. Achei...

O restante do derretimento de Strickland é rápido. Seus ouvidos são bloqueados pela própria carne liquefeita. O trabalho que quase conseguiu completar na Occam, tudo que fez na Amazônia. Aquelas coisas teriam sido suficientes para conseguir negociar sua liberdade

das amarras que o prendem a Hoyt. Mas de que vale aquilo agora? O general sabe que ele falhou. O topo da carreira até o qual Strickland galgou com a ajuda de Hoyt se revelou uma guilhotina. Ele cai do alto em duas metades e aterrissa em alguma coisa macia. A gosma de um arrozal. Ele sufoca com o fedor do excremento fertilizante. Ensurdido pelo riso idiota dos carros de boi que passam. Ah, Deus, Deus, Deus. Ele está de volta à Coreia, onde tudo começou.

Coreia, onde a função de Hoyt era guiar a evacuação de dezenas de milhares de coreanos para o sul, com Strickland como seu assistente pessoal. Foi em Yeongdong, onde o general MacArthur ordenou que o grupo dele montasse resistência, que Hoyt pegou Strickland, apontou para um caminhão e o mandou dirigir. E assim ele fez, através de uma chuva grossa e prateada, acompanhando o ritmo das garças em seus voos curtos e lentos de um arrozal para o outro.

Eles chegaram a uma antiga mina de ouro com montes e montes de roupas sujas. O militar mais jovem achou que teria que queimá-las, do mesmo modo que queimaram tantas aldeias para que o Exército Popular do Norte não ficasse com os espólios. Só que, quando se aproximou, Strickland viu que não eram roupas. Eram corpos. Cinquenta, talvez cem. O interior da mina estava salpicado de buracos de bala. Era o pior dos rumores do Exército se tornando realidade, um massacre de coreanos inocentes. Hoyt sorriu, segurou com delicadeza o pescoço encharcado de chuva de Strickland e o acariciou com o polegar.

— xxxxxx xxxxx xxxxx — disse o general.

Quando pensa sobre aquilo, as palavras de Hoyt não passam de censuras estridentes. Strickland, porém, se lembra muito bem da essência delas. Um batedor informara ao general que nem todos aqueles que foram mandados para o interior da mina estavam mortos. Aquilo era ruim para Hoyt. Ruim para os Estados Unidos. Se sobreviventes saíssem dali e contassem suas histórias, a nação teria que lidar com um grande problema, não teria?

Strickland nunca se permitiria chorar diante de Hoyt. Ele preparou o rifle. Pareceu-lhe que estava arrancando o próprio braço. O general, no entanto, pousou um dedo na boca dele e, em seguida, indicou os arredores. Estavam apenas os dois ali. Não era uma boa jogada chamar atenção. Hoyt sacou do cinto uma faca Ka-Bar de lâmina preta. Ele a estendeu para o assistente e deu uma piscadela.

O cabo de couro fez um ruído molhado como carne apodrecida sob a chuva úmida e quente. Os cadáveres estavam úmidos e quentes também, em pilhas de cinco ou seis corpos, com membros dobrados em posições anormais. Strickland rolou uma mulher para fora do caminho. O cérebro dela escorreu por um buraco em sua cabeça. Ele puxou um homem da pilha. Intestinos azulados caíram para fora. Dez

corpos, vinte, trinta. O militar mergulhou na carnificina fria como se abrisse um túnel pelo útero de uma morta. Estava perdido, nojento e sujo. A maior parte estava, de fato, morta. Contudo, alguns estavam vivos, sussurrando, talvez implorando, provavelmente rezando. Ele cortou cada garganta que encontrou, só por garantia. Ninguém estava vivo ali, disse a si mesmo, nem mesmo Richard Strickland.

Ele não confiou no som quando o ouviu. Como confiar em qualquer coisa nas entranhas do inferno? Mas o ruído continuou, um lamento fraco, e, embaixo de uma pilha, Strickland encontrou uma mulher. Morta, mas sua rigidez cadavérica criara uma gaiola protetora para seu bebê. O bebê estava vivo. Um milagre. Ou o contrário de um. Descoberta, a criança começou a chorar. O barulho era alto, exatamente o que Hoyt não queria. Strickland tentou limpar a Ka-Bar de cabelos e cartilagem para conseguir um corte limpo. Porém, estava tremendo demais para confiar em si mesmo. E esse não era o objetivo de tudo aquilo? Confiar? Em Hoyt? Na violência? Na guerra? Que o mau era bom, que assassinato era compaixão?

Havia uma poça. Metade água, metade sangue. Strickland pressionou o rosto do bebê com delicadeza no líquido. Talvez, rezou ele, o bebê fosse um milagre. Talvez pudesse respirar debaixo d'água. No entanto, uma criatura assim não existia em lugar nenhum do mundo. Alguns espasmos depois e a coisa toda terminou. Strickland também queria que sua vida acabasse. Ele se colocou de joelhos, corpos despencando de suas costas. Hoyt foi até ele, aninhando a cabeça de Strickland contra sua barriga redonda e acariciando o cabelo ensanguentado. O rapaz se entregou e o abraçou forte. Tentou ouvir o que o general estava dizendo, mas seus ouvidos estavam entupidos de sangue e tecido corporal.

— xxxxxx xxxxx.

Na época, era um sussurro; agora, um grito estridente. O que ele tinha feito era uma atrocidade, um crime de guerra que estaria na primeira página de cada jornal do mundo se um dia fosse descoberto, e isso o ligaria a Hoyt até que um deles estivesse morto. Sozinho em seu escritório da Occam, todos aqueles anos depois, Strickland enfim entende. O grito de estourar os tímpanos das censuras do general — como ele não percebera a conexão? São os gritos dos macacos, a mesmíssima coisa. Por toda sua vida, vozes primais o guiaram a aceitar o papel para o qual fora preparado. Era por isso que o deus Brânquia precisava ser capturado. E é por isso que o deus da selva precisa destruir o deus das guelras. Nenhuma nova deidade pode ascender completamente até que a antiga seja morta. Ele devia ter ouvido Hoyt o tempo inteiro. Os macacos — não tenha medo dos ordens deles.

Siga-as.

O CARVÃO É como uma banana de dinamite na mão dele. Não é uma ferramenta que usa com frequência. Você não escolhe carvão para retratar creme desodorante antisséptico Etiquette ou blush de verão Tangee. É sujo, o oposto do que esses produtos exigem, e o preto deixa as pessoas desconfiadas, sem vontade de comprar. Ah, mas houve um tempo em que ele não usaria outra coisa! Na maioria das vezes, usava-o para nus, pois o carvão era o instrumento mais cru e demandava a crueza de seu tema. Desenhar com ele era como fazer feitiçaria. Até mesmo áreas ignoradas do papel ganhavam vida com maçãs de rosto angulosas, testas erguidas, clavículas torcidas, curvas de nádegas, laterais de troncos. Detalhes mais delicados mergulhavam em cinza, se erguiam e renasciam, a história da evolução representada em duas dimensões.

Ele era muito novo na época e não tinha medo de cometer erros — na verdade, estava ávido para abraçá-los como catalisadores de surpresa artística. Giles se pergunta se ainda tem isso dentro de si. Será que as mãos velhas e doloridas vão impedi-lo de modular a cor do preto para o gris, a fumaça, a neblina? Será que o tremor dos dedos velhos o proibirá de borrar a textura de aniagem em sarja, seda e camurça? Faz um dia desde o rapto; seus ouvidos estão atentos a sirenes da polícia. A única coisa que acalma sua mente e suas mãos é o trabalho. Ele escolhe um lápis de grossura mediana, que está grudento após passar décadas em uma caixa de charutos. Ele o lasca com a unha de um polegar e o leva ao papel, que está sobre o cavalete, que, por sua vez, descansa no colo do pintor, que está sentado no vaso sanitário com a tampa fechada.

O ser o observa da banheira cheia. Ainda está aprendendo a respirar a água dos Apartamentos Arcade e não pode fazer muito além de rolar. Isso ele faz de maneira bem confortável, como um rapaz que ainda não está pronto para sair da cama. Giles sorri muito para a criatura. Primeiro foi para assegurar àquela esfinge misteriosa que ele não lhe desejava mal. Agora seu sorriso é autêntico, e ele precisa rir. Como os olhos de seus gatos passaram a parecer sem graça e vazios! Há tanto para ser lido no brilho sempre em mutação daqueles olhos. O interesse que ele demonstra por Giles e por sua coleção de lápis de cor, nenhum deles um bisturi ou um agulhão. Como está começando a confiar no artista, talvez até a gostar dele.

Não, ele não é um animal, é uma pessoa. Elisa tem certeza disso, e Giles fica feliz em concordar. Para completar, a criatura é

arreatadora, um bilhão de pedras preciosas cintilantes moldadas em forma de homem por um artista de brilhantismo superior ao de Giles. Ele não acha que fabricam tintas a óleo ou acrílicas capazes de reproduzir tal incandescência, nem aquarelas ou guaches que possam capturar as sutilezas mais escuras. Por isso, o caminho da simplicidade: carvão. O pintor fala o que se lembra da oração de Ave-Maria e faz seu primeiro traço, a curva em S de uma barbatana dorsal.

— Pronto! — Dá uma risada de satisfação. — Aí está.

Ele não consegue ver o espelho da pia do lugar em que está, mas sente como se estivesse com trinta e cinco anos de novo, até mesmo vinte e cinco — tão ousado e corajoso. Faz outra linha, e mais uma. Não é uma obra de arte, alerta a si mesmo, apenas um esboço, algo para fazer com que a velha energia volte a fluir. Ainda assim, Giles não consegue deixar de sentir que essas linhas grosseiras são as mais vibrantes que traçou desde o dia em que aceitou o emprego na Hutzler's, a predecessora da Klein & Saunders, onde começou a se esquecer de tudo que importava.

Será que a srta. Strickland — *sra.* Strickland — era uma espécie de vidente com batom e penteado bolo de noiva? Ela revelou a Giles a verdade. Não apenas a verdade sobre Bernie não querer o que ele tinha ido vender, mas que o artista não devia se rebaixar mais. *O senhor merece ir a algum lugar onde possa se orgulhar de quem é*, dissera ela, e aquele local era ali, bem ali, na casa de sua melhor amiga, a uma curta distância do ser vivo mais incrível que já tinha visto.

Elisa dispunha de pouca informação sobre a origem da criatura, mas não importava. Giles sentia sua divindade, e, apesar de o desenho ser apenas um esboço, nenhuma incumbência artística exige mais atenção do que a de retratar o sagrado. Rafael, Botticelli, Caravaggio — quando era jovem, Giles estudou todos aqueles mestres em livros de biblioteca e conhecia os riscos e as recompensas de retratar o sublime. Era algo que exigia sacrifício pessoal. De que outra maneira Michelangelo completaria o afresco da Capela Sistina em quatro anos? Comparar-se a Michelangelo é uma piada, mas há uma semelhança. Os dois tiveram acesso a algo que o mundo em geral nunca havia visto. Mesmo que as sirenes de polícia viessem, minha nossa, tinha valido a pena.

Ele começa a gesticular para que a criatura se vire um pouco; em seguida, ri do pedido ridículo. Como a prerrogativa do retratista volta rápido! No entanto, o ser responde e se ajusta de modo que o olho esquerdo ergue-se acima da linha d'água, como se procurasse observar melhor o sinal. Giles prende a respiração e decide terminar o gesto. A criatura segue o dedo que gira, como poderia ter seguido um inseto ou pássaro alado em sua terra nativa, com calma, apreciando aquilo, desprovido de hostilidade. A criatura pisca. Suas guelras se recolhem

delicadamente.

Então, disposto a ser um modelo, o ser se vira.

QUANDO OS MERCADOS tinham substituído as luzes do teto por supernovas? Por quanto tempo a fruta na prateleira chorou diante da própria beleza? Em que momento bolos e pães começaram a suspirar segredos açucarados em uma nuvem que gotejava sobre seu rosto como lágrimas de felicidade? Quando as clientes, aquelas mulheres rabugentas com bolsas grandes e carrinhos grosseiros, se transformaram em pessoas que sorriam para ela, insistiam para que ela passasse à frente, e até a cumprimentavam por suas escolhas? Talvez tenham visto o que Elisa via refletido no vidro do balcão do açougueiro: não uma moça encolhida e tímida escondendo as cicatrizes do pescoço, mas uma mulher de belo porte apontando os cortes de peixe e carne que queria. Uma boa quantidade de ambos, o açougueiro talvez tenha pensado, mas por que não? Com certeza uma mulher como aquela tinha um homem faminto à espera em casa. E ela tinha. Elisa ri. Ela *tinha*.

Não levaria só carne, porém. Ovos, muitos deles, caixas arrumadas no carrinho em padrões cruzados divertidos que fazem com que os outros clientes riam de sua ousadia. Sacos de sal também. As pílulas salinas de Hoffstetler não vão durar para sempre. Elisa leva algum tempo para encontrar esses produtos, mas não se importa. Fazer compras para outra pessoa é maravilhoso. Giles se ofereceu para ir ao mercado, mas Elisa disse não. Sentia que apenas ela podia intuir as coisas de que a criatura precisaria. Usou o transporte público, ignorou policiais uniformizados, lembrando a si mesma que eles não tinham ideia do que ela havia feito, e foi até o Edmondson Village. Zelda sempre elogiava a cornucópia dos shopping centers, e ela estava certa. Zelda: Elisa tem muito a contar a ela, e vai fazer isso, no próximo turno — é indispensável que não falte um único dia se espera que não desconfiem dela. Ao pensar na amiga, o coração de Elisa, já cheio, se aperta no peito.

Ela se surpreende ao descobrir na entrada do estabelecimento uma seção de plantas e flores. Isso atrai a atenção da mulher, que deixa que as folhagens estendidas e as ervas pendentes toquem seu rosto. Era disso que a criatura precisava para encher o vazio do laboratório, e do que ela precisa agora para arredondar as arestas afiadas do banheiro. Escolhe as plantas com as maiores folhas. Duas samambaias densas em vasos; elas vão esconder muita louça e azulejos. Uma palmeira de folhas largas como as mãos do ser; será que assim ele vai se sentir menos sozinho? Uma dracena alta o suficiente para alcançar as luzes

em cima da pia; talvez essa planta tinja todo o banheiro de verde.

Empilhadas dentro do carrinho, as folhas fazem cócegas em seu nariz, e Elisa ri. Como vai levar tudo aquilo para casa? Terá que comprar um dos carrinhos que viu perto da entrada. Uma despesa inesperada, mas que diferença farão mais alguns dólares? Aquele era o primeiro dia de sua vida em que Elisa não estava contando moedas, e está determinada a saborear esse momento. Está tão consciente do enorme sorriso em seu rosto quanto estaria de um chapéu espalhafatoso. Ela devia tentar contê-lo. Qualquer policial com a cabeça no lugar que visse uma mulher tão feliz assim só por fazer compras no mercado ficaria desconfiado.

É difícil, e bem divertido, navegar com as plantas em seu carrinho. Após conduzi-lo até a fila de saída, o carrinho bate em um expositor. Cem purificadores de ar de papelão balançam de seus ganchos. Ela passa um dedo preguiçoso por eles, que têm forma de pequenas árvores, cada um anunciando um aroma diferente. Cereja rosa. Marrom canela. Vermelho maçã. Vários são verdes. VERDADEIRO AROMA DE PINHO!, proclama uma embalagem de celofane.

Elisa não acha que seu sorriso possa aumentar, mas é o que acontece. Ela pega um no mostruário — não, apanha todos os verdes do gancho. Seis deles. Não são muitas árvores para formar uma floresta, mas é um começo.

MESMO QUANDO SUAS lágrimas atingem o papel, Giles faz com que isso funcione, espalhando-as com a lateral da mão e impregnando linhas duras com uma delicadeza fluida semelhante às escamas da criatura. Ele sorri diante daquela revelação, mesmo esperando que seja apenas a primeira de muitas. Lágrimas, uma gota de sangue, o toque de saliva de um beijo: o ser usaria sua magia para transformar essas substâncias em arte, em graça.

Giles ergue a mão e gira o dedo. A criatura se move para oferecer mais um ângulo para o pintor e, de maneira quase presunçosa, estica seu pescoço resplandecente. O homem ri, sente gosto de sal, lambe-o dos lábios e desenha, desenha, desenha, um sujeito faminto em um banquete que ele teme ser levado pelos garçons. Quando começa a falar, Giles não percebe que seu murmúrio é o ruído do carvão sobre o papel.

— Elisa disse que você está completamente sozinho. É o último de sua espécie. Ou algo assim. — Ele ri. — Por mais que tente, não entendo tudo que ela diz. É claro, no início não acreditei. Quem acreditaria? Então eu o vi e, se posso dizer, você é bem convincente em pessoa. Espero que perdoe minha reticência inicial. Talvez até simpatize comigo. O que pensou quando viu pela primeira vez o interior de um navio da Marinha ou do tanque em que eles o colocaram? Imagino que seus pensamentos não tenham sido muito lisonjeiros em relação à raça humana. As coisas mudam.

A elevação acima dos olhos do ser: ele a desenha em um cinza turvo, indefeso.

— Mas então Elisa o encontra. E é aí que acontece, não? A mudança. Nela, com certeza. Porém, em você também, desconfio. Será que os humanos são tão ruins assim? Se esse pensamento passou por sua cabeça, agradeço, embora eu o avise que seja um juízo caridoso de sua parte.

As placas cascateantes do peito, lisas como pétalas, cada uma desenhada em um prateado-escuro.

— Agora que já o conheci de maneira apropriada, contudo... Ah, por falar nisso, sou Giles. Giles Gunderson. O costume é apertar as mãos, mas vendo que estamos em uma situação de nudez dentro de um banheiro, acho que podemos dispensar isso. Sabe, agora que o conheci, vejo-me retornando para onde comecei. Não sei bem se concordo com nossa Elisa. Você está de fato só? É mesmo? Porque, se você é uma anomalia, eu também sou.

As barbatanas diáfanas são desenhadas em um tom cinzento que remete a uma nuvem, os ossos são traços negros.

— É uma tolice, mas também me sinto como se tivesse sido arrancado de meu lugar. Ou de minha época... talvez eu tenha nascido cedo demais. As coisas que sentia quando menino... Eu era muito novo para entender, deslocado demais no tempo e no espaço para fazer qualquer coisa em relação a isso. Agora que entendo? Bom, estou velho. Olhe só para esta coisa, este corpo no qual estou preso. Meu tempo está acabando, embora pareça que nunca foi *meu* tempo, não de verdade.

A forma do couro cabeludo nos traços mais leves, como plumas.

— Entretanto, não posso ser o único, posso? Claro que não, não sou tão especial. Anomalias como eu existem por todo o mundo. Em que momento uma anomalia deixa de ser algo que foge à regra e começa a ser apenas a maneira como as coisas são? E se você e eu não formos os últimos de nossa espécie, mas os primeiros? As primeiras de criaturas melhores em um mundo melhor? Podemos ter esperança, não? Esperança de que não pertençamos ao passado, mas ao futuro?

Giles estende os braços para ver melhor o desenho. Para um esboço, não está ruim. E para que servem esboços? São práticas para um trabalho maior. O artista ri outra vez. É isso que está planejando? Minha nossa, ele não se sente assim há décadas.

Então respira fundo e vira o papel na direção da banheira. A criatura inclina a cabeça até o segundo olho sair da água para encarar o desenho, depois move a cabeça para compará-lo ao próprio corpo submerso. Os tipos da Occam podiam insistir que era impossível o ser ter consciência de si mesmo, mas Giles discorda. O ser sabe que está sendo retratado, e que aquilo é diferente do reflexo em um rio. É, em resumo, a magia da arte. Aceitar a possibilidade de ser capturado daquele jeito é colaborar ativamente com o artista. Nossa, pensa Giles, é verdade: eles não são tão diferentes um do outro. O artista ainda podia ser, sob a luz certa, banhado pela água certa, considerado bonito também.

O CARRINHO DE compras de duas rodas é mais ágil que o que Elisa usa no trabalho. Todavia, as calçadas de Baltimore apresentam um desafio mais robusto que o chão encerado dos laboratórios. É fim de tarde, e ela não dorme há horas, mas ainda não se sente cansada; aninhar a criatura no furgão parece tê-la injetado com o oposto do que quer que estivesse na seringa de Hoffstetler. Elisa está eletrizada. Desceu do ônibus vários pontos antes para poder fazer uma caminhada até em casa, queimar aquela energia nervosa. Por mais que queira ver a criatura de novo, o odor salgado do rio Patapsco a atrai como uma criança é atraída por biscoitos que acabaram de sair do forno.

Elisa puxa o carrinho e passa por um píer e um cais de entrada restrita. Encontra um quebra-mar estreito para pedestres. Será que está infringindo alguma lei ao caminhar ali? A última coisa de que precisa é da polícia. Porém, não há nada que sugira uma proibição. Ela caminha sobre o rio com a sombra dos prédios da cidade deslizando sobre suas costas como uma camisola. Não há cerca nem grade de proteção, nada além de uma placa onde se lê: PROIBIDO NADAR! PROIBIDO PESCAR! ABERTO AO MAR AOS DEZ METROS! A ideia de pescar sempre a revoltou, e ninguém no Lar jamais a ensinou a nadar, mas a mulher entende a placa muito bem. Quando o nível da água chega à marca pintada em um suporte de concreto indicando dez metros — supondo que um dia volte a chover —, o canal fornece acesso à baía, assim como ao oceano.

Elisa deixa o carrinho parado por um momento, vai devagar até a borda do quebra-mar e fecha os olhos contra os borrifos salgados que sugerem que o dia não está tão calmo quanto ela havia pensado. Isso explica por que as pessoas no ônibus estavam com as golas levantadas e as posturas encolhidas, como se para não sentir o frio das próprias roupas. Também ajudava a explicar por que a mulher que sentou no assento do lado oposto do ônibus demorou tanto para perceber o sorriso ensolarado de Elisa.

A mulher era bonita, tudo que Elisa, até os acontecimentos da véspera, jamais sonhara em ser, exatamente como imaginava a Julia da Julia's Fine Shoes. Magra, mas com curvas suficientes para preencher um vestido listrado de flanela, conjunto realçado por uma fivela de cristais, broche combinando, pulseiras, brincos e aliança. Apenas o penteado bolo de noiva parecia fora de moda, e isso Elisa atribuiu ao fato de que, bem, aquela era uma mulher que trabalhava, e mulheres que trabalhavam, como a servente bem sabia, eram

ocupadas.

Quando Elisa enfim captou seu olhar, a mulher hesitou antes de retribuir o sorriso; como todas as outras pessoas, parecia impressionada pela alegria dela. A desconhecida olhou para a mão da servente, parecendo perceber a ausência de aliança. Para surpresa de Elisa, ela não demonstrou desprezo, mas alívio; o sorriso ficou menos teatral, mais autêntico. A funcionária da Occam teve a sensação de que, por mais que admirasse aquela mulher bonita e profissional, a outra a admirava mais ainda. O mais louco era que Elisa sentiu que podia ouvir o pensamento da mulher: *Faça o que seu coração mandar. Siga-o a qualquer custo.*

Finalmente, Elisa está fazendo isso. No entanto, aqui, na beira do mundo, com a temperatura caindo a cada momento, ela se vê perturbada pela expressão tensa da outra passageira. Se uma mulher que tem tudo pode ser tão infeliz, que esperança tem uma servente do turno da madrugada, uma pessoa que mal consegue pagar o aluguel, cuja incapacidade de falar a isola da maior parte da sociedade e que por acaso tem um homem anfíbio ultrassecreto em sua banheiro?

Elisa abre os olhos e se vira na direção norte. Não resta dúvida: aquele é um dia cinza e agourento. A prova disso está no letreiro distante de luzes do Arcade, que o sr. Arzounian não acende a menos que esteja escuro o suficiente para justificar tal despesa. O estômago de Elisa se embrulha. Ela pode ver o cinema dali, o que significa que a criatura está perto do rio. Essa proximidade a incomoda. Ela pega o carrinho, faz a volta e segue para casa o mais depressa possível.

Elisa encontra Giles dormindo, sentado na tampa do vaso sanitário, roncando um pouco, as mãos sujas de carvão. Sem fazer barulho, para não acordá-lo, ela se abaixa no tapete puído, cruza os braços sobre a borda da banheira e aninha o queixo em cima deles. Ela observa os olhos da criatura, ainda brilhantes embaixo d'água, e ouve o borbulhar suave de sua respiração. O ser pisca — um cumprimento. Elisa estende o braço e desliza o indicador pela água até encostar nas costas da mão dele. De maneira inesperada, ele gira a mão de modo a tocar a palma dela, o dedo da moça como o caule de uma flor enorme, orvalhada e desabrochando. Então a servente presta atenção para ouvir a própria respiração, mas não escuta nada. Os dois falam com as mãos. Mas isso? Isso é um *toque*. Elisa imagina a mulher no ônibus, como ela se sentava rígida, sem tocar ninguém. Uma ausência de medo, percebe Elisa, pode ser confundida com felicidade, mas não é a mesma coisa. Nem de perto.

O HOMEM ASSISTE ao mundo em retrocesso acelerado. É mais rápido, desprovido de alma, uma faca raspando as escamas de um peixe até que toda a iridescência desapareça. Pausa. Ele gosta do ruído carnoso de fita magnética esticada e estalando. Dá play. Corredores infinitos, todos idênticos, clones de jaleco flutuando por eles como plaquetas. Isola um suspeito. Rebobina, rebobina. Dissecar a fita em segundos, meios segundos, quartos de segundo. Homens não são mais homens; são formas abstratas que você pode estudar do mesmo modo que um eremita estuda as escrituras. A sombra no bolso daquele cientista pode ser o segredo de toda a vida. O sorriso turvo do rosto congelado pode ser o crânio do demônio. Dezesseis câmeras. Pistas infinitas. Rebobina, pausa, dá play. Esse corredor, aquele. Não há saída. Todos os caminhos levam àquele lugar, àquele escritório. Ele não está mais perto da verdade. Nem mais longe. Está parado.

Os olhos de Strickland parecem salsichas podres prestes a estourar. Ele trouxe tanta bala verde da floresta, quando na verdade devia ter trazido frascos de buchitê. Algumas gotas, e ele veria tudo que as fitas estavam escondendo. Strickland já nem sabia há quantas horas estava naquilo. Levou apenas uma hora para dominar o aparelho de reprodução de imagens. Rifle M1 Garand, Cadillac Coupe de Ville, sistema de gravação de vídeo — as entranhas daquelas coisas eram todas iguais. Bastava botar a mão nelas para torná-las parte de você. Ele parou de sentir os botões e seletores por volta do meio-dia. No momento, parece que consegue controlar as fitas com a mente. *Esse é o segredo*, pensa Strickland. Deixar que as imagens corram feito água, mergulhar as mãos nelas e pegar um peixe.

E lá está. Assim, do nada. Câmera sete. Plataforma de carga. Os primeiros segundos da fita antes do apagão. A câmera, ela se move para cima? Alguns centímetros que fazem toda a diferença? O militar mexe no controle. Antes, depois, antes, depois.

Ele se levanta. Pode jurar que o corredor está mais claro. Ele protege os olhos com a mão — quem se importa se os PMs acharem que enlouqueceu? — e passa pela F-1 a caminho da plataforma de carga, a mesma rota da criatura roubada. Empurra as portas duplas e abaixa a mão. Não há sol. É noite. Perdeu a noção do tempo outra vez. A rampa está vazia, exceto por poças de óleo. Ele dá meia-volta. Olha para a câmera sete. Em seguida, olha para baixo dela.

Há quatro pessoas ali paradas, os rostos deformados pelo choque. Cada uma segura um cigarro. Estão de uniforme, têm posturas

horríveis e tonalidades diferentes de pele. O traço comum entre elas é a preguiça. Ele passou todo o tempo desde o roubo do recurso trabalhando duro no escritório, e aquela gente não aguenta cinco minutos sem fazer um intervalo, e logo ali, onde é contra o regulamento? Porém, Strickland precisa de informação. O homem experimenta um sorriso duro e falso.

— Vocês estão tirando uma folga para fumar, hein?

Será que Fleming só contrata mudos? Não, ele decide. Aqueles funcionários estão apenas aterrorizados.

— Não se preocupem, isso não é um problema. — Ele estende o sorriso falso e sente os lábios começarem a rachar. — Que inferno, eu até me juntaria a vocês. Também não devia fumar lá dentro, mas é claro que faço isso mesmo assim. — Os serventes olham para suas cinzas alongadas não batidas. — Mas me contem uma coisa. Como levantam a câmera para não serem pegos?

Há nomes costurados nos uniformes, como placas de identificação em coleiras.

— Yo-lan-da — diz ele, lendo. — Pode me contar, querida. Só estou curioso.

Cabelo castanho-escuro. Pele marrom-clara. Olhos pretos. O tipo de lábios finos que gostam de falar demais. Mas não na frente do chefe. A mulher sabe seu lugar. Strickland deixa que o sorriso falso derreta um pouco. Funciona. Ele sente o cheiro do suor sob o aroma de alvejante. Ela afasta o olhar dos colegas limpadores de privada que deve pensar estar traindo e gesticula para um objeto atrás deles. Não é um dispositivo sofisticado como o que explodiu os fusíveis. É uma vassoura. A porra de uma vassoura.

A mente de Strickland é o gravador de vídeo. Ela avança, pausa, reproduz a imagem, rebobina, pausa de novo. Ele está se aproximando de um frame que faz toda a diferença.

— Digam. — Ele deseja parecer sociável e não consegue, mas não dá a mínima. — Algum de vocês já viu o dr. Hoffstetler por aqui?

OS PRIMEIROS PASSOS de Zelda ao descer do ônibus diante da Occam são vacilantes. Seu pescoço dói de tanto olhar em volta à procura de uma onda de PMs de capacete surgindo para levá-la, os tornozelos estão bambos, antecipando o momento em que ela será derrubada no chão e algemada. Ela ficou pensando nisso o dia inteiro. Ir trabalhar? Faltar e dizer que está doente? Desaparecer para sempre? Zelda chegou a ceder e contou a Brewster, com certos fatos um pouco alterados para se tornarem críveis, uma meia verdade em relação ao furto de Elisa de algo de valor indefinido do qual Zelda tinha tomado parte sem querer. O marido foi firme em sua opinião: entregue-a. Porque o outro resultado possível era Zelda levar a culpa.

Ela vê Elisa a sua frente na calçada e sente um tremor de alívio. É um bom sinal. A amiga podia ter desaparecido, deixado a cidade, abandonado Zelda a quaisquer perguntas que pudessem surgir. Mas não: Elisa está bem ali e na hora certa, caminhando com sapatos bonitos pela calçada iluminada pelo luar até o saguão da entrada. A mulher a segue a curta distância, procurando pistas do que Brewster falou, tentativas de Elisa de chamar a atenção de um supervisor, esse tipo de coisa. Mais uma vez, não vê nada disso. Elisa entra no vestiário. Zelda fica sem escolha além de segui-la e sentar a seu lado no banco. Por algum tempo, as duas não olham uma para a outra, mas Zelda pode sentir o carrinho, o da rodinha que range, entre elas, pesado com sua carga de outro mundo.

De uniforme, Elisa vai até o depósito e começa a colocar as coisas em seu carrinho. Zelda vai atrás dela e faz o mesmo no próprio carrinho. A mulher observa a mão de Elisa pegar um rolo de sacos de lixo. Zelda repete o gesto. Ela, então, ergue uma garrafa de limpa-vidros, e no segundo em que a larga, Elisa a pega. As mulheres se movem em dois tempos separados, mas estão se aproximando aos poucos da sincronia. Quando Zelda põe a mão em uma escova nova para substituir a que usou até gastar e ficar lisa feito uma raquete, a mão de Elisa se estende rápido e pega o mesmo cabo.

Zelda conhece o carrinho de Elisa tão bem quanto o próprio. A garota nunca usa sua escova de mão e sem dúvida não precisa de outra. Os dedos dela se sobrepõem aos de Zelda. Alguns dedos marrons, outros brancos, mas, de todas as outras formas, iguais: calejados de tanto esfregar, com sujeira sob as unhas, descoloridos devido a produtos de limpeza corrosivos e emergindo de punhos encardidos de uniformes da Occam. Zelda suspira, mas segura o choro,

não importa a toxidade da nuvem química do ambiente.

É um perdão silencioso e invisível. Há outras pessoas no vestiário. Fora dele, há Fleming e Strickland e, por toda parte, câmeras e PMs. O único abraço que Zelda ousa aceitar é o aperto infinitesimal dos dedos de Elisa entre os dela. Nós de dedos contra nós de dedos antes que a mão da outra desista da escova e empurre o carrinho para fora dali. Zelda permanece, fecha os olhos e inala os vapores. O pequeno aperto de dedos é o abraço de corpo inteiro que ela esperou por semanas; são as lágrimas quentes em um pescoço que conforta; é reconhecimento, apreço, desculpas, admiração. *Nós vamos sobreviver a isso*, diz o aperto. *Juntas, você e eu vamos conseguir sair dessa.*

NÓS ACORDAMOS /// o sol se foi está longe só sóis falsos aqui sóis falsos foi tudo que sentimos por muitos ciclos não gostamos de sóis falsos sóis falsos nos deixam cansados mas a mulher fica cega sem sóis falsos e por isso tentamos gostar deles por ela por ela por ela a água nessa caverna é pequena mas começamos a curar e é melhor água que a última água nenhuma água deve provocar dor água não deve ficar parada água não deve ser suave água não deve ser vazia água não deve ter forma não há forma para a água /// nesta caverna há apenas mulher e homem e comida mas é bom sentir fome nós não sentimos fome forte desde o rio desde o capim desde a lama desde as árvores desde o sol desde a lua desde a chuva fome é vida e por isso acordamos e os sóis falsos se aproximam o homem não escondeu os sóis falsos quando foi embora nós sentimos falta do homem o homem é bom ele senta perto da água pequena e usa pedra preta para fazer pequenos gêmeos de nós muito tempo atrás povos do rio faziam pequenos gêmeos de gravetos e folhas e flores e gêmeos são bons gêmeos nos tornam eternos e agora o povo do rio desapareceu e estamos tristes mas o homem é bom e faz gêmeos o dia inteiro e isso nos traz mais força mais fome /// a mulher plantou árvores nessa caverna e luz dos sóis de verdade vem das cavernas lá fora e agora tocamos nas plantas e elas nos tocam e elas estão felizes e nós amamos as árvores e a mulher plantou outras árvores nas paredes pequenas árvores achatadas que não cheiram como árvores e não estão felizes não estão vivas mas a mulher as plantou e vamos amar essas pequenas árvores infelizes por ela por ela por ela /// movimento livre sem cipós de metal nos segurando faz muitos ciclos desde que nós nos movemos com liberdade e esta caverna pequena vira uma caverna maior e há o homem que ergue os gêmeos que faz de nós seus olhos estão fechados mas ele respira em padrões de vida e faz sons de sono e isso é bom e nós estamos com fome mas não vamos comer o homem porque o homem é bom /// sentimos o cheiro da mulher o cheiro é forte e há outra caverna a caverna dela e nós vamos até lá e a mulher não está lá mas seus cheiros estão vivos sua pele seu cabelo seus líquidos seu ar o cheiro mais forte são suas nadadeiras na parede tantas nadadeiras coloridas nós amamos suas nadadeiras e ficamos preocupados que ela tenha perdido as nadadeiras mas não há cheiro de sangue nem cheiro de dor nem cheiro de medo e nós estamos confusos /// fome e passamos pelo homem e vamos ao lugar dos cheiros que é liso e alto e branco e tentamos levantar mas é pesado tentamos abrir mas não há

buraco e empurramos e puxamos e ele se abre e os cheiros os cheiros os cheiros é uma pequena caverna de cheiros uma caverna com seus próprios sóis falsos e pegamos uma pedra mas não é uma pedra nós apertamos e ela quebra e é leite e leite cai e nós seguramos firme e bebemos e é bom e mastigamos a pedra e não é bom nós a rejeitamos e pegamos outra pedra e a abrimos e são ovos tantos ovos que ficamos felizes e comemos os ovos eles não são ovos sólidos como a mulher nos dá eles são ovos líquidos mas são bons e as cascas são boas de mastigar /// nós comemos comida boa muita comida boa e o homem faz sons felizes de sono e nós estamos felizes e há outra coisa lisa e branca e alta e achamos que ela guarda mais comida e empurramos e puxamos do mesmo jeito e ela se abre mas não tem comida ali é uma passagem e da passagem vêm cheiros diferentes cheiros do lado de fora e sons de aves e sons de insetos e nós não queremos perder a mulher quando ela voltar mas somos exploradores é nossa natureza explorar e estamos alimentados e mais fortes e faz muitos ciclos desde que nós exploramos e por isso nós vamos

O TELEFONE VERMELHO. Ele não para de tocar. Não vai atendê-lo. Não pode. Não até ter a situação sob controle. Por cinco minutos ele vai tocar. Trinta minutos vão se passar; se tiver sorte, uma hora. Então vai tocar outra vez. Ele precisa se concentrar. Hoffstetler. O vermelho trotskista. O cientista olha para o telefone como se nunca tivesse visto essa cor antes, como se não fosse o mesmo vermelho da bandeira de seu país. Strickland folheia os papéis que Hoffstetler lhe entregou. Uma atuação, só para fazer o homem de jaleco suar. Ele não leu nada além da primeira frase. Não consegue sentir os papéis com os dedos mortos. Não se importa, não mais. Papel é para homens, não deuses da selva.

— Você precisa atender? — pergunta Hoffstetler. — Se quiser, posso voltar depois...

— Não vá a lugar algum, Bob.

O telefone continua tocando. Os macacos abriram caminho até o som exprimido pelo aparelho, uivando suas instruções. Strickland arruma os papéis e sorri. Hoffstetler evita encará-lo, olha ao redor, aponta com a cabeça para os monitores. Metade está viva; a outra, pausada desde o dia anterior. Strickland se sente do mesmo modo, meio vivo e meio morto, desesperado para encontrar o deus Brânquia mesmo enquanto suas veias estão sendo preenchidas com cipós grossos.

— Como está a investigação? — pergunta Hoffstetler.

— Bem. Muito bem. Temos uma pista, uma pista promissora.

— Ah, isso é... — Hoffstetler ajusta os óculos. — Isso é maravilhoso.

— Está se sentindo mal, Bob? Parece um pouco pálido.

— Não. Não mesmo. Talvez seja esse tempo nublado.

— É mesmo? Vindo da Rússia, pensei que um tempo assim lhe daria a sensação de estar em casa.

O telefone, os macacos, continua a tocar.

— Não sei. Não vou lá desde menino, é claro.

— Você veio até nós de onde, mesmo?

— Wisconsin.

— E antes disso?

— Boston. Harvard.

— E antes disso?

— Tem certeza de que não quer atender o...

— Ithaca, não foi? E Durham. Tenho uma boa memória, Bob.

— É. É mesmo.

— Impressionante. E estou falando sério. Outra coisa que lembro ter visto em seu arquivo é que você teve um emprego de professor titular. As pessoas trabalham duro por esse cargo, não é verdade?

— Acho que trabalham, sim.

— E você abriu mão disso tudo por nós?

— Abri, sim.

— É impressionante, Bob. Faz com que um homem em minha posição se sinta bem.

Strickland estala o papel que tem em mãos e Hoffstetler dá um pulo na cadeira.

— Acho que foi isso que me pegou de surpresa — diz o militar. — Todas essas honras das quais você abriu mão para se juntar a esse pequeno projeto. E agora está de partida?

O telefone vermelho para de tocar. A vibração da campainha continua por mais doze segundos. Strickland os conta enquanto observa a reação de Hoffstetler. O cientista de fato parece estar se sentindo mal. No entanto, todos na Occam estão assim nos últimos dias. Ele precisa de uma prova melhor. Se botar a culpa daquilo no célebre cientista e estiver errado, o telefone vermelho só vai tocar mais alto. Ele respira pelo nariz, sente-o queimar com o calor da selva. Energizado, estuda os olhos de Hoffstetler. Esquivos, mas sempre foram assim. O homem está suado, mas metade desses intelectuais desmaia diante de um PM.

— Pretendo voltar a meus estudos.

— Ah, é? De que tipo?

— Ainda não decidi. Sempre há mais coisas a aprender. Acho que estou pensando em organismos multicelulares na árvore taxonômica. Talvez possa seguir meus interesses por acontecimentos aleatórios, eventuais e não deterministas. E acredito que nunca vou me cansar de astrobiologia.

— Quantas palavras difíceis, Bob. Ei, que tal me ensinar alguma coisa? Essa última, astro-não-sei-o-quê.

— Bom... o que gostaria de saber?

— Você é o professor. Primeiro dia de aula, a turma toda está olhando para você. O que diz aos alunos?

— Eu... costumava ensinar uma música para eles, se quer saber a verdade.

— Eu quero. Quero saber a verdade. Nunca achei que você fosse cantor, Bob.

— É só uma musiquinha... Uma canção infantil...

— Não vou deixá-lo sair daqui sem ouvir isso.

Agora Hoffstetler está suando em bicas. E Strickland está sorrindo de verdade. Ele põe a mão sobre a boca para garantir que gritos delirantes de macacos não comecem a ecoar de sua garganta.

Hoffstetler tenta rir para evitar a canção, mas o militar não altera o sorriso de expectativa. O cientista se encolhe e encara as próprias mãos no colo. Os segundos que se passam só tornam aquilo mais doloroso. Os dois sabem disso. O russo pigarreia e, para alegria de Strickland, começa a cantar.

— *A cor de uma estrela, não é conjectura, deve-se sobretudo a sua temperatura.*

É um canto desafinado que entrega, mais que o normal, o sotaque do homem. Hoffstetler sabe disso também, com toda a certeza, e engole em seco. Strickland bate palmas, seus dedos mortos se agitando feito plástico.

— Lindo, Bob. No entanto, se não se importa de eu perguntar, qual é o objetivo disso?

Hoffstetler se lança para a frente, rápido o bastante para matar. Strickland leva um susto, vai para trás na cadeira e tenta pegar o facão, se é mesmo isso o que está guardado sob sua mesa. Ele xinga a si próprio. Nunca, nunca subestime uma presa encurralada. A arma, porém, não é necessária. Ainda não. O biólogo se senta na beira da cadeira, mas não passa daí. Sua voz está trêmula. Não é de medo, entretanto. A humilhação produziu raiva, e ela é afiada como as rochas de um penhasco.

— O objetivo é mostrar que é verdade — diz Hoffstetler bruscamente. — Somos feitos de poeira de estrelas, sr. Strickland. Oxigênio, hidrogênio, carbono, nitrogênio e cálcio. Se, atendendo a pedidos de algumas pessoas, nossos países dispararem ogivas um contra o outro, vamos voltar a ser poeira de estrelas. Todos nós. E de que cor serão nossas estrelas? Essa é a pergunta. Uma pergunta que pode fazer a si mesmo.

O diálogo amistoso termina. Os dois homens se encaram.

— Sua última semana — diz Strickland, devagar. — Sentirei sua falta, Bob.

Hoffstetler fica de pé. Seus joelhos estão tremendo. Pelo menos isso.

— Se houver alguma mudança, é claro, retornarei na mesma hora.

— Você acha que vai acontecer? Uma mudança?

— Não tenho ideia. Você mencionou uma pista.

Strickland sorri.

— É verdade.

Hoffstetler nem saiu de sua vista quando o telefone vermelho começa a tocar de novo. Gritos de macacos, dessa vez acusatórios. Strickland bate o punho direito na mesa com força o bastante para fazer o aparelho tremer. Dói. No entanto, também é satisfatório, como esmagar besouros longicórneos, formigas tocandiras, tarântulas, todas essas pragas amazônicas. Quando volta a socar a mesa, ele escolhe a mão esquerda. Há menos dedos para machucar ali. Ele mal sente a

pancada. Strickland soca, soca e soca, e acredita sentir um estalo em um dos dedos, outro dos pontos negros se soltando. Como as suturas no deus Brânquia. Quem está desmoronando mais rápido? Quem vai sobreviver ao outro?

Ele pega o telefone, não o vermelho, e disca o ramal de Fleming. O homem pode ser o menino de recados do general Hoyt, mas também está sob o comando de Strickland. Ele atende ao primeiro toque. O militar escuta o barulho de uma prancheta caindo.

— Quando o dr. Hoffstetler sair hoje — diz Strickland —, quero que você o siga.

LUZ SURGE ATRAVÉS da madeira no chão como animais brincalhões muitas cores boas cor de pássaro cor de cobra cor de besouro cor de abelha cor de boto e tentamos pegá-las mas é só luz e o som também a mulher chama de música é diferente da nossa música mas nós amamos e brilhamos nosso amor e seguimos a luz e a música pela passagem até vermos outro objeto liso e alto e branco e empurramos e puxamos e entramos e é uma caverna que cheira ao homem bom sua pele seu cabelo seus líquidos seu hálito sua doença há doença ela é leve e o homem ainda não pode senti-la nem cheirá-la e isso nos deixa tristes mas também há cheiros bons a pedra preta que o homem usa para fazer nossos gêmeos pequenos nós podemos ver os gêmeos pequenos por toda a caverna são tantos gêmeos e nós tocamos nossos gêmeos e nossas garras mancham o preto e lambemos o preto e o preto não tem gosto bom e tem um crânio de homem e em cima dele cabelo falso tão falso quanto os sóis falsos e isso nos faz nos sentir sozinhos em nosso rio há muitos crânios a morte está por toda parte e é bom é bom conhecer a morte assim dá para conhecer a vida /// aqui há um cheiro melhor o cheiro de comida a melhor comida comida viva e nós sentimos os animais na caverna todos os animais são nossos amigos e eles saem dos esconderijos com orelhas pontudas e bigodes e caudas longas e seus olhos brilham como os nossos eles fazem uma medida para nós se oferecendo eles são belos nós os amamos aceitamos o sacrifício e pegamos um e apertamos de modo que não há dor e comemos nosso amigo e é bom é sangue pelos tendões músculo sangue coração amor e comemos e ficamos mais fortes e sentimos o rio outra vez todos os deuses o deus de penas o deus de escamas o deus de concha o deus de presas o deus de garras o deus de pinças o deus de árvores todos nós parte do nó não há você não há eu há apenas nós nós nós nós nós /// um barulho um barulho ruim um estrondo como do homem mau e seu bastão de dor o bastão de raio e nós chamamos e viramos e atacamos e o homem mau faz um som de dor mas nós cometemos um erro não é o homem mau é o homem bom o homem bom voltou para sua caverna nos encontrou comendo seu amigo de orelhas pontudas bigodes e rabo comprido e nós estamos arrependidos mudamos para cor de desculpas para cheiro de desculpas para líquidos de desculpas para postura de desculpas nós não queríamos atacar nós não somos inimigos somos amigos amigos amigos e o homem bom sorri para nós mas seu cheiro fica ruim e o homem bom levanta o braço e olha para o braço e sai sangue muito sangue e o sangue cai

como chuva

UM LÍDER DE projeto desfruta do acesso a todas as salas da Occam com a exceção de uma, e ali está Hoffstetler: o vestiário feminino. Não há, *Slava Bogu*, câmeras ali; ele passou a considerá-las gárgulas batendo suas asas nos cantos mais altos para relatar seus movimentos. Ficar parado perto da porta do vestiário o teria marcado como um perverso — algo aceitável naqueles últimos dias, mas que poderia levar a outros interrogatórios —, por isso o homem entrou às escondidas, examinou um velho chuveiro cheio de suprimentos e se escondeu atrás de uma torre de detergente industrial.

Uma sirene marca o fim do turno da noite. O cientista escuta a entrada fatigada do quarteto de mulheres do turno da madrugada. Sente-se zozinho. Deve ser o fedor de amônia. A menos que seja pânico. O restante da semana, repete a si mesmo, é tudo que precisa durar. Sua primeira e, ele espera, última mentira a Mihalkov foi que a seringa tinha funcionado, e que o Devoniano estava morto. O espião o recompensou com detalhes: na sexta-feira, o telefone de Hoffstetler vai tocar duas vezes, e ele deve seguir para o lugar de sempre, onde o Bisão vai levá-lo para um navio, que vai levá-lo para casa, para Minsk, para seus pais que estão a sua espera. Mihalkov até fez muitos elogios a Hoffstetler por seus anos destemidos de serviço. Ele o chamou de Dmitri.

O biólogo tira os óculos e esfrega os globos oculares que ardem devido aos vapores químicos. Ele vai desmaiar? Tenta se concentrar nos sons do vestiário. Hoffstetler é um catalogador por natureza e ofício, mas pouco sabe sobre a classificação de ruídos femininos. Os farfalhares sedosos. Os murmúrios alegres. Os tilintares delicados. Uma categoria de evidências que ele nunca conheceu, mas que talvez venha a conhecer, se conseguir sobreviver até sexta-feira.

— Ei, Esposito. — A voz da mulher tem sotaque latino e é tão dura quanto a sirene que indica o fim dos turnos. — Você contou àquele homem que a gente fuma lá fora? — Uma pausa para a resposta sinalizada ou gesticulada por Elisa. — Você sabe que homem. O que fica olhando para você toda hora. — Pausa. — Bom, alguém disse a ele que nós mexemos na câmera. E a única pessoa entre nós que não fuma é você. — Pausa. — Você sempre age toda inocente. Mas não é. Fique esperta, Esposito. Ou vou cuidar de você, *entiendes?*

Ele ouve passos se distanciando, seguidos por murmúrios de simpatia — Hoffstetler acredita que vêm da mulher chamada Zelda. Ele prende a respiração contra os vapores, espera por sons de Zelda

deixando Elisa sozinha. Em vez disso, escuta um trovejar no andar de cima, no saguão, o turno do dia começando. Não há tempo. O homem sai engatinhando pelas lajotas úmidas. Ele espia por um canto. Elisa está sentada no banco. Zelda está de pé ao lado dela, penteando o cabelo em um espelho em seu armário. Ele precisa aproveitar a oportunidade. Acena para chamar a atenção da servente muda.

A cabeça dela gira na direção do cientista. Ela está vestida, mas se cobre por reflexo, recuando uma perna, pronta para desferir um chute. A mulher usa sapatos de elegância impressionante — de cetim verde-escuro —, com saltos que fazem muito barulho sobre o piso. Zelda se vira e, ao ver Hoffstetler, seu peito se expande para dar um grito, mas Elisa segura a blusa da amiga e salta do banco, arrastando-a atrás de si para a luz baça do chuveiro, sinalizando loucamente com a mão livre, sem dúvida cheia de perguntas. Hoffstetler ergue as próprias mãos, suplicando por um momento.

— Onde ele está? — sussurra o cientista.

— Eles pegaram a gente — diz Zelda, assustada. — Elisa, eles nos...

Elisa sinaliza para Zelda, algo que faz com que a mulher se cale. Em seguida, sinaliza para Hoffstetler, gesticulando para que a amiga traduza.

Zelda encara Hoffstetler com desconfiança antes de dizer:

— Em casa.

— Você precisa se livrar dele. Agora mesmo.

Elisa sinaliza. Zelda traduz.

— Por quê?

— Strickland. Ele está perto de descobrir. Não posso garantir o que vou contar se ele usar... Ele tem aquele bastão...

Hoffstetler não precisa entender a linguagem de sinais para compreender o pânico de Elisa.

— Escute — sussurra ele. — Você pode levá-lo até o rio?

A emoção se esvai do rosto dela. Elisa abaixa a cabeça até encarar os sapatos luxuosos ou talvez o mofo do piso que aparece entre eles. Após um momento, suas mãos se erguem, devagar, como se presas a pesos, e ela sinaliza com uma relutância triste. Zelda traduz cada movimento.

— As docas. Elas se abrem para o mar. Aos dez metros.

Zelda olha para Hoffstetler com expressão suplicante; ela não sabe o significado daquelas palavras, mas o cientista, sim. A servente de aparência frágil e engenhosidade incalculável deve viver perto o suficiente do rio para levar o Devoniano até algum tipo de cais. Contudo, isso não é bom o bastante. Se a seca da primavera persistir, a criatura vai ficar presa ali, um peixe se debatendo em uma situação tão ruim quanto estar acorrentado a uma das estacas de Strickland.

— Não tem nada que possa ser feito? — suplica ele. — Aquele

furgão... Você o levou em um furgão... Conseguiria chegar ao mar...

Ela balança a cabeça em uma recusa infantil, os cílios grossos com lágrimas, rosto e pescoço manchados de vermelho exceto pelos dois queloides das cicatrizes que preservam um rosa suave e delicado. Hoffstetler quer segurá-la pelo vestido e sacudi-la, agitar o cérebro dentro do crânio da mulher, até que o egoísmo seja extirpado dela. Porém, não dá tempo: um telefone toca e é atendido; em seguida, a mulher raivosa com o sotaque latino grita e sua voz reverbera pelas superfícies do vestiário:

— Uma ligação para Elisa? Essa é a coisa mais idiota que já ouvi. Como diabos ela vai conseguir atender ao telefone?

— *Quem é nesse telefone, Yolanda?*

O som da fala é alto o suficiente para arrancar o russo de seu poço de consternação. Ele vem de Zelda, que Hoffstetler sempre julgou ter medo demais de perder o emprego ou coisa pior. Com a situação dos três mais assustadora que nunca, essa defesa repentina e digna de uma leoa dá ao cientista um presente diminuto e precioso, mais fino que uma membrana celular e menor que uma partícula subatômica: esperança.

Os olhos castanhos de Zelda fervem com um alerta para o cientista, e então ela pega Elisa pelo braço e a arrasta dali. O homem não tem escolha além de se afastar e se esconder, sabendo que vai ter que escapar do vestiário antes de as funcionárias do turno da manhã começarem a entrar no local, sabendo que ainda terá que aguentar mais três dias daquela pressão, sabendo que não vai conseguir dormir naquela noite tendo em vista a falta de comprometimento de Elisa com a única solução possível. É bem provável que ele nunca mais volte a dormir. Hoffstetler se agacha atrás das garrafas de fluido de limpeza enquanto os últimos grasnados de Yolanda ecoam.

— Eu sou servente, Zelda, não telefonista. Jerry? Jeremy? Giles? Como vou saber?

CADA UMA DAS milhares de vezes que Elisa viu o apartamento de Giles, ele era um mundo de tons castanhos e cinzentos. Agora está vermelho-vivo. Sangue no chão. Na parede. A impressão sangrenta da mão de alguém na geladeira. Elisa entrou depressa demais para desviar do líquido e agora assiste sem poder fazer nada a seus sapatos verdes deixarem um rastro rubro pelo tapete e pelo linóleo. Ela se agarra à prancheta de desenho dele para se apoiar e derruba dois gatos. Obriga a si mesma a estudar o sangue, tenta determinar a que direção ele leva. Contudo, o sangue leva a todas as direções.

Inclusive porta afora. A mulher corre naquela direção e vê um fio de sangue conectando a porta de Giles à dela. A servente entra apressada em seu apartamento, e lá está ele, deitado no sofá. Elisa corre até seu lado, os joelhos dela aterrissam entre esboços a carvão destacados com sangue vermelho. O rosto do homem está pálido; ele pisca em câmera lenta, seu corpo treme. O braço esquerdo está enrolado, muito mal, em uma toalha de banho azul encharcada de roxo. Ela olha para o banheiro.

— Ele não está aqui — diz Giles com a voz rouca.

Elisa segura o rosto do amigo entre as mãos. Giles está quente, não frio. Ela o questiona com os olhos, e o pintor responde com um sorriso débil.

— Ele estava com fome. Eu o assustei. É uma criatura selvagem. Não podemos esperar que aja de maneira diferente.

Se vai fazer isso, diz Elisa a si mesma, é melhor que seja logo. Ela pega a toalha e a desenrola do braço dele. Do punho ao cotovelo há um corte tão fino quanto uma teia de aranha que apenas a garra curva da criatura poderia ter aberto. O ferimento é profundo, ainda está sangrando, mas não jorra sangue, e Elisa corre até o quarto, tira um lençol limpo de uma prateleira, volta e começa a enrolar o antebraço de Giles. É como um redemoinho de tecido envolvendo o braço em espuma do mar — mesmo aqui, mesmo agora, ela não consegue parar de ver água. O homem faz uma expressão de dor, mas seu sorriso permanece como uma máscara barata. Ele leva a palma quente e úmida da mão ao rosto dela.

— Não se preocupe comigo, querida. Encontre-o. Ele não pode estar longe.

A mulher não sabe mais o que fazer. Ela vai até o corredor e fecha a porta às costas. É difícil ver qualquer coisa além dos traços de sangue, mas ela se esforça e encontra uma mancha vermelha seguindo um

caminho diferente na direção das escadas de incêndio. Impossível, pensa. A criatura ficaria apavorada demais. Então, fanfarras ecoam do cinema abaixo, e aquela música não é muito diferente dos discos que ela tocava na F-1. Elisa desce os degraus de metal tão rápido que sente a vertigem de um elevador despencando, depois segue aos tropeços pelo beco e pela calçada do Arcade, que tem uma corda de veludo, e fica atordoada com o brilho dos letreiros.

Sob essa luz, as manchas de sangue, agora poucas, destacam-se como joias. Elas levam ao interior do cinema. Elisa observa a bilheteria. O sr. Arzounian está no guichê, mas ele boceja, lutando contra o sono, e a mulher não vacila. Olha para os pés, para seus sapatos de boneca verde-esmeralda com saltos largos e fivelas grandes, ótimos para dançar, e diz a si mesma que é Bojangles com o volume da TV abaixado, e passa dançando por Arzounian como já passou dançando por tantos homens distraídos da Occam.

O carpete desgastado cede lugar ao piso com motivos navajo do chão de mosaico. Elisa estica o pescoço na direção da cúpula empoeirada e coberta de murais que, segundo o sr. Arzounian, já recebeu celebridades, políticos e gigantes da indústria nos anos 1940 e 1950, época em que o Arcade era importante, antes que os escritórios do andar de cima fossem sacrificados para dar lugar a dois apartamentos baratos. A idade e a falta de cuidado com algo não significam que essa coisa não possa ser bonita; a mulher acredita nisso de todo o coração. O saguão, porém, é claro demais, e Elisa sabe que a criatura vai buscar escuridão.

Mesmo com a luz fulgurante do filme, ela não consegue ver nenhuma nuca nos mil e duzentos assentos do cinema. Não importa: a tela, os camarotes e as constelações de luzes no teto dão ao teatro o aspecto majestoso de uma basílica. E Elisa não havia adorado fervorosamente aquele local quando criança? Foi ali que encontrou a matéria-prima para construir uma bela vida de fantasia, e é ali, se tiver sorte, onde poderá resgatar o que resta dela.

É com uma curvatura humilde que Elisa desce o corredor. Esses são os últimos dias de *A história de Rute*, o épico bíblico sobre o qual ela nada sabe além de seu diálogo mais alto e toda entrada de música. Entre olhadelas para a direita e para a esquerda das fileiras sombreadas de poltronas, Elisa passa os olhos pela tela, onde um bando de homens suados quebra rochas em uma pedreira sob o olhar esbugalhado de uma gigantesca estátua pagã. Então esse é Quemós, o nome que ela ouviu com tanta frequência ecoando através do chão. Se a criatura de Elisa também é um deus, então é um deus bem menos assustador.

Ela está acalentando pesadelos dele caminhando a esmo por Baltimore quando nota uma forma escura se movendo entre a primeira

e a segunda fileiras. Ela se abaixa sob os raios do projetor. Lá está ele, joelhos contra o peito arquejante, os braços em torno da cabeça. Elisa corre até o ser, abandonando a discrição, com os saltos batendo, e a criatura sibila, um alerta duro que a mulher não ouvia desde a primeira vez em que se aproximou com o ovo. É um barulho feroz, e ela para. O medo congela seu corpo. Elisa não é mais corajosa que os incontáveis animais que uma vez expuseram suas barrigas para aquele ser superior.

Gritos de dor ecoam e, como as gravações de campo da selva, soam de alto-falantes, efeitos sonoros de homens sendo açoitados enquanto tentam mover o ídolo de pedra. A criatura envolve a cabeça nas mãos como se estivesse tentando esmagar o próprio crânio. Elisa se ajoelha e rasteja pelo chão pegajoso. As cores cascadeantes da luz produzem caleidoscópios nos olhos do ser, e ele recua, arfando.

Um estrondo ensurdecedor, e Elisa não consegue deixar de olhar: Quemós caiu, ferindo um escravo aos berros. A criatura responde com um ganido e um tremor caninos compassivos. Talvez com medo de ter causado aquela dor na tela, ele para de recuar e estende as mãos para Elisa. A mulher desliza pelo chão e o envolve nos braços. Ele está frio. Está seco. Suas guelras adejam contra o pescoço dela, ásperas como lixa. Trinta minutos, alertara Hoffstetler, era o máximo que ele podia ficar fora d'água. Há uma saída de emergência, que dá direto no beco. Ela vai retirá-lo dali, subir as escadas e levá-lo de volta à segurança. Elisa só quer mais alguns segundos abraçando aquele ser belo e triste que, nesse mundo, nunca vai estar seguro.

SUAS MÃOS DOEM de sinalizar “hospital”. Entretanto, Giles não vai, e ela entende por quê. Médicos conseguem reconhecer ferimentos de garras ao vê-los, e há protocolos em relação ao controle de animais: visitas ao sr. Arzounian, buscas nos apartamentos do Arcade para garantir que ninguém esteja abrigando uma fera perigosa. Elisa, porém, está, e tanto ela quanto o amigo sabem o que o governo local faz com feras perigosas: levam-nas para longe de seus despreparados mestres e as sacrificam.

Então ela concordou com a decisão de Giles e forneceu a ele um tratamento improvisado com iodo e ataduras. Ele fez piadas o tempo todo, seu jeito de deixar claro que não estava aborrecido, mas isso pouco fez para acalmá-la. Um dos gatos dele foi devorado. E um ferimento que desenvolveria sabe lá Deus que tipo de infecção. Giles é velho e um pouco franzino. Se algo acontecer a ele, será culpa dela — dela e do coração que não consegue conter. Desse modo, seu coração também é um animal selvagem, uma segunda coisa viva para ser trancafiada se o controle de animais batesse à porta.

Elisa está ajudando Giles, assegurando-se que ele tome tanto a sopa quanto a água que ela serviu, quando os dois escutam água respingando na banheira. Eles olham um para o outro. Uma coisa que ambos aprenderam é que o ser pode se mover para dentro, para fora e pela água sem fazer barulho algum. Assim, aquilo significa que a criatura os está alertando, de propósito, que se levantou. A mão de Giles se aperta em volta da colher como uma faca, e isso parte o coração da mulher. Todo mundo está mudando, e não para melhor.

Leva um minuto inteiro para que o ser saia do banheiro. Ele caminha devagar, com o rosto voltado para o chão, as guelras lisas e submissas, as garras letais escondidas atrás das coxas. Suas costas com barbatana estão curvadas em uma postura dócil, e ele mantém um ombro encostado à parede como se tivesse acorrentado a si mesmo a uma das colunas de concreto de Strickland. Elisa tem certeza de que, em sua vida sem idade definida, a criatura jamais conheceu a desgraça do arrependimento, e ela fica de pé e estende os braços, tão ávida para aceitar suas desculpas quanto está reticente em aceitar as próprias.

A criatura, com medo de encará-la, passa por seus braços abertos, tremendo tanto que escamas se soltam e caem nas tábuas do piso, onde cintilam tão brilhantes quanto a constelação de luzes no teto do cinema. O ser caminha se arrastando pela sala como um dos escravos chicoteados de Quemós, a cabeça cada vez mais baixa até chegar à

altura da de Giles, sentado à mesa. O pintor faz que não e ergue as mãos.

— Por favor — diz ele. — Você não fez nada de errado, rapaz.

A criatura libera as mãos de seu esconderijo e as ergue, de maneira tão gradual que é imperceptível, até que todas as dez garras, em parte recolhidas no interior dos dedos, estejam segurando o braço enfaixado de Giles. O velho olha para Elisa, que o encara de volta, compartilhando de sua confusão e esperança. Ambos observam o ser enquanto ele ergue o braço de Giles da mesa com a delicadeza usada com um bebê e o posiciona sob o rosto virado para baixo. Apesar da docilidade da criatura, a posição é inquietante: parece que ele está prestes a comer o braço do homem, como uma criança repreendida forçada a terminar o jantar.

O que acontece é menos violento e bem mais estranho. Ele o lambe. A língua da criatura, mais comprida e chata que a de um ser humano, projeta-se para fora das mandíbulas duplas e toca a atadura. A boca de Giles se move, mas ele parece assustado demais para conseguir articular alguma palavra. Elisa está na mesma situação: nem uma única letra se forma em suas mãos pendentes. A criatura gira o braço de Giles enquanto o lambe, umedecendo toda a atadura até ela grudar na pele, até que o sangue seco esteja líquido outra vez e o ser o esteja lambendo e limpando. Ele baixa o braço brilhante até o colo de Giles, debruça-se sobre o homem bem devagar e então, como um beijo de despedida, lambe o alto da cabeça dele.

O ritual termina de repente. O artista pisca para a criatura.

— Obrigado?

O ser não reage. Elisa acredita que ele está envergonhado demais para se mexer. Porém, foi um longo dia para uma criatura cujo único e verdadeiro conforto está dentro da água: suas guelras e seu peito começam a se expandir e a tremer. Elisa quer lavar o braço do amigo, reaplicar o iodo, enrolá-lo de novo em ataduras esterilizadas, mas não suporta a ideia de insultar o ser. Ela se aproxima, põe a mão sobre suas costas curvadas e o empurra com delicadeza na direção do banheiro. Ele permite isso, mas só em um cambaleio para trás que não o impede de dobrar as pernas e continuar no lugar. É o momento menos gracioso que ela já viu da criatura, e Elisa tem que puxar seu braço para que o ser atravessasse a porta do banheiro, e um golpe de seu ombro balança as árvores de purificador de ar.

Ela o coloca no interior da banheira. As luzes estão apagadas, e seu rosto desliza para baixo d'água. Ainda assim, o brilho de seu olhar não diminui. Elisa se vira para jogar sal na água, mas sente que ele a está observando. Por toda a vida, ela sentiu homens na rua ou no ônibus acompanhando seus movimentos. Isso, porém, é diferente. É excitante. Quando leva a mão ao interior da banheira para mexer o sal, seus

olhares se cruzam, só por um segundo, mas naquele momento ela vê tanto gratidão quanto assombro nos olhos dele. A ideia é bizarra. *Ela o deixa impressionado*. Como isso é possível, quando ele é a coisa mais impressionante que já existiu?

Elisa termina de mexer o sal. Sua mão está ao lado do rosto dele. Não é necessário quase nada para movê-la, por isso ela leva a mão em concha a seu rosto. É liso. A mulher aposta que os cientistas nunca anotaram isso em todos aqueles relatórios. Eles registravam apenas dentes, garras, espinhos. Ela o acaricia, e sua mão desliza pelo pescoço e ombro do ser. A água o deixou na mesma temperatura que o ar, e talvez seja por esse motivo que ela não sinta a mão dele subir por seu braço até alcançar a carne macia e azulada da dobra interna do cotovelo. As escamas das palmas dele são punhais liliputianos que pinicam alegremente sua pele; as garras espetam, sem jamais perfurar, enquanto viajam pelo bíceps dela, deixando arranhões brancos como rastro.

Após cuidar do ferimento de Giles, Elisa vestiu uma camisa fina dos tempos do Lar. Quando a mão da criatura vai do braço para o peito dela, o algodão se encharca na mesma hora, como que por mágica. Os seios, um depois do outro, vão ficando mais pesados pela pressão da camisa grudada à pele. Ela se sente nua sob a mão dele e pode perceber cada tremor do próprio peito arquejante, sem fôlego, mas não porque algo ilícito esteja acontecendo. O ser está sempre nu diante dela, e já passara da hora de Elisa se juntar a ele nesse estado natural.

O apartamento se ilumina por baixo. *A história de Rute*, pensa ela, o projetor rodando para outra exibição. Mas não há música. É a criatura, a luz de seu corpo enchendo a água de rosa, como flamingos, como petúnias, como outros exemplares desconhecidos da fauna e da flora de um mundo que Elisa só conhece através de gravações de campo: *reek-reek, chuk-a-chuk, curu-curu, zeee-eee-eee*. Ela arqueia as costas e apoia todo o peso em uma palma larga o suficiente para envolver todo seu tórax.

Em algum lugar distante, Giles chia de dor. Elisa percebe que está de olhos fechados e os abre. Todo o seu corpo se moveu. Ela está tão inclinada sobre a banheira que seu cabelo balança na água. Quer ir adiante, afogar-se como se afogou tantas outras vezes em sonhos, mas Giles está ferido, e a culpa é dela, e ela precisa tratar daquele machucado, sobretudo agora que foi lambido. Com grande esforço, Elisa endireita a coluna. A mão da criatura desce por sua barriga e torna a entrar na água sem levantar respingos ou fazer barulho.

Elisa cobre a camisa molhada com um roupão de banho antes de ir para a sala. Entretanto, ela não se aproxima de Giles. Passa direto por ele e atravessa todo o apartamento até a janela da cozinha. Apoia a

testa contra o vidro e aperta a mão contra ele. Sua visão se turva, mas não porque talvez ela esteja chorando. Há água na janela, pequenos globos presos na vidraça, deslizando em filetes lentos. Sim, ela pode estar chorando, afinal de contas.

Está chovendo.

ELE GIRA O seletor com a mão boa. As imagens são indistintas, desbotadas. Essa pilha enorme de lixo. Comprada em um lugar chamado Kosciuszko Electronics. São os cabos? Os fios? Será que uma das crianças derramou um copo de suco em cima? Ele quer abrir a parte de trás da televisão só para identificar quem é o culpado, mas é detido pelo medo irracional de que as entranhas do aparelho pareçam o artefato que explodiu os fusíveis da Occam, um emaranhado chamuscado. Ele não conseguiu identificar aquilo. O que o faz pensar que pode diagnosticar isso?

Ou será que é o clima estragando o sinal? Mesmo depois de tanto tempo em Baltimore, ele jura que aquela é a primeira chuva que vê. Choveu o dia inteiro. Há uma antena no telhado, uma coisa em forma de aranha como um daqueles transceptores de cápsulas espaciais que viu na Occam. É tentador subir no telhado para mexer naquilo, bem ali na chuva. Ver a tempestade ganhar força e redemoinhar. Zombar dos raios. Estar no tipo de perigo que um homem pode entender.

Em vez disso, lá está ele. Nas ruínas de uma sala de estar. Uma família atingida por um raio, isto é, se você soubesse onde procurar as marcas da queimadura. Tammy fala sem parar sobre um cachorrinho. Timmy quer assistir a *Bonanza*. Lainie tagarela sobre a *gelatin parfait*, uma gosma laranja da qual está orgulhosa, apesar de ela só ter feito a mistura industrializada que saiu de uma caixa. Naqueles dias, todas as refeições deles vêm de caixas. Por quê? Strickland sabe. Porque a mulher fica fora de casa pela maior parte do dia fazendo sabe-se lá o quê. Ele não devia ter vindo para casa. Devia ter dormido no escritório mais uma vez. Afinal de contas, o general Hoyt havia ligado para a Occam apenas quatro horas antes. Pior — ele ligara para Fleming. E a mensagem transmitida foi absolutamente clara.

Strickland tinha vinte e quatro horas para encontrar o recurso antes que sua carreira estivesse acabada.

O que *acabada* significa? Corte marcial? Prisão militar? Algo pior? Tudo era possível. Strickland ficou assustado. Por isso entrou em seu Cadillac batido (ele jura que as pessoas na Occam estão começando a rir e a sussurrar sobre o carro por suas costas) e dirigiu até em casa. Assim que chegou lá, Fleming ligou. Ele fez o que Strickland havia pedido e seguiu Hoffstetler como um profissional. Isso não devia tê-lo deixado surpreso. Fleming é um cão, afinal de contas, e cães farejam merda. O homem diz que tem fotografias do cientista arrumando seus pertences em uma casa sem móveis. Ele conectou Hoffstetler a um

diplomata russo chamado Mihalkov. O deus Brânquia ainda podia estar no país, até mesmo na cidade. Strickland devia estar lá fora agora mesmo, à noite, na chuva, à procura da criatura, para terminar com tudo aquilo e cumprir seu destino.

Em vez disso, ele não para de girar o seletor. Onde diabos passa *Bonanza*?

— *Bonanza* é para adultos — diz Lainie. — Vamos deixar em *Dobie Gillis*.

Strickland se encolhe. Ele deve ter falado em voz alta. Olha para Lainie e percebe que mal suporta fazer isso. No dia anterior, ela chegara em casa com um penteado novo. O bolo de noiva foi eliminado como se tivesse sido decepado por um facão amazônico e substituído por um estilo mais contido, uma onda em S com as pontas viradas para fora no pescoço, algo típico de menina. Mas ela não é uma menina, é? Ela é a mãe de seus filhos. É a porra de uma esposa.

— Mas o papai disse que podíamos ver *Bonanza*! — grita Timmy.

— Se o Timmy pode ver *Bonanza* — argumenta Tammy —, então eu posso ganhar um cachorrinho.

Dr. Kildare. Perry Mason. Os Flintstones. Os mesmos três programas sempre, alguns canais sem sintonia. É tudo que o filho vê. O homem sente o tremor de um trovão. Observa a janela. Não há nada além de chuva, explodindo contra o vidro como insetos em um para-brisa. Só que as entranhas deles são sempre levadas pela água. As entranhas de Strickland também. Sua carreira, sua vida. Aquela sátira da felicidade americana. A porra de uma *gelatin parfait*, cachorrinhos imaginários, um programa de faroeste que não pode ser encontrado em lugar algum.

— Ninguém vai ganhar um cachorrinho — diz ele. — Você sabe o que acontece com cachorrinhos? Eles crescem.

Médico, advogado, homem das cavernas. Ele está confundindo os personagens nos canais com o próprio reflexo na tela. É o médico, é o advogado, é o homem das cavernas. É ele quem está regredindo, degenerando. Pode sentir isso em sua civilidade sendo esfarelada, no surgimento da sede de sangue primitiva. Bisturi, martelo de madeira, clava.

— Richard — diz Lainie —, achei que tínhamos concordado que pelo menos...

— Um cachorro é um animal selvagem. Você pode tentar domesticá-lo. Pode mesmo. Mas um dia esse cachorro vai mostrar sua verdadeira natureza. E vai morder você. É isso o que quer?

Strickland se pergunta quem é o cachorro: o deus Brânquia ou ele?

— Pai! — Timmy agita os braços. — Você acabou de passar!

— O que foi que eu disse, Timmy? — fala Lainie. — Esse programa é violento demais.

Pessoas morrendo na mesa de cirurgia, pessoas morrendo na cadeia, uma espécie inteira morrendo. Os três canais giram mais rápido. Canais sem imagens também, sinais fantasmagóricos, purgatórios de estática jamais reivindicada. O homem não consegue parar de girar o seletor.

— *Bonanza* não é violento — resmunga ele. — O *mundo* é violento. Se quer saber, acho que é a coisa certa a assistir. A única coisa. Quer aprender a ser um homem, Tim? Então precisa aprender a olhar um problema nos olhos e resolvê-lo. Atirar na cara dele, se for necessário.

— Richard! — exclama Lainie.

O seletor quebra. Sai bem em sua mão. Strickland olha para ele, perplexo. Não há como recolocá-lo. O plástico quebrou. Ele o deixa cair sobre o carpete, e o objeto não faz barulho. As crianças também não fazem barulho. Nem Lainie. Estão mudos. Enfim mudos. Do jeito que Strickland os queria. O único ruído é o chiado do canal de estática no qual o seletor ficou preso. Parece chuva. O homem se levanta. Isso, chuva. A floresta tropical. É o lugar dele. Foi um covarde por fugir até ali, quando seu verdadeiro lar é lá fora.

Ele caminha até a porta da frente e a abre. O tamborilar se transforma em um ronco. Bom, bom. Se ouvir com atenção, é possível escutar os macacos, os mensageiros de Hoyt, balançando pelas árvores úmidas, censurando-o aos berros, instruindo-o sobre o que fazer. É como se Strickland estivesse de volta à mina de ouro de Yeongdong embaixo de todos aqueles cadáveres. Sim, senhor. Ele vai perfurar através de carne e osso até encontrar um ar que consiga respirar. Não importa mais quem seja rasgado ao meio.

No momento seguinte, Strickland está do lado de fora. Nos segundos que leva para chegar ao Cadillac Coupe de Ville, ele fica encharcado. A chuva cai forte sobre a superfície de aço, o louco bater de tambores dos canibais da selva. O homem passa os dedos pelo ornamento do capô, um ídolo primitivo; pela grade de dentes, escorrendo o que parece ser sangue; pela traseira rabo de peixe tão afiada que corta gotas de chuva ao meio. O que o vendedor falou mesmo, aquele Mefistófeles sorridente com o rosto irritado pelo barbear? Poder total.

O homem passa a mão pela pintura fraturada. Suas ataduras molhadas se desenrolam e caem. Os dois dedos reimplantados estão negros como a noite. Strickland franze o cenho. Não dá nem para ver a aliança. Com a outra mão, ele aperta um dos dedos putrefatos. Não consegue senti-lo. Aperta com mais força. Um líquido amarelo jorra de baixo da unha, atinge a traseira do carro, é levado pela chuva. Strickland pisca para tirar água dos olhos. Ele viu mesmo aquilo?

De repente, Lainie está a seu lado, encolhida sob um guarda-chuva.

— Richard! Volte para dentro! Você está assustando as...

O marido segura a blusa da mulher com ambas as mãos. A dor viaja de seus dedos para o braço. Ele a joga em cima da traseira amassada do carro. Uma lufada de vento pega o guarda-chuva e o lança na noite. O carro mal reage ao impacto do corpo de Lainie. Isso sim é qualidade. Suspensão de primeira. Amortecedores calibrados à perfeição. Lainie encara a chuva que cai forte. As gotas enlameiam sua maquiagem, transformando-a no rosto manchado de um palhaço, alisam o corte de cabelo de adolescente do qual a mulher está toda orgulhosa. Strickland ajusta a pegada, a segura pelo pescoço pequeno e magro. Tem que se debruçar sobre ela para ser ouvido acima dos trovões e da chuva.

— Você se acha mais esperta que eu?

— Não... Richard, por favor...

— Acha que não sei que vai ao centro da cidade? Que engana a todos nós?

Ela está tentando soltar a mão do marido de seu pescoço. As unhas se cravam nos dedos negros. Mais líquido emana deles, gotas amarelas repugnantes respingando em suas bochechas e seu queixo, brilhando sob a luz dos postes. A boca de Lainie está escancarada, enchendo-se de chuva. Se Strickland não fizer mais nada, apenas segurá-la ali, ela vai se afogar.

— Eu não... queria... É só um...

— Você acha que as pessoas não vão descobrir? Em uma cidadezinha de merda como essa? Elas vão ver, mulher. Do mesmo jeito que veem esse carro batido. E o que vão pensar? Vão pensar que não mereço estar aqui. Que não consigo controlar nem o que é meu. E já tenho problemas suficientes. Entendeu?

— Sim... Rich... Não consigo... Não consigo...

— É você quem está arruinando esta família. Não eu. *Não eu!*

Ele quase acredita nas próprias acusações. Aperta as mãos em torno do pescoço dela, tenta solidificar essa crença. Veias incham nos olhos de Lainie como tinta vermelha jogada sobre papel. Ela tosse o que parece ser uma língua de sangue. A coisa toda é revoltante. Ele joga o corpo da mulher para trás com a mesma facilidade com que lançaria uma bola de futebol americano. Escuta o barulho do corpo da esposa batendo contra a porta da garagem. Um som suave em comparação aos gritos dos macacos. A chuva transformou suas roupas em uma segunda pele. Nu outra vez, como na Amazônia. Ele sente as chaves no bolso, pontiagudas feito ossos quebrados. Pega-as. Caminha por toda a satisfatória extensão do Cadillac, a extensão de uma vida ainda passível de resgate.

Abre a porta do motorista e entra. Ali dentro está seco. Limpo. Ainda tem cheiro de novo. Liga a ignição. Claro, o carro geme quando ele o engrena. Mas vai levar Strickland a seu destino. O homem

visualiza a gaveta trancada de sua mesa. Dentro dela, sua Beretta modelo 70, a mesma que usou para atirar no golfinho rosa do rio. Vai sentir falta do aguilhão. Homens se apegam a suas ferramentas, e aquela era das boas. No entanto, é hora de seguir em frente. Ele pisa no acelerador, imagina o jato de lama das rodas traseiras. Por toda a porta da garagem, por cima da blusa de Lainie. Os subúrbios ficaram feios, embora isso não devesse surpreender a nenhuma pessoa inteligente. Tudo é feio sob a superfície.

É DE MANHÃ, mas não há luz. Valas de escoamento que estão transbordando foram cercadas por cones de trânsito; ruas laterais, interditadas com cavaletes. O ônibus em que ela está corta trinta centímetros de água que bate contra os pneus. Tudo aquilo, o fluxo da terra, a escuridão que se espalha, reflete sua angústia. Elisa verifica o nível do rio duas vezes por dia desde que a chuva começou, um ato equivalente a escavar buracos cada vez mais profundos em seu coração. No dia seguinte, a vontade do dr. Hoffstetler será atendida. Ela e Giles vão carregar a criatura outra vez no Pug, levá-lo ao píer e conduzi-lo até a beira da água. Aquele, então, é seu último dia e sua última noite com o ser que, mais que qualquer outra pessoa no mundo, a vê como algo além do que ela é. E isso não é amor?

A mulher olha para os pés. Mesmo no negrume do chão do ônibus, consegue ver os sapatos. Os sapatos. Ela ainda não consegue acreditar. No dia anterior, antes de adormecer por algumas horas agitadas, Elisa realizou um sonho. Entrou na Julia's Fine Shoes e, mesmo atordoada pelo cheiro do couro, fez um desvio rápido até o mostruário na vitrine, pegou o par de sapatos de bico chato e salto baixo de lamê com aplicações cintilantes em sua coluna de marfim e marchou com ele até o caixa.

Na verdade, a Julia que ela tanto imaginara, aquela beleza formidável com tino para negócios, não existia. Elisa perguntou sobre isso, e a mulher na caixa registradora a respondeu. Era apenas um nome que soava bem. Isso acalmou Elisa conforme ela voltava para casa e calçava os sapatos reluzentes. Se Julia não existia, então ela seria Julia. Alimentar a criatura acabara com seu dinheiro, e aquela compra extravagante a deixou falida de vez. Mas ela não se importou. Ainda não se importa. Os sapatos são cascos, e só daquela vez, naquele último dia, ela quer ser uma criatura bela também.

Elisa desce do ônibus e abre o guarda-chuva, mas a sensação é estranha, um dispositivo humano atrapalhado. A mulher o joga na sarjeta e se vira para encarar o céu. Ela se perde na água, tenta respirar em seu interior. Decide que nunca mais quer ficar seca. Está encharcada e satisfeita quando chega em casa; a chuva respinga das roupas enquanto Elisa desce pelo corredor, formando poças que torce para que jamais evaporem. Antes da ida da criatura ao cinema, ela nunca trancava a porta da frente. Agora tateia e pesca a chave dentro de uma luminária que não funciona e a encaixa na fechadura.

Giles não está no lugar de sempre. Antes de ela sair para trabalhar,

o artista disse que iria vigiá-lo, pois queria completar a pintura para a qual estava treinando com os desenhos a carvão. Ele estava animado, contou a ela. Não se sentia tão inspirado assim desde a juventude. Elisa não duvidava daquilo, mas não era burra. Giles também sabia que o fim estava próximo, e queria dar à mulher privacidade para se despedir.

Ele deixou o rádio ligado para ela, é claro. Elisa para perto da mesa e escuta. Ela passou a depender muito do aparelho: política, resultados esportivos, listas entediantes de eventos locais que fornecem contrapontos de sanidade para a fantasia indomada que está vivendo. Ela o mantém ligado o tempo inteiro. No dia anterior, a criatura, envolta em toalhas molhadas, sentou à mesa com Elisa, sua primeira vez em uma cadeira — algo complicado devido às barbatanas dorsais e à cauda curta e cascuda. Parecia uma mulher recém-saída do banho, e ela riu, e embora não tivesse como entender isso, o ser se iluminou, sua versão de um riso, luz dourada pulsando em seu peito enquanto agitava as guelras.

Ela remexe em peças de um jogo de palavras cruzadas com os dedos. Está tentando ensiná-lo palavras impressas. No dia anterior, levou para casa revistas do trabalho com a intenção de mostrar a ele coisas que, do contrário, jamais veria: um avião 727, a Orquestra Filarmônica de Nova York, Sonny Liston dando um soco em Floyd Patterson, uma foto espetacular de Elizabeth Taylor no filme *Cleópatra*. O ser aprendeu com grande fervor. Com os movimentos delicados de alguém acostumado a rasgar coisas com as garras, estendeu um indicador e um polegar compridos, pegou a foto de Elizabeth Taylor e a pôs em cima do 727. Em seguida, pôs ambas em cima da Filarmônica de Nova York. Então, como uma criança brincando de avião, empurrou o 727 pela extensão da mesa até aterrissar em outra foto do Egito de *Cleópatra*.

O significado era claro. *Para Elizabeth Taylor ir de Nova York até o Egito, ela precisa pegar um 727.*

Era o tipo de informação, é claro, de que ele nunca iria precisar. A criatura fez tudo aquilo, Elisa tinha certeza, apenas para vê-la sorrir, ouvi-la rir.

Nada disso significa que o ser está bem. Um tom cinzento se estabeleceu nele como os resíduos poluentes de uma fábrica. Suas escamas brilhantes perderam o lustre e esverdearam como uma moeda na calçada. Ele parece, em suma, estar envelhecendo, e isso, teme ela, é o crime mais imperdoável. Por quantas décadas, talvez até séculos, a criatura viveu sem perder um pinga de sua vitalidade? Pelo menos a Occam tinha filtros, termômetros, procissões de biólogos instruídos. Ali não há nada para sustentá-lo além de amor. No fim, não é suficiente. A criatura está morrendo, e Elisa é a assassina.

— Espera-se que chuvas fortes desabem sobre a parte norte da costa leste hoje — diz o rádio. — Baltimore continuará recebendo as tempestades mais furiosas. Espera-se entre cento e trinta e cento e oitenta milímetros adicionais até a meia-noite. Esse temporal veio para ficar, amigos.

Ela pega um pincel atômico preto deixado na mesa nas aulas de linguagem. Há um calendário de mesa também, cada dia dedicado a uma citação motivacional adocicada que não consegue mais ler sem chorar. Elisa destampa o pincel. Se não escrever, se não tornar aquilo real e vir com os próprios olhos, não sabe se vai conseguir fazer o que precisa ser feito. Mover o pincel pelo papel é como mover uma faca pela própria pele.

MEIA-NOITE — NAS DOCAS

Naquela noite, pela primeira vez em anos, Elisa vai faltar ao trabalho. Mesmo que Fleming veja o ato como um comportamento incomum, será tarde demais. Ela vai voltar para a Occam na segunda-feira? A questão parece banal. Provavelmente, não. Duvida que terá estômago para isso. Ela não tem ideia do que vai fazer para ganhar dinheiro. Isso também parece a preocupação ordinária de uma realidade estagnada que ela deixou no passado. Giles tinha certa expressão no dia em que chegou para a amiga dizendo que iria ajudá-la a fugir com a criatura. Elisa acha que deve estar com a mesma expressão. Depois da despedida, não haverá mais nada a perder, nada que seja importante.

Aquela era a alegria da qual ia sentir mais falta: o ser surgindo a sua frente depois de ela ter passado algum tempo longe. Aquela era a última vez em que ia sentir essa empolgação delirante; portanto, faz isso devagar, entrando no banheiro como se entrasse em água fria, centímetro por centímetro. Ele reluz tal qual um coral colorido por baixo da superfície de um mar virgem. Ela não consegue resistir ao chamado.

Elisa fecha a porta e entra, com o peito arquejando o suficiente para deixá-la tonta com o que parece uma tristeza chorosa antes de sentir a atração mais forte e gutural, identificando-a como paixão. De repente, não há dúvida ou surpresa do que vai fazer. Sempre ia acabar assim, percebe. Desde o primeiro momento em que olhou no interior do tanque na F-1 e foi puxada para dentro, não de forma física, mas de todas as outras maneiras possíveis, pelo aglomerado de estrelas de suas escamas e as supernovas de seus olhos.

A cortina de plástico do chuveiro está embolada contra a parede. Elisa a puxa. Um anel de metal se solta. Ela faz isso outras onze vezes, e as argolas batem contra a parede e se perdem na folhagem, cada puxão na cortina é um ato impressionante e irreversível de destruição que nenhum servente do turno da madrugada do planeta teria ousado

fazer. A mulher abre a cortina sobre o chão como uma colcha em uma cama, enfiando-a nos lambris e cobrindo a fresta embaixo da porta com ela. Quando o plástico está tão esticado quanto é possível deixá-lo, Elisa se levanta. Não pode comandar a água como a criatura faz, mas tem a segunda melhor coisa nesse sentido: encanamento moderno.

A mulher tampa a pia e abre as torneiras. A água dispara. Elisa se debruça sobre a banheira e faz o mesmo. Acionar torneiras com toda a força é outra coisa que nenhuma pessoa pobre faria, mas ela não é pobre, não naquela noite. Naquela noite, ela é a mulher mais rica do mundo; tem tudo que poderia querer; ama e é amada, e como tal é tão infinita quanto o ser, não humana nem animal, mas *sentimento*, uma força compartilhada entre tudo de bom que jamais existiu e vai existir.

Ela tira o uniforme; é como se livrar das rochas da pedreira para os trabalhadores de Quemós. Abre o sutiã e tira a calcinha; é como se livrar dos grilhões para qualquer ser aprisionado por outro. Cada peça de roupa que cai não faz barulho: a água transbordou tanto da pia quanto da banheira e está enchendo a cortina esticada, batendo nos tornozelos, subindo pelas canelas como a mão quente de alguém. Apenas seus sapatos prateados permanecem; ela põe um pé na borda da banheira de modo que a criatura possa vê-lo, o sapato mais fantástico que qualquer outro que ele tenha visto na parede de seu quarto, a única coisa que a mulher tem tão brilhante e bonita quanto ele. É a postura sensual mais ousada que Elisa já fez, e ela escuta a supervisora do Lar chamando-a de inútil, burra, feia, puta, até que a criatura se ergue da banheira. Mil cachoeiras silenciosas escorrem do corpo dele, e ela passa por cima da borda da banheira, para os braços abertos dele, que a esperam.

Eles se enroscam juntos no chão, as partes dela encontrando espaço recíproco nas dele e vice-versa. A cabeça da mulher afunda na água, uma sensação maravilhosa; em seguida, os dois rolam, e ela fica por cima, engasgando, com água escorrendo do cabelo, e o ser está embaixo da superfície agitada da água. Para beijá-lo, Elisa deve mergulhar o rosto, o que ela faz. Cheia de êxtase, as linhas entediadas de seu mundo rígido ficam mais macias, a pia, o vaso sanitário, a maçaneta da porta, o espelho, até as próprias paredes abrem mão de suas formas.

O beijo reverbera embaixo d'água, não os *tscs* molhados e inquietos dos lábios humanos, mas um ronco de tempestade que se derrama em seus ouvidos e desce por sua garganta. Ela pega o rosto escamoso dele com as mãos, as guelras pulsando nas palmas dela, e o beija à força, na esperança de agitar a tempestade que ambos começaram até que vire um tsunami para forçar uma enchente; talvez os beijos de Elisa, e não a chuva, sejam a salvação dele. Ela expira na boca do ser, sente as

bolhas fazerem cócegas ao passarem por suas bochechas. *Respire, reza Elisa. Aprenda a respirar meu ar para que possamos ficar juntos para sempre.*

Ele não consegue, porém. Usa as mãos grandes para forçá-la acima da água, de modo que a mulher não se afogue. Elisa está arfando, por todo tipo de razão, com as mãos plantadas sobre o próprio peito para ajudar a si mesma a redescobrir o oxigênio. Suas mãos, ela descobre, estão cobertas com as escamas cintilantes da criatura. A imagem a encanta, e ela acaricia os seios e a barriga, espalhando as escamas, desejando que aquela fosse sua aparência verdadeira. Do cinema abaixo, a mulher ouve um trecho de diálogo, um que já ouviu cem vezes. *Não preocupe mais seu coração. Não esmoreça diante da atual situação. Pois a viúva de seu filho vai gerar filhos e filhos de filhos.* Sim, por que não? Cada gota de água nos cílios dela é todo um mundo completo — Elisa leu essas coisas em revistas científicas. Será que um desses não poderia ser deles para povoar com uma espécie nova e melhor?

Nenhuma fantasia que já teve na banheira podia se comparar àquilo. Ela vasculha cada um dos recônditos do ser. Ele tem um órgão sexual, exatamente onde deveria estar, e ela tem o dela também, no lugar de sempre. Assim, Elisa o puxa para dentro dela. Imersos na água agitada, isso acontece com facilidade, o movimento tectônico de duas placas submarinas. O brilho das luzes do cinema se projetando através do piso e do plástico é subjugado pelos ritmos de cor cristalina da criatura, como se o próprio sol estivesse embaixo deles — e está, tem que estar, pois ambos estão no céu, nos canais de Deus, na escória de Quemós, todas as coisas sagradas e profanas ao mesmo tempo, além do sexo e até a sementeira da compreensão, a criatura deixando dentro dela uma história antiga de dor e prazer que não apenas os conecta, mas une todas as coisas vivas. Não é apenas ele dentro dela. É o mundo inteiro, e ela, por sua vez, está dentro do mundo.

É assim que a vida se transforma, sofre mutações, emerge, sobrevive, como um ser absolve os pecados de sua espécie se tornando outra totalmente diferente. Talvez o dr. Hoffstetler entendesse isso. Elisa só consegue perceber as bordas, vislumbrar o sopé da montanha, o topo da geleira. Ela se sente muito pequena, tão diminuta em um universo demasiado grande e maravilhoso, e abre os olhos embaixo d'água para se lembrar da realidade. Folhas de plantas passam nadando feito girinos. A cortina rasgou e tremula para eles como uma água-viva venerável.

A tempestade lá fora, no mundo real, dobra com a tempestade de *A História de Rute*, o fim da seca bíblica. O corpo de Elisa se retorce em sensações, cada uma delas como o relaxamento de um punho fechado. Isso, a seca acabou. Acabou, acabou, acabou. Ela sorri, e sua boca se

enche de água. Ela enfim está dançando, dançando de verdade, por um salão de baile submerso, sem temer um passo em falso, pois seu parceiro a segura firme, e vai conduzi-la a qualquer lugar que ela precise ir.

ELE PASSA o pincel na pintura. Bernie gosta de verde? Pena que nunca vai ver isso. É um verde como Giles jamais sonhou ser possível. Como ele o misturou? O pintor se lembra de uma base azul-caribe, um toque de roxo-uva, pinceladas de laranja-vivo, traços de amarelo-palha, borrões de anil-reluzente, o vermelho de argila de algodão que é sua marca registrada... O que mais? Ele não sabe e não se importa. Está trabalhando por impulso agora. É animador, e ainda assim há uma paz nisso. Seu cérebro não sofre com o foco; ele corre e se estica, amarrando fios disparatados em laços reluzentes dignos de embrulhos de presente de lojas de departamento.

Bernie. O bom e velho Bernie Clay. Giles pensa na última vez em que o viu. Em retrospecto, pode identificar sinais de estresse pelo homem todo. O colarinho amarelado que nenhuma quantidade de alvejante conseguiria limpar, a barriga esticando a camisa — Bernie sempre comia quando ficava nervoso. Giles o perdoa. Ele nunca se sentiu mais bondoso. Por tempo demais, uma sensação ruim bloqueou suas artérias como colesterol, uma substância agourenta sobre a qual ele apenas lia nas notícias. Hoje, o colesterol é expelido e resta apenas o amor, que corre por todas as suas trincheiras há muito escavadas. Os policiais que o prenderam no bar em Mount Vernon. O grupo de executivos que o demitiu. Brad — ou John — do Dixie Doug's. Todo mundo luta contra as fraquezas e as incertezas que a vida entrelaça a seu redor.

Como Giles levou sessenta e três anos para reconhecer a futilidade da raiva? Em especial quando a sra. Elaine Strickland, uma mulher com metade de sua idade, já sabia por instinto? Ele acredita que vai ser grato por ela todos os dias. Nesta manhã, tentou ligar para a Klein & Saunders a fim de expressar o que a franqueza de Elaine tinha significado para ele, como isso levou à abertura de depósitos de coragem que nunca desconfiara ter, mas a voz que atendeu não pertencia à mulher e não podia dizer por que ela não tinha ido trabalhar.

Sem problemas para Giles: ele tem um estoque de paciência reunido por uma vida inteira para explorar. A sra. Strickland é, afinal de contas, um dos dois seres aos quais o artista credita seu renascimento. O outro é a criatura. Ele ri, maravilhado. A banheira da vizinha se tornou um portal para o impossível. O trabalho que Giles fez ao seu lado, sentado em um vaso sanitário, ainda por cima — ele é grato por conhecer o tipo de inspiração divina apenas reservado, ele tem

certeza, aos grandes mestres.

Enquanto o ser não pertence a pessoa alguma, a lugar algum, a época alguma, seu coração pertence a Elisa, e Giles deixou que os dois compartilhassem as horas finais. Além disso, precisa terminar a pintura. Sem dúvida, é seu melhor trabalho, e há grande alívio existencial em saber que conseguiu, enfim, viver todo seu potencial. Seu maior desejo é mostrar a obra finalizada ao ser antes que ele se vá, o que significa trabalhar dia e noite.

Trabalhar, entretanto, não tem sido um problema. Ele já está fazendo isso há vinte horas e se sente muito bem, tão incansável quanto um adolescente, como se impulsionado por uma droga fabulosa que tem o único efeito colateral de enchê-lo com uma confiança tão poderosa quanto a tempestade lá fora. Ele dá as pinceladas mais ousadas sem se interromper. Pinta os detalhes mais finos e delicados sem tremer de artrite. Não faz uma pausa para ir ao banheiro há doze horas — e quando foi a última vez que passou duas horas sem fazer xixi?

Giles ri, e seus olhos captam um pedaço de pano tremulante. É a atadura que Elisa colocou em seu braço. O homem está trabalhando com tanta agilidade que ela se soltou. É estranho que não tenha percebido. Mais estranho, ele nota, é não ter precisado tomar aspirina para a dor desde antes de ir para cama. Talvez o corte não tenha sido tão profundo, afinal. Ainda assim, a atadura está passando por cima da tinta fresca, e isso não pode acontecer. Ele dá um suspiro, pousa o pincel. Uma atadura nova, rápido, talvez escovar os dentes ao fazer isso, e depois de volta ao cavalete! Mal pode esperar.

Giles não percebe que está assoviando uma canção de um musical de teatro até que a música alegre se interrompe. Ele culpa sua velocidade pelo erro de interpretação: o homem desenrola o curativo como se estivesse pescando um bagre com um molinete. Para de desenrolar e puxa com cuidado o resto da atadura na pia. Não há sangue. Será que sua exaustão chegou ao ponto de fazê-lo confundir os lados do próprio braço? Ele o gira, mas não encontra nada. Nem mesmo o ferimento que, da última vez que verificou, estava rosado e franzido.

Ele cerra o punho e observa os tendões do pulso engrossarem. O choque daquilo é compreendido bem devagar, o que o livra de uma surpresa completa. A ferida não foi a única coisa que desapareceu. Costumava haver manchas de velhice no braço, além de uma cicatriz, resultado de uma colisão na infância com um tear de algodão. Tudo aquilo foi substituído por pele lisa e perfeita. Giles verifica o outro braço. Está velho e enrugado como sempre.

Ele balbucia sem acreditar. Parece uma risada. Seria essa uma reação apropriada ao sobrenatural? O homem olha para o espelho e,

sem dúvida, as rugas profundas de seu rosto estão curvadas de alegria. Ele acha que está bem, e percebe que não se enxergava dessa forma havia mais tempo do que conseguia lembrar. Seus olhos se voltam para cima. Ah, lá está a razão. Não havia percebido até agora.

Sua cabeça está cheia de cabelo. Giles leva a mão a ela, devagar, como se sua cabeleira pudesse correr, assustada. Ele toca os fios, que não voam como dentes-de-leão. É curto e denso, um castanho bonito com traços de louro e ruivo. Mais que isso, é flexível. Giles tinha se esquecido da resiliência do cabelo jovem, como ele resiste a ser contido. O homem acaricia o topo da cabeça, surpreso pela textura acetinada dos pelos. É erótico. É por isso, pensa, que os jovens são tão lascivos: seus próprios corpos são afrodisíacos. Só depois de pensar nisso, o pintor percebe uma pressão contra a pia. Olha para baixo. A calça do pijama está com a barraca armada. Ele tem uma ereção. Não, essa é uma palavra clínica demais para essa resposta adolescente ao mais leve pensamento sexual. Está de pau duro. Pode sentir a juventude impregnar cada uma de suas moléculas com leveza, agilidade, flexibilidade, ousadia.

Giles escuta batidas na porta. Quase socos, na verdade, sinal certo de uma emergência no apartamento vizinho. Ele se conhece bem o suficiente para antecipar uma sensação nauseada e preocupante, mas o que quer que tenha afetado seu corpo também afetou seu espírito: a sensação alarmante que sente está na extremidade de uma onda, mergulhando na direção de um desafio em vez de se afastar dele. Vai rápido até a porta, preocupado com o pêndulo do pênis ereto para pegar uma almofada e segurá-la a sua frente. Elisa não pode vê-lo assim! Ele ri, apesar de tudo.

Giles abre a porta de maneira brusca e encontra o rosto suado do sr. Arzounian.

— Sr. Gunderson! — grita ele.

— Ah, o aluguel. — Giles suspira. — Está atrasado, verdade, mas eu alguma vez já...

— Está chovendo, sr. Gunderson!

O artista faz uma pausa e permite que o rufar da chuva na saída de incêndio intervenha.

— Bom, é verdade. Não posso discutir com o senhor sobre esse assunto.

— Não! No cinema! Está chovendo no meu cinema!

— O senhor está pedindo que eu testemunhe um milagre? Ou está falando de um vazamento?

— É, um vazamento! Do apartamento de Elisa! Ela deixou a água ligada! Ou então um cano quebrou! Mas ela não atende à porta! A água vem do teto, bem em cima dos clientes! Vou encontrar as chaves, sr. Gunderson, e vou eu mesmo abrir a porta dela se isso não parar!

Preciso descer! Faça com que isso pare, sr. Gunderson, ou vocês dois não vão mais morar aqui!

O homem vai embora, descendo as escadas com pressa. Giles não precisa mais do travesseiro; ele o joga em cima do sofá e corre, os pés ainda com meias, entre as portas dos apartamentos. Pega a chave em seu refúgio na luminária e a insere com uma destreza que o enche de prazer. Entra, por fim. Giles não sabe o que esperar. Mais sangue? Destruição de um ataque de raiva? Nada está fora do lugar até que ele percebe que as tábuas do piso perto do banheiro não foram esfregadas recentemente. Em vez disso, estão cobertas de água. O homem avança. Suas meias se encharcam ao pisar na poça rasa. Essa não é uma situação para bater; ele empurra e abre a porta do banheiro.

Uma enxurrada sai de lá, encharcando Giles dos joelhos para baixo. Um dia antes, a força da água, sem falar no simples susto, o teria derrubado; naquele dia, porém, suas pernas são como raízes, plantadas com firmeza mesmo enquanto luminárias de pé e mesinhas laterais atrás do homem caem no chão, ficando molhadas e sujas com as plantas fora do vaso. A borda de uma cortina de banheiro, que devia estar contendo a enchente, cai feito pele de cobra sobre suas meias, revelando Elisa e a criatura deitados no centro do cômodo.

Eles deviam ser esculpidos em mármore naquela exata posição, pensa Giles, e por alguém que soubesse o que estava fazendo: Rodin, Donatello. Elisa está brilhando, manchada de terra enlameada, cintilando com escamas, nua. O ser está da mesma forma: embora sempre despido, há uma necessidade impulsiva em sua pose que faz com que ele esteja *nu*. Seus braços e suas pernas estão entrelaçados nos dela, o rosto, aninhado no pescoço. A mão esquerda da mulher acaricia a nuca dele onde a fileira de barbatanas começa. Ele não está bem já há algum tempo; entretanto, parece satisfeito, como se tivesse escolhido seu destino, e não, mesmo diante da dor da morte, planeja se arrepender disso.

Giles expande seu campo de visão e, com ele, o espetáculo. O lugar não é mais um banheiro. Ele se transformou em uma selva. O homem aperta os olhos antes de perceber que sua visão está perfeita, mesmo sem os óculos. Será que fazer amor, seja lá de que forma aquilo ocorreu, levou os esporos de mofo doméstico a florescerem em um verde tropical? Não, não foi isso. As plantas que resistiram à inundação estão lânguidas, até mesmo voluptuosas, com a umidade, mas são as centenas de purificadores de papelão em formato de árvores que transformaram o banheiro em uma selva inimaginável de cores arrebatadoras. Verde-trevo, vermelho-batom, ouro acetinado. Onde Elisa tinha encontrado tantos? Eles ocupam cada centímetro da parede. Cor-de-abóbora, café, amarelo-manteiga. A engenhosidade de baixo orçamento por trás da floresta de papelão torna aquilo tudo

ainda mais encantador. Roxo-ametista, rosa-bebê, azul-marinho. É uma casa que não é exatamente de Elisa nem da criatura; é algo único, um paraíso estranho construído para dois.

Elisa leva algum tempo para registrar a presença do vizinho. Seus olhos estão semicerrados, sonhadores. Ela belisca distraída a cortina do banheiro e a puxa sobre si mesma e o ser como faria com um lençol. O papel de Giles, ele imagina, é o do sujeito que não bateu na porta, e espera sentir-se enojado pelo ato vil e anormal que descobriu. No entanto, quantas vezes esses mesmos adjetivos foram utilizados para se referir a pessoas como ele? Naquele dia, nada é errado, nada é tabu. Talvez o sr. Arzounian os expulse dali. Giles não consegue se forçar a ficar preocupado. O sr. Arzounian não existe naquele mundo.

O artista se ajoelha, prende a cortina do chuveiro em torno deles. Novos vizinhos, diz a si mesmo, jovens amantes felizes que ele, também jovem agora, vai descobrir serem amigos verdadeiros e eternos. Elisa pisca para Giles e estende um braço reluzente com escamas. Passa os dedos pelo cabelo novo dele e dá um sorriso delicado, como se dissesse: “Eu não falei para você?”

— Podemos ficar com ele? — diz Giles, suspirando. — Só mais um pouco?

Elisa ri, e Giles ri também, alto, para que possa ecoar na câmara confinada e manter afastado o silêncio de um futuro incerto, de modo que possam continuar fingindo que essa felicidade vai durar para sempre e que milagres, ao serem descobertos, podem ser engarrafados e guardados.

DOIS TOQUES: É o sinal que Hoffstetler tem esperado desde a meia-noite, já que não havia como dizer o que Mihalkov definia como sexta-feira. Ainda assim, quando o telefone toca no início da tarde, é como o ataque de uma pantera. Os braços e as pernas do cientista se erguem para protegê-lo e um grito histérico sai de sua garganta. O primeiro toque se arrasta por uma duração absurda, o suficiente para que Hoffstetler pense que é o sr. Fleming ligando, desconfiado de sua ausência no último dia de trabalho, ou Strickland querendo dizer a ele que descobriu tudo.

O segundo toque, porém, é breve, interrompido por quem está ligando, e ecoa nas paredes nuas, nos armários vazios, na cama de campanha, na louça. Os últimos gemidos, ele espera, de uma vida solitária. Ele devia estar empolgado. Em vez disso, encontra-se paralisado. Não consegue engolir. Tem que se forçar a respirar. Tudo está acontecendo como planejado. Todos os detalhes estão acertados. A tábua solta do piso foi fechada com cola. O passaporte e o dinheiro fazem volume no bolso interno do paletó. Sua única mala está pronta e impaciente próxima à porta.

Ele liga para uma central de táxis cujo número já sabe de cor e volta à cadeira da cozinha sobre a qual passou as últimas catorze horas. Mais catorze, diz a si mesmo, e estará em Minsk, onde poderá começar sua nova profissão: o negócio de esquecer. Será que a servente levou o Devoniano até o rio? Ou ele morreu nas mãos dela? Nos grandes montes nevados de Minsk, o cientista vai poder enterrar essas perguntas para sempre e tentar ir além da desconfiança triste de que, se alguém tem a capacidade de permitir a morte de um ser como o Devoniano, então todo o planeta está condenado.

Um táxi buzina. Hoffstetler respira fundo, levanta-se e espera os joelhos trêmulos ficarem firmes. O momento é pesado, mas também inevitável. Lágrimas quentes enchem seus olhos. *Eu me mantive fora do alcance de todos vocês*, pensa ele. *Sinto muito*. Os alunos por quem ele sentira tanta afeição, os amigos que quase fizera, as mulheres que poderiam tê-lo feito feliz. As elipses de seus planetas haviam se tocado, mas nada aconteceu. Em todo o tempo e espaço, não há nada mais triste.

Hoffstetler pega a mala e o guarda-chuva e sai. O táxi espera, uma mancha amarela por baixo de lascas prateadas de chuva. Um dia feio, em todos os sentidos; ainda assim, o homem é tomado por beleza em todo lugar que olha. Assim são os Estados Unidos, e o russo se

despede. Dá adeus aos botões verdes que acordam bocejando nos ossos de árvores esqueléticas; aos brinquedos de plástico colorido em jardins que serão renovados com o vigor da primavera; aos gatos e aos cachorros que piscam das janelas, prova da simbiose entre as espécies; adeus às casas de tijolos fortes com a luz aconchegante da televisão e risadas confortáveis. Hoffstetler ergue o cotovelo para limpar as lágrimas, mas elas se misturaram com a chuva.

Ele já pegou esse taxista antes. Uma violação de suas próprias regras de conduta, mas é sua última viagem, e isso não importa mais. Hoffstetler diz ao homem para onde ir; em seguida, olha pela janela, limpando o vidro embaçado, sem querer perder uma só imagem. Automóveis americanos, ele vai sentir falta deles, com suas formas absurdas, seus espíritos ousados e seus pigmentos gregários. O cientista também dá adeus àquele grande Cadillac Coupe de Ville verde que o segue devagar pela rua, uma máquina maravilhosa, apesar da traseira destruída.

É UM BOM dia para sumir. Lainie não consegue parar de pensar nisso. Ela afasta as cortinas mostarda que já foram seu orgulho e olha para uma chuva que quica como bolas de gude sobre a rua. Baltimore, terra de sujeira e concreto, agora é de água que cai não apenas do céu, mas também de todos os outros lugares. Torrentes de chuva de calhas nos telhados, árvores escorrendo, cascatas em grades, redemoinhos atrás dos carros que passam. A tempestade cai com tanta força que parece ser lançada para cima por armadilhas. Com chuva assim, não dá para ver tão longe. É possível sair nela e se perder em segundos, e aquela é exatamente a ideia.

A mochila de Timmy está tão cheia de brinquedos que o garoto precisa dos dois braços para carregá-la, deixando as lágrimas sem enxugar. A bolsa de Tammy também está explodindo, mas ela não derrama uma lágrima. Lainie se pergunta se é porque ela é menina e aprendeu que a máxima masculina de nunca fugir de problemas não vale *porra nenhuma*. (Lainie se vê falando muito palavrão nos próprios pensamentos ultimamente, outro desenvolvimento emocionante.) Tammy encara a mãe com olhos secos e perceptivos. A garota sempre prestara atenção às lições dos livros infantis. Animais têm patas, pássaros têm asas e peixes têm nadadeiras para fugir.

Lainie tomou consciência dos próprios pés, todo o potencial deles, apenas naquela manhã. Richard estava circulando aos tropeços pela casa com os olhos inchados, os ombros batendo em corrimões, arrancando a gravata preta que seus dedos mortos se recusavam a amarrar e deixando-a cair no chão. Lainie estava em sua posição padrão, na faixa de carpete com as marcas permanentes da tábua de passar, passando o ferro a vapor da Westinghouse em uma das camisas sociais do marido. Ele havia chegado em casa de madrugada; a mulher sentiu a metade dele da cama afundar e se agarrou a seu lado do colchão para não rolar para um buraco sem fundo. Naquela manhã, ele acordou a todo vapor, deslizou o corpo oleoso da cama e se vestiu sem tomar banho, a mão indo a todo momento a um bolso do casaco que pendia com um objeto pesado como seu ferro de passar.

Lainie sorria sem parar para as estruturas animadas da TV. As notícias não estavam melhores ou piores do que em qualquer outro dia. Atletas demonstravam ótimos desempenhos. Líderes mundiais discursavam. Negros faziam passeatas. Tropas se reuniam. Mulheres entrelaçavam os braços. Nada conectava uma história com a seguinte, exceto o progresso, cada indivíduo destacado avançando, melhorando,

evoluindo. Em determinado momento, Richard saiu, a batida da porta sendo seu beijo de despedida, e o chão tremeu. A vibração abalou a tábua de passar, e o polegar dela resvalou do seletor do ferro, e Lainie se viu ali *parada*, de repente com a certeza de que era a única pessoa que não se movia no mundo.

O ferro estava pesado demais para permanecer de pé. Lainie não teve opção além de deixá-lo sobre a camisa. Por dez segundos, seria possível resgatar a normalidade com um meneio de seu punho. Então, a fumaça começou a subir. O Westinghouse afundou na mistura de poliéster da mesma maneira que uma ideia penetra em uma mente. Lainie deixou que a fumaça ficasse mais densa. Deixou que os vapores tóxicos provocassem suas mucosas nasais. Só puxou o ferro da mancha derretida da tábua quando as crianças desceram correndo, cheirando a fumaça, momento em que ela se virou, sorriu e disse:

— Vamos fazer uma viagem. Ponham suas coisas favoritas na mochila.

Agora ela está com três bolsas pesadas marcando os ombros. Um dos braços ficou dormente, mas Lainie não se importa. Dormência: foi como sobreviveu à vida com Richard. A mulher conhecida como sra. Strickland é um escudo de corpete, avental e batom contra a dor do potencial desperdiçado, e usar esse escudo em seu próprio benefício, só daquela vez, a deixa empolgada. Ela ajusta as alças. A ponta dos dedos roça nos sulcos de seu pescoço, resultado do enforcamento feito pelo marido. Todo mundo vai ver os hematomas. Todo mundo vai saber. Ela respira fundo. Tudo que você precisa ser, diz a si mesma, é honesta. A verdade vai começar a jorrar, e a liberdade vai começar a surgir.

Um táxi se aproxima, os pneus agitando a água parada. Lainie acena para ele da porta com tela.

— Vamos, crianças, depressa.

— Eu não quero ir — reclama Timmy. — Quero esperar o papai.

— Está chovendo muito — diz Tammy. — A chuva está na barra do meu vestido!

Lainie tem arrependimentos. Ela se arrepende de ter que pedir demissão por telefone da Flórida, do Texas, da Califórnia ou de onde quer que eles aterrissem, e isso não lhe parece muito profissional. Contudo, vai explicar por que precisou partir, e Bernie vai perdoá-la, talvez até concorde em servir de referência. Há outro arrependimento: não ter anotado o endereço do sr. Gunderson, de modo que, em algum ponto de seu futuro delirante e indefinido, ela pudesse escrever para ele e informar que no instante em que pegou a pasta com as pinturas, compreendeu que nunca era tarde demais para melhorar as coisas que você acreditava serem definitivas. A pasta dele, na verdade, é uma das três bolsas penduradas em seu ombro. Pelo que parece, ela pode

carregar muita coisa.

Lainie lamenta, sobretudo, ter levado tanto tempo para chegar até aquela varanda. Sua lentidão teve custos reais. As crianças viram e ouviram coisas que lhes moldaram de maneiras cruéis. A dissecação de Timmy do camaleão permanece um incidente perturbador que nunca foi resolvido. Felizmente, as crianças ainda são jovens; ela não é nenhuma cientista da Occam, mas sabe que o amadurecimento não é uma linha reta, e que sua influência sobre os filhos ainda tem um longo caminho pela frente. A mulher levanta a bolsa do ombro direito de modo que todas as três ficam no esquerdo; depois, se ajoelha e abraça Tammy enquanto se aproxima de Timmy.

— Corra — sussurra ela para o menino. — Direto pelas poças. Faça a maior sujeira que puder.

Ele olha para a calça e os sapatos limpos.

— Sério mesmo?

Ela assente e sorri. Então o garoto, sorrindo também, desce correndo os degraus com um grito e corre pelo jardim, encharcando-se por completo. Tammy entra em pânico, é claro, mas é por isso que Lainie mantém o braço em volta da filha. Ela a levanta, apoiando a menina sobre o quadril, abre a porta com o pé e para sob o teto que no passado representou muitas promessas, mas que no momento está carregado de tanta decepção que Lainie teme que ele desabe, e que ela, presa embaixo dos escombros, se desfça.

No entanto, Timmy está no táxi, ensopado e rindo, pulando no banco e gritando para a mãe entrar. A mulher ri daquilo e percebe que não, ela não vai se desfazer, nunca mais vai se desfazer. Corre para dentro daquele mundo molhado. Gosta de como a chuva bate forte em seu cabelo curto, como a água desliza pela curva do penteado. O taxista pega as bolsas, e a mulher se joga no assento traseiro, dando um gemido quando a chuva escorre por suas costas. Ela esfrega a água do boné de Timmy e torce as pontas do cabelo de Tammy enquanto os dois gritam e gargalham. Lainie ouve a mala do carro sendo fechada, e então o taxista entra no banco da frente, sacudindo a cabeça como um cachorro molhado.

— Vamos flutuar até Timbuktu se esse aguaceiro não parar — diz ele, rindo. — A senhora vai para longe?

Ele a olha pelo espelho retrovisor. Seus olhos descem até o pescoço machucado. Lainie não se retrai: deixe que a verdade se derrame, que surja a liberdade.

— Qualquer lugar onde eu possa alugar um carro. Você conhece algum?

— Tem um aeroporto enorme perto. — A voz dele fica mais suave. — Quer dizer, se a senhora quer conseguir um carro sem reserva. Caso pretenda partir rápido.

Lainie consulta a identificação do motorista: Robert Nathaniel de Castro.

— Isso, sr. Castro. Obrigada.

O táxi deixa as profundezas do meio-fio e sai para o meio da rua.

— Desculpe pela lentidão. Hoje está um pouco difícil dirigir. Mas não se preocupe. Vou levá-la para onde quer ir em segurança.

— Está tudo bem. Não me incomodo.

— A senhora parece feliz. Vocês três. Isso é bom. Algumas pessoas, quando cai uma chuvinha, elas se molham um pouco, e isso estraga todo o dia delas. Mais cedo, a central me mandou buscar um sujeito e levá-lo para o parque industrial perto da Bethlehem Steel. É a segunda vez que o deixo lá. Não há nada naquele lugar, nada mesmo. Dei uma volta para observá-lo. Fiquei um pouco preocupado, sabe? E lá estava ele, sentado em um bloco de concreto no meio da chuva. Ora, *aquele* era um homem que não parecia feliz. Uma pessoa para quem um carro alugado cairia bem, sabe? Parecia que ele estava esperando o fim do mundo. Pela expressão no rosto dele, quase acreditei nisso também.

Lainie sorri. O taxista continua a tagarelar, uma distração agradável. As crianças estão com o rosto apertado contra as janelas, e ela apoia o queixo sobre a cabeça de odor adocicado de Tammy. Lá fora, é como se o carro estivesse descendo uma encosta e mergulhando no mar. Para sobreviver embaixo de tanta água, pensa, ela vai ter que aprender a respirar nela, se adaptar para ser um novo tipo de criatura. De uma maneira bem estranha, Lainie está confiante de que pode fazer isso. O mundo está repleto de córregos, riachos, rios, lagoas e lagos. Ela vai nadar por todos que forem necessários para encontrar o oceano certo para eles, mesmo que isso leve tanto tempo que ela precise crescer barbatanas.

A TEMPESTADE CAI como cimento molhado. O guarda-chuva do cientista abre uma pequena coluna seca que forma um redemoinho com o hálito dele. Parece fumaça, parece que o homem está queimando na fogueira. É difícil ver qualquer coisa além do guarda-chuva: respiração cinza, chuva cinza, concreto cinza, cascalho cinza, céu cinza. Porém, ele sabe para onde olhar e, depois de uma eternidade ansiosa, a fumaça de um escapamento — outra camada de tom cinza — ergue-se pelo caminho. O Chrysler negro atravessa a água como um tubarão.

Hoffstetler quer mergulhar no banco traseiro aquecido, mas mesmo o término de uma missão de dezoito anos não significa estar livre do protocolo estúpido. O homem pega a mala, levanta-se do bloco de concreto e salta sobre as pontas dos pés, atordoado com o entusiasmo. Ele está tão perto agora, perto demais de apertar a mão trêmula do pai, de jogar os braços em torno da mãe, de compensar a vida que passou longe começando a viver outra melhor.

A porta do motorista, como sempre, se abre com um estalo. O Bisão, como sempre, sai do carro deixando o motor ligado, o terno negro coberto por um guarda-chuva negro. Então, algo incomum acontece: a porta do passageiro também se abre, e um segundo homem sai, mantendo-se embaixo das asas abertas do próprio guarda-chuva. Ele estremece no frio e ajeita os ombros para ficar mais aconchegado em um cachecol que ameaça esmagar a flor de sua lapela. Hoffstetler tem uma sensação ruim, como se tivesse deslizado de seu bloco de concreto para não encontrar chão algum.

— *Zdravstvujte* — fala Leo Mihalkov. — Bob.

A água que bate no guarda-chuva de Hoffstetler é ensurdecadora; ele diz a si mesmo que não se pode confiar nos sons. *Zdravstvujte* é uma saudação fria, e *Bob*, em vez de *Dmitri*? Alguma coisa deu errado.

— Leo? Você está aqui para...

— Temos perguntas — diz Mihalkov.

— Um interrogatório? Na chuva?

— Uma única pergunta, na verdade. Não vai demorar muito. Quando você injetou a solução no recurso, como ele reagiu antes de morrer?

O cientista ainda estava girando em um vórtice. Ele quer estender a mão para agarrar seu bloco de concreto, a grade do Chrysler, qualquer coisa para se salvar, mas, se largar o guarda-chuva, vai se afogar naquela água toda. Tenta pensar. A solução prateada, o que poderia ter sido? Hoffstetler devia saber, esse é seu campo de estudo. Sem

dúvida um dos ingredientes era arsênico. Será que outro era cloreto de hidrogênio? Podia haver um pouco de mercúrio? E que tipo de ruína esse coquetel provocaria na anatomia do Devoniano? Se o tamborilar da chuva não estivesse tão desorientador, talvez conseguisse descobrir. Porém, não há tempo. Tudo que pode fazer é dizer alguma coisa qualquer e rezar.

— Foi instantâneo. O recurso sangrou. Profusamente. Morreu na mesma hora.

A chuva continua a cair. Mihalkov o encara. O chão borbulha como lava.

— Está certo. — A voz de Mihalkov está mais gentil agora, regulada para um reservado nos fundos do restaurante Black Sea, suave sob os tambores da tempestade. — Você deixou seu país orgulhoso. Sempre fez isso. Você será lembrado. São pouquíssimos os que podem dizer tal coisa. Nem mesmo eu poderei afirmar isso quando chegar minha hora. Nesse sentido, eu o invejo.

Um homem da KGB como Mihalkov teria detectado o movimento em câmera lenta de sua ratoeira se fechando uma década antes, mas Hoffstetler vê isso apenas naquele momento. Ele não dissera ao Devoniano que não tinha uma inteligência verdadeira? Passara tempo demais nos Estados Unidos para que Moscou se sentisse confortável com ele de volta a solo soviético. Tudo que importava era o cumprimento da missão. Acreditar em qualquer outra coisa era um deleite fantasioso. A mãe e o pai provavelmente estão vivos como lhe fora prometido, mas só como garantia. Agora serão eliminados, com tiros na cabeça, os corpos presos a pedras para poderem afundar no rio Moskva. Hoffstetler se despede rápido deles, desculpa-se de maneira frenética e diz que os ama muito, tudo no segundo que leva para o Bisão tirar um revólver da cintura.

Hoffstetler grita e, por instinto, joga o guarda-chuva na direção do capanga, e antes de ouvir o tiro, o objeto escurece o mundo, uma singularidade engolindo o homem, a arma, a chuva, tudo. Estes são assassinos treinados, porém, e ele é um acadêmico incompetente, e o que parece um punho de ferro atinge seu queixo, e o que parecem pedras quentes explodem atrás de seu rosto. Dentes, pensa. Ele está girando, as bochechas inchadas com sangue, a língua mole com a carne molhada.

Hoffstetler está no chão. O sangue jorra de sua boca em um jato único, uma tigela de sopa de tomate derramada. Ar gelado sopra contra seu rosto da esquerda para a direita, uma sensação estranha. Ele foi baleado na bochecha. Sua mãe ficaria tão chateada, seu menininho desfigurado, os belos dentes estilhaçados. Ele tenta ficar de joelhos, pensando que, se mostrar a Mihalkov o dano feito, o espião poderia deixar por isso mesmo, mas a cabeça está pesada e

desequilibrada; assim, os joelhos escorregam na lama, ele desaba de costas, e a chuva cai sobre seus olhos feito lanças prateadas.

A forma negra do Bisão, ainda segurando o guarda-chuva, encobre toda a luz. Ele olha para baixo com a mesma personalidade vazia de sempre e aponta o revólver para a cabeça de Hoffstetler. A explosão, pensa o cientista, é estranhamente abafada para ser o tiro fatal. Mais estranho ainda é ver o Bisão recuando. Há um segundo tiro, e o guarda-chuva cai da mão do homem bem em cima de Hoffstetler, como terra sendo jogada em uma cova aberta, e leva um momento para o cientista conseguir sair dali e se levantar sobre os cotovelos, a chuva arrastando uma mistura quente de sangue e saliva por seu peito.

O que ele vê é o corpo imóvel e caído do Bisão, a poça vermelha em volta dele ficando rosada com a água que cai do céu. Os olhos de Hoffstetler não conseguem entrar em foco, mas ele vê formas, o vulto ovalado e delgado de Mihalkov correndo com uma pressa incongruente com seu comportamento habitual. Ele está sacando a própria arma, isso fica claro mesmo naquela abstração, mas, talvez estragado por lagosta e caviar, o espião se aferra por tempo demais à vaidade, decidindo não largar o guarda-chuva. Naqueles poucos segundos cruciais, o salvador de Hoffstetler, quem quer que seja, avança correndo com a própria arma ainda fumegando pelos tiros que mataram o Bisão. Ele também não é nenhum amador, segurando a pistola com ambas as mãos, firme sob a tempestade. Apenas um tiro é necessário.

Mihalkov é jogado contra o carro. Aí sim ele deixa cair o guarda-chuva, bem como a arma. Um círculo vermelho cresce em sua camisa, uma segunda flor. Ele morre na mesma hora e é na mesma hora esquecido, exatamente como previra que seria. Hoffstetler aperta os olhos através da nuvem de fumaça e vê o atirador se ajoelhar ao lado do corpo para se assegurar de que está mesmo morto. Em seguida, o homem se levanta e caminha com a velocidade de uma aranha na direção de Hoffstetler. É a chuva que obscurece sua identidade até que ele assome sobre o cientista. É também, imagina o russo, descrença.

— Strickland? — Sua voz está embargada, chiada. — Ah, obrigado, obrigado.

Richard Strickland abaixa a mão, enfia o polegar na boca do russo e puxa. Puxa com tanta força que o corpo inteiro do homem é arrastado pela lama. A dor demora a vir, mas é potente, espalhando-se pela carne e pelos músculos sob um cobertor de choque. O cientista grita, sentindo o rasgar irregular da boca, e grita outra vez, e não para de gritar até que a lama arrastada por seu ombro enche seus olhos e sua boca e ele fica cego, e mudo, e, depois, mais nada.

RECOBRAR A CONSCIÊNCIA é como mergulhar em um pesadelo. Um ruído trovejante abarca tudo. Os olhos de Hoffstetler se voltam para cima, esperando agulhas de chuva, mas um telhado de metal o cobre, e é dele que vem o estrondo. O homem está em uma varanda de concreto, em uma espécie de barracão. Ele vê pingos grossos de chuva atingirem tijolos destorcidos e aço oxidado. Ainda está no parque industrial. Uma sombra está à espreita em seu campo de visão. O russo pisca para limpar os olhos de algum líquido — água, sangue? Vê Strickland, andando por toda a extensão de concreto. Ele segura algo pequeno, um frasco de remédios, e o vira na boca aberta, mas está vazio. O militar xinga, joga o frasco no chão e olha para o cientista.

— Você está acordado — diz Strickland, rosnando. — Bom. Tenho coisas a fazer.

Ele se agacha. Em vez do aguilhão laranja que leva para toda parte, sua mão carrega uma pistola. Ele a engatilha e aponta para a palma da mão direita de Hoffstetler. O cano é frio e molhado, o focinho de um filhote, pensa o russo.

— Strickland. — Assim que Hoffstetler fala, sua bochecha mutilada, todos os nervos partidos, voltam à vida. — *Richard*. Está doendo. O hospital, por favor...

— Qual é o seu nome?

Ele está mentindo há duas décadas; agora, já faz isso por instinto.

— Bob Hoffstetler. Você me *conhece*.

A arma dispara. Para a surpresa dele, a bala no cimento soa como algo borrachudo, uma pancada pesada e sonora. O cientista sente que sua mão foi atingida. Ele a ergue. Há um furo redondo e chamuscado no centro de sua palma. Seu impulso natural é contrair os dedos para ver se ainda funcionam, pois há milhares de páginas de livros a serem viradas, análises a serem escritas. Em vez disso, porém, ele gira a mão. O ferimento de saída é uma estrela irregular com abas de pele. Vasos sanguíneos pendem do buraco. Hoffstetler sabe que está prestes a sangrar, então, aperta a mão contra o peito.

Strickland empurra a arma na outra palma.

— O nome verdadeiro, Bob.

— Dmitri. Dmitri Hoffstetler. Por favor, Richard, por favor.

— Muito bem, Dmitri. Agora me dê os nomes e as patentes do grupo de ataque.

— Grupo de ataque? Não sei do que...

A pistola estoura de novo, e o homem grita. Ele leva a mão

esquerda ao peito sem olhar para ela, embora não consiga ignorar a nuvem de fumaça exalada pela carne queimada. Suas mãos, ou o que restou delas, seguram uma à outra, enquanto ações que Hoffstetler poderia nunca mais fazer sozinho passam aceleradas por sua mente: se alimentar, tomar banho, se limpar depois de usar o vaso sanitário. Ele está chorando, e as lágrimas se afunilam para o interior do buraco em sua bochecha e se acumulam salgadas na língua.

— Veja bem, Dmitri — continua Strickland. — Esses homens que vieram buscar você, alguém logo vai perceber que eles sumiram. As coisas estão acontecendo rápido. Não há nada que eu possa fazer. Então vou perguntar mais uma vez.

Hoffstetler sente o cano duro da arma no joelho.

— Não, não, por favor, não, Richard, por favor, por favor.

— Nomes e patentes. Do grupo de assalto que levou o recurso.

Pelas erupções vermelhas de dor, Hoffstetler entende. Strickland acredita que os soviéticos roubaram o Devoniano. Não com um único infiltrado como o dr. Hoffstetler, mas com uma unidade de remoção portando armas de alta tecnologia enquanto rastejavam por dutos de ventilação para pegar a presa. Um som estranho escapa da garganta do cientista. Deve ser um gemido, pensa, mas em seguida outro ruído escapa, e ele reconhece aquilo como uma risada. O que Strickland pensa é *engraçado*. E ali, quando o pavio de sua vida parece prestes a terminar de queimar, ele não consegue imaginar nenhum som mais surpreendente e agradável com o qual chegar ao fim. O russo fica boquiaberto e deixa que o riso ressoe, borbulhando sangue e cuspidando pedaços de dentes.

O rosto do militar fica vermelho. Ele atira, e Hoffstetler grita. Pelo rabo do olho, o russo vê a metade inferior de sua perna deslizando pelo concreto, mas os gritos se transformam outra vez em risos, e ele fica muito orgulhoso. Os lábios de Strickland se estreitam e mostram os dentes, e mais tiros se seguem; o outro joelho, os dois cotovelos, seus ombros — dor explodindo até não ser mais dor, apenas um puro estado bruto de existência que amplifica o som prolongado que o cientista escolheu como seu fim: uma gargalhada. O barulho alegre ecoa de sua boca, do buraco na bochecha, dos novos ferimentos por todo o corpo. Strickland se levanta e descarrega o pente na barriga de Hoffstetler.

— *Nomes! Patentes! Nomes! Patentes!*

— Patentes? — pergunta Hoffstetler, ainda rindo. — Serventes.

Ele sente uma pontada de arrependimento como mais uma bala. Talvez não devesse ter dito isso, mas está atordoado demais para pensar. A sopa formada por seus intestinos escorre pelas laterais do tronco, vapor se ergue de suas entranhas e rodopia diante de Strickland, pequenos punhos de protesto. O russo se sente rodopiando

em alta velocidade para trás e para baixo, depois de uma vida enraizado atrás de púlpitos e mesas. Ainda assim, teimosamente, ele é um acadêmico até o fim, e as palavras de seu filósofo favorito, Pierre Teilhard de Chardin — quem além de um acadêmico tem um filósofo favorito? — sangram através da turbidez. *Nós somos um, afinal, você e eu. Juntos sofremos, juntos existimos e para sempre vamos recriar um ao outro.* Sim, é isso! Toda uma vida solitária não importa, pois ele não está sozinho ali, no fim. Hoffstetler está com você, e com você, e com você, e não teria percebido nada disso se não fosse pelo Devoniano. Ele é o aparecimento definitivo, acelerado pelo sacrifício: encontrar Deus, esse moleque travesso, escondido onde menos se espera; não em uma igreja, não em uma placa, mas dentro de nós, bem ali junto de nossos corações.

O QUE ZELDA estava fazendo nos segundos antes de sua porta ser arrombada? Antes que a madeira que prendia o trinco se desintegrasse em farpas afiadas e deixasse a tranca de corrente pendurada como um colar arrancado por um ladrão? Zelda acha que estava cozinhando. Ela costuma fazer isso antes de ir trabalhar, preparando para Brewster comida para um dia. Ela sente cheiro de bacon, manteiga, couve-de-bruxelas. Também há música, um cantor de voz rouca. Ela devia estar ouvindo o rádio. A mulher se pergunta se estava se divertindo, se estava feliz. Parece fundamental se lembrar desses detalhes, pois tem certeza de que serão os últimos.

Até o momento, a imagem mais surreal da vida dela tinha sido o recurso da F-1 olhando-a do carrinho de lavanderia de Elisa. Foi algo muito incongruente, aquela fera brilhante e temível situada em uma cama cinzenta e molhada de trapos sujos. Mesmo isso, porém, empalidece diante dessa visão: Richard Strickland, aquele homem horrendo do trabalho, de olhos esbugalhados, encharcado de chuva, salpicado de sangue e segurando uma arma em sua sala de estar.

Brewster está onde sempre está quando não tem nada para fazer: na poltrona reclinada, os pés com meias apoiados no descanso, uma lata de cerveja em uma das mãos frouxas. Strickland bloqueia a TV, e o marido de Zelda examina o homem com uma leve perturbação, como se o monstro tivesse aparecido atrás da bancada do âncora de TV em vez de no seu lar. Strickland bufa e cospe um jato de saliva, chuva e sangue, em que pisa logo depois, sujando o tapete limpo com panquecas secas de lama grudadas às solas de seus sapatos.

Zelda não precisa perguntar por que nada daquilo está acontecendo. A mulher ergue as mãos à frente. Descobre estar segurando uma espátula.

— Bela casa você tem. — A voz do militar está alterada.

— Sr. Strickland — suplica ela —, a gente não quis causar mal nenhum, juro.

Ele franze o cenho para as paredes, e, por um instante, Zelda consegue ver a decoração alegre refletida nos olhos vermelhos e ferozes do homem: bagatelas falsas, lembranças piegas, quinquilharias idiotas que comemoram uma vida feliz que nunca pôde ter sido tão feliz assim. Strickland gira o punho com preguiça. O cano da arma arrebenta o vidro da fotografia emoldurada, uma rachadura em forma de raio dividindo o rosto da mãe de Zelda.

— Onde ele está? No porão?

— Nós não temos um porão, Strickland. Eu juro.

Ele passa a arma por uma prateleira de bonequinhos de porcelana. Um de cada vez, eles caem, estilhaçando-se no chão. Zelda se encolhe quando eles atingem o piso: o menininho com o acordeão, o cervo de olhos grandes, o anjo de Feliz Ano-Novo, o gato persa. Apenas bugigangas, diz a si mesma, sem significado real, mas é mentira, eles são importantes, são três décadas de provas de que Zelda, de vez em quando, economizou dinheiro suficiente para comprar alguma coisa frívola para si, algo que apenas tinha uma aparência bonita, exceções às regras duras de bifes difíceis de mastigar, cereal de marcas genéricas e queijos baratos.

O militar se vira, os sapatos enlameados triturando a porcelana, e ele aponta a arma para a mulher como um dedo acusador.

— *Senhor*, sra. Brewster. Você tem um problema enorme com nomes.

— Brewster — diz o marido de Zelda. Ouvir o próprio nome o tira do estupor. — Esse sou eu.

Strickland não olha para ele, mas agita a cabeça.

— Ah, certo. Zelda Fuller. Zelda D. Fuller. A velha Dalila. — Ele dá alguns passos, reduzindo à metade a distância entre eles tão depressa que a mulher deixa a espátula cair. — Você nunca me deixa terminar a história. — Strickland agita o braço com a arma, destruindo um vaso de cerâmica que pertenceu à avó de Zelda. — Sansão, pelo que me lembro, é traído por Dalila, cego e torturado pelos filisteus, mas no último segundo é salvo. Deus o salva. — Ele bate com a arma no vidro do armário, pulverizando o jogo de pratos chiques da mãe dela. — Por que ele foi salvo? Porque é um homem bom, Dalila. Um homem de princípios. Um homem que, até a porra da sua última gota de energia, tentou fazer a coisa certa.

Ele bate no fogão ao lado de Zelda com as costas da mão, virando uma frigideira e jogando gordura de bacon no livro de linguagem de sinais. A gordura fervilha e abre buracos nas páginas. A mulher sente uma onda de indignação. Ela dardeja os olhos pela casa em ruínas, aquela destruição brutal que tentava apagar as memórias de cada luta que ela havia superado. Strickland está a um metro de distância. A arma ainda pode atingir o rosto da mulher, mas ela não se importa, empinando o nariz o mais alto possível. Zelda não vai ficar com medo. Não vai desistir da amiga.

Strickland a encara com um olhar atravessado. Há uma espuma branca que parece aspirina regurgitada acumulada no canto dos lábios dele. Devagar, ele exhibe a mão esquerda. Apesar do terror paralisante, Zelda recua diante da visão repulsiva. Não via aqueles dedos desde que ela e Elisa os encontraram no chão do laboratório. No momento, não há mais atadura, e a operação está exposta como um fracasso. Os

dedos estão do preto reluzente de bananas podres, inchados ao ponto de ruptura.

— Deus devolve toda a força a Sansão — diz Strickland. — Devolve a ele todo o seu poder. Para que ele possa fazer com que a ruína chova sobre os filisteus. Ele segura os pilares do templo. Assim.

Strickland prende a arma na axila e segura os dois dedos mortos.

— E depois? Ele as quebra!

O homem arranca os dedos. Eles se soltam como papéis perfurados, fazendo uma série de estalos baixos — como se o militar estivesse quebrando vagens, pensa Zelda antes de gritar. Ela escuta um baque surdo (seu marido deixando a cerveja cair) e um zunido (a poltrona reclinável voltando rapidamente para a posição ereta). Strickland ergue as sobranceiras com surpresa diante do jato de cinco centímetros de fluido marrom que jorra como gêiseres dos buracos dos dedos antes de escorrer por sua mão como molho derramado. Ele observa as duas salsichas negras que ainda segura e as lança no piso da cozinha. De um dos dedos sai a aliança.

— Foi Elisa — diz Brewster. — Elisa não-sei-o-que-lá. A muda. É com ela que a coisa está.

Os únicos sons são o ruído da chuva entrando pela porta aberta, o barulho da televisão e o gorgolejar suave da lata de cerveja se esvaziando no carpete. Strickland se vira. Zelda segura o fogão para poder continuar de pé; em seguida, balança a cabeça para o marido.

— Brewster, não...

— Ela mora em cima de um cinema — entrega ele. — É o que Zelda diz. O Arcade. Alguns quarteirões ao norte do rio. Dá para ir fácil daqui. Cinco minutos, no máximo.

O peso da arma parece dobrar. Zelda a observa pender para baixo até apontar para o chão.

— Elisa? — sussurra Strickland. — Elisa fez isso?

O chefe encara sua funcionária, o rosto repuxado com choque diante da traição, os braços tremendo um pouco, como se em busca de um abraço que pudesse mantê-lo erguido. Zelda não sabe o que dizer ou fazer, por isso não se move nem faz nenhum som. Ele parece desapontado. Lança uma expressão triste para o dedo que manchou o linóleo, como se o desejasse de volta. Respira por um minuto, uma respiração rasa, a princípio, depois mais profunda, antes de levantar a cabeça e aprumar os ombros. Porte militar, imagina Zelda, é tudo que resta àquele homem em ruínas.

Ele segue penosamente pelo carpete, os sapatos se arrastando pela lama. Levanta o telefone como se este também tivesse o peso de um bloco de concreto e disca como se através de argila. Zelda encara o marido. Brewster observa Strickland sem desviar os olhos. A mulher escuta a fala aguda de um homem atendendo do outro lado.

— Fleming. — A voz de Strickland soa tão sem vida que Zelda estremece. — Eu estava... errado. É a outra. Elisa Esposito. Ela está com o recurso em um apartamento em cima do Arcade. Isso mesmo, o cinema. Redirecione a unidade de contenção. Vou encontrá-los lá.

Strickland recoloca o fone com cuidado no gancho e se vira. Ele examina o vidro, a porcelana, a cerâmica, a louça, o papel, a carne — tanto detrito gerado em tão pouco tempo. Seus modos comatosos sugerem a Zelda que ele nunca vai deixar aquele lugar, que vai se tornar uma instalação na casa que a mulher vai ter que colar de volta com o restante dos destroços. Porém, Strickland é um relógio com a corda toda. Engrenagens giram em seu interior e ele se move, passando entre Brewster e a televisão, até a porta aberta.

Outro movimento impetuoso, e ele se vai, derretendo na chuva.

Zelda corre adiante para pegar o telefone. Brewster, entretanto, enfim se levanta e se move mais depressa do que ela jamais viu. A poltrona reclinável balança e geme, de repente vazia, e Zelda vê o braço do marido atravessado sobre o telefone.

— Brewster, por favor, tire o braço.

— Você não pode se envolver. Nós não podemos nos envolver.

— Ele está indo para a casa dela. E a culpa é sua, Brewster! Preciso avisar Elisa. Ele está armado!

— Fui eu que nos salvei. Se não pegarem sua amiga, em quem vão colocar a culpa? Você acha que eles vão esquecer tudo? Esquecer o casal de pretos intrometidos? Vamos consertar a porta e pegar essas... coisas que ele deixou cair no chão, e sentar e ver TV. Como gente normal.

— Eu nunca devia ter contado a você. Nunca devia ter dito uma palavra...

— Termine de fazer o jantar. Vou arranjar alguma coisa para limpar o carpete...

— Eles se amam. Você não se lembra disso? Não se lembra de como era?

O braço de Brewster cede. Mas não sai de cima do telefone.

— Lembro — diz ele. — É por isso que não posso deixar você fazer esse telefonema.

Seus olhos castanhos, tão frequentemente semicerrados e vidrados pelo brilho da televisão, estão abertos e claros. Neles, Zelda vê o reflexo do entulho deixado por Strickland. Na verdade, vê muito mais que isso. Vê a própria história de Brewster, cheia de lutas e de perdas, sempre sendo derrotado, mas sem nunca desistir de verdade, nem mesmo quando Zelda revela suas fantasias de deixar a Occam e começar o próprio negócio. Nesse sentido, seu marido é corajoso. Ele sobreviveu. Ainda está ao lado dela, sobrevivendo. Brewster é um bom homem.

Contudo, Zelda é uma boa mulher, ou quer ser, e essa realização em especial é medida pela distância entre o pote onde Brewster guarda as chaves do carro e a porta da frente ainda aberta, e, além deles, pela distância entre a porta e o Ford de Brewster parado sob a chuva. Zelda sabe que pode chegar ao carro; o marido estará surpreso demais para segui-la. Ela sabe que pode chegar até Elisa também, mesmo naquela tempestade de proporções bíblicas. O que não sabe é o que fazer depois que chegar lá, ou quais serão as consequências. Porém, é sempre impossível saber essas coisas, não? O mundo gira. Você luta pelas coisas certas, e fica satisfeito por ter feito isso. Esse, pelo menos, é o plano, o melhor que Zelda D. Fuller tem.

ELISA CONHECE CADA folha de sua selva, cada cipó, cada pedra, e não detecta nenhuma maldade na sombra que se projeta sobre ela. Abre os olhos quentes e úmidos, saboreando a resistência divertida de gotas que tentam manter cílios individuais grudados. Eles se afastam, um por um, relutantes e lânguidos. É Giles, iluminado por trás pela luz da sala de estar, parado acima da banheira, com um sorriso gentil, e a mulher se pergunta se a umidade de estufa no banheiro é a culpada pelas lágrimas que enchem os olhos deles.

— Está na hora, querida.

Ela passa os braços letárgicos em torno da criatura sonolenta. Elisa está relutante em recordar — mas também não consegue deixar de fazer isso — como várias horas atrás, talvez vários milênios, ela bateu na porta de Giles para implorar pelo maior e mais terrível favor. Elisa sinalizou o pedido muito rápido, de modo que a tristeza não se prolongasse: destrancar seu apartamento antes da meia-noite, levantá-la da banheira e ignorar qualquer protesto que pudesse fazer. A água esfriou; ainda assim, a mulher não quer sair dali. Não pode ser tão tarde. Não pode ser. Ela teve o dia inteiro, a noite inteira para dizer adeus a ele e sequer começou.

Giles coloca uma das mãos no joelho para se agachar, mas para no meio do caminho. Ele segura um pincel comprido e de ponta fina, ótimo para detalhes, e parece esquecer o objeto ali. Agora há tinta verde em um dos joelhos da calça. Ele ri e guarda o pincel no bolso da camisa.

— Eu terminei. — O pintor não consegue esconder o orgulho da voz, e Elisa fica feliz com isso. — Não vai ser a mesma coisa que tê-lo aqui. Não mesmo. Mas acredito que é o mais perto que qualquer pessoa jamais poderia chegar. E é para você, Elisa. Ao menos, vai ter isso para se lembrar dele. Quero mostrar quando estiver de saída, mostrar a ambos. Agora, por favor, querida. Está tarde. Segure a minha mão.

Elisa sorri, perdida em assombro devido aos fios de cabelo na cabeça do amigo, o brio juvenil de seu rosto, o tom saudável de sua pele. Seu aspecto é gentil, mas decidido. Ela olha para a mão estendida, os pelos dos nós dos dedos sujos de tinta, as unhas cobertas de tinta, o punho do suéter envolto em tinta. Ela ergue uma das mãos da água. No instante em que a mão deixa as costas do ser, ele se eriça e segura Elisa com mais firmeza. A mulher hesita, e a mão dela ocupa o mundo intermediário entre seu leito nupcial aquático e o chão firme

de Giles, sem saber se consegue ir de um para o outro.

Há um estrondo. Na rua, bem perto. Foi contra o próprio prédio. E alto. Metal, vidro, plástico, vapor. Elisa sente a batida em seu corpo, uma concussão nos pulmões, e ela sabe, *sabe* que demorou demais. Giles sabe também; ele estende os braços e agarra o punho da amiga. Até a criatura sabe: suas garras se projetam, arranhando como a unha de um amante as costas nuas da mulher. Os três se movem em harmonia. Água derrama pela borda da banheira. Plantas caem da pia. Árvores de papelão balançam nas paredes. Eles foram encontrados.

A CULPA É da chuva. A rua deve estar com cinco centímetros de água, que o suga na direção da sarjeta. A tempestade açoita o para-brisa com elipses estonteantes que fazem com que ele calcule mal a curva. O cinema surge diante dele, milhares de luzes borradas como tinta amarela chuviscada. Ele gira o volante no beco adjacente, confiando na famosa direção hidráulica, mas é tarde demais. A traseira amassada erra as manobras mais simples, e seu Cadillac — seu amado Cadillac Coupe de Ville, 2,3 toneladas e 5,6 metros de conforto palaciano, de zero a cem em 10,7 segundos, som estéreo AM/FM, novo em folha — bate na lateral do cinema.

Strickland sai com dificuldade. Por força do hábito, tenta fechar a porta, mas não está acostumado à mão com dois dedos a menos. Ele erra a porta completamente, e sua mão atravessa a chuva. Avalia o desastre. Dianteira amassada, traseira idem. O sonho americano demolido a partir das duas extremidades. Não importa. Ele é o deus da selva, e os macacos rasgam seu crânio humano idiota. O homem caminha com água até os tornozelos. Da bilheteria, um sujeito com um crachá corre até ele, gesticulando horrorizado para os tijolos quebrados espalhados pela calçada.

Na floresta, esse homem não passa de um mosquito zumbindo. Strickland o golpeia com a Beretta, atingindo-o no nariz. Uma bandeira de sangue tremula antes que a chuva a espalhe pela calçada. O militar passa pelo corpo se contorcendo e segue por baixo do esplendor encharcado das lâmpadas do letreiro. De volta ao beco, ele vê. Um nicho, uma porta para os apartamentos. Elisa, sua visão sem voz, sua esperança no futuro, sua traidora, sua presa. O Cadillac bloqueia a entrada do beco. Ele precisa subir pelo capô. O motor bifurcado cospe vapor, e Strickland para diante dele. O calor da Amazônia, a emoção doentia, o retorcer quente de víbora, o rodopiar fervilhante da piranha, tudo isso o afeta até os ossos duros, limpos, afiados e eficientes.

O que ele vê na outra extremidade do beco, embaixo de um poste envolvido por um monte de mariposas? Um furgão branco sem o para-choque dianteiro pintado com as palavras TINTURARIA MILICENT. Strickland se afasta do vapor calcinante e sorri, sentindo milhões de dardos maciços de chuva ricocheteando em seu crânio.

ELES BALANÇAM NO alto da escada de incêndio, que aguenta o excesso de peso da criatura entre os dois humanos. Elisa vestiu a primeira roupa que encontrou, seu roupão de banho rosa e puído, e os primeiros sapatos que viu, os especiais com engastes prateados da Julia's, que ela pegou como talismãs. É claro que a mulher escorrega, fazendo com que metade de seu corpo passe pela grade de proteção. O ser, envolto em um cobertor que mal o esconde, puxa-a da beirada. Abaixo, ela vê o Pug. Vê também um carro acidentado, uma máquina verde gigantesca espremida entre as paredes do beco, bloqueando a única saída do furgão. Diretamente abaixo deles, fora de vista, ela escuta a maçaneta dos apartamentos Arcade sendo agitada; em seguida, as pancadas fortes de um sapato chutando a porta; e, então, um estrondo tão alto que todas as gotas de chuva congelam no lugar por um segundo, e a luz vermelha do brilho da pólvora transforma cada gota no sangue de um planeta moribundo.

As pegadas do homem sobem correndo a escada interna. Giles, por sua vez, apressa Elisa para descer a escada de incêndio. A descida deles é o oposto da subida lenta com a criatura há uma semana, uma carreira desabalada com pés escorregando e corpos colidindo. Elisa só consegue enfiar o rosto no pescoço da criatura e se agarrar ao suéter encharcado de Giles. O artista os leva adiante, rápido, destemido. Seu cabelo novo está grudado na cabeça, e o pincel no bolso sangra verde pela camisa. Elisa acha que, se perfurado, o coração dela também sangraria verde.

Eles chegam ao beco com os corações partidos, mas sem nenhum osso quebrado.

— Teremos que ir a pé! — grita Giles em meio à chuva. — São só alguns quarteirões! Vamos conseguir! Nada de discussões! Vamos, vamos!

O beco é o habitual campo minado de buracos. Elisa nunca se importou com isso até aquele momento, quando, a cada dois passos, seu pé cai dentro de água oleosa até as canelas. Não há tempo para tirar os sapatos prateados. Seus pés avançam como pistões danificados, um para cima, outro para baixo. Estão demorando demais. Finalmente, o trio chega ao carro batido, cegos por seus faróis. Elisa rasteja por cima do capô amassado e ajuda Giles a erguer a criatura. O artista é o último da fila. Ele recolhe o cobertor caído, enrola-o em torno da criatura e os empurra para a frente. Elisa olha para o sr. Arzounian, que os observa, boquiaberto, da calçada, com

uma das mãos apertada sobre o nariz quebrado, talvez acreditando que o filme mais estranho que já exibiu tivesse ganhado vida.

STRICKLAND SENTE O cheiro do deus Brânquia. A memória retorna direto da Amazônia. O odor de salmoura, fruta e lodo do deus das guelras. Nos laboratórios da Occam, detergentes antissépticos o haviam embotado, e isso foi um erro. Como os humanos podem ser tão idiotas a ponto de roubarem de si mesmos seu sentido de defesa mais útil? Ele sabe de quem é a culpa. Das serventes. O sabão, o alvejante e a amônia delas não estavam limpando a camada de sujeira do lugar, estavam escondendo um outro mundo, um mundo ascendente, a menos que Strickland se mova depressa e dê um fim nele.

Duas portas. Ele escolhe a primeira. Não se incomoda em bater ou chutar. Aponta a pistola e dispara na maçaneta. A porta é ainda pior que a de Dalila Brewster. A parte do meio se desintegra, transformando-se em serragem. Strickland chuta as extremidades irregulares, joga o ombro contra ela e entra, de arma em punho, tão preparado quanto estava no pé da pilha em Yeongdong para matar qualquer coisa que ainda respirasse.

O deus Brânquia — colossal, beatífico e resplandecente — reina no centro do apartamento apertado e empoeirado. Strickland se enganou ao pensar que estava pronto. Não está. O homem grita e cai de joelhos, e dispara, e grita, e dispara, e grita. Balas passam direto pelo alvo. O deus das guelras não reage. A arma fica quente nas mãos dele. Seus braços tremem devido aos disparos. Ele se joga contra a parede e cobre o rosto. O deus Brânquia olha para ele, paciente e inalterado.

O militar limpa a chuva dos olhos, começando a entender. Esse deus Brânquia não é real. Não no sentido de algo que ele possa matar. É uma pintura de fato impressionante, tão detalhada que chega a ser perturbadora. De algum modo, é o deus Brânquia, como se pintado com o sangue e as escamas dele sobre uma rocha escavada na gruta da criatura. Strickland inclina a cabeça, e a imagem do deus das guelras parece erguer os braços, oferecendo-lhe um abraço. Um tipo de truque visual. Ele rejeita a lembrança, mas ela o invade mesmo assim. Sua perseguição ao deus Brânquia até o fatídico igarapé, onde o encurralou em uma caverna. Como ele se ofereceu a Strickland, aceitando sua violência, sua raiva e sua confusão, entendendo a obrigação que o militar sentia em relação ao deus que ele chama de general Hoyt. Strickland, em resposta, arpoou o deus Brânquia. Até aquele momento não havia percebido que empalara a si mesmo na outra extremidade do arpão, unindo os dois para sempre, ferida contra ferida.

ELISA NÃO PODE negar que é um tipo de milagre. Bem na noite em que ela não tem opção além de caminhar em público com a criatura a seu lado, a chuva é tão brutal que as ruas estão vazias. Automóveis rebeldes aguardam em estacionamentos, seus motoristas torcendo para uma tempestade que deviam estar desconfiando que fosse durar uma eternidade acabasse logo. Solitários infelizes se encolhem sob as coberturas de pontos de ônibus ou marquises de lojas observando a água subir cada vez mais. É impossível passar pelas calçadas, por isso Elisa e Giles caminham pelo solo mais alto disponível, o centro da rua, com a criatura apoiada entre eles, com as guelras abertas para a chuva.



Ela mal consegue andar sob o roupão encharcado. Giles, embora revivido em espírito, ainda é velho. Não estão indo rápido o suficiente. O homem nos apartamentos do Arcade vai alcançá-los. Elisa olha para trás, esperando ouvir o triturar do Cadillac destrozado rodando atrás deles como um tanque ou ver Richard Strickland andando na tempestade, sorrindo com certa preguiça e dizendo a ela mais uma vez: *Aposto que eu poderia fazer você gritar. Só um pouco?*

Se não Strickland, algum bom samaritano vai se aproximar para ajudar, e tudo estará perdido do mesmo jeito. Desesperada, Elisa olha em volta, com o cabelo escorrendo água. Eles precisam de outro milagre. Um carro abandonado com as chaves na ignição, um motorista de ônibus maluco o bastante para ainda estar fazendo seu trajeto. Ela começa a sinalizar para Giles: “Muito devagar”, mas ele não está olhando. A mulher passa pela criatura e aperta o sinal no braço do amigo. Ele dá uns tapinhas na mão da moça, mas não em resposta. Está tentando chamar a atenção dela. O artista para de repente. A criatura é jogada para a frente, e Elisa quase tropeça nos sapatos prateados. Parar é uma péssima ideia, e ela se vira para Giles. Contudo, ele está com os olhos fixos e arregalados, observando a sarjeta.

À direita, uma massa escura se reúne no bueiro. Lama, pensa Elisa, expelida por esgotos inundados. No entanto, a massa está se movendo, nadando por cascatas de chuva, rastejando pelo calçamento molhado. Ela identifica as criaturas com um choque entorpecido. Ratos, jorrando dos esgotos inundados. Ao longe, um observador horrorizado grita. Os animais atropelam uns aos outros, as caudas rosadas se retorcendo, espalhando-se pela rua como asfalto, as pelagens molhadas reluzindo sob as luzes dos postes. Elisa olha para a esquerda e vê a mesma coisa, uma onda negra de roedores. Ela sente Giles apertar sua mão e prende a respiração quando são cercados pelos bichos. A loucura se intensifica: os ratos param em conjunto, mantendo uma distância de um metro e meio deles, encarando com olhos negros, os focinhos se retorcendo. Centenas, à espera de um sinal.

— Eu confesso, minha querida — diz Giles —, que não sei o que fazer.

Elisa sente a criatura se mexendo embaixo do cobertor ensopado. Uma única mão enorme e com garras emerge e, embora o corpo arqueje no esforço para respirar, a mão está firme. O ser faz um gesto curvo e suave, uma bênção, e a chuva se acumula na palma da mão escamosa. O campo de ratos encharcados ondula em um tremor coletivo, de um corpo miúdo para o outro, e um ruído áspero estranho se ergue para competir com o ritmo da tempestade. É o arranhar, percebe Elisa, de mil pernas minúsculas recuando sobre o calçamento.

Ela esfrega a chuva dos olhos, mas não resta dúvida.

Os ratos estão se afastando, criando um caminho para que eles passem.

O ser deixa que sua mão caia e desaba de maneira tão pesada que Elisa e Giles precisam agir rápido e em conjunto para impedir que ele atinja o chão.

— “Não é uma noite adequada para homem nem animal” — diz Giles com a voz trêmula. — W.C. Fields. — Ele engole em seco e indica com a cabeça a rua à frente. — Juntos, então, nós seguimos adiante. Para a luta.

LÁGRIMAS QUENTES DESCEM ardendo pelo rosto de Strickland, já queimado pelo calor do Cadillac. Ele não vai se tornar humano outra vez. Mudar seria como rastejar de volta ao útero, invalidando toda a sua história, a admissão de uma vida sem propósito. Impossível, por mais que pudesse querer isso. Os macacos gritam, e ele faz o que mandam, forçando-se a olhar para o deus Brânquia. Apenas tinta, apenas tela. O homem para de pé, encontra equilíbrio. Sim, isso mesmo. Se for preciso, Strickland vai arrancar outros dois dedos, um braço inteiro, a própria cabeça, qualquer coisa para ver o sangue fluir e provar qual dos dois é real.

O militar passa pela porta arrebatada, sai para o corredor inundado pelo barulho alto de chuva e encara o segundo apartamento. Melhor economizar balas. Seis ou sete chutes, e ele já entrou. É pior que as caixas fechadas de Lainie. É um buraco desmazelado apropriado somente para pragas. E é isso que Elisa Esposito é. No segundo em que a preta lhe contou que Elisa tinha sido criada em um orfanato, ele devia ter percebido. Ninguém nunca quis, vai querer ou deveria querê-la.

Ele segue o cheiro da mulher até um quarto atulhado. A parede acima da cama está coberta de sapatos, muitos dos quais, para sua vergonha, Strickland reconhece. Seu pau reage, e ele quer arrancá-lo fora da mesma maneira que fez com os dedos. Talvez depois, quando voltar para ver o prédio inteiro queimando. O aroma do deus Brânquia ali também é forte. Ele vai até o banheiro e encontra uma banheira coberta de escamas luminosas. Pequenas árvores de purificador de ar cobrem cada centímetro da parede. O que diabos aconteceu ali? A ideia que o homem está começando a formular o enoja.

Strickland cambaleia para a sala principal. Sua visão começa a rodar. Eles não estão ali. De algum modo, o recurso escapou. A Beretta fica pesada em sua mão. A arma o puxa para a direita, para a direita, formando um círculo, depois outro. Ele está girando. Os detritos do mundo de Elisa, o mundo que ele já desejou, redemoinham em um marrom feio. O militar vislumbra algo. Resta-lhe apenas um pouco de juízo para perceber. Ele tem que empurrar a arma sobre uma mesa velha para deter as rotações nauseantes.

Um calendário de papel. Escritas na data de hoje estão as palavras *MEIA-NOITE — NAS DOCAS*. Strickland verifica o relógio acima da mesa. Não é meia-noite. Ainda há tempo. Ainda há tempo se ele conseguir parar de girar, se conseguir correr em linha reta. O homem

pega o telefone sobre a mesa, disca com um dedo que parece longo e que lembra um inseto perto dos outros dedos que deveriam estar ali. Fleming atende. Strickland tenta dizer a ele para desviar a equipe de contenção, que vem da Occam, para as docas perto daquela rua. Ele não sabe se suas instruções são claras. Sua voz não parece ser mais sua.

— xxxxxxx xxxxxx xxxxxx xxxxxxxx xxxxxxxx xxxxxxxx xx xxx
xxxxxxxxxxxxx!

OS RATOS FORAM o que Elisa percebeu de imediato porque estavam em número muito maior que o restante. Ao chegar no píer, seus olhos atônitos já observaram outros habitantes dos subterrâneos em meio à legião palpitante, predadores e presas juntos em uma paz interespécies que imita a de Elisa e a da criatura. Esquilos malhados, coelhos de olhos vermelhos, guaxinins gordos, raposas sujas de esgoto, sapos saltitando, lagartos correndo, cobras deslizando e, remexendo-se embaixo de todos eles, uma camada de vermes, centopeias e lesmas. Insetos esvoaçam acima da massa de roedores em movimento, uma faixa negra que persiste mesmo através da chuva forte. Na periferia, animais da superfície começaram a chegar. Cães, gatos, patos, um único porco misterioso, atraídos como se para se curvar diante de um deus que eles, em seus corações de animal, sempre esperaram.

Os animais se afastam do píer para deixar o trio passar. O cais é tão curto quanto Elisa se lembra, talvez doze metros, embora, no momento, isso seja bastante. A marca de dez metros de profundidade foi ultrapassada com sobra; apenas o alto da grade de proteção é visível. O nível do rio está a alguns centímetros do limite do píer, e ele se agita com a tempestade, esguichando através das tábuas. Finalmente, tudo converge. Ainda assim, Elisa fica imóvel, com a chuva a encharcando. Sua respiração sai de maneira arrastada; a mulher percebe que ela se assemelha à sucção difícil de ar da criatura através das guelras agitadas. Ela sente a mão de alguém nas costas molhadas.

— Rápido — sussurra Giles.

Ela chora, e o céu também; o universo inteiro chora, as pessoas, os animais, a terra e a água, todos pranteando por uma união quase selada entre dois mundos divergentes, mas que não podia, no fim, se sustentar. Os braços de Elisa pendem ao lado de seu corpo, e ela sente as escamas frias e úmidas da mão da criatura deslizarem pelas dela. Eles ficam de mãos dadas. Por uma última vez, estão unidos. A mulher olha para o belo rosto dele através das barras de prisão de chuva. Os grandes olhos cor de ônix a encaram em resposta, demonstrando que ele não tem inclinação alguma de ir para a água, apesar de saber que não fazer isso vai matá-lo. Ele vai ficar ali parado para sempre se for o que ela quiser.

Então Elisa anda. Para salvar a vida do amado, ela anda. Um passo, dois, chapinhando pela água agitada. Acima do barulho da tempestade, é possível escutar o recuo murmurante dos animais, assim

como os passos molhados de Giles, a única pessoa que a segue. Doze metros não são quase nada. Elisa se vê no fim, bem no fim. A ponta quadrada do sapato prateado se alinha com a borda do cais. Os pés da criatura fazem o mesmo, suas garras se projetando para fora do perímetro. Centímetros abaixo, água negra espuma. Elisa inspira fundo o ar salgado e se vira para o ser. Rajadas de vento apocalíptico atingem seu roupão cor-de-rosa e arrancam a faixa que o prende fechado, fazendo o robe flutuar sobre seu corpo nu como asas de borboleta.

Ele brilha verde. Suas luzes delicadas pulsam através da chuva como um farol. Mesmo naquele momento, Elisa fica sem fôlego. A moça tenta sorrir e indica a água com a cabeça. A criatura examina as profundezas; seus brilhos verdes ficam mais fortes, e ela vê as guelras se abrirem em antecipação. Ele a encara, com líquidos escorrendo de seu rosto. O ser pode chorar? Ela acredita que sim, embora os soluços dele não venham do peito. Um trovão ecoa acima: esse é seu choro. Ele solta a mão dela, devagar e com cuidado. Sinaliza o nome da mulher, sua palavra favorita, “E-L-I-S-A”; em seguida, dobra a própria mão com membranas de modo que possa gesticular o dedo indicador de seu peito para a água. Então, vira o dedo em um círculo no sentido anti-horário.

Os sinais, embora atrapalhados, dizem: “Ir sozinho?”

As partes quebradas do coração de Elisa se esfarelam ainda mais. Há quanto tempo a criatura era a última de sua espécie? Há quanto tempo nadava sem ninguém? A mulher não pode se permitir ter esses pensamentos. Ela assente e aponta para a água. Ele torna a sinalizar, um gesto de apertar: “Não.” Elisa abaixa os braços, frustrada. O ser não para de sinalizar, agora mais rápido, o que aprendeu: “Preciso...” Mas ela não o deixa terminar, não pode suportar, ela também tem necessidades, mas estas não importam, e ela o empurra, e o corpo do ser gira na direção da água e quase cai. O brilho azul de seus olhos se enche de verde. Seus ombros se curvam para dentro. Ele olha fixamente para a água e, depois, se vira para encará-la. Elisa fica contente, mas não quer que ele veja seus dedos que, embora mantidos ao lado do corpo, agem por conta própria, sinalizando: “Fique, fique, fique, fique, fique, fique.”

— Elisa! — grita Giles. — Elisa!

O VERÃO, A estação seca, acabou. A estação das chuvas, com seu nome secreto, seu propósito secreto, voltou. Não há como confundi-la. Ratos, lagartos, cobras, moscas, um mundo inteiro feito de coisas vivas, respirando. Eles brilham com seus olhos malignos, abrem suas bocas com presas. Vão todos na direção dele. Os macacos na cabeça de Strickland gritam as ordens, cada uma delas também secreta. Ele é um soldado leal. É o recurso, o recurso *deles*. O homem urra e corre, chutando para longe esquilos raivosos que se agarram a suas calças, ratos maníacos que mordem suas panturrilhas. Eles não podem detê-lo. Ele, o deus da selva, aplica punições, partindo crânios frágeis sob seus pés, apertando pescoços diminutos e guinchantes com as mãos.

Então ele está no cais, arrancando um último rato com um pedaço de sua coxa. Ondas batem dos dois lados do píer, paredes de água se erguendo de ambos os lados, um arco de sabres militar. O túnel negro faz com que ele se concentre em sua extremidade. Lá estão eles, Elisa Esposito e o deus Brânquia, de costas para Strickland, olhando para o vórtice do rio. O militar cobre a distância em segundos, seus pés seguros apesar dos borrifos de água. Há um velho do lado deles também. Strickland o reconhece. É o motorista do furgão da tinturaria. Então, tudo se encaixa. Ah, que prazer vai ser isso.

O velho vê Strickland e grita:

— Elisa!

No entanto, o homem está se aproximando rápido demais. O velho faz a última coisa que o militar espera e corre em sua direção. Strickland precisa parar. Seus pés deslizam pelas tábuas escorregadias, pela torrente em turbilhão. Está se desequilibrando. Tudo que pode fazer é golpear com a Beretta. A arma atinge o lado da cabeça do idoso com força, e ele cai e bate feio no chão, seu corpo rola pelo cais para dentro das águas revoltas. Há um segundo de suspense, o velho tentando se segurar à madeira molhada. Ele não consegue e despenca de cabeça nas ondas encapeladas.

Elisa o vê. Strickland se apruma, aponta a pistola para o deus Brânquia, a três metros de distância. Porém, seus olhos piscam na direção da mulher. Ela não está vestindo quase nada, apenas um roupão desamarrado. E sapatos. É claro, sapatos. Sapatos de salto prateados criados para torturá-lo. Essa tentadora, essa meretriz, essa enganadora. Ela era a verdadeira Dalila o tempo todo, distraíndo-o de suas maquinações. Em vez disso, o homem vai fazer com que ela testemunhe o fim do deus Brânquia. A partir desse momento, o deus

das guelras pertence ao passado. E ele, Richard Strickland? É como disse o vendedor de Cadillac: *O futuro. Você parece um homem que está se dirigindo a ele.*

O militar fica feliz por estar certo em relação a uma coisa. No fim, Strickland faz a garota muda gritar. É seu único jeito de alertar o deus Brânquia da bala que está prestes a ser disparada. Ela engole uma respiração cheia d'água e, com as veias do pescoço tensionadas, grita. O homem tem certeza de que é o primeiro som a sair daquela garganta fraca. É um som pequeno, a ruptura do que resta de sua laringe, o mesmo ruído que o urubu acorrentado ao *Josefina* fez quando engasgou com o diário de Henríquez.

O barulho é único o bastante para penetrar o ruído da tempestade. A criatura se vira. Um raio faz um corte branco no brilho azul-esverdeado do deus das guelras. Porém, é tarde demais. Strickland, o homem do futuro, brande uma arma do futuro. Ele aperta o gatilho, uma, duas vezes. Em meio à ventania e sob a chuva forte, eles soam limpos. Pop, pop. Dois buracos surgem no peito do deus Brânquia. A criatura cambaleia. Cai de joelhos na borda do cais. Sangue jorra e se mistura com a tempestade.

Depois daquela caçada épica, através de dois continentes, contra um inimigo tão formidável, é decepcionante. Entretanto, essa é a natureza da caçada. Às vezes, sua presa se enfurece na morte, torna-se lenda. Outras, ela se vai em silêncio, não se torna nada mais forte que um conto de fadas. Strickland sacode a chuva do rosto, aponta para a cabeça curva do deus Brânquia e puxa o gatilho.

NAQUELE INSTANTE, ELISA conhece o frenesi que faz com que um homem se jogue sobre uma granada por seus colegas soldados, que faz com que mães sacrifiquem a vida pelos filhos, que faz com que qualquer pessoa apaixonada aceite perder tudo apenas para que seu ente querido possa seguir adiante. Mas não há oportunidade. Ela ergue o braço, como se pudesse desviar a bala apenas com um gesto. É o mais longe que ela chega. Tudo acontece ao mesmo tempo.

O corpo de Strickland se retorce para a esquerda no momento do tiro. A extremidade fina e afilada de um pincel foi cravada em seu pé esquerdo. Logo atrás dele está Giles, que reemergiu e está agarrado à borda do cais. Além dele, há a pessoa que puxou o pintor da água, pegou o pincel em seu bolso e o enfiou no militar: Zelda, por mais incrível que pareça. Sua amiga, materializada logo ali, no fim do mundo, na passarela, encharcada e enlameada, o punho ainda cerrado em torno do pincel, a mão verde da tinta que escorre.

Strickland leva a mão ao pé e cai de joelhos. A esperança pulsa no peito de Elisa. Então ela percebe que aquilo não é esperança. A mulher cai de joelhos, espelhando as ações de Strickland. Suas coxas tremem e ela as segura com as mãos, sem querer cair mais. Aquilo não é bom. Elisa se lança para a frente e fica em uma posição de flexão. A água do rio borrifava seu rosto, por cima dos dedos. A água é negra, é azul, é roxa, é vermelha. Ela olha de repente para o peito. Há um buraco de bala entre os seios. O sangue jorra sobre as tábuas e é lavado na mesma hora.

Seus cotovelos são de papel. Ela definha. A visão começa a girar. Elisa vê um mundo de cabeça para baixo: nuvens de carvão com veias de raios, uma ducha de chuva acelerada, luzes de polícia piscando contra barcos próximos, Strickland tentando pegar a arma, Zelda socando as costas dele, Giles de volta ao píer e indo na direção do tornozelo de Strickland. Elisa vê verde, azul e amarelo; depois, mais rápido, violeta, carmim e marrom-avermelhado; depois, mais rápido, pêssego, azeitona e canário; e mais rápido, toda cor conhecida e desconhecida, brilhando mais que a tempestade. É o ser, os sulcos magníficos de sua fluorescência corporal. Ele a tomou nos braços, com seu sangue escorrendo no dela, o dela respingando no dele, os dois conectados pelo líquido da vida mesmo enquanto estão morrendo.

UMA ONDA EMPURRA a Beretta na direção das profundezas, mas o militar é mais rápido. Ele rasteja na direção da arma, pega-a e junta as duas mãos para segurá-la com firmeza. Agora quer se livrar dos ratos que o estão incomodando. Ele rola de costas, chuta o velho no rosto. Empurra Dalila Brewster alguns metros pelo cais. Strickland está todo mordido, sangue jorra de seu pé, e ele está cego pela tempestade. Ainda assim ergue-se sobre um cotovelo e abre a boca para a chuva. É a chuva dele agora. De maneira atrapalhada, ele se senta, engasgando com a água nos pulmões, e estica o pescoço.

O deus Brânquia é uma fonte de cores. Ele encara Strickland através das lâminas do temporal, além de Elisa, que está aninhada nos braços dele. Devagar, ele a baixa até a o cais, onde ela é lambida pelas ondas. O deus das guelras fica de pé. Strickland pisca e tenta entender. Ele levou dois tiros no peito. E, ainda assim, consegue se levantar? E caminhar? O deus Brânquia continua pelo píer, seu corpo uma tocha à noite, uma coisa infinita que o militar, um idiota, acreditava poder tornar finita.

Contudo, ele tenta mesmo assim. Um pouco atrapalhado, ergue a arma e dispara. No peito do deus Brânquia. No pescoço. Na barriga. O ser passa a mão pelos buracos de bala. As feridas são lavadas pela chuva. Strickland balança a cabeça com força o bastante para espalhar água. É o rio cheio que lhe dá essa força? São os animais reunidos fornecendo força vital a seu mestre? Ele nunca vai saber. Não deve saber. Começa a chorar. Os mesmos soluços grandes e rasgados que ele proibiu Timmy de reproduzir. Ele abaixa o rosto para o chão, envergonhado, para encontrar os olhos eternos do deus das guelras.

O deus Brânquia se ajoelha ao seu lado. Com uma única garra, engancha o gatilho da arma, remove-a com delicadeza da mão do homem e a coloca na doca. Uma onda de água negra quebra sobre o píer, pega a arma e a engole. Com a mesma garra, a criatura vira o rosto de Strickland para cima pela parte inferior e macia de seu queixo. O militar funga, tenta manter os olhos fechados, mas não consegue. Seus rostos estão a centímetros de distância. Lágrimas correm pela face dele, pela ponta da garra do deus Brânquia até suas escamas brilhantes. Strickland abre a boca e fica feliz, ali no fim, ao ouvir que sua própria voz retornou.

— Você é um deus — sussurra ele. — Me desculpe.

O deus Brânquia inclina a cabeça para o lado, como se considerasse a súplica. Então, com um único movimento natural, retira o dedo do

queixo de Strickland, toca o pescoço dele e afunda a garra na garganta.

Strickland se sente aberto. Não é uma sensação ruim. Ele ficou fechado demais, pensa, por muito tempo. Há uma leveza em sua cabeça. Olha para baixo. Sangue jorra da garganta aberta e escorre pelo peito. Isso o esvazia de tudo. Dos macacos. Do general Hoyt. De Lainie. Das crianças. De seus pecados. O que resta é Richard Strickland, do jeito que começou, do jeito que nasceu, um recipiente contendo nada mais que potencial. Ele está caindo para trás. Não, é o deus Brânquia que o conduz para baixo e o coloca na água macia e quente como um cobertor. Ele está feliz. Seus globos oculares se enchem de chuva. Tudo o que consegue ver é água. Porém, Strickland ri ao morrer. Porque aquele também é o começo.

GILES VÊ A civilização se diferenciar da natureza selvagem. Veículos com luzes fortes e choros infantis. Homens de uniforme e trajas de chuva correm para as docas, com as mãos firmando seus cintos com equipamentos. Eles param diante dos animais reunidos no píer, que já não formam mais uma multidão, mas que ainda estão em quantidade suficiente para impressionar. Civis também começaram a se aglomerar ali, pessoas que não enfrentariam uma tempestade como aquela exceto para procurar as cores incríveis que viam irradiando do local, algum louco, talvez, soltando fogos de artifício sob a chuva.

Ele tosse água dos pulmões. Devia ter morrido. Lembra-se de atingir o fundo do rio e de nadar com toda sua fúria para voltar à superfície, apenas para ser pego por uma contracorrente e ser arrastado na direção da baía. Sentiu a mão de alguém segurando seu punho, porém, puxando-o de volta ao píer. As palmas deviam ter escorregado uma da outra, mas aquela mão tinha uma boa textura para agarrar, calejada pelo uso de esponjas de aço e eternos empurrões em vassouras e esfregões. A mão se parecia com a de Elisa.

Era a mulher negra que Giles vislumbrara na plataforma de carga da Occam, sua parceira clandestina de conspiração. Não conseguia imaginar como tinha ido parar ali, mas, na verdade, nada em relação à mulher se encaixava: gorda, de meia-idade, dada a aparecer em momentos importantíssimos, guiada por alguma reserva ilimitada de coragem. No segundo em que Giles se agarrou ao píer, ela tirou o pincel do bolso dele e atacou o homem com o objeto. Agora ele está morto, e sua garganta jorra tanto sangue que nem as ondas conseguem dispersá-lo por completo.

O idoso se esforça e se ergue sobre um cotovelo. A mulher puxa o corpo trêmulo dele para perto dela. As respirações arquejantes de ambos se equalizam enquanto tentam ver, através das gotas, a criatura ficar de pé, tirar suas garras do corpo do homem e caminhar até Elisa com seus pés com membranas entre os dedos, suas luzes gloriosas diminuindo a cada passo.

— Ela está?... — diz Giles com voz rouca.

— Não sei — responde a mulher.

— *Mãos ao alto!* — gritam homens.

O ser não dá atenção. Ele ergue Elisa do píer.

— *Ponha a mulher no chão!* — ordenam eles, mas aqueles gritos não têm efeito algum.

A criatura fica parada no lugar por um momento, negra contra a

espuma do rio e a chuva prateada, uma forma alta e forte na borda dos Estados Unidos. Giles está exausto e sobrecarregado demais pela tristeza para gritar, mas ele articula, sem emitir som, a palavra *adeus*, tanto para o ser, cujo toque curativo lhe deu a força para resistir ao afogamento daquela noite, quanto para sua melhor amiga, que lhe deu a força para resistir ao afogamento durante os últimos vinte anos.

Sem fazer barulho, sem fazer um ruído, a criatura, ainda segurando Elisa, mergulha.

Os homens enfim chegam, seus sapatos espalhando água pelo píer. Os que têm armas vão até a extremidade, segurando os chapéus na cabeça contra os ventos fortes enquanto tentam seguir os fachos das lanternas projetados sobre as ondas. Os que levam equipamento médico param e se abaixam primeiro ao lado do homem morto, e depois ao lado de Giles e da mulher. Um socorrista passa a mão na cabeça e no pescoço do idoso, seguindo por seu tronco.

— O senhor está ferido?

— É claro que sim — retruca a mulher que o segura. — Estamos todos feridos.

Giles se surpreende ao rir. Vai sentir saudade de Elisa. Ah, como vai sentir saudade, toda noite como se fosse manhã, toda manhã como se fosse tarde, sempre que seu estômago roncar porque ele se esqueceu de comer. Ele a amava. Não, isso está incorreto. Ele a *ama*. De algum modo, sabe que a amiga não está morta, e jamais estará. E esta mulher? Sua salvadora? Ele talvez já a amasse também.

— Você deve ser Giles — diz ela enquanto o socorrista a examina.

— E você — fala ele — deve ser Zelda.

O absurdo de uma apresentação formal sob condições tão apocalípticas faz com que os dois deem um sorriso. Giles pensa em Elaine Strickland, que desapareceu antes que ele pudesse dizer tudo que ela tinha significado para ele. O pintor não vai cometer aquele erro de novo. Estende a mão e pega a de Zelda. Água do mar desliza entre as palmas das mãos de ambos e as sela juntas. A mulher inclina a cabeça sobre o ombro dele enquanto a chuva cai sobre os dois, fundindo-os, ou pelo menos essa é a sensação, em um único ser.

— Você acha... — diz Zelda.

Giles tenta ajudar.

— Que eles...

— Quero dizer, lá embaixo — disse ela. — Que eles podem?...

Nenhum dos dois consegue terminar a frase. Tudo bem: ambos sabem a pergunta assim como sabem que, para eles, não haverá uma resposta definitiva. Giles aperta a mão de Zelda e dá um suspiro, observando o vapor da própria respiração — ainda forte — se dissipar sob uma chuva que o artista acredita, enfim, estar diminuindo. Ele espera até serem enrolados em cobertores térmicos, até estarem na

traseira da ambulância que insistiram em dividir, até ele desconfiar que Zelda tenha se esquecido da pergunta, antes que ele ofereça seu melhor palpite sobre a resposta.

ELISA AFUNDA. POSEIDON primeiro a agarra, gira-a de um lado para o outro como um crocodilo faz com sua presa. Ela conseguiu chegar à superfície duas vezes, apenas para ver Baltimore, sua cidade natal, diminuir e se transformar em um conjunto de luzes insignificante. Elisa foi baleada, não consegue bater as pernas e afunda pela última vez. Lá embaixo, é escuro. Não há ar. Há apenas pressão, que parecem ser dezenas de mãos apertando sua carne, como se para estancar suas feridas. O sangue escapa de qualquer forma, espalhando-se pela água, um vestido escarlate para substituir o roupão elegante que flutuou para longe.

Elisa afasta os lábios e deixa a água fria entrar.

Da escuridão, ele vem. Ela acha que se trata de um cardume de peixes reluzentes até que cada um dos milhões de pontos de luz se revela como uma de suas escamas. Ele leva seu próprio sol subaquático, e, em seu brilho, ela o observa se mover de maneiras inimagináveis. Ele não está dentro d'água; em vez disso, é parte da água, caminhando direto por ela como se estivesse em uma calçada, um belo truque, apenas para depois se rebelar contra a gravidade e dar uma pirueta tal qual uma flor levada pelo vento. Com precisão perfeita, ele encontra Elisa e dá um beijo na cabeça da mulher; passa os braços em torno dela, envolvendo-a em seu sol marinho. As palmas largas de suas mãos sobem deslizando pelas costas dela, por seus ombros nus e mergulha entre seus seios. Ele, então, se agita e se afasta para segurá-la pelas laterais, como se ela fosse uma criança aprendendo a andar de bicicleta.

A mulher pisca, e suas pálpebras afastam litros de água. O buraco em seu peito foi apagado. A surpresa é Elisa não sentir surpresa alguma, apenas uma aprovação fácil e agradável. Ela ergue os olhos para descobrir que o ser nadou para sua direita e a segura apenas pela mão. De repente, toma consciência de que ele está se preparando para soltá-la. Ela balança a cabeça, seu cabelo se agita como algas marinhas. Ainda não está pronta. Tenta mostrar sua apreensão com a mão livre, mas apêndices humanos são terríveis para atravessar a água. A mão dele a solta, e Elisa começa a cair, cair, cair, embora seja difícil saber ao certo em meio a um vazio tão negro. Talvez, na verdade, ela esteja subindo, subindo, subindo. Elisa bate as pernas. Os belos sapatos prateados da Julia's passam girando por ela como peixes exóticos. A mulher não precisa mais deles.

Ele torna a emergir das profundezas. Os dois param um diante do

outro sobre nada além de água, novos e nus, o oceano seu Éden. As guelras dele se expandem e se contraem. Elisa também respira. Não entende como, e não se importa, pois o ar-água é maravilhoso. Tem gosto de açúcar com morangos, enche-a com uma energia que ela nunca sentiu. A mulher não consegue evitar e ri. Bolhas dançam de sua boca, e o ser brinca de espalhá-las. Ela estende o braço e acaricia suas guelras macias. Ela acha que poderia olhar eternamente para ele.

E talvez possa fazer isso. Algo dentro dela começa a crescer. Essas são as partes, percebe, que faziam com que a supervisora, talvez a única pessoa que conhecia a verdade, chamasse-a de monstro. Elisa não sente ódio pela mulher; percebe que, lá no fundo, o ódio não tem propósito. Lá no fundo, você abraça seus inimigos até que eles se transformem em amigos. Lá no fundo, você não procura ser apenas um, mas todos os seres ao mesmo tempo, Deus e Quemós e tudo que há entre os dois. A mudança nela não é apenas mental. É física, de pele e músculo. Sim, ela chegou. É plena. É perfeita.

Elisa estende a mão para ele. Para si mesma. Não há diferença. Agora entende. Ela o abraça, ele a abraça, os dois se abraçam, e tudo é escuridão, tudo é luz, tudo é feio, tudo é lindo, tudo é dor, tudo é pesar, tudo é nunca, tudo é eterno.

NÓS ESPERAMOS NÓS observamos nós ouvimos nós sentimos nós somos
pacientes sempre pacientes mas é difícil a mulher que amamos ela
leva muito tempo leva tempo demais para saber para ver para sentir
para se lembrar e não é bom vê-la lutar não é bom vê-la com dor mas
nós também lutamos todos nós lutamos e a dor e a luta são
importantes a dor e a luta devem acontecer se ela quer se curar como
todos nos curamos como nós a ajudamos a se curar e agora está
acontecendo está acontecendo e há compreensão e é bela ela é bela
nós somos belos e é uma boa visão uma visão feliz as linhas em seu
pescoço as linhas que ela achava serem cicatrizes mas que não são
cicatrizes é uma coisa boa ver aquelas linhas se abrirem para que as
guelras se libertem para que as guelras se expandam bastante é uma
visão alegre e ela agora sabe quem é quem sempre foi ela somos nós e
nós falamos juntos agora sentimos juntos agora e nadamos para longe
para o fim para o início e nós recebemos todos os que estão dispostos
a nos seguir nós recebemos os peixes nós recebemos as aves nós
recebemos os insetos nós recebemos os quadrúpedes nós recebemos os
bípedes nós recebemos você ///

venha conosco

Agradecimentos

OBRIGADO A RICHARD Abate, Amanda Kraus, Ricardo Rosa, Grant Rosenberg, Natalia Smirnov, Julia Smith e Christian Trimmer.

Assista ao trailer do filme

Sobre os autores



© Margaret Malandruccolo

GUILLERMO DEL TORO é um dos escritores e cineastas de maior personalidade na indústria cultural americana. É roteirista e diretor do sombrio e fascinante *O Labirinto do Fauno*, de *Hellboy*, *Círculo de Fogo* e *A Colina Escarlate*, além de coautor da série de livros *Trilogia da escuridão* e de *Caçadores de trolls*, lançado pela Intrínseca e adaptado para as telas pela Netflix.



© Suzanne Plunkett

DANIEL KRAUS é o premiado autor de *Scowler* e *Rotters* e diretor de seis filmes. Com Guillermo del Toro, escreveu também *Caçadores de trolls*.

Conheça outro título dos autores



Caçadores de trolls

Leia também



Aniquilação
Jeff VanderMeer



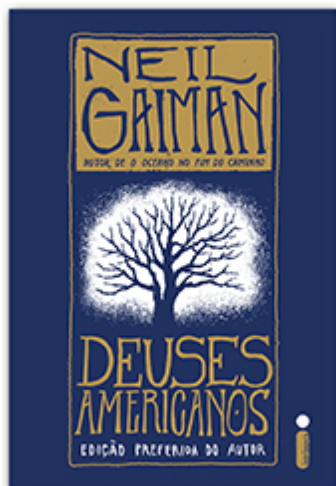
Autoridade
Jeff VanderMeer



Aceitação
Jeff VanderMeer



Estação Onze
Emily St. John Mandel



Deuses americanos
Neil Gaiman